



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E MUSEOLOGIA  
PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

GLÁUCIA SANTOS DE MARIA

**“EU FUI FELIZ LÁ NO BODOCONGÓ”: Significados de violência e medo entre os  
moradores de um bairro popular em Campina Grande-PB**

RECIFE

2017

GLÁUCIA SANTOS DE MARIA

**“EU FUI FELIZ LÁ NO BODOCONGÓ”: Significados de violência e medo entre os moradores de um bairro popular em Campina Grande- PB**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para obtenção do título de Mestre em Antropologia, na linha de pesquisa Poder, Desenvolvimento e Desigualdade. Orientador: Prof. Dr. Peter Schröder.

RECIFE

2017

Catálogo na fonte  
Bibliotecária Maria Janeide Pereira da Silva, CRB4-1262

D278e De Maria, Gláucia Santos.  
“Eu fui feliz lá no Bodocongó” : significados de violência e medo entre os moradores de um bairro popular em Campina Grande-PB / Gláucia Santos De Maria. – 2017.  
186 f. : il. ; 30 cm.

Orientador : Prof. Dr. Peter Schröder.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.  
Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Recife, 2017.  
Inclui referências e anexos.

1. Antropologia. 2. Violência urbana. 3. Violência – Aspectos morais e éticos. 4. Medo do crime. I. Schröder, Peter (Orientador). II. Título.

301 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2017-208)

GLÁUCIA SANTOS DE MARIA

**“EU FUI FELIZ LÁ NO BODOCONGÓ”: Significados de violência e medo entre moradores de um bairro popular de Campina Grande-PB.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Aprovada em: 30/05/2017.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>o</sup>. Dr. Peter Schröder (Orientador)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Mônica Gusmão (Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof<sup>o</sup>. Dr. Vanderlan Francisco da Silva (Examinador Externo)  
Universidade Federal de Campina Grande

Dedico aos *bodocongoenses* cada linha escrita neste trabalho, pela confiança e pelos laços que construímos a cada um de nossos encontros. Pois foi através dos fios de suas memórias, que pude costurar uma pequena trama que compõem as diferentes histórias contadas sobre Bodocongó.

## AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida, e por acreditar que “em algum lugar alguém zela por” mim.

Aos meus pais Anatécio e Fátima pela entrega, carinho e dedicação que sempre tiveram comigo. Por compreenderem as minhas ausências durante esse processo de escrita; por acreditarem e contribuírem durante o processo desse trabalho com suas orações, confidências, alegrias e por saber que sempre posso contar com vocês a qualquer momento. À minha irmã Gabi e meu sobrinho Enzo: luzes da minha vida.

À Rony por sempre acreditar nos meus sonhos e por me dar forças e confiança para seguir em frente. Por compartilhar comigo do cotidiano, em meio às lágrimas e felicidades, por ser luz em meio as dores, por seu meu equilíbrio e força. Por sua doçura e amor.

Aos meus demais parentes e familiares pela força de sempre. Especialmente a minha avó Inácia e tia Zilda por todo amor e orações. À dona Ione e seu Romero que mais do que sogra e sogro, é com amor de pai e mãe que se fazem sempre presentes.

Às amigas, amigos e colegas que conquistei ao longo do tempo. De um modo especial, à Graci pelo companheirismo, irmandade (risos e lágrimas) desde a graduação até a convivência no apto. 101 e pela amizade de um vida inteira. À Lara, Rennata, Izabelle, Amanda e Alessandra por compartilharem conquistas, alegrias e o doce amor de uma amizade. À Lia, Dani, Grazi, Jeannie e Amanda por serem meu refúgio e família em Recife. Agradeço também a Aleciano pela amizade e gentileza de levar consigo as cópias da minha dissertação; bem como a Felipe pelo companheirismo e por ceder sua casa e caronas entre terras campinenses e recifenses.

Ao meu orientador Peter Schröder pelos ensinamentos, atenção, compreensão, dedicação e por se desafiar comigo nessa empreitada. Meu sincero agradecimento. A Vanderlan por confiar no meu trabalho e pelos conselhos antes mesmo de ingressar no PPGA, por sempre me passar palavras de carinho e força para enfrentar as barreiras da vida e por se fazer presente na avaliação do meu trabalho. À Mônica pelos toques e conselhos desde a defesa do projeto e por me permitir enxergar meu trabalho enquanto uma possibilidade.

Ao Programa de Pós- Graduação em Antropologia da UFPE por me mostrarem através de seus mestres novas maneiras de olhar o mundo e enxergar a humanidade. E de modo especial quero agradecer a Carla por sua paciência e dedicação durante o tempo em que estive presente na secretaria do PPGA.

À CAPES pelo financiamento da pesquisa, que sem ela seria quase impossível viver e me dedicar aos estudos em Recife.

Aos moradores e moradoras de Bodocongó que se fizeram presentes e dispostos à

confidenciar suas vidas e experiências no bairro. Pela amizade e laços que ficarão para sempre marcados em nossa história. À Sociedade Pró Melhoramento do bairro de Bodocongó. E de um modo especial agradeço a Santo da Terra por me receber muitas vezes em sua casa, me mostrar seu mundo. Desejo que essa chama de mudar e manter viva as memórias do bairro nunca se apague: que ela se perpetue para sempre.

*“Eu fui feliz lá no Bodocongó, com meu barquinho de um remo só. Quando era lua com o meu bem remava à toa. Ai, ai, ai que vida boa lá no meu Bodocongó”.*

*(Cícero Nunes e Humberto Teixeira)*

## RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo discutir os significados de violência e medo produzidos pelos moradores do bairro de Bodocongó, localizado na cidade de Campina Grande-PB. Nesse sentido, partimos do pressuposto de que o medo da violência modificou as rotinas dos *bodocongoenses*, na medida em que ao longo do tempo tem interferido na forma como praticam os diferentes espaços do bairro, bem como tal percepção tem contribuído para a emergência de novas sociabilidades. Assim, essas narrativas do medo e da violência funcionam enquanto uma linguagem que orienta as ações dos indivíduos no bairro onde moram, a partir de comparações entre um passado visto enquanto “pacato” e um presente percebido enquanto “inseguro”. Além disso, as categorias “perigoso”, “esquisito”, “carregado” orientam a forma como praticam certos espaços e evitam outros. Ao mesmo tempo, esses moradores utilizam estratégias para se proteger, desde a forma como se comportam, até a materialização do medo presente na arquitetura das casas e comércios no bairro. A metodologia empregada foi de caráter qualitativo, a partir da observação participante, debruçada sobre a produção etnográfica e, ao mesmo tempo autoetnográfica em virtude do papel enquanto ex moradora do local. Além disso, foi feito o registro fotográfico do local através de captura de imagens; entrevistas-narrativas e semiestruturadas com os moradores; a construção de mapas cognitivos com os deslocamentos dos moradores, e a coleta de dados socioeconômicos a partir de fontes locais. Por fim, os significados de violência e medo estavam relacionados à vitimização de crimes violentos (assaltos, arrombamentos de casa, etc.), e, por outro lado tinha uma estreita relação entre os relatos de terceiros de enquanto alvos dessas práticas, relatos esses que chamo aqui de “ouvir falar”.

**Palavras-chave:** Significados. Violência. Medo. *Bodocongoenses*.

## ABSTRACT

This dissertation aims to discuss the meanings of violence and fear produced by the residents of the neighborhood of Bodocongó, located in the city of Campina Grande-PB. In this sense, we start from the assumption that fear of violence modified the routines of the *bodocongoenses*, since in the course of time it has interfered in the way the different spaces of the neighborhood practice, and such perception has contributed to the emergence of new sociabilities. Thus, these narratives of fear and violence function as a language that guides the actions of individuals in the neighborhood where they live, from comparisons between a past seen as "quiet" and a perceived present as "insecure." In addition, the categories "dangerous", "weird", "loaded", guide the way they practice certain spaces and avoid others. At the same time, these residents use strategies to protect themselves, from the way they behave, to the materialization of fear present in the architecture of homes and businesses in the neighborhood. The methodology used was qualitative, based on participant observation, focused on ethnographic production and at the same time auto-ethnographic, due to its role as a former resident of the place. In addition, the photographic registration of the place was done through image capture; Interviews-narratives and semi-structured with the residents; the construction of cognitive maps with the displacements of the residents, and the collection of socioeconomic data from local sources. Finally, the meanings of violence and fear were related to the victimization of violent crimes (assaults, housebreaks, etc.), and on the other hand it had a close relationship between the reports of third parties as targets of these practices, which I call here of "hear talk".

**Keywords:** Meanings. Violence. Fear. *Bodocongoenses*

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Mulheres indo ao açude de Bodocongó.....	29
Figura 2- Açude de Bodocongó nos anos 1950.....	29
Figura 3- S.A. Indústria Têxtil de Campina Grande.....	30
Figura 4- Curtume Antonio Villarim S. A.....	32
Figura 5- Matadouro Público.....	34
Figura 6- Terreno baldio onde era localizado o antigo Matadouro.....	34
Figura 7- Residencial Vila Nova da Rainha II.....	35
Figura 8- Ipelsa.....	35
Figura 9- Coopapel.....	36
Figura 10- ROVSA.....	36
Figura 11- PREMOL.....	37
Figura 12- Pólo Calçadista.....	38
Figura 13- Centro de Tecnologia do Couro e do Calçado Albano Franco (SENAI).....	38
Figura 14- Banhistas em uma lancha no açude de Bodocongó na década de 70.....	39
Figura 15- Visão panorâmica do Curtume Villarim e o Clube Aquático.....	40
Figura 16- "Santo da Terra e o açude de Bodocongó".....	43
Figura 17- Bairro de Bodocongó.....	46
Figura 18- Representação de uma fiandeira.....	65
Figura 19- Pichação da Okaida (OKD) no muro frontal da Escola Municipal Presidente Kennedy.....	81
Figura 20- Tatuagens da Carpa japonesa e do Palhaço.....	82
Figura 21- Mapa de Distribuição da Al Qaeda e Estados Unidos em João Pessoa.....	82
Figura 22- Representações dos símbolos da Torcida Jovem do Galo e da Torcida Fação Jovem.....	83
Figura 23- Residência em 2011.....	96
Figura 24- Residência em 2015.....	97

Figura 25- Mapa cognitivo de Seu Pedro.....	127
Figura 26- Ruas próximas à feirinha acima; rua lateral do cemitério e visão frontal do cemitério.....	132
Figura 27- Mapa cognitivo de Vitória.....	135
Figura 28- Visão do canal de Bodocongó.....	136
Figura 29- Rua lateral da Coopapel (antiga Ipelsa) .....	136
Figura 30- Rua lateral da escola.....	137
Figura 31- “Descampado” .....	137
Figura 32- Mapa cognitivo de Cecília.....	139
Figura 33- Rua do meio.....	140
Figura 34- Rua Portugal e os pontos de ônibus.....	140
Figura 35- Mapa cognitivo de Laura.....	142
Figura 36- Pedreira e rua Floripes Coutinho.....	145
Figura 37- Mapa cognitivo de Dona Rita e Seu Miguel.....	147
Figura 38- Mapa cognitivo de Dona Aurora e Seu Antônio.....	149
Figura 39- Rua lateral à Escola Itan Pereira.....	150
Figura 40- Rua Portugal à esquerda.....	151
Figura 41- Rua Portugal à direita.....	152
Figura 42- Mapa cognitivo de Raul.....	153
Figura 43- Mapa cognitivo de Tereza.....	154
Figura 44- Mapa cognitivo dos deslocamentos e espaços evitados pelos <i>bodocongoenses</i> ...	156
Figura 45- Casa com “apêndice de sociabilidade” .....	165
Figura 46- Comparação entre os apêndices de sociabilidades de duas casas.....	166
Figura 47- Fachada de uma lanchonete na frente da residência.....	167
Figura 48- Fachada de uma lanchonete com cerca eletrificada.....	167
Quadro 1- Perfil dos moradores entrevistados.....	55
Quadro 2- Percepções da violência e medo em Bodocongó.....	86

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1- Caracterização territorial do bairro de Bodocongó.....	47
Tabela 2- Demografia do bairro de Bodocongó.....	47

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AVS- Ademar Veloso da Silveira

CHESF- Companhia Hidrelétrica do São Francisco

CTCC- Centro Tecnológico de Couro e Calçado Albano Franco

FAP- Fundação Assistencial da Paraíba

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPEA- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

OKD- Okadia ou Al Qaeda

Rovsa- Refinaria de Óleos Vegetais S.A

SEPLAN- Secretaria de Planejamento

SESI- Serviço Social da Indústria

UEPB- Universidade Estadual da Paraíba

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>16</b>
<b>2</b>	<b>DESCORTINANDO O BAIRRO DE BODOCONGÓ: APRESENTANDO O CENÁRIO DE PESQUISA EM MEIO A PROBLEMÁTICA E OS PERCURSOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>24</b>
2.1	Adentrando em Bodocongó: síntese do lócus de pesquisa.....	25
2.2	“Bodocongó tem muita história para contar”: contextualizando o bairro de Bodocongó.....	26
2.3	Sociabilidades do lazer: entre banhos e conflitos no açude de bodocongó.....	39
2.4	Caracterização territorial do bairro.....	44
2.5	Passos para a construção do objeto de pesquisado.....	49
2.6	Métodos para “desvendar” o bairro de Bodocongó.....	51
<b>3</b>	<b>ANTROPOLOGIA URBANA, A CIDADE E SEUS DESAFIOS: EM BUSCA DOS SIGNIFICADOS DE MEDO E VIOLÊNCIA.....</b>	<b>60</b>
3.1	Refletindo sobre os espaços urbanos e cidades: Escola de Chicago e a Antropologia Urbana Brasileira.....	61
3.2	A Antropologia Urbana e os desafios lançados aos/às pesquisadores/as.....	66
3.3	A cidade e seus desafios: Encontrando os significados de violência e medo.....	68
3.4	E o que nos dizem as Ciências Sociais sobre violência e medo? .....	70
3.5	Violência, Segurança Pública e a confiabilidade nas polícias brasileiras pela população brasileira.....	73
3.6	Violência e Criminalidade letal.....	75
3.7	Entrando no “movimento”: Juventude e facções na Paraíba.....	79
3.8	E agora: Qual é o tipo de violência que domina o pensamento dos moradores de bodocongó.....	86
3.9	Medo e violência: Os possíveis riscos para o/a pesquisador/a em campo.....	90

3.9.1	Caminhando para as percepções de insegurança.....	94
4	<b>VIOLÊNCIA E MEDO: MAPEANDO OS SIGNIFICADOS PRODUZIDOS PELOS <i>BODOCONGOENSES</i></b> .....	100
4.1	<b>Memórias de Bodocongó, memórias dos <i>bodocongoenses</i>: Reconstruindo histórias de vida e narrativas de violência e medo</b> .....	101
4.2	<b>Rotas de significação sobre medo e violência pelos <i>bodocongoenses</i></b> .....	116
5	<b>MAPAS COGNITIVOS E ESTRATÉGIAS DE PROTEÇÃO: ANALISANDO OS DESLOCAMENTOS NO BAIRRO E A ARQUITETURA PRESENTE NAS CASAS E COMÉRCIOS DOS BODOCONGOENSES</b> .....	129
5.1	<b>OS MAPAS COGNITIVOS DOS <i>BODOCONGOENSES</i></b> .....	129
5.2	<b>Os moradores e suas estratégias: O que você faz para fugir da violência no seu cotidiano?</b> .....	157
5.3	<b>O medo da violência e a arquitetura <i>bodocongoense</i></b> .....	160
6	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS: É POSSÍVEL AINDA SER “FELIZ LÁ NO BODOCONGÓ”?</b> .....	170
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	176
	<b>APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA</b> .....	185
	<b>APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA NARRATIVA</b> .....	186

## 1 INTRODUÇÃO

Cada palavra que escrevemos talvez seja parte daquela necessidade de exprimir aquilo que nos inquieta, e por isso que concordo com Simone de Beauvoir quando ela diz que não podemos “escrever nada com indiferença”. Por isso que podemos afirmar que cada escrita parte de algum lugar. Cada narrativa leva consigo diferentes experiências de vida compartilhadas com outras pessoas e muitas vezes com os caminhos percorridos por cada um de nós em espaços com os quais construímos laços e afetos ao longo do tempo. Esta dissertação reflete um pouco disso. Ela é, primeiramente, fruto de um lugar de fala, “lugar no qual pesam nossa trajetória, valores e emoção” (MARQUES, 2014:13). Lugar esse marcado por algumas experiências vividas em um bairro da cidade de Campina Grande, Paraíba<sup>1</sup>: o bairro de Bodocongó.

Assim, “desvendar” Bodocongó partiu da minha chegada ao local em 1999, pelas primeiras descobertas de suas ruas, calçadas, lugares, e pessoas. Passados uns anos, depois de adaptada, o bairro passou a fazer parte da minha vida, da minha história, da minha identidade enquanto: *bodocongoense*. Em Bodocongó dei seguimento aos estudos, em uma das escolas mais antigas do bairro, a escola estadual Ademar Veloso da Silveira. Com o tempo, fui criando círculos de amizade pelos mais diversos cantos em que eu passava: na rua onde morei; na escola; na igreja matriz de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro; no SENAI que ficava na mesma rua onde morava; até chegar à Universidade Federal de Campina Grande onde estudei Ciências Sociais e que se localizava há meia hora de caminhada da minha casa à instituição. Já no mestrado, Bodocongó se tornou para mim enquanto lugar de pesquisa, e o maior desafio foi aliar o papel de pesquisadora à ex moradora do bairro. Assim, Bodocongó ao longo do tempo foi como uma pequena lagarta, que dentro do seu casulo foi pouco a pouco tomando novas formas, diferentes contornos. E nesse processo, Bodocongó se transformou em borboleta, guardou forças e coragem para romper as tramas de sua transformação, que com dores e sacrifícios pode enfim: voar! Essas mudanças foram sentidas por seus moradores<sup>2</sup>, que também foram transformados por essa metamorfose.

Em segundo lugar, a escrita aqui presente é fruto de minhas inquietações sobre sentimentos que temos sido tomados diante da insegurança e da vulnerabilidade humana: o medo e a violência, sobretudo o medo da violência. Por isso questiono: será possível ainda ser “feliz lá no Bodocongó”? Tal indagação parte da percepção de que a cidade de Campina Grande, onde se situa o bairro em questão, antes vista enquanto “pacata” e tranquila, “tem sido

---

<sup>1</sup> A maioria das cidades citadas pelos moradores de Bodocongó ao longo do texto estão localizadas na Paraíba.

<sup>2</sup> Os nomes dos moradores são fictícios a fim de preservar suas identidades.

descrita pelos meios de comunicação, agentes de segurança pública e por sua população de forma geral, como um lugar violento” (MARQUES, 2014:16).

Nesse sentido, Campina Grande, sendo uma cidade considerada de porte médio por sua população possuir um pouco mais de 400.000<sup>3</sup> habitantes tem sido destaque pelos altos índices de homicídios, índices esses maiores do que a taxa nacional<sup>4</sup>. Esse comportamento marcado por uma sociabilidade “violenta”, tem também contribuído para a constante divulgação de casos de roubos, assaltos, estupros dentre outros crimes que são destaque na imprensa local e que circulam através dos seus habitantes pelo “ouvi falar” de acontecimentos corriqueiros de fatos concretos e imaginários.

Decerto, a percepção de insegurança, medo e vulnerabilidade diante de uma “descrença” da atuação dos poderes do Estado sob o controle da violência, também contribui para a transformação “dos padrões de sociabilidade e comportamento” (MARQUES, 2014:16). Diante disso, o meu interesse foi atentar para os significados de violência e medo que os moradores de Bodocongó atribuem para esses fenômenos, buscando compreender os impactos causados na vida dessas pessoas e de que maneira procuram se defender no seu cotidiano. Nesse sentido, se o poder estatal através de suas estratégias de segurança pública não têm atendido de maneira “eficaz”, especialmente os bairros considerados periféricos ou “populares”, por consequência as pessoas procuram através de táticas do cotidiano adotar novos comportamentos que se refletem na maneira como andam nas ruas, os locais que preferem frequentar, os espaços que evitam circular, e a relação que estabelecem com aqueles considerados “estranhos”, “esquisitos” e “perigosos”.

Tradicionalmente o bairro de Bodocongó não é considerado violento através do imaginário campinense. Bodocongó na maioria das vezes é lembrado por seu passado marcado pelo trabalho nas fábricas e curtumes iniciado no início do século XX. Além disso, o açude que tem o mesmo nome do bairro também é resgatado através da memória dos seus moradores enquanto um lugar em que as pessoas se reuniam em momentos de lazer, quando suas águas ainda eram limpas. Essa ligação entre as sociabilidades marcadas pelo trabalho e lazer é muito estreita, tendo em vista que as águas do açude também abasteciam as indústrias, e muitas famílias locais também escreveram suas trajetórias nesses locais.

Por outro lado, Bodocongó também faz fronteira com outros bairros, e alguns deles são

---

<sup>3</sup> De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a população estimada da cidade de Campina Grande em 2016 era de 407.754 pessoas residindo em seu território. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/v4/municipio/250400>>. Acesso em 31 de jul. 2017.

<sup>4</sup> Mais detalhes desses dados estarão presentes no Capítulo 2.

classificados enquanto territórios marcados por estigmas<sup>5</sup> de serem “perigosos” e “violentos”. E em algumas entrevistas que realizei, as representações da violência são, muitas vezes, narradas com base nessa relação de conflito e evitação com esses locais. Ao mesmo tempo, de acordo com uma pesquisa realizada em 2010<sup>6</sup> a partir de informações obtidas pela hemeroteca, questionários e dados da 2ª Delegacia de Polícia Civil de Campina Grande, constatou-se que bairros como Centro, Catolé e Bodocongó, apesar de terem um perfil diferente em termos de quantidade de moradores e perfil socioeconômico distintos se destacaram no quesito violência. Assim, os registros sobre o fenômeno nesses locais estavam relacionados ao tráfico de drogas e os “acertos de contas”, bem como as condições de infraestrutura nas ruas e a ausência de policiais que contribuía para a ocorrência de assaltos. Diante desse cenário, era frequente os seus moradores recorrerem às memórias do local estabelecendo um contraponto com a realidade vivida por essas pessoas no contexto atual, como forma de tentar “limpar moralmente” a violência presente no bairro.

Nesse sentido, ao me propor a fazer a pesquisa em Bodocongó, me fez olhar mais detidamente o bairro onde morei e perceber o quanto ele havia mudado: houve um forte investimento habitacional com a construção de casas pelo Programa Minha Casa Minha Vida, bem como o erguimento de condomínios residenciais; os muros de algumas casas mais antigas se elevaram; as conversas nas calçadas se reduziram; as pessoas passaram a se isolar cada vez mais cedo dentro de suas casas e etc. O próprio comportamento corporal dos *bodocongoenses* foi modificado em virtude do medo de sofrer algum dano: algumas pessoas andam mais depressa a noite; mulheres prendem ao corpo suas bolsas; e muitas pessoas andam em companhia de outras. Enfim, essas e outras coisas me instigaram a compreender o modo pelo qual o medo da violência tem modificado as rotinas dos moradores de Bodocongó, tendo em vista que quando morava com meus pais no bairro passei também a compartilhar desses medos junto aos outros moradores.

Assim, os moradores usam através das suas narrativas traçar um paralelo<sup>7</sup> entre a visão que tinham do bairro no passado e do mesmo no presente. Dessa forma, foi comum ouvir que

---

<sup>5</sup>De acordo com Erving Goffman (2004: 6) o termo estigma é pensado enquanto um atributo de caráter depreciativo contra um indivíduo, e no caso dos bairros que fazem fronteira com Bodocongó são apontados pelo estigma de serem “violentos” ou “perigosos”, atributos esses que visam diminuir as pessoas que residem em tais locais. Em outras palavras, o autor afirma que “um estigma, é então, um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo” (p.7)

<sup>6</sup> Conferir: SANTOS, S.I.L.; SOUZA JÚNIOR, X. S.S. Mapeamento da violência urbana em Campina Grande: Tendências e desafios em busca da cidade sustentável. 1 ed. Rio de Janeiro, 2012.

<sup>7</sup> Penso essa relação entre uma percepção da violência do presente em relação ao passado conforme a reflexão de Cornélia Eckert (2012) em “A cultura do medo e as tensões do viver a cidade: narrativa e trajetória de velhos moradores de Porto Alegre”.

no passado o bairro era “tranquilo” e “pacato” em detrimento de hoje que é “inseguro” e “perigoso”.

Diante disso, vemos que a cada dia estamos nos (re) adaptando a uma nova realidade, e que passar por certas transições envolve romper com certos costumes, novas perspectivas são adotadas, readaptamos nossas condutas, nossas posturas corporais são afetadas, bem como os estímulos mentais são alterados diante de certas circunstâncias, traumas e perdas. Nessa perspectiva, é comum que as pessoas sejam tomadas por um sentimento nostálgico quanto o tempo passado: onde era possível ver mais as pessoas conversando através do muro. E hoje se fala (e se vê) que os “muros cresceram”, e junto deles todo um aparato de estratégias de proteção/ separação de pessoas a partir de uma “indústria do medo” que “designa os gastos e investimentos em segurança privada” (KOURY, 2011: 472).

Assim, essa dissertação se apresenta enquanto uma tentativa de compreender os significados de medo e violência a partir de uma etnografia do cotidiano dos moradores de Bodocongó, e de que forma essas pessoas percebem seu bairro hoje em dia. Destarte, parto do pressuposto de que o medo da violência modificou as rotinas dos moradores, interferindo na forma como praticam os diferentes espaços do bairro, bem como tal percepção tem contribuído para a emergência de novas sociabilidades. Nesse sentido, é importante questionar quais estratégias eles utilizam para se proteger e em que medida esses indivíduos constroem laços de reciprocidade, ou procuram tecer medidas “individualistas” para enfrentar os problemas existentes no bairro?

Para que a pesquisa fosse possível, procurei investigar as percepções do fenômeno violência e medo por parte desses moradores em relação ao bairro onde moram, buscando identificar em suas narrativas o fio condutor dessas percepções em torno dos diferentes significados atribuídos a esses fenômenos. Nesse sentido, os significados de violência e medo estavam relacionados à vitimização de crimes violentos, especialmente os assaltos, arrombamentos de casas e pela ocorrência de homicídios, e por outro lado tinha uma estreita relação entre os relatos de terceiros enquanto alvos dessas práticas, relatos esses que chamo aqui de “ouvir falar”.

Ao mesmo tempo procurei entender de que maneira essas percepções modificaram as rotinas desses moradores no bairro, buscando através das entrevistas e das interações em campo, identificar os deslocamentos que esses moradores fazem no dia a dia. A partir dessas informações, construí mapas cognitivos individuais com base nos dados coletados em entrevistas com os moradores, procurando identificar os deslocamentos que preferem fazer, em detrimento de certas ruas, fronteiras e bairros próximos que constantemente evitam passar.

Assim, pude construir um mapa geral com todos os dados informados por essas pessoas onde é possível ver com mais clareza esses deslocamentos e as formas de sociabilidades estabelecidas em diferentes espaços do bairro (ruas, calçadas, espaços de lazer, etc.).

Além disso, procurei identificar e analisar as estratégias que esses moradores utilizam para tentar se proteger do medo da violência, seja pelos seus comportamentos frente a situações “violentas”, ou pelo medo materializado na arquitetura de suas casas e estabelecimentos comerciais, a exemplo de cercas eletrificadas, portões fechados, altura dos muros, etc.

Para um melhor esclarecimento, a pesquisa em Bodocongó teve início a partir do segundo semestre do ano de 2015, quando voltava de Recife para a casa dos meus pais nos finais de semana a partir de “tímidas” observações. Em 2016, a pesquisa de campo foi intensificada entre os meses de fevereiro e dezembro. Os meus deslocamentos pelo bairro foram feitos a partir de caminhadas pelas ruas principais, entre elas a Floripes Coutinho que é uma rua extensa que compreende nichos residenciais (inclusive o Residencial Vila Nova da Rainha); comércio (a exemplo de mercearias, padarias, açougues, mercadinhos, farmácia, oficinas mecânicas, bancos de frutas, bares, etc.); o Cemitério Nossa Senhora Aparecida; pontos de ônibus, pontos de mototáxi; igrejas evangélicas; a Escola Municipal Presidente Kennedy. Essa rua, em alguns pontos funciona enquanto uma fronteira que demarca estratégias discursivas de que um lado pertence à Bodocongó e do outro a Ramadilha. Além disso, procurei fazer alguns percursos na feirinha<sup>8</sup>, que é um complexo comercial de feirantes de frutas e verduras, bem como temos a presença de uma praça de mototáxi, pontos de ônibus, alguns mercadinhos, bares, lanchonetes, farmácias, açougues, correspondentes bancários, salão de beleza, lojas de roupas entre outros. Durante o dia a circulação de pessoas é intensa, no horário do almoço vemos poucas pessoas, mas alguns comércio permanecem abertos. A partir das 18 horas da noite, o lugar vai tomando outros ares e reduzindo o movimento. Aos finais de semana o fluxo é reduzido, especialmente no domingo, pois no sábado muitos comércio ficam abertos. Por trás tem um campo de futebol em que a presença masculina é marcante aos finais de semana. A feirinha ora é mencionada por alguns moradores enquanto “feirinha de Bodocongó” e por outros de “feirinha do Severino Cabral”, pois trata-se de um lugar de fronteira entre o Conjunto Severino Cabral e o restante do bairro de Bodocongó.

Além disso, outros espaços pelos quais investi minhas observações foram os Canais de Bodocongó e da Ramadilha. Este último se inicia na Ramadilha, atravessa a rua Floripes

---

<sup>8</sup> Sobre o processo de construção espacial e centralidade comercial da feirinha conferir: COSTA, Liedna da Silva. Processos espaciais e uma nova centralidade comercial no bairro de Bodocongó em Campina Grande-PB. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia). UEPB, Campina Grande, 2014.

Coutinho, passa por trás da Escola Severino Cabral, e se encontra com a ciclovia do Canal de Bodocongó. Assim como a feirinha, alguns moradores falam “canal da Ramadinha” ou “canal do Severino Cabral”, tendo em vista a percepção que cada morador tem desses locais. Ambos os canais são frequentados pelos moradores dos bairros Ramadinha, Bodocongó e outros que fazem fronteira, para fazer caminhadas, corridas ou algum outro tipo de prática esportiva. O movimento nesses espaços se inicia costumeiramente a partir das 5 horas da manhã até por volta das 8 horas, e depois a tarde, entre às 16 e 18 horas. Tratam-se de lugares de passagem de pessoas que vão trabalhar, a exemplo de homens que vão para seus serviços de bicicleta, bem como carros e outros automóveis que atravessam suas ruas. Tive contato com pessoas ligadas à grupos religiosos, comerciantes, bem como com pessoas que frequentam à Sociedade de Amigos do Bairro de Bodocongó (SAB de Bodocongó). O fato de ter sido moradora do bairro por muito tempo foi um ponto de acesso para ser aceita para pesquisar e estabelecer contatos.

Diante disso, ao me debruçar sobre a temática em meio ao cenário escolhido, pude perceber que se por um lado a violência é percebida enquanto algo negativo e que se constitui enquanto um problema social, uma ruptura com os valores estabelecidos entre os indivíduos em um determinado contexto e que por isso pode ser visto enquanto uma desordem, por outro lado, muitas vezes tais narrativas do medo e da violência funcionam enquanto uma linguagem (MARQUES, 2014) que orienta as ações dos indivíduos dessa coletividade. Assim, em Bodocongó, pude perceber que ao mesmo tempo em que os moradores, cada um à sua maneira, temem a violência, o medo funciona enquanto estratégia de tentar lidar com ela, bem como constitui enquanto um mecanismo de manter o estado atual das coisas. Nesse sentido, os moradores de Bodocongó utilizam de determinados mecanismos de defesa e estratégias em seus discursos para narrarem o seu cotidiano e sua relação com o “outro” (os conhecidos e desconhecidos). Assim, mesmo que o foco não tenha sido um contato mais direto com os supostos “praticantes da violência”, tive o cuidado de tentar refletir também esse outro lado da moeda, não em termos de uma dualidade, mas de um modo relacional. Assim as transformações do bairro promoveram novos arranjos da maneira pela qual o comércio, as residências e outros espaços foram se adequando a um contexto marcado por sentimentos de vulnerabilidade e insegurança em virtude da violência e do seu corolário, o medo da violência, proporcionando novas formas de enxergar o espaço público e o privado.

Dito isso, a dissertação está dividida em quatro capítulos. No Capítulo 1 procuro “descortinar” o bairro de Bodocongó apresentando o cenário de pesquisa a partir de um resgate da formação histórica da localidade, acompanhada pelas lembranças e memórias dos moradores que narram suas histórias de vida sobre um cotidiano marcado por práticas de sociabilidade em

virtude do trabalho nas antigas fábricas e curtumes, bem como nas práticas de lazer no açude de Bodocongó. Destarte, fazer esse percurso em torno das memórias do passado do bairro de Bodocongó, foi necessário na medida em que os próprios moradores em suas narrativas sobre medo e violência no contexto atual, recorrem a esse passado “pacato”, e isso é reflexo das alterações que o bairro passou ao longo do tempo, e o modo pelo qual as suas rotinas, os seus deslocamentos, e a forma como enxergam a si mesmos e os outros ao seu redor, também foram modificadas. Além disso, podemos percorrer sobre os caminhos metodológicos que nortearam a dissertação em busca dos significados de violência e medo a partir de uma abordagem qualitativa, baseada na observação participante, na produção (auto) etnográfica, no uso de entrevistas-narrativas e semiestruturadas (presenciais e por videoconferência), na produção de mapas, e o levantamento de dados sócio econômicos pela Prefeitura Municipal de Campina Grande.

Já o Capítulo 2 é dedicado aos estudos que se debruçam em torno da compreensão do fenômeno violência atrelado ao medo a partir das reflexões da antropologia urbana em meio aos desafios da cidade, pensando também o papel da antropologia urbana brasileira. Além disso, reservo um espaço para problematizar sobre os desafios lançados aos pesquisadores que decidem pesquisar na sua própria cidade, apresentando o desafio que tive ao escolher Bodocongó enquanto universo de pesquisa, ao tentar tornar aquele lugar “familiar” em “exótico” devido ser ex moradora do bairro. Após isso focamos nosso olhar sobre o que as ciências sociais pensam sobre medo e violência a partir da preocupação de muitos pesquisadores que decidem estudar esse tema; a questão da violência criminal letal; a participação da juventude nesse processo; o tipo de violência dominante no pensamento dos *bodocongoenses*, percebido e significado a partir dos crimes violentos praticados na cidade e no bairro onde moram a partir do sentimento de insegurança.

Em seguida, o Capítulo 3 é dedicado a fazer um “mapeamento” dos significados de violência e medo produzidos pelos *bodocongoenses*. Assim, os moradores reconstruem suas histórias de vida no bairro e produzem narrativas de medo e violência a partir das categorias “esquisito”, “perigoso” e “carregado”, dentre outros. Destarte, esses moradores expressam a partir de suas experiências diferentes situações concretas e imaginárias sobre violência, ao criarem esquemas de ação para lidarem com a insegurança no bairro, mas que contribuem para difundirem o medo em seu cotidiano por “ouvir falar”.

Por último, temos o Capítulo 4 que se debruçará sobre o modo pelo qual os significados de violência e medo por parte desses moradores refletem na forma em que essas pessoas se deslocam no bairro, regulando quais espaços preferem praticar em detrimento de outros que

consideram “perigosos”. Nesse sentido, esses deslocamentos poderão ser visualizados a partir dos mapas cognitivos de cada morador, que juntos nos dão uma compreensão melhor de como esses indivíduos estabelecem suas relações. E para fechar o capítulo, discutimos como o medo da violência é materializado através dos comportamentos desses moradores no seu cotidiano, na arquitetura de suas casas e nos estabelecimentos comerciais presentes no bairro.

## 2 CAPÍTULO 1- DESCORTINANDO O BAIRRO DE BODOCONGÓ: APRESENTANDO O CENÁRIO DE PESQUISA EM MEIO A PROBLEMÁTICA E OS PERCURSOS METODOLÓGICOS

Vista aérea de Bodocongó na década de 1950



Fonte: Retalhos Históricos de Campina Grande

Percorrendo as estradas da vida, nos deparamos com diversos espaços e junto com eles histórias de vida que se mesclam, se entrelaçam e dão sentido à existência de cada indivíduo e do lugar onde constroem laços de reciprocidade, sociabilidade e pertencimento. É nesse sentido que traço a minha escrita. Procurarei neste capítulo descortinar um lugar marcado por diferentes histórias de vida que servem de fio condutor para construir a própria história coletiva dessas pessoas. Descortino, pois, o bairro de Bodocongó a partir da visão de seus moradores, os *bodocongoenses*. Logo após, apresento de maneira introdutória o interesse principal da pesquisa, tal seja, compreender os significados de medo (que se apresentam a partir de três categorias nativas: “perigoso”, “esquisito” e “carregado”) e violência (indicada pela vulnerabilidade de ser assaltado e pelo impacto causado por saber de relatos que outras pessoas foram vítimas de assalto e outros tipos de situações, bem como a maneira pela qual esses

moradores conceituam tal fenômeno) a partir de uma análise etnográfica do cotidiano desses moradores, na medida em que tais representações fazem parte de um processo relacional com o restante da cidade. E em seguida procuro traçar os percursos metodológicos que nortearam durante todo o processo de pesquisa sobre o referido bairro. Vejamos.

## **2. 1 Adentrando em Bodocongó: síntese do lócus de pesquisa**

Quem vem do sertão paraibano através da BR 220, quando se chega a Campina Grande o que se vê de longe é o açude de Bodocongó, a mesma coisa é o que acontece se alguém vem do centro da cidade em direção a Universidade Federal de Campina Grande, o que se vê depois da igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro é também o seu reservatório. Podemos dizer que a história do açude de Bodocongó se confunde com a própria formação do bairro e com a trajetória de muitos dos seus moradores. Se voltarmos um pouco no tempo, podemos perceber que a construção do referido açude em inícios do século XX possibilitou que muitas pessoas passassem a circular por seu entorno e conseqüentemente, com a instalação de diversas fábricas, curtumes, matadouros, indivíduos oriundos do Cariri e do Sertão paraibano viram em Bodocongó uma oportunidade de adquirir trabalho e um lugar de moradia para suas famílias.

Nesse sentido, Bodocongó é um bairro popular, um dos bairros mais antigos e tradicionais da cidade de Campina Grande, Paraíba, e está localizado a 5,6 km<sup>9</sup> de distância do centro da cidade. Quem nunca ouviu “Eu fui feliz lá no Bodocongó”, expressão imortalizada nas vozes dos paraibanos Jackson do Pandeiro e Elba Ramalho? Tal frase cantarolada por esses intérpretes reflete sentimentos de nostalgia e saudosismo de um tempo que não volta mais: onde era possível navegar nas águas ainda límpidas do açude de Bodocongó, onde no passado as lanchas traçavam rotas em seu espelho d'água. Ao mesmo tempo, ao tomar emprestada a estrofe da música quero com isso expressar outro tipo de sentimento que tem marcado as falas dos seus moradores sobre a ideia de que a violência em Campina Grande aumentou e isso tem se manifestado a partir dos sentimentos de medo e insegurança de circular em determinados horários e em certos pontos da cidade e que tal percepção tem modificado também as rotinas dos próprios moradores em seu bairro, e isso tem contribuído para a emergência de novas sociabilidades.

---

<sup>9</sup> Estima-se que essa distância fica cerca de 16 minutos de Bodocongó ao Centro de Campina Grande. Mas tal distância e tempo varia de acordo com o local que se está em Bodocongó. Ver com mais detalhes no site “Como chegar.com”. Disponível em: <<http://www.comochegar.com/de-bodocongo-campina-grande-pb-brasil-para-centro-campina-grande-pb-brasil.htm>> Acesso em: 27 out. 2016.

Nesse sentido, gostaria de apresentar inicialmente um pouco sobre a formação do bairro a partir de uma contextualização histórica do lugar, aliado também às lembranças que os próprios moradores narraram sobre um Bodocongó de antigamente, a partir de suas histórias de vida sobre um cotidiano marcado pelas sociabilidades em virtude do trabalho e do lazer. Assim, acredito que esse mergulho nas diferentes histórias contadas sobre o bairro nos ajuda a compreender um pouco mais a maneira pela qual as rotinas diárias dos moradores foram afetadas no cotidiano atual de Bodocongó, possibilitando uma percepção diferente da localidade e outras formas de praticar os seus diferentes espaços.

## **2.2 “Bodocongó tem muita história para contar<sup>10</sup>”: contextualizando o bairro de Bodocongó**

Apresento agora um pouco sobre os processos históricos, sociais e as principais características do bairro de Bodocongó para que o (a) leitor (a) possa compreender alguns elementos que compõem a organização espaço-temporal da localidade.

No início do século XX, assim como em outras localidades do Nordeste, Campina Grande passava por um momento de escassez no abastecimento de água<sup>11</sup> e houve a necessidade de construir um açude que desse conta de suprir as necessidades da população, tendo em vista que os outros reservatórios (Açude Velho e Açude Novo) estavam secando. Assim, Cristiano Lauritzen (então prefeito da época) em contato com o Governo Federal e o engenheiro Miguel Arrojado Ribeiro Lisboa encontraram o lugar para a construção do açude no Sítio Ramada. Desse modo, as obras tiveram início<sup>12</sup> em 1915, se acentuaram em 1916<sup>13</sup> e foram finalizadas

<sup>10</sup> Frase dita por um dos moradores em uma conversa informal.

<sup>11</sup> Desde essa época Campina Grande enfrenta problemas em relação à escassez de água. A região de Campina é abastecida por um reservatório de outra localidade (a cidade de Boqueirão), o açude Epitácio Pessoa, mais conhecido por açude de Boqueirão. Atualmente toda a cidade e outras localidades próximas à região passam por um racionamento de água, tendo em vista que o açude de Boqueirão chegou ao seu menor índice de água em seu reservatório nos últimos tempos, atingindo um pouco mais de 3,4% de sua capacidade em abril de 2017. Mas com a chegada das águas da transposição do Rio São Francisco no reservatório Epitácio Pessoa, no mês de junho ele atingiu cerca de 6,5% da sua capacidade de acordo com os dados do monitoramento da AESA (Agência Executiva de Gestão das Águas da Paraíba). Disponível em: <<http://site2.aesa.pb.gov.br/aesa/volumesAcudes.do>> Acesso em 31 de jul. 2017.

<sup>12</sup> No que concerne o início da construção do açude, encontramos diferentes versões. Para Silva Filho (2005) as obras se iniciaram em 1915; na Hemeroteca Digital encontrei um registro do Jornal de Recife de 13 de maio de 1912, em uma nota intitulada “Obras contra as secas” que dizia que os serviços de obras destinadas aos efeitos da seca foram instituídas a partir de um decreto de 28 de dezembro do ano anterior a partir da sistematização e do estabelecimento de recursos destinados a tais obras, e reforçam que na Paraíba, estavam estudando a possibilidade de construir 20 açudes em diferentes regiões do estado. No que diz respeito à Campina Grande, em 1912 o açude de Bodocongó já estava sendo construído. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=705110&pasta=ano%20191&pesq=obras%20contra%20a%20seca>> Acesso em: 30 set. 2016.

<sup>13</sup> De acordo com Silva Filho (2005:119), na obra “Síntese Histórica de Campina Grande, 1670-1963”, e, 1º de

em 1917<sup>14</sup>, e o açude ficou esperando as chuvas para ser abastecido. Entretanto, a água possuía um alto teor de salinidade e considerada inapropriada para o consumo, e uma das questões interessantes é que de acordo Medeiros (2010) o nome Bodocongó, segundo alguns estudiosos, é de origem cariri, que significa “águas que queimam”, que:

posteriormente os habitantes da cidade saberiam a razão de assim ser chamado o riacho que abasteceria a barragem futuramente, o teor de salinidade da água a tornou imprestável para o uso humano, mas proporcionou o uso em outras atividades, que futuramente fariam da localidade na época comunidade rural, e que em meados de 1950 um bairro industrial.

Dessa forma, considerando a citação anterior, mesmo que as águas do açude tivesse esse problema, muitas pessoas utilizavam a água para o uso doméstico, consumo animal e etc. Um fato interessante é que, se por um lado havia esse problema da água ser salobra, o entorno do açude foi aos poucos sendo adornada pela presença de muitas fábricas e curtumes que faziam uso das águas do reservatório para o desenvolvimento de seus empreendimentos.

Perpassando a década de 30 e pautado pelos discursos de desenvolvimento e progresso da cidade de Campina Grande, Bodocongó era colocado enquanto espaço sob as vantagens de possuir uma boa topografia, uma paisagem pitoresca, um clima ameno (característico da cidade campinense), e um pacato subúrbio onde se constituía as relações de sociabilidades nos banhos do seu açude. Além disso, com o acelerado desenvolvimento da cidade, Bodocongó foi se constituindo também enquanto espaço cobiçado em momentos de lazer às margens do açude por diversas famílias, operários e forasteiros.

De acordo com o historiador Fábio Gutemberg R. Bezerra de Sousa (2006), movidas pelos ideais de progresso as elites campinenses influenciadas por um olhar diferente sobre a estética moderna de suas habitações, comércio, ruas, contribuíram para que moradores que residiam próximos ao centro da cidade fossem pressionadas para habitarem em áreas mais distantes em direção aos subúrbios. Tal cenário apresentado pelo autor refletia os diferentes olhares das décadas de 30 e 40, sobre os reclames do desejo de uma cidade “sadia, arejada, arborizada, com belas casas e edifícios, descongestionada, fluida para o movimento do ar da água, das mercadorias, pessoas e veículos” (QUEIROZ, 2008: 16).

Diante disso, as décadas de 30 e 40 foram percebidas na cidade de Campina Grande

---

janeiro de 1916 “Com grandes solenidades presentes, as autoridades, estaduais e municipais e o engenheiro Júlio Barcelos, o construtor, foi inaugurada a barragem do Açude de Bodocongó, meia légua ao poente da cidade, na rodovia central Campina Grande-Cajazeiras”.

<sup>14</sup> Silva Filho (2005) aponta que a inauguração do açude de Bodocongó foi em 1916, e de acordo com Epaminondas Câmara (1998) a referida obra foi inaugurada em 1917. Esta última data também é comemorada pelos moradores de Bodocongó como sendo o aniversário do açude e do próprio bairro. Sobre essa data comemorativa alguns moradores ligados aos movimentos sociais e a Sociedade Pró- Melhoramento do bairro de Bodocongó estão se organizando para realizarem uma festa comemorativa do centenário do açude e do bairro em fevereiro de 2017.

enquanto espaço social marcado por transformações na paisagem urbana local “responsáveis pela instituição de novas formas de se viver nessa cidade, e de se estar excluído também” (QUEIROZ, 2008: 16). Nesse processo marcado por uma nova sensibilidade do espaço urbano campinense, muitos moradores de classes populares que habitavam o centro da cidade eram tidos enquanto “supostos perigos que a cidade poderia suscitar” (CABRAL FILHO, 2009: 11). Além disso, não podemos esquecer que:

os discursos jornalísticos elaborados em torno da ideia de progresso, civilização e desenvolvimento estão intimamente vinculados a critérios elitistas, que viam na pobreza, quando não o exótico, algo que deveria ser retirado das ruas para que o cenário urbano não fosse contaminado pela presença nada estética dos pobres (CABRAL FILHO, 2009: 17).

Diante dessas circunstâncias, antigos populares residentes na área central da cidade, juntamente com outros habitantes de cidades vizinhas, foram se direcionando por essas áreas pouco populosas e constituindo progressivamente alguns dos subúrbios em território campinense. Souza (2006: 168) aponta ainda que tais espaços foram pouco a pouco dando origem a alguns bairros da cidade, principalmente nos anos 1930 e 1940, a exemplo do São José, e outros com características rurais, como José Pinheiro e Bodocongó<sup>15</sup>.

O historiador aponta que, antes mesmo das décadas de 30 e 40, especificamente por volta dos anos 1920, Bodocongó foi se transformando em uma área com a presença marcante de indústrias e curtumes, e que até meados dos anos 1970 o bairro era “predominantemente operário” (p.168). Além de ser um bairro considerado operário, Bodocongó era transitado por muitas pessoas advindas da área central e adjacências para a prática de lazer, tendo em vista que o açude de Bodocongó era um dos principais atrativos de diversão da população campinense. Além disso, o referido açude assim como os açudes Novo e Velho servia de “arrego” para as populações mais carentes. Por isso, não é difícil encontrar pessoas com diferentes histórias sobre os usos do açude: desde tomar banho nos finais de semana, lavar roupa, dar água para os animais e o abastecimento das fábricas locais.

---

<sup>15</sup> De acordo com Almeida (2010:32) com a empregabilidade possibilitada pelas fábricas e curtumes, apenas em 1960 que Bodocongó passa a fazer parte do Plano Diretor da cidade de Campina Grande, elevando-o assim à categoria de bairro. Segundo a autora esse fato “ocorreu associado ao processo fabril que a cidade vivenciava principalmente nas áreas próximas ao centro e de Bodocongó”.

Figura 1- Mulheres indo ao açude de Bodocongó



Fonte: Gonzaga Soares dos Santos, 1958<sup>16</sup>

Figura 2- Açude de Bodocongó nos anos 1950



Fonte: Retalhos Históricos de Campina Grande<sup>17</sup>

<sup>16</sup> A fotografia é um registro de família enviado por Iara Santos ao blog Retalhos Históricos de Campina Grande. De acordo com a postagem do blog, Iara Santos revela que as pessoas presentes na fotografia são: "Minha mãe, minha irmã e tia indo para O Açude de Bodocongó em 1958. Disponível em: <<http://cgretalhos.blogspot.com.br/2012/08/memoria-fotografica-momentos-ii.html#.WEPoAdIrJ1s>> Acesso em: 25 set.2016.

<sup>17</sup> Fotografia disponível em: <<http://cgretalhos.blogspot.com.br/2010/04/bodocongo-aguas-que-queimam-por-eveline.html#.WEPq79IrJ1t>> Acesso: 25 set. 2016.

Assim, o bairro de Bodocongó desde o seu início foi constituindo em sua localidade características de um bairro operário e nas décadas posteriores a construção do açude foram instaladas diversas fábricas, e de acordo com fontes da época, as “raízes do progresso” do município e do próprio bairro se deu com a instalação desses empreendimentos<sup>18</sup>.

Um dos empreendimentos mais antigos de Bodocongó era denominado Sociedade Anônima Indústria<sup>19</sup> Têxtil (conhecida pelos *bodocongoenses* como “Textil”), ela foi uma fábrica de tecidos que abrigava um numeroso núcleo de operários advindos de diferentes localidades campinenses e de áreas rurais. O estabelecimento da fábrica e do seu operariado trabalhando a todo vapor foi, ao mesmo tempo, tecendo os fios para a fabricação de sacos e muitas mudanças no bairro. Ao ter contato com alguns moradores, muitos relatavam sobre suas experiências de morar e trabalhar em Bodocongó. A título de exemplo, destaco a recordação de uma moradora ao relembrar do tempo em que ela trabalhava na Têxtil, por volta da década de 60:

Eu trabalhava na Têxtil, eu era fiandeira. Fazia o fio para fazer o tecido do saco, por que o saco é feito na tecelagem né. Eu fazia o fio para o tecido do saco. Depois que eu saí, que me casei, aí saí e fiquei sendo dona de casa. Hoje eu sou só dona de casa e sou aposentada.

Figura 3 -S.A. Indústria Têxtil de Campina Grande



Fonte: Acervo do IBGE, 1957<sup>20</sup>

<sup>18</sup> Ver (MARQUES, 2014); (SOUZA, 2006); (NASCIMENTO, 2008)

<sup>19</sup> A fábrica de tecidos Têxtil era dirigida na época pela família Velloso da Silveira. O presidente era o Coronel Aprígio Velloso da Silveira (cujo nome é o mesmo de uma das avenidas principais do bairro); Eugênio Velloso da Silveira era o tesoureiro; e Adhemar Velloso da Silveira (cujo nome é o mesmo da Escola Estadual de Bodocongó), o secretário. A fábrica foi fundada em 1923 e sobreviveu até 2009, mas na década de 1990 ela foi vendida para um grupo de empresários do Ceará e passou a ser chamada de Malharia Limoeiro. Ver (ALMEIDA, 2010).

<sup>20</sup> Registro fotográfico retirado do Blog Retalhos Históricos de Campina Grande. Disponível em:

A moradora também me revelou que na época em que trabalhava era comum adolescentes menores de idade, como era o caso dela, trabalharem na fábrica. Como podemos ver a seguir:

De acordo com os antigos moradores nas décadas de 1940 e 1960, a maior parte dos trabalhadores/as da fábrica tinha entre 15 e 18 anos de idade, pois, ultrapassando esta idade, o salário pago ao trabalhador/a era maior e os responsáveis pela fábrica preferiam pagar menos aos mais jovens e todos os trabalhadores tinham a carteira de trabalho assinada (ALMEIDA, 2010:36).

Além disso, o acesso dessas pessoas era facilitado por alguns de seus parentes que também trabalhavam na Têxtil. Por isso era frequente a presença de muitas famílias trabalhando na referida fábrica e em outros empreendimentos. E uma das vantagens presentes no relato da moradora com quem conversei, era que ela residia próximo ao emprego.

Por outro lado, muitos trabalhadores da Têxtil e de outras fábricas residiam longe de Bodocongó, principalmente aqueles que moravam em sítios distantes das fábricas, e houve a necessidade de se construir casas operárias<sup>21</sup> para acomodar estes e suas famílias. Desse modo,

A iniciativa da S. A. Indústria Têxtil de Campina Grande, com a construção dessas casas, veio sanar uma das dificuldades maiores com que lutavam. É verdade que ainda grande parte do operariado reside em recantos afastados e onde as habitações, mau grado e desconforto, são de alugueis elevados, em face da escassez de casas em Campina Grande. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO<sup>22</sup>, 7 DE NOVEMBRO DE 1936).

Nesse sentido, a construção da vila operária surgiu enquanto alternativa para que os operários que residiam distante dos serviços laborais, pudessem morar próximo a seu trabalho. Sobre esse fato, foi muito comum ouvir de alguns moradores que residem há certo tempo no bairro, mencionar que vieram de outras localidades, juntamente com seus pais, ainda crianças, residirem na vila operária, pois o pai ou mãe eram operários da Têxtil. E esse erguimento de novas casas na localidade fez com que houvesse um crescimento considerável em sua demografia. Assim,

Algumas das famílias trabalhadoras da Fábrica Têxtil recebiam pelo seu trabalho uma casa modesta na Vila Operária de Nossa Senhora de Nazareth, localizada na Rua Aprígio Veloso. Esta Vila chegou a ter 44 casas, sendo 22 de cada lado, 1 barreiro e 1 casa de farinha. [...] Os seus moradores recebiam um terreno para a plantação de culturas de subsistência e a colheita era dividida entre os moradores, que não partilhavam os produtos com o dono da

<[http://cgretalhos.blogspot.com.br/2015\\_05\\_01\\_archive.html#.WEPrUtrJ1s](http://cgretalhos.blogspot.com.br/2015_05_01_archive.html#.WEPrUtrJ1s)> Acesso em: 20 set. 2016.

<sup>21</sup> As casas operárias foram construídas pelos donos da fábrica Têxtil para acomodar seus trabalhadores. Com o passar do tempo, assim como outras fábricas, ela fechou suas portas e a sua estrutura ficou abandonada e foi se degradando ao longo do tempo. Há alguns anos, do prédio da antiga fábrica só restaram os escombros, e atualmente toda a estrutura foi demolida e cercada por uma construtora dona do terreno. A vila operária é hoje ocupada pelo terreno da Universidade Federal de Campina Grande e alguns empreendimentos, a exemplo de um posto de gasolina, um restaurante e uma casa de material de construção.

<sup>22</sup> Matéria do Diário de Pernambuco encontrada no acervo do site da Hemeroteca Digital.

Fábrica Têxtil. (ALMEIDA, 2010: 35)

Como pudemos ver as sociabilidades de Bodocongó, principalmente, entre as décadas de 1940 e 1990 estavam fortemente marcadas pelo trabalho realizado nas fábricas. Dessa forma,

Por meio do trabalho as famílias estabeleciam uma relação de pertencimento com este lugar. As fábricas de Bodocongó ditavam o ritmo de vida dos seus moradores. O trabalho fora de casa era realizado nos expedientes da manhã, tarde e noite, fazendo com que todo o movimento de ir e vim de casa à fábrica se realizasse em função das necessidades de produção das empresas que estavam instaladas neste bairro. No decorrer de cinco décadas Bodocongó foi representado, para os seus moradores, bem como para os do resto da cidade, como um bairro fabril. (ALMEIDA, 2010: 26)

Além da Têxtil, podemos destacar outras empresas que existiram (e resistem) na localidade, tendo em vista que elas estão presentes nas memórias de muitos dos seus moradores. Em uma das conversas que tive com um *bodocongoense*, Seu Miguel, que reside no bairro desde a década de 1960, o mesmo revela que saiu do Cariri, mais especificamente de Taperoá<sup>23</sup>, aos 18 anos em busca de emprego em terras campinenses. O seu cunhado já morava em Bodocongó e foi ele quem conseguiu uma vaga para o *taperoaense* trabalhar no Curtume Villarim.

Figura 4-Curtume Antonio Villarim S. A



Fonte: Acervo IBGE, 1957<sup>24</sup>

No Curtume Antonio Villarim, Seu Miguel trabalhou de 1960 até 1975 e no ano posterior foi trabalhar em outro curtume, o Santa Adélia (hoje chamado de Incopar que resiste

<sup>23</sup> Taperoá é uma cidade que está localizada no Cariri paraibano, distante 124,3 km de distância de Campina Grande segundo o *Google Maps*.

<sup>24</sup> Disponível em: <[http://cgretalhos.blogspot.com.br/2010/03/memoria-fotografica-o-curtume-antonio.html#.WEPr\\_NIrJ1s](http://cgretalhos.blogspot.com.br/2010/03/memoria-fotografica-o-curtume-antonio.html#.WEPr_NIrJ1s)> Acesso em: 20 set. 2016.

até os dias atuais), onde trabalhou por 19 anos e se aposentou. Ele reforça que “no curtume eu era de tudo: pintor, engomador...”. O curtume Villarim onde Seu Miguel trabalhou estava localizado em frente ao açude de Bodocongó, na Rua Portugal (uma das ruas principais do bairro), e o Santa Adélia ficava numa rua paralela a esta última, conhecida por seus moradores como Rua do Meio<sup>25</sup>. Além desses curtumes havia outros, e cada um a seu modo, tendo como matéria-prima o couro de boi e até mesmo de carneiro.

De acordo com Almeida (2010:42) “O Curtume Antonio Villarim era uma referência para Bodocongó, além de apresentar a segunda maior contratação de mão de obra do bairro, ficando atrás apenas da Fábrica Têxtil”.

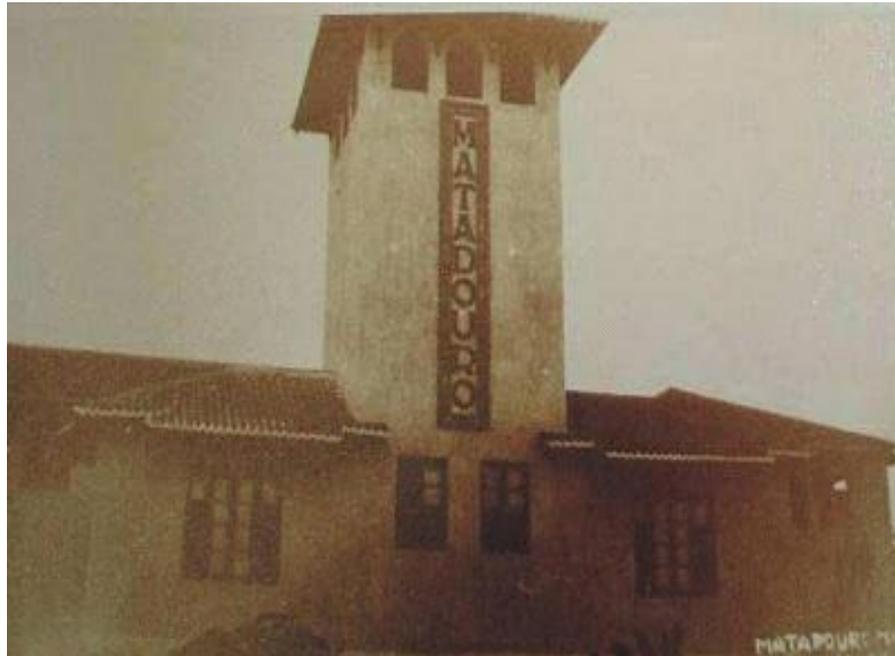
Além dos curtumes, a presença do Matadouro Público veio intensificar outra forma de trabalho com o processamento e abatimento de animais. Ele funcionou entre os anos de 1941 até por volta de 1993, quando foi desativado pelo Ministério Público devido às condições de higiene do local. Durante o tempo em que esteve ativo, muitas pessoas trabalharam no matadouro e com o seu fechamento, muitas famílias ficaram sem ter como comercializar os seus produtos. O espaço físico do Matadouro foi se desgastando com o passar do tempo, ficando apenas os escombros. Depois, o espaço virou um terreno baldio e começou a ser praticado enquanto campo de futebol nos finais de semana. Recentemente a Prefeitura Municipal de Campina Grande ocupou o espaço para construir o Residencial Vila Nova da Rainha I e II, onde abrigam famílias que receberam os apartamentos através de um sorteio baseado em critérios do Minha Casa Minha Vida, pessoas essas oriundas de comunidades carentes da cidade<sup>26</sup>.

---

<sup>25</sup> Oficialmente é chamada de Rua Professor João Rodrigues, mas popularmente conhecida pelos moradores como Rua do Meio.

<sup>26</sup> Nesse processo foi realizado um cadastro geral para contemplar muitas famílias a partir de 2014. Logo após o site da Prefeitura Municipal de Campina Grande foi disponibilizando várias listas com os nomes dos contempladas e os que não foram no Portal da Habitação. Disponível em: <<http://201.59.143.211:8080/mcmvseplan/>> Acesso em set. 2016.

Figura 5-Matadouro Público



Fonte: Retalhos Históricos de Campina Grande<sup>27</sup>

Figura 6- Terreno baldio onde era localizado o antigo Matadouro



Fonte: *Print Screen* do *Google Maps*, 2016

---

<sup>27</sup> Disponível em: <<http://cgretalhos.blogspot.com.br/2009/10/memoria-fotografica-matadouro-publico.html#.WH35ttIrLcc>> Acesso em: 20 set.2016.

Figura 7- Residencial Vila Nova da Rainha II



Fonte: *Print Screen do Google Maps, 2016*

Podemos destacar também a presença da Ipelsa (fundada em 1962), que fica bem próxima ao terreno onde se localizava o Curtume Villarim, responsável por fabricar desde água sanitária, desinfetante, detergente até mesmo papel higiênico. A fábrica permanece até os dias de hoje, mas atualmente ela é uma cooperativa e tem um outro nome, Coopapel.

Figura 8–Antiga Ipelsa



Fonte: *Print Screen do Google Maps, 2016*

Figura 9-Coopapel



Fonte: Imagens do *Google*, 2016

O bairro também foi marcado pela presença da Premol que trabalhava com produtos pré-moldados (a exemplo de postes) que faliu em 2009; e pela Rovsa (Refinaria de Óleos Vegetais S.A), responsável pela fabricação de óleos vegetais de algodão e sabão em barra.

Figura 10-ROVSA



Fonte: Acervo do IBGE, 1957<sup>28</sup>

<sup>28</sup>Disponível em: <<http://cgretalhos.blogspot.com.br/2011/11/memoria-industrial-relembrando-rovsa.html#.WH36fdlrLcc>> Acesso em: 24 set. 2016.

Figura 11-PREMOL



Fonte: *Print Screen do Google Maps, 2016*

Desse modo, as sociabilidades dos moradores e trabalhadores dessas fábricas, curtumes, matadouro, dentre outras, fazem parte das lembranças dessas pessoas e que marcaram efetivamente suas relações com o trabalho que exerceram, bem como com os laços que foram se constituindo ao longo do tempo reforçando a própria história coletiva do bairro. Dona Rita, por exemplo, recorda com certa nostalgia sobre essa memória voltada ao trabalho ao mencionar: “Aí tinha a Têxtil, tinha a Ipelsa, Curtume Antonio Villarim, Curtume Manoel Leandro e a refinaria de óleos vegetais. Tinha várias. Agora só tem mesmo o Santa Adélia e a Ipelsa”. E ao continuar sua narrativa ela recorda com certa revolta ao dizer “mas cadê as firmas para o pessoal trabalhar?” Tal afirmação em tom de crítica revela sobre as lembranças que têm de antigamente, das fábricas e diferentes empreendimentos que geravam empregos para pessoas de outras localidades, e principalmente, para os seus moradores, bem como reforça as transformações pelas quais o bairro sofreu.

Atualmente o contexto marcado por esse imaginário que perpassa ao envolvimento dos diferentes atores em residir próximo ao trabalho e até mesmo as sociabilidades que se formavam em torno deste em muitos dos empreendimentos que foram mencionados, ficaram na lembrança de seus moradores. Hoje em dia, as empresas que resistiram ao tempo são poucas e outras formas de trabalho foram se intensificando, a exemplo do Centro de Couro Calçadista Manoel Raimundo Souto construído em 2007, formado por fábricas destinadas à confecção de calçados (ALMEIDA, 2014). Muitos moradores de Bodocongó trabalham nessas fábricas calçadistas, bem como pessoas residentes ao bairro vizinho, a Ramadinha, e outros advindos da zona leste, José Pinheiro, e cidades vizinhas, a exemplo de Pocinhos.

Figura 12- Pólo Calçadista<sup>29</sup>

Fonte: *Print Screen do Google Maps, 2016*

Uma informação que merece ser destacada também é que ao lado do Pólo Calçadista, está situado o CTCC- SENAI (Centro Tecnológico de Couro e Calçado Albano Franco) que fornece à população de Campina Grande e aos moradores de Bodocongó diferentes cursos básicos e técnicos no ramo calçadista, e muitas dessas pessoas que fazem curso lá são indicadas para trabalharem nas fábricas presentes no Pólo.

Figura 13-Centro de Tecnologia do Couro e do Calçado Albano Franco (SENAI)



Fonte: *Print Screen do Google Maps, 2016*

---

<sup>29</sup> Nome como é conhecido popularmente.

Apesar disso, foi comum ouvir dos moradores que nas décadas passadas o trabalho nas antigas indústrias é que fomentavam uma gama maior de empregos e geração de renda para as famílias e que tais recordações ficaram presentes em suas lembranças. Passemos agora para outras questões que reforçam a formação histórica e social dos moradores de Bodocongó.

### 2.3 Sociabilidades do lazer: entre banhos e conflitos no açude de Bodocongó

Em minha pesquisa de campo quando conversava com alguns moradores sobre suas lembranças sobre o passado do bairro, muitos deles recordavam sobre as sociabilidades promovidas em relação ao trabalho e mais ainda àquelas constituídas nos banhos<sup>30</sup> no açude de Bodocongó. Principalmente as pessoas mais idosas ou com mais de trinta anos morando no bairro narravam sobre os banhos nos finais de semana no açude de Bodocongó, onde se reuniam muitas famílias residentes da localidade e advindas de outros bairros, principalmente pessoas ligadas à elite da época que circulavam em suas lanchas e eram sócios do Clube Aquático Campinense (em meados da década de 50), onde era possível encontrar desde personalidades políticas, radialistas, industriais, dentre outros.

Figura 14-Banhistas em uma lancha no açude de Bodocongó na década de 70

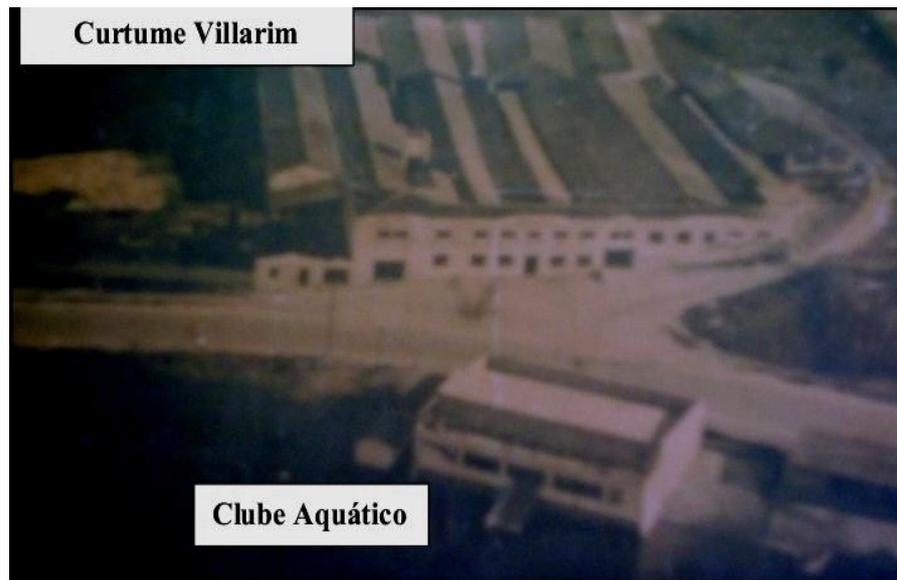


Fonte: Retalhos Históricos de Campina Grande<sup>31</sup>

<sup>30</sup> Sobre as sociabilidades praticadas no açude de Bodocongó na década de 50 em matéria escrita pelo professor e jornalista Stênio Lopes e veiculada pelo Jornal da Paraíba, Otoni Barreto tentou criar uma “praia artificial” em uma das margens do açude de Bodocongó. Segundo a matéria, “Até areia da praia de João Pessoa mandou ele vir em caminhões para cobrir uma área escolhida e previamente trabalhada à margem do açude”. Matéria transcrita por Katyuscia Kelly Catão de Sousa em “Sonhos Urbanos: O parque do açude novo e a (re) construção da “alma” campinense. Campina Grande (1969-1976)” da matéria “Lazer em Campina Grande”. Jornal da Paraíba, 09/11/75, p.2.

<sup>31</sup> Conferir em: <<http://cgretalhos.blogspot.com.br/2011/10/artigo-acude-de-bodocongo.html#.WH37IdIrLcc>> Acesso em: 24 set.2016.

Figura 15- Visão panorâmica do Curtume Villarim e o Clube Aquático



Fonte: Retalhos Históricos de Campina Grande

Se remontarmos um pouco mais no passado, podemos perceber outras facetas dos usos que se fazia do açude e das práticas sociais do local. Desde o fim dos anos 1920, Bodocongó, como já foi dito, havia se tornado um dos principais centros industriais de Campina Grande. Nesse sentido, tal desenvolvimento atraía para as águas do açude

operários e prostitutas, assim como donos de pensões, cafés, mercearias, quitandas, bodegas e cabarés. Mas os famigerados “banhos”, que não eram apenas uma prática das mulheres “de vida airada”, eram a causa constante das reclamações da população mais púdica e a causa das preocupações da justiça e das autoridades policiais, que recebiam constantes “chamadas” nos jornais da cidade para tentar resolver o problema. (NASCIMENTO, 2008: 94)

Diante de tais situações, podemos perceber que na época destacada (finais dos anos 20) muitas pessoas residentes nas proximidades de Bodocongó, constantemente faziam reclamações no que concerne aos banhos públicos por homens e mulheres que não eram “bem vistos” pela população local. Nesse sentido, em meio às sociabilidades constituídas em torno do trabalho, muitos operários estendiam outras práticas sociais nos banhos do açude. Além disso, a presença de outras pessoas, a exemplo de “prostitutas”, “donos de pensões”, “cafés”, “mercearias”, “quitandas”, “bodegas” e “cabarés” bem como suas práticas eram tidas enquanto preocupação da “população púdica”, da “justiça”, de “policiais” e dos “jornais”.

O discurso moral presente em tais reclamações apontava sobre as formas desejáveis e rejeitadas para banhar-se no açude. A preocupação em não “misturar” corpos “puros” e “não puros” era uma forma de doutrinar os corpos dos indivíduos em uma lógica moralizadora, tendo

em vista que se em Bodocongó tomar banho se constituía enquanto uma diversão para seus moradores, um lazer para “famílias”, o compartilhamento de tal espaço de sociabilidade com pessoas “impuras” era algo recorrente, porém inaceitável para época. Ou ainda, “[...] Mormemente, às margens do Bodocongó e do Açude Velho, onde as criaturas despem-se dos últimos resquícios da moral e apresentam-se com os andrajos miseráveis de que são possuidores”. (Jornal A Batalha, 1935, apud NASCIMENTO, 2008: 97). Sem contar que tais conflitos se refletiam também em disputas territoriais que resultavam em prisões, como o caso noticiado em um jornal da época relatado por (NASCIMENTO, 2008:96):

Ao chegar na Pensão, Severina interpela Noêmia e ambas discutem por causa do banho que, afinal, era também um momento para relaxar, se divertir e ver outras pessoas. A noite, por volta das 22:00 horas, o salão da Pensão Moderna estava cheio e tinha muitos clientes, pois domingo também era dia de muito movimento na pensão. Severina e as colegas Adalgisa e Anita começaram a rir e cochichar olhando para Noêmia, que já estava aborrecida pela discussão que teve pela manhã com Severina. Neste momento, Severina começa a pilheriar Noêmia, e esta “sentindo-se ofendida moralmente, repeliu Severina jogando-lhe um copo de vidro (...) ferindo-lhe na frente”. O desentendimento entre Severina e Noêmia acabou na justiça e esta foi condenada a passar três meses e quinze dias no xadrez da capital, além de pagar 100 mil réis pelas custas do processo.

Diante desse fato noticiado no jornal da época, podemos refletir que o espaço do açude destinado a práticas de relaxamento e diversão, ao mesmo tempo era lugar onde diferentes conflitos emergiam. No caso envolvendo Severina e Noêmia, elas discutiram na Pensão Moderna em meio aos clientes, sobre um problema iniciado no momento em que usufruíam dos banhos no açude de Bodocongó no domingo de manhã. Noêmia se sentindo aborrecida pelas ofensas de Severina feriu o rosto da colega e foi condenada na justiça, foi presa em João Pessoa e teve que pagar à instituição os gastos promovidos pelo processo.

Percebam que esse é apenas um dos casos noticiados sobre os conflitos e violências físicas praticadas durante os banhos e que se estendiam além-açude. Isso também me faz pensar um pouco sobre os casos e “causos” contados por muitos moradores com quem conversei. Pude notar em suas falas um discurso de tristeza em ver o lugar onde as pessoas se banhavam em águas limpas, estar degradado com poluição, pasta e lama, e mais ainda, e uma narrativa moralizadora ao referirem-se aquele lugar como espaço esquecido e “praticado”, principalmente, por lavadores de caminhão, “bêbados”, “gente sem futuro” e “pescadores” que lançam suas iscas em um “verdadeiro esgoto”, ou seja, num esforço constante em estabelecer uma relação entre uma poluição das águas à “sujeira<sup>32</sup> humana” que lá ocupa o “cartão postal

---

<sup>32</sup>De acordo com Koury “As noções de sujo e de sujeira, enfim, remetem sempre a uma classificação hierarquizada

da cidade”. Sobre essa questão, relatarei um pouco mais nas próximas páginas.

Além disso, outras ocorrências veiculadas em jornais da época relatavam sobre situações conflituosas geradas em outras localidades e tendo um desfecho em Bodocongó. Desse modo, uma nota divulgada em março de 1940 pelo Diário de Pernambuco, em uma coluna destinada às notícias sobre o território paraibano, encontramos a matéria sobre a prisão, em Bodocongó, de dois supostos autores de roubos e assassinatos em São Vicente e em uma fazenda conhecida como Muribeca em Serra Redonda. De acordo com a matéria, na referida situação, um dos suspeitos de cometer os referidos crimes, José Tavares, foi morto pela polícia, segundo a alegação de ter resistido à prisão. Já o seu companheiro, Chico Avelino, ficou ferido. A notícia também narra que o grupo ao qual faziam parte José Tavares e Chico Avelino, era chefiado por um cangaceiro, cujo nome era José Luiz, sendo ambos os companheiros de José Totó. Como pudemos ver, Bodocongó sendo uma localidade que liga Campina Grande em direção ao sertão paraibano, era muito transitada por diferentes pessoas, dentre elas pessoas oriundas de outras localidades, bem como forasteiros e foragidos da polícia. O caso relatado nos mostra que Bodocongó servia enquanto um ponto estratégico de fuga de suspeitos de ter cometido algum tipo de crime.

Além dessas situações, podemos destacar também uma situação corriqueira e que inquietava alguns moradores quanto a segurança do bairro nos idos da década de 60 quanto as constantes reclamações acerca dos vigias de ruas estavam sendo pagos para exercerem suas atividades e não estavam fazendo. Exigiam na situação, a presença do delegado de polícia para resolver o problema. Nesse sentido, tal discussão foi debatida em uma das reuniões dos amigos do bairro de Bodocongó e descrito no livro de atas<sup>33</sup>. Essa preocupação com a segurança local era fruto de inquietações que os moradores tinham cotidianamente devido às condições da época e uma busca em preservar seus patrimônios, especialmente suas casas.

Se pensarmos o contexto mais atual, o açude de Bodocongó que antes era praticado por diferentes grupos sociais, aos poucos foi sendo degradado por esgoto, lixo e poluição. E um morador do bairro recorda com tristeza ao cantar:

Bodocongó quem conheceu teu açude, e o clube aquático, dá tristeza recordar!  
 Não se vê lancha, jangada, barco ou canoa, nem água boa, “pro” turista se banhar. É pasta e lama, é lixo, sujeira e poluição. Minha querida Rainha da Borborema, esse é um dos seus problemas, que queremos solução! Cadê os

---

e dualista de bom ou mal, detendo em si a referência a alguma coisa ou pessoa com muitas incorreções ou emendas”. Conferir em: KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Cultura emotiva e moralidade na análise antropológica sobre a sujeira. In: REIA-Revista de Estudos e Investigações Antropológicas, ano 3, volume 3(1):172-194, 2016.

<sup>33</sup> Essa informação foi retirada do primeiro livro de atas das reuniões da Sociedade Pró Melhoramento do bairro de Bodocongó, do ano de 1965, concedida pela diretoria atual da associação de moradores de Bodocongó.

homens públicos da nossa cidade, e as universidades que existe ao seu redor. Ninguém toma uma atitude, aquele tão belo açude “lá” tão feio que dá dó. (Um ponto turístico- João Gonçalves e Vicente Gouveia<sup>34</sup>).

Talvez por isso que, seus moradores se sentem saudosistas ao pensar em um passado em que era possível viver “feliz lá no Bodocongó, com meu barquinho de um remo só. Quando era lua, com meu bem remava à toa. Ai, ai, ai que coisa boa, lá no meu Bodocongó”. (Bodocongó- Humberto Teixeira - Cícero Nunes).

Diante disso, podemos observar na ilustração abaixo, um reflexo de mobilização de alguns moradores em torno da revitalização do açude.

Figura 16- "Santo da Terra e o açude de Bodocongó"



Fonte: Ricardo Migliori, 2013

Essa é uma questão muito cara ao local e parte de uma luta diária e constante. Diversas são as reivindicações e reclamações por parte desses moradores em relação ao governo do estado que prometeu a revitalização do açude, mas que segundo eles “ficou só no projeto”. No lugar disso, o governo iniciou as obras do Parque Bodocongó<sup>35</sup> na margem direita do açude em frente a Universidade Estadual da Paraíba. Alguns desses moradores se sentem “desgostosos” pelo fato das obras só se situarem do outro lado onde moram e que “só beneficiará à Universidade”. Tais afirmações são parte de um processo de reflexividade em virtude de no passado às margens do açude servirem enquanto espaço de lazer, onde o movimento de pessoas

<sup>34</sup>A letra da música foi retirada do blog “Nosso Bodocongó”. Disponível em: <<http://nossobodocongo.blogspot.com.br/2013/02/um-ponto-turistico.html>> O vídeo da referida música pode ser visualizado também no Youtube através do endereço eletrônico: <<http://www.youtube.com/watch?v=wlwNBGrKM2>> Acesso em: 02 dez. 2015.

<sup>35</sup>Conferir em: <<http://paraiba.pb.gov.br/governo-do-estado-autoriza-urbanizacao-do-acude-de-bodocongo-nesta-terca-feira/>> Acesso em: 22 set. 2015.

era intenso. Atualmente dizem só ouvir o barulho dos veículos que atravessam a rua Portugal apressadamente. Por outro lado, esse processo em torno da luta pela revitalização do açude de Bodocongó é também reflexo por certo modelo de bairro.

## 2.4 Caracterização territorial do bairro

Bodocongó foi se constituindo ao longo do tempo enquanto espaço rural, formado por aquilo que muitos moradores denominam de roçado, e seu aspecto territorial foram se intensificando. Inicialmente era formado pelas ruas Aprígio Veloso, Portugal, Rua do Meio e Carlos Alberto. Posteriormente sua ocupação foi tomando forma a partir da incorporação de um conjunto de “invasões”, e a questão territorial se apresentou como um dos desafios para a elaboração de políticas sociais voltadas aos interesses de seus moradores. Inclusive, ao conversar com uma antiga moradora do bairro, ela me narra com alguns detalhes sobre esse processo de ocupação nas margens do açude:

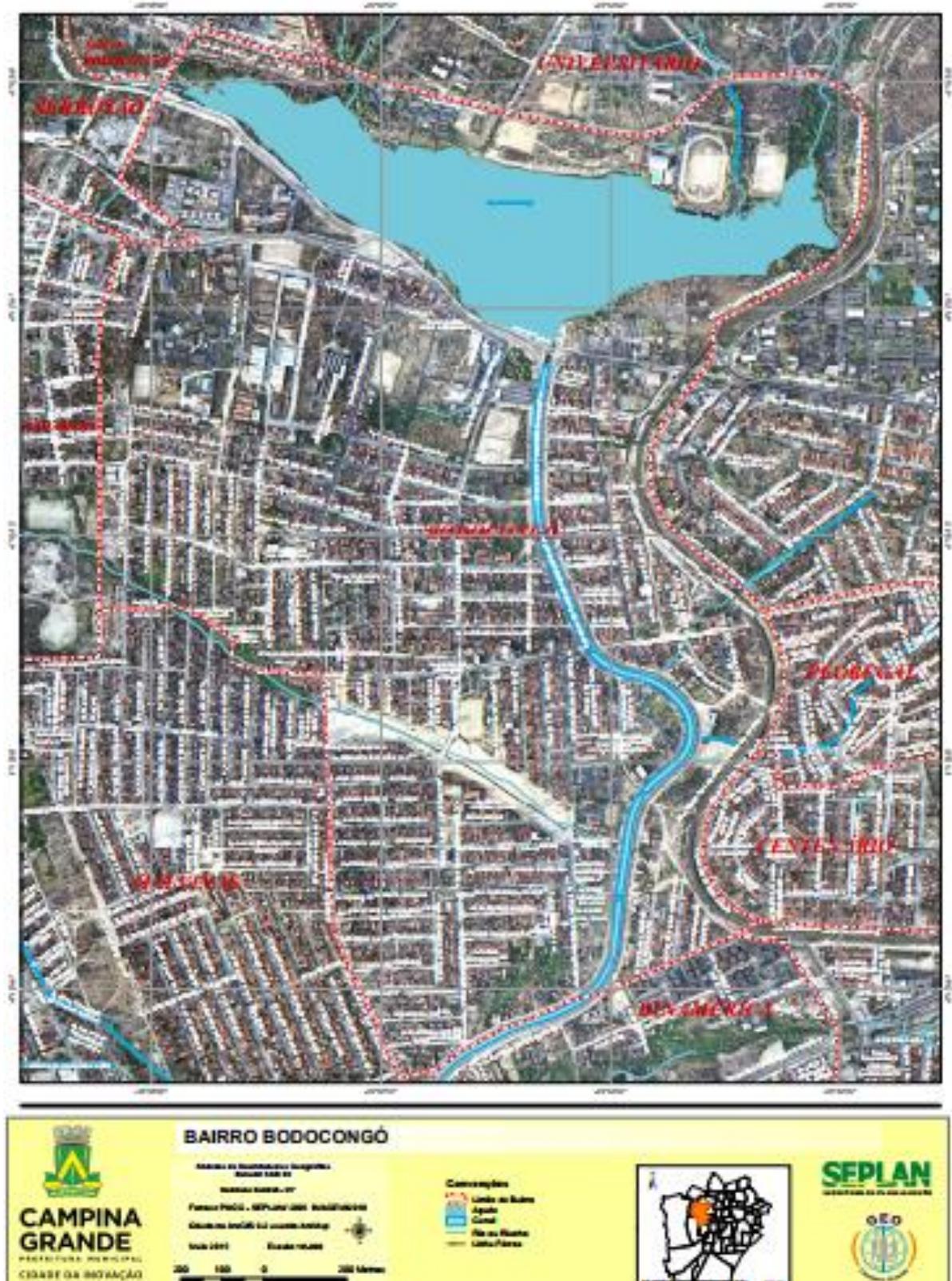
Inicialmente meu vô morou na beira do açude mesmo, tinha umas casinhas, e foi uma invasão na época, que invadiram na beira mesmo do açude. Tinha uma vilinha de casas ali na pista e morava lá a minha vô... minha vô foi uma das primeiras, e o meu avô, aí depois o meu tio, aí um foi morar num sítio, pessoas próximas, foi uma vilinha de casas. A gente morou lá muito tempo até que teve aquela... a construção do canal de Bodocongó, foi quando a gente se mudou pro outro lado da rua né. Porque é na mesma rua. [Eu: Qual é a rua que tua avó mora?] É na mesma rua, Rua Portugal. (Cecília, balconista e estudante de Serviço Social)

Outros moradores mais antigos contam que a outra extremidade do bairro, próximo onde existia o antigo Matadouro Municipal era conhecido como Jardim Bodocongó. Tal denominação eu pude encontrar também entre os registros do livro de atas das reuniões da associação de moradores do bairro (Sociedade Pró Melhoramento do bairro de Bodocongó). Assim, o processo de ocupação demográfica foi se dando progressivamente e os limites da localidade com os bairros vizinhos são marcados por fronteiras demarcadas pelo discurso oficial, presente em mapas desenvolvidos e delimitados pela SEPLAN, bem como pelas fronteiras simbólicas manifestadas pelas narrativas dos moradores. Por isso, foi comum ouvir dos moradores pesquisados que o bairro de Bodocongó é considerado maior do que o discurso oficial. De acordo com Almeida (2010) e com as próprias entrevistas que fiz, muitas pessoas consideram a área em que estão localizadas as Universidades Federal e Estadual como parte de Bodocongó, sendo que tal território é conhecido pelo nome de bairro Universitário. Nesse sentido, é importante refletir e problematizar as delimitações físicas e simbólicas feitas pelos

órgãos públicos, ao mesmo tempo em que devemos atentar para aquelas produzidas pelos próprios moradores. Tendo em vista que ao acionar uma delimitação territorial mais abrangente que o discurso oficial, esses moradores reivindicam não apenas um território físico, mas um espaço marcado pela construção simbólica presente no passado onde construíram as histórias referentes ao bairro e sentimentos de pertencimento, e a identidade narrada em seus discursos quando se autodenominam *bodocongoenses*.

Atualmente o bairro se situa em uma localidade onde podemos encontrar diferentes formas de segregações onde os contrastes sociais são bastante presentes. Por um lado, existem áreas onde encontramos loteamentos irregulares com autoconstruções (a exemplo da comunidade Vila dos Teimosos), conjuntos habitacionais para os moradores de baixa renda; e por outro, encontramos ainda condomínios residenciais fechados situados em áreas bem diversificadas que os separa do restante do bairro através dos seus muros (MAIA, 2010). Assim essas novas formas de segregar a cidade nos permite pensar também em novas formas de sociabilidade do bairro em questão. Para se ter uma dimensão da localidade, podemos visualizar a área territorial do bairro pontilhada em vermelho no mapa:

Figura 17- Bairro de Bodocongó



Fonte: SEPLAN, 2016

No topo do mapa temos o açude de Bodocongó e sua extensão deságua no canal que atravessa o bairro e segue para o bairro próximo, Dinamérica, até o Riacho das Piabas.

Segundo (MEDEIROS et. al, 2012) o bairro de Bodocongó é uma região que carece de políticas públicas, principalmente no que diz respeito à infraestrutura (saneamento básico, ruas pavimentadas), segurança e etc. Todavia, se faz necessário destacar que o bairro é bastante heterogêneo em que encontramos de um lado pessoas que possuem um melhor poder aquisitivo e dispõem de melhores condições de infraestrutura, e de outro temos pessoas mais carentes residentes também em áreas não pavimentadas, ausência de esgotamento sanitário dentre outras coisas. De um modo geral, a população residente em Bodocongó se situa em uma faixa entre uma classe média e classe média baixa. Abaixo podemos visualizar melhor alguns elementos que caracterizam o território do bairro:

Tabela 1- Caracterização territorial do bairro de Bodocongó

Distância do Marco Zero (1):	3,45 Km
Área Territorial	2,97 Km <sup>2</sup>
Densidade Demográfica	4642 Habitantes/Km <sup>2</sup>
Perímetro	8,55 Km

Fonte: Censo Demográfico, 2010

Quanto ao aspecto demográfico, a população é bem diversificada e a maioria dela é constituída por mulheres e pessoas com idades entre 18-60 anos ou mais, mas cerca de 49% desses indivíduos estão situados em faixas etárias entre 25-59 anos. Outros dados demográficos (sexo, idade e raça) podemos observar na tabela 2:

Tabela 2- Demografia do bairro de Bodocongó

População residente	13788 habitantes
População por sexo	Porcentagem de habitantes
Feminina: 7254	52,61%
Masculina: 6534	47,39%
População por faixa etária	Porcentagem de habitantes
0-4 anos: 837	6,07%
5-14 anos: 2085	15,12%
15-17 anos: 661	4,79%
18-24 anos: 1805	13,09%
25-59 anos: 6807	49,37%
60 anos e mais: 1593	11,56%

População por cor ou raça	Porcentagem por habitantes
Branca: 5853	42,45%
Preta: 535	3,88%
Parda: 7238	52,49%
Amarela: 154	1,12%
Indígena: 8	0,06%

Fonte: Censo Demográfico, 2010.

Abrindo um parêntese na discussão, um dado que nos chama a atenção na tabela anterior, diz respeito à população negra existente no bairro. De acordo com os dados relativos à “população por cor ou raça” e a porcentagem por habitantes, temos cerca de 56,37% da população de Bodocongó constituída por pessoas negras, ou seja, a soma da população que se identifica enquanto preta, constituída por 3,88% (535) pessoas e a população que se diz parda formada por 52,49% de indivíduos (7238). Sobre essa população, devemos lembrar que ela tem sido vitimada pelos altos índices de homicídios ao longo do tempo na sociedade brasileira. De acordo com Marques (2014) a Paraíba possui altos índices de violência homicida contra a população negra, em torno de 19 pessoas negras que morrem para cada pessoa branca. Além disso, o autor afirma que:

Campina Grande também possui dados exorbitantes de vitimização desigual por raça e por território. A violência homicida na cidade atinge preferencialmente, ou quase exclusivamente, determinados grupos sociais: homens, jovens negros, solteiros, de baixa escolaridade, moradores de periferia (MARQUES, 2014:99).

Nesse sentido, esses dados revelam o grande desafio que temos que enfrentar em torno da violência que tem se manifestado em nossos dias, e afetado especialmente determinados grupos de nossa sociedade.

Outro aspecto que devemos levar em consideração é que o bairro de Bodocongó está localizado na zona oeste da cidade de Campina Grande, Paraíba, e situado em uma área tida como periférica do município. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) o bairro conta com um pouco mais de 13 mil habitantes, e está localizado próximo à saída para o sertão paraibano. Bodocongó está limitado ao norte com os bairros Universitário e o Novo Bodocongó, ao sul com as Malvinas e Dinamérica, a Leste pelo Pedregal e Centenário e a Oeste com a Ramadinha (1 e 2) e o Serrotão. Dentre os vizinhos do bairro de Bodocongó, o Pedregal, a Ramadinha, o Serrotão (bairro onde se localiza o Presídio do Serrotão) são bairros colocados, tanto pelo senso comum, quanto pela mídia local, sob o estigma de locais de “risco” e “perigo” devido aos índices de violência. As estatísticas também cumprem o papel de reforçar

tal estigma através de seus “mapas da violência<sup>36</sup>”.

Atualmente o bairro é caracterizado pela presença de muitos bares, lanchonetes, mercadinhos, salões de beleza, padarias, casas de material de construção, postos de saúde, igrejas católicas e evangélicas, escolas públicas e particulares, pontos de moto táxi que se constituem enquanto pontos de encontro, de sociabilidade e de passagem de muitos moradores e de pessoas de bairros vizinhos. Algumas ruas são bastante conhecidas pelos moradores, a exemplo da Rua Portugal; Rua do Meio (João Rodrigues); a Rua Floripes Coutinho, conhecida também como rua do cemitério, uma das ruas mais extensas e com uma variedade de residências e comércio local; a Aprígio Veloso, dentre outras. É interessante que o bairro em questão é bastante conhecido por ter escolas públicas (municipais e estaduais) e particulares, o CTCC (Centro de Tecnologia do Couro e do Calçado Albano Franco), fábricas de calçado, um tradicional mercado público, e mais recentemente a AACD<sup>37</sup> (Associação de Assistência à Criança Deficiente) e etc.

Diante desse cenário, o bairro outrora considerado operário, hoje atualmente possui característica residencial. Além disso, possui diferentes comércios descentralizados em algumas ruas principais, e uma centralização de empreendimentos destinado a comercialização de frutas, verduras, mercados de pequeno porte, correspondentes bancários, lojas de roupa na Rua Carlos Alberto, região mais conhecida por feirinha de Bodocongó.

## **2.5 Passos para a construção do objeto de pesquisado**

Diante do cenário apresentado, a reflexão sobre o contexto do passado do bairro se fez necessária para compreendermos a maneira pela qual as pessoas percebem seu bairro hoje em dia. O resgate sobre a memória local se fez necessário, tendo em vista a própria lógica de uma articulação com um resgate do passado, que esses moradores procuraram (re) construir laços de pertencimento refletidos em suas práticas cotidianas nas diferentes esferas das quais fazem parte. Assim, a memória se apresentou nas narrativas dos moradores, de um lado, como constituinte do mundo presente, e por outro, enquanto “nostalgia do passado”. Em suma, ela se

---

<sup>36</sup> De acordo com uma pesquisa realizada pela 1ª Delegacia Seccional da Polícia Civil de Campina Grande, considerando as taxas de homicídios por habitante em 2014, o bairro da Ramadinha foi considerado o “mais violento”, pois apresentou “quatro homicídios e apenas 2.463 moradores, o bairro obteve uma taxa de 162, 40 Crimes Violentos Letais Intencionais (CVLI) para 100 mil habitantes”. Segundo os pesquisadores Frankneyson Barbosa e Eugênio Bortoluzi essa taxa é muito além do recomendado pela ONU que é de 10 para a mesma população. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2015/05/estudo-faz-mapeamento-dos-homicidios-em-campina-grande.html>> Acesso em: 02 dez. 2015.s

<sup>37</sup> Em 2016 ainda era a sede da AACD, mas atualmente se transformou no C.E.R.- Centro Especializado em Reabilitação.

expressou no modo como enxergam a si mesmos e aos seus pares enquanto moradores de Bodocongó. Nesse sentido, ao atribuir os significados de medo e violência em Bodocongó, esses moradores faziam uma conexão entre as percepções do passado do bairro e o modo como enxergam e percebem o local hoje em dia.

Diante desse cenário poderia ser questionada que o tema violência é bastante recorrente em diversos estudos sobre cidades que têm sido impactadas por esse fenômeno aliado ao medo em seu cotidiano e afetando seus habitantes de diferentes formas. Mas qual a novidade de falar sobre violência e medo em cidades? O que Bodocongó fala sobre a realidade brasileira? Qual a novidade da violência em Bodocongó? “Martelando” essas indagações me coloquei no desafio de tentar apreender e desvelar o cotidiano vivenciado pelos moradores de Bodocongó durante os meses que estive em campo pesquisando, somado a minha experiência enquanto ex-moradora do bairro. E pesquisar no bairro onde morei me coloca no desafio de tentar compreender o modo pelo qual a violência e o medo se retroalimentam e interferem no cotidiano dos moradores do bairro.

A escolha por essa temática e pelo local de pesquisa se confunde com a vivência de aproximadamente 17 anos em Bodocongó, bem como com a minha trajetória desde a graduação. Ao longo de diversas experiências no bairro e o acesso a teorias quando cursava Ciências Sociais (UFCG) pude construir aquilo que entendo por medo e violência. Diversos autores se debruçaram sobre conceitos, análises e abordagens teóricas sobre o assunto. Mas ao decidir por fazer o mestrado a minha curiosidade foi a de tentar compreender a percepção dos outros moradores do bairro. De que maneira os moradores e moradoras de Bodocongó percebem, conceituam e vivenciam o medo e a violência? Tais percepções têm, de fato, modificado o modo pelo qual praticam o bairro onde moram? Em torno dessas dúvidas que me lancei “no meu barquinho de um remo só” desde a Florípes à Feirinha, do Canal ao 263<sup>38</sup>, muitas vezes solitária percorrendo diversas ruas, observando os muros das casas, as fachadas das lojinhas, bodegas e mercadinhos. Conversando com Dona Maria, as moças da farmácia, o rapaz da verdura. Muitas vezes tracei em mapas as rotas, os dias e horários que iria pesquisar sob a proteção dos meus: “cuidado por onde tu vai passar”.

Pensando nisso, ao mesmo tempo em que me via diante de estudos que falavam de alguma forma sobre a temática que estava estudando, eu também tive que lidar com os cuidados dos meus familiares quanto a andar sobre determinados cantos, principalmente por que às vezes andava muitos metros até ir ao campo de pesquisa. Dessa forma, lidar com o tema violência e

---

<sup>38</sup> Linha de ônibus que faz a rota em Bodocongó pela empresa Nacional na cidade de Campina Grande.

medo me colocou sempre em um processo de reflexividade diante de diversas narrativas sobre aquilo que estava me dispendo a estudar mais detidamente.

É sabido que as diferentes narrativas do medo e da violência têm pintado as telas das cidades brasileiras, cobrindo com diferentes cores o imaginário e as sociabilidades da população do país. Mas uma coisa me chama a atenção: se por um lado afirmamos que a violência em seu caráter negativo se constitui enquanto um problema social, uma ruptura com os valores estabelecidos entre os indivíduos em um determinado contexto e que por isso pode ser visto enquanto uma desordem, por outro lado, muitas vezes tais narrativas do medo e da violência funcionam enquanto uma linguagem que orienta as ações dos indivíduos em uma determinada coletividade. Assim, na pesquisa que realizei em Bodocongó, pude perceber que ao mesmo tempo em que os moradores, cada um a sua maneira, temem a violência, o medo funciona enquanto estratégia de tentar lidar com ela, bem como constitui enquanto um mecanismo de manter o estado atual das coisas. Nesse sentido, nesse trabalho, tentei mais detidamente compreender de que forma os moradores de Bodocongó utilizam de determinados mecanismos de defesa no seu cotidiano e no bairro onde moram. Assim, mesmo que o foco não tenha sido um contato mais direto com os supostos “praticantes da violência”, tive o cuidado de tentar refletir também esse outro lado da moeda, não em termos de uma dualidade, mas de um modo relacional.

Assim, a violência e o medo significado pelos *bodocongoenses* foram adornados ao longo do tempo e ressignificado diante da atual vivência que estes têm no bairro onde moram. Posteriormente teremos a possibilidade de nos debruçarmos com maior atenção sobre essas representações desses moradores, mas no momento podemos afirmar que a violência em suas mais variadas formas de expressão é praticada em alguns locais outrora pouco perceptíveis, como é o caso de alguns pontos do açude de Bodocongó, na Rua do Meio, na Rua da atual Coopapel (antiga Ipelsa), na rua onde está localizado o SENAI, dentre outros locais. Ao mesmo tempo o medo é refletido diante daquilo que é considerado “estranho”, “esquisito”, e mediado pelas alterações que o próprio bairro atravessou ao longo de sua história.

No próximo tópico procurarei expor os caminhos metodológicos que tracei para construir meu objeto de pesquisa, na busca de desvendar os significados de medo e violência para os moradores de Bodocongó.

## **2.6 Métodos para “desvendar” o bairro de Bodocongó**

Ao propor um estudo sobre as representações de medo e violência no cotidiano dos

moradores do bairro de Bodocongó, me coloquei no desafio de estabelecer certos caminhos metodológicos<sup>39</sup> que permitiram construir o objeto de pesquisa escolhido. Tal estudo se coloca dentro da perspectiva da antropologia urbana em um constante diálogo com a antropologia mais clássica que nos ensina que fazer pesquisa de campo consiste em estabelecer relações pessoais com pessoas que muitas vezes não conhecemos, mesmo que o contexto escolhido como lócus de pesquisa me pareça familiar, mesmo assim não é possível ter uma dimensão completa dos diferentes lugares, dos diferentes grupos e das pessoas que lá habitam. Nesse sentido, mesmo que a minha presença enquanto ex-moradora se apresentou enquanto um meio facilitador para entrar em contato com muitos moradores, ao mesmo tempo o meu papel enquanto estudante e pesquisadora foi um constante desafio na medida em que tive o cuidado e a sensibilidade de pedir permissão para acessar as vivências dos moradores, o seu cotidiano, suas dores, suas alegrias a partir de constantes diálogos e negociações.

Na pesquisa foi constante o processo de troca, do estabelecimento de laços, às vezes de conflito ou interdições. Nesse sentido (BEAUD e WEBER, 2014: 42) consideram que “não se deve nunca conceber seu assunto de pesquisa como algo fixo, fechado, definitivo, fechado a cadeado, pois isso conduziria por longo tempo a ser carregado como grilhão”. Dentro dessa lógica (AGIER, 2015: 73) argumenta que:

Entre a identidade e a alteridade, o mesmo e o diferente, entre os outros e eu, as coisas acontecem lentamente, sequências de vida que deixam literalmente suas impressões na memória, às vezes, no caderninho de anotações do etnólogo. Por falar nisso, convém recorrer a um conjunto de palavras que constroem laços, designam e precisam que é este “campo vago” dos encontros: mediações, passagens, cruzamentos, trocas.

Dessa forma, a pesquisa em tela esteve pautada em uma **abordagem qualitativa**, pois concordamos com (MINAYO, 2007) e acreditamos que este tipo de metodologia nos ajuda a compreender os significados e as intencionalidades que estão presentes nas ações dos indivíduos, que são construídas a partir de estruturas de significações que dão sentido à vida dos atores sociais, e que ajudam a configurar práticas e valores sociais, entre elas as sociabilidades, os significados de medo e violência para os moradores de Bodocongó. Nesse sentido,

Na pesquisa qualitativa a preocupação do pesquisador não é com a representatividade numérica do grupo pesquisado, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, de

---

<sup>39</sup> Bauer e Gaskell (2005:18) refletem sobre o pluralismo metodológico para a compreensão dos acontecimentos sociais. Assim, a “investigação da ação empírica exige a) a observação sistemática dos acontecimentos; inferir os sentidos desses acontecimentos das (auto-) observações dos atores e dos espectadores exige b) técnicas de entrevista; e interpretação dos vestígios materiais que foram deixados pelos atores e espectadores exige c) uma análise sistemática”.

uma instituição, de uma trajetória etc. (GOLDENBERG, 2004:14).

Dentro dessa perspectiva (ANGROSINO, 2009: 9) acredita que uma parte importante da pesquisa de caráter qualitativo está “baseada em texto e na escrita, desde notas de campo e transcrições até descrições e interpretações, e, finalmente, à interpretação dos resultados e da pesquisa como um todo”.

Dessa forma, a **observação participante** (MALINOWSKI, 1984) do cotidiano dos moradores do bairro Bodocongó me possibilitou também um contato com esses atores, permitindo apreender seus comportamentos e formas de interação no bairro onde residem. Assim, ao mesmo tempo em que observava e participava pude interagir diariamente com as pessoas em estudo (ANGROSINO, 2009: 46). Pois através da observação participante, o pesquisador tem a possibilidade de ter um contato direto com o fenômeno estudado, bem como tem a possibilidade de obter informações acerca da realidade dos atores sociais em seus próprios contextos (GERHARDT e SILVEIRA, 2009), tendo em vista que ela se assenta “sobre universos de relações” (BEAUD e WEBER, 2014: 31). Além disso, a observação participante se trata de uma imersão em uma cultura de forma a apreendê-la e, ao mesmo tempo, compreender melhor a nós mesmos (GOLDENBERG, 2004: 23). Em suma, “estabelecer e manter vínculos é essencial para a condução da pesquisa etnográfica realizada com base em observação participante” (ANGROSINO, 2009: 52).

Além disso, o uso do diário de campo foi fundamental para o registro de dados e informações que foram surgindo no trabalho de campo. Nele pude descrever as experiências, as curiosidades, observações e reflexões dos eventos etnográficos (GERHARDT & SILVEIRA, 2009). E no caso específico da pesquisa em questão, o diário de campo consistiu em uma das principais ferramentas para “descrever os lugares, os eventos, as pessoas e as coisas”, atentando para a compreensão e apreensão da “linguagem nativa”, atentando que ela “pode assumir diferentes formas” de acordo com o contexto pesquisado (BEAUD e WEBER, 2014: 47-49; 66).

Destarte, a produção **etnográfica**<sup>40</sup> foi um fator importante para a proposta de estudo, na medida em que foi preciso ir além daquilo que era ouvido já que os atores sociais agem através dos gestos e não explicitam diretamente em suas falas. E, acredito ser esse um desafio que foi enfrentado, na medida em que muitas vezes foi preciso ter atenção ao controle das

---

<sup>40</sup> Nas palavras de Malighetti (2004:111) o exercício da etnografia é um contínuo esforço de reelaboração daquilo que o pesquisador escreve, de transcrição: “produzindo um texto compósito que reúne várias formas de fontes escritas, dos diários às notas de campo, das transcrições das palavras dos interlocutores às outras etnografias e aos outros tipos de texto”.

impressões, pois:

Fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de construir uma leitura de) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentário tendenciosos, escrito não como sinais convencionais do som, mas como exemplos transitórios de comportamento modelado (GEERTZ, 1989: 20).

Nesse sentido, o método etnográfico possibilitou mergulhar no universo pesquisado a partir das observações das relações sociais estabelecidas entre os *bodocongenses*. Tendo em vista que a etnografia é um “estudo realizado através da observação direta. É uma proposta qualitativa construída a partir da inserção na realidade do diálogo entre o pesquisador e o pesquisado, nesse sentido, a observação cuidadosa do cotidiano torna-se uma importante fonte de pesquisa” (DA SILVA, 2006: 64). Além disso,

A tarefa da pesquisa etnográfica pode ser vista como um sistema que envolve a interação social entre o etnógrafo e seus sujeitos. Considerando como um aspecto básico de interação o controle de impressão e tem, portanto, tanto significado metodológico quanto substancial para os etnógrafos. (BERREMAN, 1980: 141).

Vale salientar também que senti a necessidade de desenvolver uma autoetnografia, considerando o meu duplo papel de ex moradora e pesquisadora, levando em consideração a minha subjetividade num esforço contínuo de reflexividade e um “constante olhar a si mesmo e do ‘outro próximo’ a partir de experiências muitas vezes compartilhadas”. Nesse sentido, (ANGROSINO, 2009: 104) reforça que a

Autoetnografia, ou "narrativa do *self*", é uma forma literária híbrida em que o pesquisador usa a sua própria experiência pessoal como base de análise. As autoetnografias são caracterizadas por evocação dramática, poderosas metáforas, personagens intensos, frases incomuns e a retenção da interpretação para convidar o leitor a reviver as emoções experimentadas pelo autor.

Ao mesmo tempo, o olhar, o ouvir e escrever, tão importantes no trabalho etnográfico, fez parte do exercício de pesquisa, tendo em vista que:

[...] o olhar e o ouvir constituem a nossa percepção da realidade focalizada na pesquisa empírica, o escrever passe a ser quase indissociável focalizada no nosso pensamento, uma vez que o ato de escrever é simultâneo ao ato de pensar (CARDOSO DE OLIVIERA, 2006: 32-33).

Outrossim, como parte das minhas escolhas metodológicas, decidi realizar entrevistas com alguns moradores de Bodocongó. Ao todo entrevistei 10 pessoas. Dentre elas, 6 mulheres e 4 homens com idades entre 29 e 79 anos. Abaixo podemos visualizar o perfil<sup>41</sup> dos moradores

---

<sup>41</sup> As variáveis sexo, idade e escolaridade foram fundamentais para a compreensão do modo pelo qual esses moradores que participaram da pesquisa significam medo e violência. Assim, podemos considerar que as mulheres

com base na idade, escolaridade e profissão/ocupação atual:

Quadro 1- Perfil dos moradores entrevistados

Entrevistado (a)	Idade	Escolaridade	Profissão/ocupação
Cecília	29 anos	Cursando Serviço Social	Balconista
Raul	38 anos	Formado em Filosofia	Professor de Libras e filosofia
Tereza	32 anos	Ensino Médio Completo	Dona de casa atualmente
Vitória	29 anos	Formada em Filosofia	Estudante
Laura	52 anos	Cursando Enfermagem	Técnica em enfermagem e presidente da SAB de Bodocongó
Pedro	60 anos	Ensino Médio completo	Aposentado
Rita	76 anos	Ensino Fundamental	Aposentada
Miguel	79 anos	Ensino Fundamental	Aposentado
Aurora	63 anos	Ensino Médio Completo	Merendeira e comerciante
Antonio	65 anos	Ensino Médio Completo	Comerciante

Fonte: Pesquisa de Campo, 2016

É importante mencionar também que a escolha dos moradores se deu pelo seu tempo de moradia na localidade, e que esteve situada em uma faixa de 24 e 61 anos. Assim, o tempo de moradia foi um fator importante, por considerar que essas pessoas, ao longo do tempo em que residem no bairro, acompanharam de modo significativo as mudanças sofridas pela localidade e também transformaram a maneira como enxergam esse espaço no contexto atual.

Nesse sentido, decidi mesclar dois tipos de entrevistas com esses moradores, tais sejam: as entrevistas semi-estruturadas (com base em um roteiro, a partir de um conjunto de questões baseadas na temática estudada), que permitiu que os moradores entrevistados pudessem relatar livremente sobre as questões que fossem surgindo; e as entrevistas narrativas, que contribuíram na busca de compreender suas percepções a respeito da violência e o modo pelo qual isso tem influenciado em suas sociabilidades no bairro onde moram, e isso foi importante para compreender a maneira como esses atores articulam suas relações. Nesse sentido, a entrevista narrativa me auxiliou a “reconstruir acontecimentos sociais a partir da perspectiva dos informantes, tão diretamente quanto possível” (SCHUTZE, 1977; apud BAUER e

---

entrevistadas são, em certo sentido, mais expostas a tais fenômenos, razão pela qual muitas delas dizem que se sentem mais “protegidas” quando estão acompanhadas. No que concerne à idade, pude verificar que quanto maior a idade dessas pessoas e sua maior ou menor exposição nos espaços públicos contribui significativamente para a mudança de percepção acerca dos fenômenos estudados. E no que diz respeito à escolaridade, quanto maior o acesso a determinadas informações as significações de medo e violência serão mais elaboradas.

JOVCHELOVITCH, 2002:93). E ao aliar entrevistas semi-estruturadas e entrevistas narrativas, pude, ao mesmo tempo, direcionar um tópico mais focado, através do ordenamento de certas perguntas verbalizadas aos moradores no momento do contato e, por outro lado, os próprios moradores, a partir de um tópico principal baseado em uma linguagem cotidiana narraram suas histórias de vida em profundidade, enfatizando acontecimentos que consideravam relevantes a partir de sua visão de mundo (BAUER e JOVCHELOVITCH, 2002), principalmente no modo pelo qual as transformações do bairro provocou um efeito diferente nos próprios moradores.

Devo acrescentar que a dinâmica do uso dos dois tipos de entrevistas foi se adequando com cada morador escolhido para participar da pesquisa. Assim, para coletar dados a exemplo da idade e profissão, preferi iniciar com a entrevista semi-estruturada; e posteriormente usava o tópico principal da entrevista narrativa. Nesse sentido, em cada um dos encontros com os moradores utilizei os dois tipos de entrevista. Ademais, em todas elas eu pedia a autorização do morador ou moradora para gravar em meu celular o conteúdo da conversa para futuras análises do meu trabalho.

Além disso, um fato curioso aconteceu durante as negociações com alguns moradores ao convidá-los para as entrevistas. A minha proposta era fazer essas entrevistas da forma mais usual, ou seja, presencialmente. Então negocie com 7 moradores ir em um dia e horário em que estivessem disponíveis em suas residências. Com três desses moradores estabeleci contato através do *Facebook* e acabei descobrindo que, diferentes das outras pessoas, eles tinham uma agenda mais “corrida” em seu cotidiano, e uma das alternativas foi que poderíamos conversar pela referida rede social. Assim ao entrar em contato com essas três pessoas e esclarecer os objetivos da pesquisa, elas se dispuseram e ficaram interessadas em contribuir com o trabalho, acontece que Raul e Cecília, por exemplo, ficavam o dia inteiro em suas atividades profissionais, chegando apenas no período da noite, enquanto que Tereza tinha uma filhinha pequena e que necessitava de seus cuidados em tempo integral. Diante desses impasses, sugeri que poderíamos conversar *online* pela ferramenta de vídeo, em um horário vago em suas rotinas. Assim, o uso dessa ferramenta foi uma forma que se demonstrou viável e ao mesmo tempo cômoda para essas pessoas e eu que pesquisava, tendo em vista que no conforto de nossas casas pudemos através da virtualidade olharmos uns nos olhos dos outros e dialogarmos sobre suas histórias de vida.

Nesse sentido, às vezes o campo exige que nós façamos caminhos diferentes dos quais havíamos planejado, tendo em vista que “as pesquisas etnográficas quase sempre nos reservam surpresas positivas e negativas, encontros e desencontros” (SILVA, 2014: 9). Assim, ir a um “campo virtual” foi uma das alternativas encontradas para acessar as vivências dessas pessoas

e adequar essas ferramentas virtuais enquanto uma aliada para as minhas reflexões futuras, me fazendo também problematizar quais os limites, vantagens e desvantagens de seu uso em uma pesquisa antropológica.

Além disso, o mesmo cuidado que tive ao entrar em contato com os outros moradores, os quais entrevistei em suas residências, a mesma cautela tive que ter com essas pessoas que entrevistei pela *Internet*, tendo em vista que

[...] também no "mundo virtual" é preciso estabelecer relações com as pessoas aos poucos, tornar-se parte do grupo, cativar sua confiança e ser aceito por ele para que as pessoas se disponham a perder seu tempo com você e seus interesses (AMARAL, 2003: 5).

Pois mesmo que eu conhecesse, especialmente essas três pessoas de outros ambientes, o fato de não as vê-las há muito tempo, exigiu de mim o mesmo cuidado.

Assim, o uso das entrevistas via *Facebook* se tornou uma ferramenta viável, tendo em vista que nós pesquisadores, quando necessário, podemos adequar essas ferramentas aos nossos propósitos de pesquisa, e para que isso seja possível “é importante que aprendamos a explorá-los e a usá-los quando tal uso for adequado, ou mesmo necessário, para os nossos objetivos de pesquisa” (NICOLACI-DA-COSTA E DI LUCCIO, 2008: 38). Além disso, o *Facebook* enquanto uma ferramenta de interação através do qual podemos nos comunicar de diferentes formas mediadas por um computador, ou ainda por um smartphone, *tablet* ou afins, foi de fundamental importância para compartilhar com esses moradores diferentes experiências de vida e uma forma de me aproximar de suas vivências. Pois, estas três pessoas já estavam inseridas no meu grupo de pessoas conhecidas no “mundo real” e também faziam parte do meu grupo de amigos “virtuais”, pois conhecia de outros ambientes como escola e igreja, mas que não os via há muitos anos.

Assim, através das telas do computador pude observar seus gestos, omissões, momentos de alegria e também de tensão quando relatavam sobre medo e violência, parecido com as outras entrevistas que fiz presencialmente. Além disso, as eventuais interrupções de outros familiares que circulavam em suas casas, foram comuns nas entrevistas presenciais e virtuais. Dentre as desvantagens que tive nessas experiências foram alguns ruídos que surgiam durante nossas conversas, que implicava em ter que repetir novamente algumas informações. Mas uma das vantagens das entrevistas por *Facebook* foi a possibilidade de conversar com essas pessoas em horários “inoportunos” como o período da noite, considerando também a minha segurança e a dos meus entrevistados caso fosse conversar com eles no período noturno, diante dos supostos riscos durante o meu trajeto à casa dos moradores, razão essa de decidir realizar as entrevistas

presenciais na parte da tarde.

Assim, como as entrevistas presenciais, as entrevistas *online* foram conversas muito proveitosas, e o uso do *Facebook* me auxiliou nesse sentido pela facilidade de manter um contato posterior à entrevista. Outrossim, devo acrescentar que duas das pessoas entrevistadas saíram do bairro há pouco tempo, mas achei interessante conversar com elas por serem atores muito ativos nas mobilizações da localidade e que contribuíram de maneira positiva para a construção da pesquisa.

Além disso, as conversas informais também fundamentaram a pesquisa de campo, o que possibilitou uma abertura mais “relaxada” dos moradores para compartilhar comigo suas vivências e percepções. Sobre isso, concordamos com (BAUER E GASKELL 2005: 21) quando afirmam que “Na pesquisa social, estamos interessados na maneira como as pessoas espontaneamente se expressam e falam sobre o que é importante para elas e como elas pensam sobre suas ações e as dos outros”. Pois acredito que esse contato com os moradores permite não apenas coletar dados, mas estabelecer um diálogo interpretativo, tendo em vista que “o outro é capaz de fazer formulações explicativas de alta relevância<sup>42</sup>”. Em resumo, entrevistar os moradores de Bodocongó nos ajuda a “sondar significados, explorar nuances, capturar as áreas obscuras que podem escapar às questões de múltipla escolha que meramente se aproximam da superfície do problema” (ANGROSINO, 2009: 62).

Através de suas narrativas e apoiada nos tópicos centrais das conversas dos moradores, construí mapas baseados em seus deslocamentos no bairro; lugares de perigo e medo. Fiz isso a partir de croquis desenhados à mão com base em mapas do bairro auxiliada por ferramentas virtuais a exemplo do *Google Maps* através de capturas de tela (*Print Screen*) dos locais mencionados pelos moradores.

Realizei um levantamento sobre os aspectos socioeconômicos do bairro a partir de um mapeamento de dados atuais sobre Campina Grande e sobre o bairro de Bodocongó a partir de arquivos presentes na Prefeitura Municipal de Campina Grande e em outras fontes secundárias; além disso, fiz o registro fotográfico do local, priorizando algumas ruas, comércio local, calçadas e casa dos moradores com a finalidade de desvelar o cotidiano local lançando um olhar crítico sobre as sociabilidades e estratégias de proteção dos moradores.

Diante de tal apresentação sobre o cenário, os problemas, os recursos metodológicos e as motivações para realizar tal estudo, convido o (a) leitor (a) a acompanhar os caminhos traçados para construir o objeto de pesquisa a partir da reflexão do papel da antropologia e de

---

<sup>42</sup> Fala de José Souza Martins na Aula Magna de 2012- PPG Antropologia Social UFRGS. Disponível em: [http://www.youtube.com/watch?v=aK\\_15Epp3Bw](http://www.youtube.com/watch?v=aK_15Epp3Bw)> Acesso em: 24 jul. 2015.

outros estudos voltados à compreensão da violência e do medo, para posteriormente trazermos à luz a perspectiva de tais questões a partir do olhar dos moradores de Bodocongó.

### 3 CAPÍTULO 2- ANTROPOLOGIA URBANA, A CIDADE E SEUS DESAFIOS: EM BUSCA DOS SIGNIFICADOS DE MEDO E VIOLÊNCIA

Açude de Bodocongó



Fonte: Imagens do *Google*

No capítulo 1 desenhamos alguns passos percorridos durante o processo inicial da pesquisa para que no final desta dissertação nós possamos compreender o modo pelo qual os moradores de Bodocongó “conceituam” a violência e o medo a partir das suas experiências em seu cotidiano. Isso se parece com aquilo que Alba Zaluar (1983: 252) procurou entender como os moradores de uma localidade impactada com a criminalidade, definem o banditismo, a criminalidade, a violência e as categorias que utilizam para expressar esses fenômenos.

Nesse sentido, se a violência e o medo são elementos essenciais que nos ajudam a pensar a maneira pela qual os/as moradores/as de Bodocongó experimentam o bairro onde moram e a cidade em que vivem, ao mesmo tempo essas duas categorias são fundamentais para analisarmos a forma pela qual elas organizam as relações desses indivíduos com o espaço público, com as pessoas mais próximas, com os “conhecidos”, os “desconhecidos”, com suas casas, estabelecimentos etc.

Dito isso, não resta dúvida de que a violência estampada nas matérias de jornais, na TV, nas postagens da *internet*, nas conversas entre amigos, vizinhos e familiares já se tornou algo recorrente no nosso dia a dia; por sua vez, “o medo permanente de ser assaltado em casa ou na rua ou no trabalho começa a levar as pessoas a mudarem de hábitos nas comunicações interpessoais com desconhecidos, fechando-se em casa e evitando outras pessoas” (KOURY, 2011: 476).

Acrescentamos que, a violência e o medo são elementos que acompanham a humanidade desde tempos remotos. Podem se expressar em espaços rurais, nas cidades e em outros territórios. Neste estudo, nos referimos as significações que são atribuídas a elas em um bairro popular, localizado em uma cidade com características urbanas. Sendo assim, acredito ser importante nos debruçarmos neste Capítulo 2 sobre os esforços teóricos urbanos e sobre cidade, pois nos ajudam a pensar sobre o debate que estamos fazendo. Vejamos.

### **3.1 Refletindo sobre os espaços urbanos e cidades: Escola de Chicago e a Antropologia Urbana brasileira**

Os espaços urbanos, cada um a seu modo, possuem especificidades diversas e manifestações sociais das mais variadas possíveis, e que tal complexidade se constitui enquanto parte do interesse de muitos pesquisadores em desvendá-los cada vez mais. Os estudos sobre cidades, por exemplo, são compostos por diferentes reflexões acerca dos fenômenos que se manifestam nos diferentes espaços que as constituem.

A Escola de Chicago<sup>43</sup> foi um exemplo de um espaço de formulações e investigações de autores preocupados em compreender a cidade enquanto um campo de pesquisa frutífero. De acordo com Robert Park (1967: 3 apud HARVEY, 2008: 1) a cidade pode ser descrita enquanto:

[...] a mais consistente e, no geral, a mais bem-sucedida tentativa do homem de refazer o mundo onde vive de acordo com o desejo de seu coração. Porém, se a cidade é o mundo que o homem criou, então é nesse mundo que de agora em diante está condenado a viver. Assim, indiretamente, e sem nenhuma ideia clara da natureza de sua tarefa, ao fazer a cidade, o homem refaz a si mesmo.

Além disso, segundo Louis Wirth (1979: 96), em termos sociológicos

uma cidade pode ser definida como um núcleo relativamente grande, denso e

---

<sup>43</sup> De acordo com Rogéria Campos de Almeida Dutra e Nádia Oliveira Vizotto Ribeiro (2013:137-138) a conhecida “Escola de Chicago representa um grupo de pesquisadores e professores do Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade de Chicago entre o final do século XIX e princípio do século XX, e se constitui como a principal influência para os posteriores estudos na área da Antropologia Urbana”.

permanente, de indivíduos socialmente heterogêneos. Com base nos postulados que essa definição tão pequena sugere, poderá ser formulada uma teoria sobre o urbanismo à luz dos conhecimentos existentes, relativos a grupos sociais.

Diante de tal perspectiva encontramos na definição de Wirth elementos como tamanho, densidade e a presença de coletividades socialmente heterogêneas que permitem pensar em uma teoria acerca do urbanismo a partir do conhecimento produzido através da compreensão das coletividades humanas.

Diante disso, podemos afirmar que a cidade enquanto espaço que está constantemente sendo (re) feito através dos atores sociais, tanto individualmente quanto coletivamente, “fazemos nossa cidade através de nossas ações diárias e de nossos engajamentos políticos, intelectuais e econômicos” (HARVEY, 2008: 8). E mais ainda, Park (1979: 26) acredita que:

[...] a cidade é um estado de espírito, um corpo de costumes e tradições e dos sentimentos e atitudes organizados, inerentes a esses costumes e transmitidos por essa tradição. Em outras palavras, a cidade não é meramente um mecanismo físico e uma construção artificial. Está envolvida nos processos vitais das pessoas que a compõem; é um produto da natureza, e particularmente da natureza humana.

Percebemos então que, “a cidade” da qual Park fala, longe de ser apenas um espaço físico e inerte, ela é um estado de espírito em que está imbricada diferentes sentimentos e costumes que se reproduzem entre as diferentes gerações. Em outras palavras, a cidade, para ele, atravessa e organiza a vida dos seres que a compõe, e nela as coletividades se reconstruem diariamente na medida em que promovem um relacionamento contínuo de mudanças.

Como pudemos ver, a cidade, então, como lócus de pesquisa, pode ser pensada de inúmeras formas. De acordo com Frugóli Jr (2005), em seu texto “O urbano em questão na Antropologia: Interfaces com a Sociologia”, autores como Park (1987), Wirth (1987) e Redfield (1974, 1947) refletiram sobre a cidade, respectivamente, a partir: da noção de cultura urbana; do urbanismo enquanto um modo de vida (a partir de variáveis como tamanho, densidade e heterogeneidade); e dos estudos de comunidade. Dessa forma, Frugóli Jr (2005: 136) vai além e acrescenta que:

Tal noção era inspirada em autores clássicos da sociologia da passagem do século XIX para o XX, como Durkheim, Weber, Tonnies e Simmel, todos voltados, por caminhos distintos, à compreensão das especificidades das sociedades modernas, cujo pano de fundo privilegiado foram as metrópoles industriais, com intensas mudanças no plano urbanístico, populacional (dado um novo ciclo de desenraizamento rural) e nos modos de vida, o que inspirou mais diretamente alguns autores, como Simmel, que produziu vários escritos baseados em sua experiência como cidadão e transeunte da Berlim da época.

Nesse sentido, esses estudos se configuraram enquanto preocupações sobre os aspectos relativos aos espaços urbanos. No caso de Simmel, por exemplo, o seu interesse pelos comportamentos dos atores sociais modernos e metropolitanos, caracterizados pelo anonimato e da impessoalização no contato cotidiano em espaços públicos, através de um processo de proximidade física e distância social, ocasionaram a criação de um estilo de vida marcado por atitudes de tipo *blasé* “marcada por atitudes de reserva perante um mundo hostil, objetivado e em rápida mudança- bem como pelas relações de sociabilidade- formas lúdicas e recíprocas de associação e interação, sem qualquer caráter instrumental” (FRUGÓLI JÚNIOR, 2005: 137).

Pesquisas desenvolvidas por outros pesquisadores da Escola de Chicago se voltaram para práticas etnográficas, priorizando estudos sobre formas de interação em espaços públicos, marginalidade, segregação étnica, criminalidade, prostituição, gueto, delinquência juvenil, gangues dentre outras. Nesse tipo de perspectiva, encontramos o trabalho de William Foote Whyte (2005) em “Sociedade de Esquina” (Street Corner Society) realizado entre 1936 e 1940 em um bairro de origem pobre habitado por famílias de imigrantes italianos, área essa considerada pelo restante da cidade enquanto “problemática e socialmente desorganizada” (VELHO, 2005: 10).

Percebemos que os estudos desenvolvidos por pesquisadores da Escola de Chicago contribuíram para pensarmos em diferentes perspectivas a cidade e os estudos urbanos. Nesse sentido, Ulf Hannerz (1986: 30) afirma que:

Desde la primera Guerra Mundial hasta los años treinta, los sociólogos de la Universidad de Chicago realizaron una serie de estudios basados en investigaciones de su propia ciudad, los cuales han sido reconocidos ampliamente como el inicio de los modernos estudios urbanos y como el cuerpo de investigación social más importante efectuando sobre cualquier ciudad particular en el mundo contemporáneo. Aunque se ha escrito antes acerca de ellos, podemos recordarlos una vez más para incorporarlos explícitamente a la herencia de la antropología urbana.

Segundo Hannerz, até a década de 30, sociólogos da Universidade de Chicago já vinham realizando pesquisas cujo foco eram suas próprias cidades, estudos esses que ganharam reconhecimento e foram considerados como o princípio dos estudos urbanos modernos e contemporâneos, e de acordo com o referido autor, tais esforços são parte do patrimônio da antropologia dita urbana.

Agora, se pensarmos no caso específico brasileiro, a questão urbana como campo de pesquisa é bastante recente, datando dos anos 40 e 50 sobre os estudos de comunidade influenciados também pela Escola de Chicago. De acordo com Dutra e Ribeiro (2013: 131):

particularmente a partir da década de 60 temas relacionados à cidade, e à Antropologia Urbana começam a ganhar espaço no Brasil, tais como as

migrações da área rural para a urbana e os desdobramentos recorrentes deste processo, como a marginalidade e a ocupação em favelas.

Por volta dos anos 70 a antropologia urbana do Brasil passa a se desenvolver e adquirir maior reconhecimento. A obra *A utopia urbana* de Gilberto Velho (1975), por exemplo, expressa a preocupação pelos problemas sociais urbanos em “uma época marcada por processos conflituosos como repressão, ditadura militar, crescimento urbano, pobreza, marginalidade e o chamado ‘milagre econômico’” (DUTRA e RIBEIRO, 2013). E, segundo Frugóli Jr (2005: 141):

No campo da antropologia urbana paulista, várias pesquisas de fôlego desse período- como as de Macedo (1979), Magnani (1984) e Caldeira (1984) - tomaram as áreas periféricas como local de pesquisa, buscando compreender detidamente redes de parentesco e de vizinhança, modos de vida, estratégias de sobrevivência, formas de sociabilidade e representações políticas, com ênfase em dimensões cotidianas e em representações simbólicas, muito pouco contempladas nas perspectivas “macroestruturais”.

Sobre esse debate dos esforços teóricos da Antropologia Urbana no Brasil, encontramos os trabalhos de Velho (2011) intitulado “ Antropologia urbana: A interdisciplinaridade e fronteiras do conhecimento”; o das autoras Dutra e Ribeiro (2013), “A Antropologia Urbana no Brasil”; a tese de doutorado de Edgar Mendoza (2000), “Sociologia da Antropologia Urbana no Brasil- A década de 70”, dentre outros trabalhos que discutem cada um a seu modo sobre as influências, trajetórias, teorias, métodos e temas diversos dos estudos antropológicos realizados nas/das cidades brasileiras<sup>44</sup>.

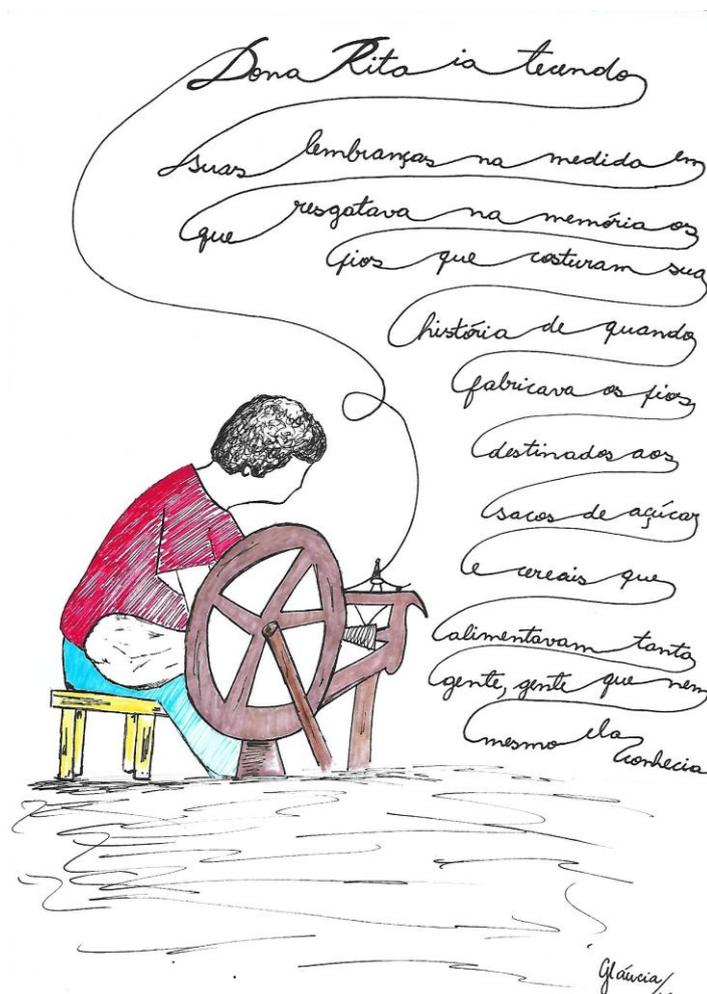
Diante dessa reflexão, percebemos assim que, nas cidades, os sujeitos sociais desenham suas trajetórias, costuram suas vivências, criam suas tramas diárias em meio as relações que estabelecem entre si e com o espaço onde estão inseridos. Nos bairros, os seus moradores desenvolvem uma gramática particular no cotidiano, códigos de conduta, relações de solidariedade, situações de conflito, práticas de violência, estratégias de sobrevivência e definições sobre esses fenômenos a partir de suas experiências de vida. Nesse sentido, o/ pesquisador/a urbano precisa estar atento/a às diferentes articulações experimentadas no campo de pesquisa e com o grupo que vai estudar de forma mais detida.

---

<sup>44</sup> De acordo com (MENDOZA, 2000:22) a Antropologia *da* cidade faz parte de um conjunto de estudos que procuram pensar a cidade enquanto uma totalidade, cujo foco parte de uma perspectiva holística, complexa, de vários níveis, a exemplo da densidade, mobilidade social, (i) migrações, ambiente físico, urbanização, pobreza, relações raciais etc. Ele acrescenta que tal antropologia estuda “praticamente problemas urbanos universais que acontecem em qualquer parte do mundo”. Por outro lado, uma Antropologia *na* cidade, segundo o autor, busca trabalhar com a “heterogeneidade da cidade, ficando a cidade, ficando a cidade como um contexto ou cenário maior, mas não como foco de pesquisa”. Para ele, são esforços destinados aos estudos micro-sociais em determinadas situações particulares, os modos de vida urbano, as condições de subsistência, temas como sistemas de parentesco, rituais, códigos simbólicos, bairros, vizinhanças, famílias, redes sociais, dentre outras.

Dentro dessa perspectiva Alexandre Barbosa Pereira (2015: 102) argumenta que podemos experimentar o urbano através da apreensão das múltiplas experiências dos agentes sociais em seu cotidiano, a partir das lógicas gerais e normativas, ou até mesmo nas mais localizadas e ordinárias. Nesse sentido, o autor defende “a experiência etnográfica como uma via de acesso privilegiada para captar essas múltiplas experiências, os múltiplos modos de vivenciar o urbano”. Foi assim, através da experiência etnográfica que pude ter contato com as inúmeras vivências dos *bodocongoenses*, entre elas a recuperação de experiências atuais de como se relacionam com o bairro onde moram, mas também com recordações de um Bodocongó do passado, a exemplo dos fios de memória trazidos pelos moradores do tempo em que o local era considerado um bairro operário, em que os moradores narravam suas experiências de vida e da “lida diária” do trabalho desempenhado nos curtumes e indústrias locais. Sobre essa questão, temos um desenho e uma reflexão que registrei em meu diário de campo sobre a memória narrada por uma moradora sobre sua antiga profissão de fiandeira:

Figura 18- Representação de uma fiandeira



Fonte: Diário de Campo, 2016

Assim, em meio a esse “emaranhado de gente” que se desloca, que exerce diferentes papéis no dia a dia, que remontam suas histórias (passadas e atuais) e que (re) organizam o espaço urbano, o/a pesquisador/a deve ampliar os seus horizontes para apreender a complexidade que se impõe ao seu olhar.

### **3.2 A Antropologia Urbana e os desafios lançados aos/às pesquisadores/as**

Vale a pena mencionar o papel do/a pesquisador/a que decide estudar em sua própria sociedade, especialmente em contextos citadinos. Diferentemente dos estudos clássicos em que o deslocamento para áreas distantes para pesquisar o “outro” se fazia necessário e esteve presente nas pesquisas de Malinowski entre os trobriandeses (1978) e E. Evans-Pritchard com os Nuer (1978) e os Azande (2005), dentre outros,

A tomada do urbano enquanto campo de pesquisa foi importante para a Antropologia, na medida em que lançou desafios teóricos e metodológicos, ao mesmo tempo em que representou o alargamento de suas possibilidades. O elevado número de pessoas que habitam nas cidades, a heterogeneidade dos grupos, a dinamicidade da vida urbana, seus conflitos e mudanças perenes, além das permanências e emergências exigem do pesquisador posturas relativamente distintas daquelas assumidas nos estudos realizados com grupos tradicionais situados em regiões geográficas longínquas” (SILVA, 2015: 84).

Assim, se “uma das características que marcaram os primeiros estudos antropológicos, ao final do século XIX foi a grande distância entre pesquisadores e grupos investigados” (DUTRA e RIBEIRO, 2013: 127), a antropologia urbana nos ensina que não é preciso ir muito longe para encontrar o “outro”, “basta uma caminhada pelos grandes centros urbanos e logo entra-se em contato com uma imensa diversidade de personagens, comportamentos, hábitos, crenças e valores” (MAGNANI, 1996:3).

Dentro dessa perspectiva a antropologia do século XX passou por um processo de mudança nas próprias relações entre metrópole e colônia, “primitivos” e civilizados, exigindo dela novos contornos, a partir da revisão de suas teorias e de seus métodos. Neste processo, houve também o “alargamento de seu campo de investigação e multiplicação de objetos de estudo” de modo que as cidades e as populações urbanas passaram a fazer parte também do campo de investigações antropológicas (DUTRA e RIBEIRO, 2013: 127) e um dos desafios a serem enfrentados é a familiaridade.

Diante disso, na observação de um estrangeiro em um lugar que não lhe é familiar, uma cidade pode parecer um acúmulo de população, grandes edifícios, cores misturadas, sons diversos e uma “confusão” à primeira vista. Mas quando esse estrangeiro vai ficando

familiarizado com aquele espaço, tudo vai ganhando outro sentido e novos contornos através da sua experiência e percepção. Assim, ao ver uma cidade através da compreensão do olhar de um nativo temos a possibilidade de acessar os diferentes retratos imaginados e representados através das experiências destes com o lugar que fazem parte. Desse modo, o “estrangeiro familiarizado” pode romper as pequenas frestas que se escondem através de muros aparentemente rígidos.

Diante disso, a escolha do bairro de Bodocongó como universo de pesquisa representou o desafio de fazer o caminho inverso: tornar um lugar que me era familiar em “exótico” em virtude do meu papel de ex moradora do bairro. Ao mesmo tempo, pude coletar os benefícios de realizar uma pesquisa em um contexto familiar tendo em vista que:

O estudo do familiar oferece vantagens não necessariamente como exótico, mas como uma realidade bem mais complexa do que aquela representada pelos mapas e códigos básicos nacionais e de classe através dos quais fomos socializados. O processo de estranhar o familiar torna-se possível quando somos capazes de confrontar intelectualmente, e mesmo emocionalmente diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos, situações. (VELHO, 1978: 45)

Por outro lado, o meu deslocamento para outros espaços, a exemplo do tempo que fui residir em Recife em virtude do mestrado, bem como a minha atual residência em um bairro vizinho ao local de pesquisa, me ajudou a construir um certo olhar “estrangeiro”, ao ser afetada pelas mudanças que o bairro havia sofrido. Nesse sentido, tais percepções foram fundamentais para construir certo “distanciamento” do meu objeto de pesquisa, indo além daquilo que supostamente me parecia familiar.

Diante dessa questão, podemos acrescentar que o estranhamento do que é familiar demanda do/a pesquisador/a um esforço constante de treinar o olhar para observar o “outro” que lhe é tão próximo. E sobre isso, Silva (2015:85) afirma que:

Nas pesquisas que têm o urbano como cenário, o 'outro' é alguém próximo, familiar, com quem, por vezes, o etnógrafo cruza nas ruas da cidade, e sobre o qual tem muitas informações e impressões. [...] esse familiar não é necessariamente um conhecido em termos científicos. Por isso, é importante o pesquisador realizar um movimento de relativização de suas pré-noções a respeito do grupo estudado, visando melhor conhecê-lo. Nas palavras de Velho (1978:39), “o que sempre vemos e encontramos pode ser familiar mas não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico mas, até certo ponto, conhecido”.

Nesse sentido, esse exercício constante de estranhamento e conseqüentemente de relativização é fundamental para a antropologia na qual nos apoiamos, a antropologia urbana, na medida em que o/ a antropólogo/a ao entrar no universo dos/as pesquisados/as, ele/a procura compartilhar com o seu horizonte “numa relação de troca”, comparando “suas próprias

representações e teorias com as deles/as e assim tentar sair com um modelo novo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente” (MAGNANI, 2003). Dessa forma,

o que importa ao olhar antropológico não é apenas o reconhecimento e registro da diversidade cultural, nesse e em outros domínios das práticas culturais, e sim a busca do significado de tais comportamentos: são experiências humanas - de sociabilidade, de trabalho, de entretenimento, de religiosidade - e que só aparecem como exóticas, estranhas ou até mesmo perigosas quando seu significado é desconhecido. O processo de acercamento e descoberta desse significado pode ser trabalhoso, mas o resultado é enriquecedor: permite conhecer e participar de uma experiência nova, compartilhando-a com aqueles que a vivem como se fosse "natural", posto que se trata de sua cultura (MAGNANI, 1996: 3).

Desse modo, a antropologia nos dá a possibilidade de refletir sobre antigos e novos fenômenos que têm surgido nas cidades, a partir da compreensão de características peculiares e antigas e novas formas de sociabilidades estabelecidas nesse espaço das práticas sociais, a partir das dinâmicas estabelecidas entre os indivíduos, os seus comportamentos e visões de mundo dos grupos dos quais fazem parte ou não. Além disso, o estudo da própria sociedade nos dá a possibilidade de ampliar e complexificar o nosso campo de estudo, assumindo todos os riscos e os desgastes que tal tarefa envolve (VELHO, 1980: 20). É possível também explorar os sentimentos de pertença<sup>45</sup>, as redes de solidariedade e apreender diferentes formas de segregação social e espacial das cidades, e o modo pelo qual isso reflete em formas conflituosas, violências entre os grupos sociais.

### **3.3 A cidade e seus desafios: encontrando os significados de violência e medo**

Diante desse cenário de esforços da antropologia urbana brasileira é que procurei desenvolver a pesquisa em um bairro considerado popular, situado na periferia de uma cidade do interior paraibano, buscando a compreensão dos significados que os *bodocongoenses* atribuem para o medo e a violência existente no bairro onde moram e que refletem sentimentos compartilhados por outros indivíduos no restante da cidade. E a partir da compreensão desses significados podemos apreender também o cotidiano vivido por esses moradores e o modo pelo qual essa lógica organiza as relações sociais nesse espaço e entender as estratégias de sobrevivência que utilizam no seu dia a dia.

---

<sup>45</sup> Ver: KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Pertencimento, medos corriqueiros e redes de solidariedade. In: Sociologias, Porto Alegre, ano 12, nº25, set/dez. 2010, p.286-311.

Compreendemos, nesse sentido, que o fenômeno da violência e do medo presente nas cidades brasileiras, nos ajuda a compreender as dinâmicas que perpassam as relações sociais. A antropologia, ao lado de outras áreas do conhecimento, a exemplo da geografia, sociologia, psicologia dentre outras, contribuem cada uma a seu modo para entendermos a complexidade que permeia o relacionamento humano nesses espaços citadinos.

Dito isso, ao pensarmos as cidades enquanto espaços das práticas sociais, e considerando que muitas atividades comerciais, administrativas, serviços básicos (a exemplo da saúde e da educação) são concentradas nelas, podemos afirmar que elas acabam sendo espaços que atraem muitas pessoas para o seu meio, em virtude de diversos tipos de oportunidades para quem procura emprego, serviços, entre outros (CAMPOS, 2014:72). Campina Grande, por exemplo, é uma cidade que possui um destaque tanto em âmbito estadual quanto regional, em virtude da “forte presença na área de serviços, da indústria de transformação e na produção de grandes eventos culturais” (SILVA, 2015:256). E por possuir tais características, acaba por ser uma cidade que atrai diversas pessoas de diferentes localidades.

Entretanto, ao mesmo tempo em que se encontra bens, serviços e oportunidades nas cidades, encontramos também diferentes problemas sociais dos mais variados possíveis, que se colocam enquanto obstáculos para uma melhor qualidade de vida para muitos segmentos da população. Nesse caso, se as cidades se constituem enquanto um “eixo central da produção e do consumo nacional- processos econômicos e sociais que geram riquezas e oportunidades- elas também geram doenças, crimes, poluição e pobreza” (Organização das Nações Unidas no Brasil, 2016). Ou ainda, se por um lado, a qualidade de vida da qual relata Ricardo Bruno C. Campos (2014) pode ser entendida como “os recursos mínimos de saúde, educação, cultura, moradia e o uso dos espaços”, por outro lado, enfrentamos nos centros urbanos problemas relacionados à locomoção, mobilidade urbana, além da violência e do medo atrelado a esta.

Nesse sentido, é sabido que, dentre as diferentes formas de se olhar as cidades atuais, a violência e o medo são temáticas que têm sido pauta de diversas discussões na atualidade, tendo em vista que o relacionamento entre os citadinos também tem sido marcados por esse tipo de interação e rearranjado novas formas de se olhar e de se relacionar com os espaços públicos e com os indivíduos que compõe tais espaços.

De um lado, temos a singularidade da violência enquanto um fenômeno que possui diferentes facetas, seja ela física, psicológica, simbólica, institucional, dentre outras. Por outro lado, encontramos o medo associado a esse fenômeno que também dispõe de diferentes significados para cada ator social. Nesse sentido, para compreender como a violência e o medo

se retroalimentam, é que procurei nesse estudo compreender as percepções que os moradores de Bodocongó têm acerca desses dois conceitos e de que modo isso reflete em suas relações com outros indivíduos e com o lugar onde moram, a partir de uma perspectiva relacional e contextual.

### **3.4 E o que nos dizem as Ciências Sociais sobre violência e medo?**

Diante das reflexões que fizemos até agora poderíamos primeiramente questionar: Quais são as definições recorrentes de violência nas Ciências Sociais? E de que maneira, os estudos sobre violência refletem sobre a compreensão do medo que tem se propagado nos diferentes discursos cotidianos? Vejamos.

Inegavelmente as discussões acerca da violência têm orientado diferentes pesquisas e perspectivas teóricas dentro das Ciências Sociais, bem como fomentado debates entre criminalistas, pedagogos, psicólogos, geógrafos, juristas, dentre outros. Além disso, muitas contribuições acerca da compreensão da violência têm fomentado diferentes debates e proporcionado fóruns de discussões em universidades, grupos de estudos e programas de pós-graduações voltados para essa temática que tem um leque de possibilidades e objetos a serem estudados. A título de exemplo, o Fórum Brasileiro de Segurança Pública juntamente com a ANPOCS (Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais) e a URBANIA lançaram em 2011 sob a organização de Renato Sérgio de Lima e José Luiz Ratton, uma coletânea sobre as Ciências Sociais e os pioneiros em pesquisas sobre crime, violência e direitos humanos no Brasil onde foram entrevistados diferentes estudiosos acerca de tais temas expondo suas trajetórias, opiniões e discussões em torno do papel das ciências sociais e a produção de pesquisas empíricas, metodologias, teorias e até mesmo a aplicabilidade destas no âmbito da sociedade e nas instituições públicas brasileiras.

Além disso, diante do contexto atual, temos percebido que:

A sociedade brasileira tem passado por um acelerado processo de mudança nos últimos 40 anos. As formas de expressão e de percepção da violência e do crime, bem como as maneiras como o Estado e os distintos grupos sociais reagem diante destas situações, encontram-se entre algumas das principais transformações. A despeito de tais fatos, permanências e continuidades com o passado histórico, tanto longínquo quanto recente, ainda atuam na conformação da produção dos referidos fenômenos. (LIMA e RATTON, 2011: 11)

Diante de tal realidade, e da percepção de que contínuas mudanças perpassaram a sociedade brasileira, e as diferentes formas de expressão da violência e, especificamente aquelas

ligadas ao crime têm ganhado contornos singulares na atualidade, Alba Zaluar e Maria Cristina Leal (2001) afirmam que no âmbito das Ciências Sociais, diferentes autores têm se preocupado em compreender e apreender tais fenômenos. Uma das questões que elas apresentam está relacionada às diferentes visões que se têm acerca da violência e sua distinção de outros conceitos, a exemplo do poder. Sobre isso, elas argumentam que:

Muitos autores preocuparam-se em marcar as diferenças entre poder e violência, inspirando-se em Hannah Arendt quando caracteriza a violência como um instrumento e não um fim. Os instrumentos da violência, segundo esta autora, seriam mudos, abdicariam do uso da linguagem que caracteriza as relações de poder, baseadas na persuasão, influência ou legitimidade. Outras definições não fogem desse paradigma, mas incorporam a palavra na sua definição: a violência como o não reconhecimento do outro, a anulação ou a cisão do outro (Adorno, 1993 e 1995; Oliveira, 1995; Paixão, 1991; Tavares dos Santos et al., 1998; Zaluar, 1994); a violência como a negação da dignidade humana (Brant, 1989; Caldeira, 1991; Kowarich e Ant, 1981); a violência como ausência de compaixão (Zaluar, 1994); a violência como a palavra emparedada ou excesso de poder (Tavares dos Santos et al., 1998).

Nesse sentido, ao atentarmos sobre o início da citação, podemos perceber a preocupação trazida pelas autoras sobre a perspectiva de Arendt ao mencionar sobre a necessidade de diferenciarmos violência de poder, pois de acordo com a autora, poder é “um instrumento de dominação” e a violência necessita de instrumentos (ARENDR, 1970:22). Nesses termos esta última ainda esclarece que:

Certamente, uma das mais óbvias distinções entre o poder e a violência é que o poder tem a necessidade de números, enquanto que a violência pode, até um certo ponto, passar sem eles por basear-se em instrumentos. O governo da maioria sem restrições legais, ou seja, uma democracia sem constituição, poderia agigantar-se na supressão dos direitos das minorias e agir com muita eficácia ao sufocar as dissensões sem qualquer uso de violência. Porém isso não significa que a violência e o poder sejam uma mesma coisa. (ARENDR, 1970: 26)

Portanto, a violência concebida pela autora enquanto distinta de poder, é instrumental, orientada e justificada pelo fim que busca, em outras palavras, ela precisa “justificar-se através de algo mais” (Idem, 1970: 32).

Agora, ao pensarmos nesse fenômeno enquanto um processo de interação, Caren Ruotti (2006) afirma que:

há violência quando em numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indiretamente, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais (MICHAUD, 1989: 10-11, apud RUOTTI, 2006:13).

Como pudemos ver, para a autora, existe violência quando os sujeitos em interação se

colocam de modo (in) direto contra outrem ou um grupo, de modo a causar prejuízos, seja de ordem moral, atingindo fisicamente, tomando para si suas posses, bem como atingir seu “alvo” simbolicamente. De outra maneira, concordamos com Silva (2015: 259) quando este afirma que a violência consiste em um conjunto de ações e estratégias que são utilizadas contra algum indivíduo ou um grupo destes, “levando-o a agir (e a sentir) contra a sua vontade”. Além disso, o autor argumenta que:

A compreensão do fenômeno da violência não pode ser reduzida às suas manifestações mais visíveis e diretas, nas quais o uso da força física se evidencia, pois a sua dimensão indireta, “simbólica”, produz igualmente efeitos. Todavia, é inegável que sua manifestação direta parece ser tomada como clássica, e parece não restar qualquer dúvida sobre sua existência.

Como pudemos perceber, a violência não se reduz ao uso da força física, mas a possibilidade de usá-la também perpassa dimensões de caráter simbólico (a exemplo dos constrangimentos, humilhações, etc.). Além de ações, a violência também permeada por um conjunto de estratégias, a partir de cálculos mentais antecedentes ao seu uso. Nesse sentido, estratégia seria um conjunto de maneiras de produzir, de mapear uma determinada circunstância, a partir de uma relação de forças utilizadas por um detentor de poder que “postula um lugar capaz de ser circunscrito como um próprio e, portanto, capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta” (CERTEAU, 1994: 46).

Nesse sentido, diferentes autores que tratam sobre a temática violência, demonstram que ela é um elemento que faz parte das relações sociais. Dito isso:

Autores como SIMMEL (1995), DURKHEIM (1995), FREUND (1983), ARENDT (1994), MAFFESOLI (2001) e WEBER (1982), entre outros, demonstraram que as relações conflituosas e a violência, seja essa última tomada na acepção inglesa, que a reduz à utilização da força física, ou na perspectiva da violência simbólica à la Bourdieu, representa uma dimensão perene da vida social (SILVA, 2012:3).

Diante desses esforços de compreensão do fenômeno, podemos perceber a complexidade que está ao redor da violência, e que de algum modo constrói uma área diferenciada a partir da visão de mundo de cada construção teórica, mediada também pela percepção e pelo caráter perene no contexto social em que for produzida. Assim, podemos afirmar que no contexto brasileiro, a violência não consiste apenas em um fato explícito do cotidiano social, mas ela é também:

um dado de fundamental importância para a compreensão da dinâmica cultural brasileira. A violência está presente no comportamento de segmentos sociais significativos (e não apenas aqueles de baixa renda), as “explosões de violência” são frequentes, sua veiculação na mídia é constante; enfim, é difícil pensar o Brasil hoje, a circulação de informação ou o processo comunicativo no interior da sociedade brasileira sem levar em consideração a violência

como fato social e cultural (PEREIRA, 2000:121).

Dessa forma, dada as inúmeras facetas da violência, e como pudemos ver em linhas anteriores, ela pode ser concebida enquanto um instrumento utilizado pelos grupos ou indivíduos para resolver as diferenças existentes entre eles; além disso, tal instrumento pode ser usado de várias maneiras: “algumas mais diretas e incisivas; outras amenas, indiretas e discretas, mas nem por isso menos eficazes para o propósito que os seus autores estabelecem” (SILVA, 2012:7).

### **3.5 Violência, Segurança Pública e a confiabilidade nas polícias brasileiras pela população brasileira**

Segundo Eric Macé (1999: 177) a violência urbana no Brasil se apresenta como uma ausência de regulação dentro de uma sociedade que está em um processo de abertura política, econômica e cultural. Para ele, em seu estudo comparativo entre Brasil e França:

a principal forma de violência urbana brasileira é o homicídio, sobretudo nos bairros de periferia, com altas taxas, entre 45 e 60 para cada cem mil, quando na França as taxas não ultrapassam 7 para cada cem mil. Tal nível de violência criminal recobre contudo pelo menos duas realidades sociais diferentes: de um lado, as violências interpessoais, de outro, a violência instrumental.

Nesse sentido, entre os diferentes usos que se faz da palavra violência, Muniz Sodré (2006:16) afirma que a primeira está relacionada àquela violência que é de modo frequente ignorada, a exemplo dos poderes instituídos, a violência expressa pelos órgãos burocráticos, dos Estados etc.

Sobre essa questão, Soares (2004) indaga sobre o papel das instituições da segurança pública no Brasil, e de que modo colaboram para uma construção de uma vida coletiva ou de que maneira a negligenciam. Uma das chaves para tal compreensão ele pensa a figura do policial enquanto representação física e ostensiva que os moradores conhecem mais de perto do que um ministro da justiça. Sendo assim, quando um policial negocia, por exemplo, com traficantes, ele não apenas desmoraliza a si mesmo, mas tudo aquilo que foi objeto de uma construção coletiva, e corrobora para a corrosão da legitimidade dos poderes republicanos e das instituições políticas. Assim: “[...] quando traficantes impõem o seu poder arbitrário de forma tirânica, e são combatidos ou se associam com segmentos policiais brutais e corruptos acabam impondo sobre às comunidades um duplo despotismo, uma dupla tirania”.

Assim, problemas como a corrupção, a não organização baseados em diagnósticos sobre problemas a enfrentar, muitas vezes o uso da brutalidade, controle, monitoramento externo, a

não qualificação e valorização do trabalho, bem como outros impasses, são obstáculos que refletem também como a população enxerga o policiamento, bem como a Justiça brasileira (SOARES, 2006:100). Ao mesmo tempo, Soares afirma que existe

[...] uma praga que corrói a confiança e propaga o medo nas cidades: os assaltos, nos bairros e, sobretudo, no centro das cidades, dos quais ninguém está livre, mas que afetam com maior frequência e covardia os idosos”. (Idem, 2006: 92).

Nesse sentido, sobre o grau de confiança nas polícias brasileiras, o IPEA realizou uma pesquisa em 2011 indagando sobre a forma pela qual moradores das cinco regiões do país enxergam o papel do aparato policial. De acordo com os dados coletados verificou-se, primeiramente que as pessoas entrevistadas da Região Sudeste são as que menos confiam nas polícias situadas em seus estados. Além disso, com base na média de respostas acerca das polícias militar e civil, apenas 3% das pessoas concordaram em dizer que depositam muita confiança nestas. Por outro lado, 21, 8% disseram que “confiam”, 75,15% confiam pouco ou simplesmente não tem nenhuma confiança. Já na Região Nordeste, a média de respostas foi maior em relação às outras regiões do país. Assim, os dados representam a seguinte opinião: 5,8% das pessoas indicam alto grau de confiança nas polícias estaduais, enquanto que a média das taxas de respostas resultam baixa confiança, na medida em que a soma de “confia pouco” e “não confia”, chega a 70,15%”. De acordo com o estudo, esta é uma porcentagem considerada alta, mesmo que seja 5 pontos percentuais menor que na Região Sudeste. Nesse sentido, verifica-se que “uma parcela maior da população que confia muito e uma parcela menor que não confia nas polícias na Região Nordeste” (IPEA: 2011:8). Para o IPEA, esses dados permitem comparar também outros dados, especialmente àquela em que apresenta uma taxa de homicídios superior da Região Nordeste em relação a Sudeste, reflexo de “um número proporcionalmente menor de policiais à disposição da população” (IPEA, 2011:8).

Com base nesse estudo, o IPEA considera que tais fatores contribuem também para compreender melhor os diferentes fatores que podem levar a uma maior ou menor sensação de segurança da população em relação ao grau de confiabilidade nas polícias bem como na Justiça brasileira.

Soares sugere também outras pistas que dizem respeito a participação da população em um diálogo com o poder estatal de suas cidades, bem como a transparência das informações, da elaboração e efetivação de políticas voltadas ao combate à criminalidade e ainda:

Outras qualidades imprescindíveis são: agilidade, conexão com a ponta, capacidade de intervenção tópica, de planejamento, avaliação e

monitoramento, acesso a dados quantitativos e qualitativos, sintonia com microrrealidades locais e compromisso com a gestão global do plano de governo. Outro requisito da eficiência das políticas preventivas é a focalização territorial. É necessário circunscrever a área sobre a qual incidirá a política ainda que se tenha em mente que as realidades locais se interpenetram, porque as dinâmicas sociais não respeitam fronteiras entre espaços urbanos (SOARES, 2006: 97).

### 3.6 Violência e criminalidade letal

Para problematizarmos essas acepções, em uma palestra disponível<sup>46</sup> na *internet* gravada em 15/6/2004, Luiz Eduardo Soares ao apresentar um balanço acerca da violência e a fragmentação social da sociedade brasileira, ele afirma que o conceito violência abarca uma dimensão abrangente, e dada a multiplicidade de significados e de sua complexificação, o autor advoga que violência seria muito mais uma categoria cultural do que um conceito científico. Para ele, a semântica da categoria num conceito cai no “erro” tendo em vista a sua complexificação. E sugere um acordo, sem nenhuma pretensão epistemológica, ou teórica mais profunda. Ele propõe algumas reflexões, começando pela violência criminal, particularmente pela violência criminal letal no Brasil atual.

Segundo a sua fala, quando nos debruçamos sobre as estatísticas da violência criminal letal pensamos na vítima, geralmente ao rapaz entre 15 e 29 anos de idade, de cor negra e morador de periferia. Assim, revela ele, “quando nos reportamos à nossa “tragédia” coletiva cotidiana, à violência criminal letal, nos propomos analisar esse personagem, pois é ele que tem pago com a vida a nossa “insanidade” coletiva que denominamos pelo nome de “insegurança”. Assim, o autor nos mostra que essa expressão diz respeito particularmente aos índices de homicídios dolosos no Brasil nas últimas décadas. Se fizermos um balanço sobre esse impacto, percebemos que o fenômeno da interiorização desse tipo de prática em cidades de porte médio, como é o caso de Campina Grande, os índices de homicídios entre jovens do sexo masculino em particular são maiores do que em outras cidades. Dada essa característica que tem marcado muitas cidades do Nordeste brasileiro, temos enfrentado o desafio de procurar entender como que a violência presente em todo Brasil se reflete no interior de cidades consideradas antes pacatas, mas que atualmente tem impactado sua população com altos níveis de violência, bem como entender também como a violência em caráter homicida tem contornos singulares no interior de cidades do Nordeste brasileiro.

Nesse sentido, podemos nos interrogar: quantos homicídios vêm ocorrendo no Brasil?

---

<sup>46</sup> Conferir a palestra completa no Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-1C7cBxNI5w>. Acesso em: 08 fev. 2017.

E na Paraíba? E em Campina Grande? O que isso reflete sobre nossa sociedade brasileira em comparação a outras nacionalidades? E por que os homicídios tem um personagem principal: um homem jovem? Soares fala que não vivemos em uma guerra civil, mas pagamos o preço de um enfrentamento de um genocídio da juventude brasileira.

De acordo com Soares, existe algumas matrizes da criminalidade letal que funcionam enquanto “usinas da morte”. A primeira delas diz respeito às mortes provocadas por assassinos contratados, ou seja, “assassinos de aluguel” que vendem sua força de trabalho para matar uma determinada vítima, tais crimes, para ele, são mais recorrentes no estado do Espírito Santo, bem como no Nordeste e em outras regiões. A segunda matriz está relacionada aos crimes letais provenientes de conflitos corriqueiros e interpessoais, a exemplo de brigas de bar, brigas entre vizinhos que resultam em tragédias, com o uso de armas brancas, objetos contundentes e até mesmo armas de fogo. Já a última matriz da criminalidade letal colocada por Soares, está relacionada aquelas mais rápidas e consideradas graves, tais sejam, aquelas ocasionadas pelo tráfico de armas e drogas, em que as disputas resultam em homicídios, e de modo particular em virtude do recrutamento de jovens que morrem precocemente.

Em muitos casos, muitas das mortes efetivadas por crimes letais são provocadas pelo uso de armas de fogo. E sobre essa questão, o Mapa da Violência (2015) afirma em seu estudo que a violência perpetrada por arma de fogo, enquanto fator das causas externas de morbidade e mortalidade no Brasil, aponta com quase exclusividade o crescente número de mortes por homicídio em 556, 65%, ao lado de outras mortes, a exemplo de suicídio (que aumentou para 49,8%); morte acidental (reduzido em 26,4%). O número de casos encontra-se na faixa etária de jovens entre 15 e 29 anos, tal incidência era de 4.415 em 1980 e aumentou cerca de 463,3% dos casos em 2012. Ainda de acordo com o referido estudo, em Campina Grande, considerando a pesquisa feita no referido ano, quando a população era de 389.995 habitantes, o número de homicídios por arma de fogo em 2010, 2011 e 2012 eram respectivamente: 179, 167 e 171 e o número de óbitos também pelo mesmo instrumento era nos referidos anos de 180, 170 e 174. Assim, a taxa média dos casos colocaram a cidade em 98<sup>o</sup> posição no ranking do país, considerando a porcentagem de 44,2% dos homicídios e dos óbitos de 44,8%.

Nesse sentido, os jovens foram as principais vítimas desses casos, chegando a uma porcentagem de 333,3% numa faixa de 100 mil habitantes, dentre os quais 63,0% eram do sexo masculino e 4,9% do sexo feminino. Além disso, outro fator considerável foi a cor da pele, em que a Paraíba obteve, ao lado de outros estados a exemplo de Alagoas, Espírito Santo e Distrito Federal, uma taxa de 48,7% (2012) e 16,8% (2003) de jovens negros vítimas de homicídios e

3,8% (2012) e 2,5 (2003) de jovens brancos vítimas do mesmo delito.

O Mapa da Violência ainda sugere que:

Com relação aos níveis de vitimização por AF de negros, existem UF's, como AL e PB, onde essa seletividade social nos homicídios por AF supera a casa de 1000%. Em outras palavras, para cada branco vítima de arma de fogo nesses estados, morrem proporcionalmente mais de 10 negros, vítimas de homicídio intencional.

Para acrescentar o debate, uma pesquisa realizada pela Business Insider (2013), Campina Grande ocupa a 25º lugar com 46 homicídios por 100 mil habitantes e João Pessoa com 66,92 por 100 mil habitantes e estão entre as 50 cidades mais violentas do mundo.

Sendo assim, Soares nos orienta que:

Existem outros valores, além dos econômicos, que induzem a determinados comportamentos. Os condicionantes são decisivos: não se está matando por fome, mas o que está em jogo na violência letal está além de objetos materiais ou do valor do dinheiro para necessidades físicas, o problema imbricado nessa relação é cultural no sentido antropológico do termo.

Em outras palavras, o autor considera que nós aprendemos a ser violentos e somos socializados a adotar certos comportamentos, bem como canalizamos sentimentos como o ódio, a raiva e até mesmo a vingança e as propagamos coletivamente.

Em alguns casos, a mídia focaliza também, através de seus noticiários, muitas vezes com tom sensacionalista, análises que associam uma estreita relação entre ser vítima de homicídio e associação ao tráfico de drogas, bem como o envolvimento destas com facções criminosas. Não raro, ouvimos através dos discursos jornalísticos, especialmente os de cunho policialesco frases do tipo “o acusado” de matar fulano de tal, sem mesmo esta pessoa ter sido ouvida pelas autoridades responsáveis; ou ainda, buscar constantemente “levantar” o histórico do suspeito para “resolver” o caso e fazer uma “análise rala” de um determinado fato.

Sobre essa última questão, uma pesquisa interessante desenvolvida entre 2013 e 2014 pelo PIVIC/CNPq na Universidade Federal de Campina Grande intitulada “A construção da imagem do “criminoso” no Programa Correio Verdade”, em que se procurou compreender e problematizar o processo de construção da categoria “criminoso” a partir de um estudo de caso sobre o referido programa transmitido pela TV Correio na capital paraibana, cuja veiculação é diária, de ampla audiência entre às 12h e 13h30. Durante a pesquisa foi analisado as diferentes estratégias utilizadas pelo apresentador e seus repórteres em diferentes edições do programa, no qual a presença de conflitos e eventos violentos são destaque, e um dos focos é a produção de discursos que criminalizam os sujeitos envolvidos em alguma suposta prática delituosa enquanto “criminosos” e não suspeitos.

Ainda sobre essa construção da imagem do “criminoso”, trago algumas reflexões que fiz em um artigo para a disciplina Antropologia das Emoções sobre as diferentes expressões do luto no *Facebook*, no qual analisava dois perfis de pessoas falecidas e a forma como essas notícias foram veiculadas em blogs de jornalistas locais, os comentários produzidos por pessoas que não conheciam as vítimas, bem como as interações de amigos e familiares na referida rede social. Uma das notícias relatava sobre a prática de um assalto e os diferentes discursos produzidos sobre a vítima. A matéria analisada, dentre as diferentes que tiveram sobre o caso, foi noticiada da seguinte forma:

Dezoito de dezembro de 2015, às 12h:07. Timeline do *Facebook* em letras garrafais:

**“ACUSADOS DE ASSALTAR CORREIOS EM FAGUNDES TROCAM TIROS COM POLICIAIS CIVIS, UM ASSALTANTE MORRE, NENHUM POLICIAL FICA FERIDO E DINHEIRO É RECUPERADO”.**

Na mensagem postada pelo jornalista paraibano Renato Diniz um dos elementos importantes que ele usa para impactar o leitor é o uso de letras garrafais. Ao mesmo tempo, os termos “acusados” e “assaltante” indicam julgamentos morais e definidores de que os rapazes pegos na agência dos correios praticaram o assalto. A ação dos assaltantes através da notícia reforça a reação justificada dos policiais em ter reagido e ocasionado a morte de um dos rapazes envolvidos no crime. Além disso, o sentimento de alívio e recompensa são expressos na continuação do texto: “nenhum policial fica ferido” e “o dinheiro recuperado”. Por outro lado, ao noticiar no *Facebook* e no seu blog pessoal, percebemos diferentes emoções e sentimentos nos comentários de seus seguidores e leitores e que nos chamam a atenção. Na postagem do *Facebook* o título da mensagem é a mesma do blog, seguida de uma foto em que no fundo aparece o corpo do rapaz morto de bruços, de camisa rosa e calça jeans, o rosto foi borrado para não identificar o falecido. Ao lado temos dois “curiosos” e no plano central temos o policial civil de costas. A referida postagem tem 40 “curtir”, 22 “compartilhamentos” e 5 “comentários” (dentre esses 26 de homens, e 19 de mulheres).

Ao ler os comentários, diversos sentimentos e emoções foram expressos. Alguns acreditam que a morte do rapaz foi uma vitória para a população, e isso pode ser observado através de expressões como “Boa”, “Boa notícia UM BANDIDO MORTO GRAÇAS A DEUS NEM UM POLICIAL FERIDO”, “Era pra ter morrido os dois”; “menos um na terra e mais um no inferno”, “- 1” (menos um). Ao lado desses tipos de comentários, algumas pessoas parabenizam os policiais pelo trabalho “serviço bem feito”, “parabéns a PM” (mas quem trocou

tiros com os assaltantes foram os Policiais Cíveis!), “parabéns aos policiais”. Em alguns “facebookianos” despertou curiosidade, como o caso da menina que questiona “tem foto do rosto dele”? Ligado a isso elementos cômicos estiveram presentes nesses discursos como, por exemplo “mais um pra satanai come assado nesse natal”, “Deixe eu anotar o nome dele bem direitinho” (foto do “satanás” com um livro). E sentimentos de pesar e indignação referente aos comentários negativos, de revolta contra a ação dos policiais também foram manifestados: “Eterno Augusto, descanse em Paz” (seguida de uma foto do rapaz quando era vivo), “Não precisavam matar bando de covardes cadê os direitos humanos polícia aprenda a trabalhar não a matar”, “se quem pode tirar a vida [é] deus porque ele é dono da vida”, “bando de incompetente mentirosos”. Muitos dos comentários se apresentam a partir de julgamentos morais, acompanhados de raiva, acusações, dor, piedade e revolta. Considerando o fato do rapaz ter sido morto em virtude de um assalto, podemos perceber através dos comentários que sua morte foi “justificada” pelo crime que cometeu, e que o mesmo merece ir para um lugar ruim: o inferno.

O rapaz falecido morava bem próximo ao bairro onde eu residia à época do assassinato. E ao analisar os perfis de outras pessoas da rede social do falecido descobri que ele era irmão de uma colega com quem estudei em um cursinho pré-vestibular. Na época do evento, muito se questionou quanto ao envolvimento dele com facções criminosas em Campina Grande. Nesse sentido, para além dessa complexa visão que muitas vezes é reproduzida de uma forma taxativa, especialmente através dos comentários no bairro, ou nos noticiários policiais, podemos pensar sinteticamente o papel exercido pelas facções “ditas criminosas” e a sua relação com a vitimização de muitos jovens brasileiros.

### **3.7 Entrando no “movimento”: juventude e facções na Paraíba**

Na Paraíba, especialmente em João Pessoa duas facções consideradas de maior expressão disputam territórios, especialmente no tráfico de entorpecentes, são elas: a Okaida e os Estados Unidos. De acordo com uma pesquisa realizada por Carlos Eduardo Batista dos Santos (2015) pelo Programa de Pós Graduação de Ciências Sociais na UFRN, ao entrevistar alguns detentos em presídios da capital paraibana, ele demonstrou que em sua totalidade, estes reconheceram a Okaida e os Estados Unidos como as duas facções “mais fortes e atuantes, que agem dentro e fora dos presídios da Paraíba” (SANTOS, 2015:113). Segundo o pesquisador, a entrada dessas pessoas para integrar às facções são dadas de diferentes modos, e de acordo com um de seus interlocutores, sua entrada na facção não exigiu nenhum tipo de “ritual de

iniciação”, e os conflitos ou violência entre as facções rivais é alimentada pelo “ódio, a disputa por territórios e a cobrança de dívidas de drogas”. Assim, a prática dos homicídios decorrentes dessas disputas são fruto “desse ódio e dessa intolerância” entre as partes que rivalizam. Exemplificando essa questão, o autor transcreve a fala de um detendo que se diz ligado à OKD a partir do seguinte relato:

Essa história de ritual de iniciação é invenção dos homi, o que acontece é cobrança de dívida, comprou e não pagou, morre. Morre também os derrota, os mizera dos americano, basta só cruzar com nós na rua ou até mesmo tenta invadir nosso território. (Entrevistado 1). (p.113)

Como pudemos ver, em seu estudo, ele revela que as referidas facções possuem lógicas particulares e códigos de conduta específicos e que merecem outros estudos mais aprofundados em outras cidades do interior paraibano, tendo em vista que muitos membros que se dizem pertencentes a estas se encontram também em outras localidades, a exemplo de Campina Grande.

O que nos chama atenção no referido estudo é que muitos entrevistados se sentiam invisibilizados pela sociedade, e este foi um dos motivos que fizeram com que muitos desses jovens ingressassem nessas facções. Dois casos particulares trazidos pelo autor sugerem também que dois de seus interlocutores foram também ameaçados e agredidos por integrantes da OKD, e tais situações suscitaram nas suas entradas no “movimento” dos Estados Unidos, que lhe deram visibilidade social.

Sobre essa questão da busca por visibilidade social, Soares salienta que muitos jovens ao se envolverem com grupos ligados ao crime, buscam nestes uma referência para se apoiar e se reintegrar, e são inúmeros os exemplos de grupos (do tráfico, de torcidas organizadas etc.) nos quais muitos jovens se identificam. Segundo o autor, tais grupos oferecem ao indivíduo uma espécie de coesão que se reproduz em uma escala ampliada do prazer, do acolhimento, do sentimento de pertença que se dá em razão dessa coesão do grupo que se rivaliza, se conflitualiza e até mesmo impõe diferentes formas de violência contra os seus oponentes.

Em Campina Grande, por exemplo, a presença da Okaida e de outras facções se articulam em diferentes espaços, nos quais encontramos algumas marcas de expressão nas pichações<sup>47</sup> de muros em vários bairros da cidade. Em Bodocongó podemos perceber essas marcas em diferentes espaços, como o exemplo da pichação feita no muro da Escola Municipal

---

<sup>47</sup> Sobre a temática consultar os trabalhos de PEREIRA, Alexandre Barbosa. “Quem não é visto, não é lembrado: sociabilidade, escrita, visibilidade e memória na São Paulo da pichação” In *Cadernos de Arte e Antropologia*, n 2, 2012, p. 55-69; e SALES, Daniela. 'Pixo para me sentir vivo': notas etnográficas sobre a concepção de risco na pichação. In: 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2016.

Presidente Kennedy:

Figura 19- Pichação da Okaida (OKD) no muro frontal da Escola Municipal Presidente Kennedy



Fonte: Pesquisa de Campo, 04/04/2016

Marcar territórios com “pixo” sinaliza dentre outras coisas, uma forma de visibilidade e de simbolizar que “nós estamos aqui”. Ligada a essa questão, outros espaços dos quais se fazem territórios de visibilidade são as esferas virtuais, a exemplo de quando encontramos jovens que se identificam enquanto membros da OKD nas redes sociais.

Em uma “tímida pesquisa” que fiz durante algumas semanas, pude encontrar alguns perfis de jovens cujo nome é associado à facção<sup>48</sup>, a exemplo de “fulano de tal” Sagaz da OKD, dentre outros. Além disso, é possível distingui-los também através das tatuagens. Os Estados Unidos utilizam especialmente a bandeira norte americana, a carpa ou algo que simboliza o país; por outro lado, figuras de palhaço (a exemplo do personagem Coringa) ou associações à Al Qaeda são bastante utilizados (SANTOS, 2015:67).

---

<sup>48</sup> Consultar depois o link: <http://rubensnobrega.com.br/2016/11/11/okaida-bate-estados-unidos-nas-casas-de-menor-infrator-na-capital/>

Figura 20: Tatuagens da Carpa japonesa e do Palhaço



Fonte: Imagens do *Google*

No mapa abaixo temos a distribuição das referidas facções em João Pessoa:

Figura 21- Mapa de Distribuição da Al Qaeda e Estados Unidos em João Pessoa

### AL QAEDA E ESTADOS UNIDOS BRIGAM EM JOÃO PESSOA

FACÇÕES CRIMINOSAS ADOTAM NOMES CÉLEBRES E DISPUTAM O PODER EM BAIRROS DA CIDADE



Fonte: Portal Correio, 2011

No caso de Campina Grande, muitos dos jovens que se dizem pertencer a facções, também “circulam” entre torcidas organizadas<sup>49</sup> dos times locais, presentes especialmente em jogos de futebol da cidade. Sobre essa questão, ao conversar com um antigo morador do bairro, ele me revelou que saiu de Bodocongó devido ao envolvimento do seu sobrinho com torcidas organizadas que se concentravam próximo à Igreja Matriz do bairro de Bodocongó, e especialmente pelos pequenos delitos em que envolviam os “rolês” entre seus parceiros. Ele narra o seguinte:

“[...] minha mãe ficou muito tempo lá (em Bodocongó) e passou por muitos momentos difíceis, o mais complicado ela entrou em depressão, daí resolveu sair de lá. [Hoje ela está bem] graças a Deus. Meu sobrinho veio e se envolveu com torcida organizada aqui em Campina Grande, então ela com muito **medo** que algo ocorresse com ele, mandou ele ir para o Rio [de Janeiro] junto dos pais, e ficou muito triste com isso. Hoje um dos perigos grande de lá são as torcidas organizadas e o uso de droga que está muito forte e presente na juventude. [Daí a] ocorrência de muitos furtos na redondeza por causa do canal, com mais frequência do que antes. [Ele fazia parte de torcida organizada] mas nós não tínhamos muito conhecimento. Depois de algumas situações estranhas fomos saber. Então descobrimos antes de uma tragédia; esta briga louca entre Treze e Campinense, terríveis.

Para ele, o ápice foi descobrir que o sobrinho estava envolvido com torcida organizada, com o uso de drogas e com a ocorrência de furtos no lugar onde residia. As torcidas organizadas das quais o morador atribui uma “briga louca entre Treze e Campinense” são respectivamente: a Torcida Jovem do Galo e a Torcida Facção Jovem (Raposa). Os grupos se apresentam com tais símbolos:

Figura 22- Símbolos da Raposa e do Galo



Fonte: Imagens do *Google*

<sup>49</sup> Sobre a Torcida Facção Jovem, consultar a dissertação de mestrado em Ciências Sociais de Rommel Souza, intitulada “Nervos e Emoção: Formas de interação entre torcedores organizados da Facção Jovem (Campinense Clube) - Campina Grande-PB”, 2014.

Assim, a ausência do neto em decorrência de sua mudança para o Rio de Janeiro, fez com que a mãe do morador passasse por um doloroso processo de depressão, e mais que isso, talvez por vergonha, saudade, medo ou outro sentimento fez com que ambos, mãe e filho deixassem a casa própria da qual residiram por mais de 30 anos, para morar de aluguel em um bairro próximo.

Para não cairmos no erro de considerar que todos os jovens participantes de torcidas organizadas se envolvem com criminalidade devemos relativizar essa questão. Vamos apenas analisar este caso específico. O sobrinho do morador, participava da Fação Jovem, se sentia acolhido pelo grupo e interagiu com outros membros das partidas de futebol do Campinense Clube. Assim, fazer parte da “organizada” pode ser pensada em termos de pertencimento: fazer parte, compartilhar de determinados valores, interagir com os outros integrantes, se sociabilizar, refazer-se no cotidiano, adotar certos comportamentos refletidos nas disposições corporais (a exemplo de símbolos com os braços ou as mãos em forma de cruz ou algo similar). Por outro lado, o morador atribui o consumo de drogas e pequenos furtos associando as torcidas organizadas e o envolvimento do seu sobrinho. Neste caso, ele estreita sua análise a partir da emergência de conflitos entre tais práticas e uma possível ameaça à vida do seu sobrinho e consequentemente do restante da família. Dessa forma, o morador caracteriza essa situação enquanto uma violência, violência essa que ele significa enquanto um “ato de castrar o direito do outro”, ou seja, a violência foi a mola propulsora da sua saída e da sua mãe do bairro, bem como a ida do seu sobrinho para o Sudeste do país. Nesse sentido, o medo mediado por outros sentimentos funcionou enquanto uma estratégia daqueles que possivelmente ameaçavam o seu sobrinho, bem como uma estratégia de defesa do morador e sua mãe de suas integridades físicas e simbólicas. Assim, os vínculos com o bairro e o direito de permanecer nele foi “castrado” pela violência, pelo medo e seus “praticantes”.

Percebemos neste caso que a violência e o medo organizou a vida desses moradores e afetou de maneira radical a vida psicológica de nosso interlocutor. Precisáramos de mais tempo para elaborarmos outras considerações a respeito dessa relação entre moradores e “praticantes” da violência, bem como o contrário também, como fizeram outros pesquisadores. Por ora, deixamos a reflexão para próximos debates futuros.

Outra questão que merece ser destacada é sobre aquilo que Koury (2011: 471-472) salienta que em muitos estudos desenvolvidos em bairros populares em várias capitais do país, apontam para a vulnerabilidade da juventude em relação à sua segurança pessoal no seu cotidiano, ao mesmo tempo em que revelam também que:

o aumento das transgressões entre os jovens habitantes dos bairros populares,

em pequenos furtos, assaltos à mão armada, envolvimento com drogas e prostituição; vagar pelas ruas dos bairros ou da cidade onde moram para zoar e mesmo intimidar os passantes, que normalmente os evitam, quando não os agridem ou demonstram expressões de medo.

Nesse sentido, o autor argumenta que diante da ineficiência das políticas sociais de inclusão, e diante da violência que acaba excluindo-os, a partir de uma cultura do medo que os colocam sobre o prisma de indivíduos “potencialmente perigosos”, “banaliza o teor social de incerteza presente nas atitudes dos jovens e para os jovens pobres, aumentando a exclusão e fazendo crescer suas atitudes agressivas e nas relações entorno” (KOURY, 2011: 472). Ao mesmo tempo:

Quando a taxa de crimes, especialmente os acompanhados de violência, chega a um patamar muito elevado, o medo da população e a insegurança ameaçam a qualidade de vida conquistada a duras penas em décadas de desenvolvimento econômico e de reivindicações sociais (ZALUAR, 1996: 107).

Ao mesmo tempo em que isso acontece, reforça-se muitas vezes a propagação de discursos “despóticos” “sobre a violência que tem como uma de suas características a de focos urbanos de violência, identificados primordialmente com as favelas” e comunidades carentes (SOARES; CARNEIRO, 1996, apud COELHO, 2010: 274). Ainda em relação ao modo pelo qual enxergamos os jovens, e especialmente se focarmos nosso olhar para a correlação entre jovem e criminalidade, os discursos que são produzidos revelam que:

O risco, quando depositamos o mal nos criminosos, é que nos identifiquemos com os personagens que encarnam o que repelimos. Volta a nós pela janela o que expulsamos pela porta. Reconhecemos em nós mesmos o mal que tentamos exorcizar e não suportamos olhar nossa própria imagem refletida no espelho dos criminosos. Identifica-se, assim, o ódio, a repugnância: não basta mais classificá-los, julgá-los, afastá-los do convívio social; é preciso matá-los, eliminá-los, apagar do planeta todo vestígio de sua presença. Desse modo, tentamos apagar os rastros do mal dentro de nós. Aí está a origem do linchamento e do fervor vingativo dos que clamam por pena de morte—daqueles que mantém sua posição, mesmo quando informados de que a pena capital não inibe a criminalidade (ATHAYDE, et al, 2005: 121).

A reflexão que fazemos disso é que aquilo que chamamos de cultura do medo, instaurada pela nossa vulnerabilidade e incapacidade de lidar com nós mesmos diante do o outro “estranho”, “suspeito”, “marginal” intensifica nosso isolamento através da criação de muros físicos e simbólicos que promove, separação, exclusão e isolamento social. E no que concerne aos jovens:

esse embaraço ganha contornos mais nítidos, associado que está a um distanciamento maior e cada vez mais alongado do poder de consumo, que vai desde o tempo e a qualidade da educação formal, à questão da inserção no mercado de trabalho precoce e cada vez mais difícil, até a aquisição de objetos

de moda. O que amplia a distância entre as classes, com a exclusão e banalização dos miseráveis, ao mesmo tempo em que, também, demanda um estranhamento geral, já que jovens de classe média baixa, e às vezes alta, são cada vez mais apontados como executores de atos de delinquência juvenil. Atos que vão desde a participação em roubos e furtos, espancamentos de outros jovens, envolvimento com droga, não apenas como consumidores, mas também como integrantes do tráfico, à prática do estupro, sequestro e morte.

### 3.8 E agora: qual é o tipo de violência que domina o pensamento dos moradores de Bodocongó?

Diante desse debate elaborei um quadro explicativo sobre o tipo de violência que domina o pensamento dos moradores de Bodocongó, bem como as suas percepções acerca do que se tem medo, de quem têm medo e os lugares em que estão associados tais práticas. Vejamos:

Quadro 2- Percepções da violência e medo em Bodocongó

Tipo de violência mencionado pelos moradores de Bodocongó	Medo de que?	Quem?	Onde?
Crimes violentos: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Assalto à mão armada</li> <li>• Arrombamento de casa ou estabelecimentos comerciais</li> <li>• Homicídios</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ser assaltado</li> <li>• Ruas mal iluminadas</li> <li>• Ser morto ou pessoas próximas morrerem</li> <li>• Ameaças</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Assaltantes</li> <li>• Pessoas “estranhas”</li> <li>• Pessoas de moto</li> <li>• Pessoas/ruas “carregadas”</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Rua Portugal</li> <li>• Pontos de ônibus</li> <li>• Rua do Senai</li> <li>• Bairro da Ramadinha</li> <li>• “Pedreira”</li> <li>• Fronteira entre o Canal do Severino Cabral e a Ramadinha</li> <li>• Canal do Severino Cabral</li> <li>• Ruas por trás do Cemitério</li> <li>• Açude de Bodocongó</li> </ul>

Fonte: Pesquisa de Campo, 2017

Como base nessas informações, podemos encontrar algumas pistas que indicam que a

construção das percepções da violência e do medo mediadas pela concepção simbólica e por eventos cotidianos sobre quem pratica de modo efetivo ou seus virtuais praticantes, bem como os lugares a serem evitados ou circulados de algum modo. Assim, a construção das percepções dos *bodocongoenses* são de alguma forma perpassadas por práticas sociais, bem como pelas informações que estes agentes sociais adquiriram durante suas trajetórias. Ao mesmo tempo, as experiências de vida congregam a partir da avaliação que fazem de situações concretas, pelas ações rotineiras, bem como por eventos que sinalizam enquanto preocupação com sua própria integridade e de pessoas mais próximas.

Com base nisso, podemos traçar algumas considerações. **Em primeiro lugar**, a busca por compreender os significados de medo e violência entre os moradores de Bodocongó esteve ligada a percepção de que o medo e a violência para esses indivíduos está relacionada aos crimes violentos praticados na cidade, bem como à difusão do medo resultante de fatos concretos e da sensação de insegurança em virtude de tal fenômeno.

Diante do exposto, entre os crimes violentos que se apresentam de modo mais expressivo na fala de moradores e noticiados em Campina Grande são o roubo, os homicídios dentre outros. Tal percepção está relacionada aos noticiários sobre crimes violentos na cidade. Isso pode ser percebido em Souza Júnior e Pereira (2014:147) quando afirmam que com o desenvolvimento urbano de cidades de pequeno e médio porte, compreendendo populações de 100.000 e 500.000 habitantes, tais espaços passaram a ser mais atraentes para os “criminosos que passaram a emigrar dos estados mais violentos em decorrência da participação mais ativa do Estado e representações da sociedade civil organizada”<sup>50</sup>. Sobre essa questão, o Mapa da Violência 2010 nos mostra através dos seus dados que os homicídios praticados em território brasileiro estavam passando por um processo de interiorização da violência. Segundo (SILVA, 2015)

os índices nas principais metrópoles do País e na Região Sudeste começavam a perder força, ao passo que nas regiões Norte e Nordeste, e mais particularmente nas cidades do interior dos estados dessas regiões, os casos de violência letal passavam a mostrar uma curva ascendente contínua nos últimos anos.

Sobre esse mesmo processo de interiorização da violência, Nóbrega Júnior (2012:21) também reforça que se por um lado a violência homicida reduziu suas taxas nos últimos tempos, a exemplo do estado de São Paulo, por outro lado, houve um crescimento dos seus índices na

---

<sup>50</sup>Assim, os autores argumentam que além desses fatores, outros indicadores reforçam tal expressão, a exemplo dos: “a) crimes violentos letais e não letais; b) delitos envolvendo drogas; c) homicídios dolosos; d) lesões corporais, e) estupro e g) furtos (Souza Júnior e Pereira, 2014: 148, apud Ministério da Justiça, 2012).”

região Nordeste “que aparece como a região mais violenta em números absolutos e em taxas de cem mil habitantes”.

Não podemos nos esquecer que muitos esforços relacionados à compreensão do crime e seus diversos tipos perpassam perspectivas da criminalista, sociologia do crime, direito criminal, dentro outros. De acordo com Guedes (2012) a relação entre o cometimento de crimes e o espaço em que ele se efetua são perpassados pelos estudos da Criminologia, e sobretudo a Criminologia Ambiental. Segundo a autora, essa abordagem tem como uma de suas principais influências alguns estudos realizados por pesquisadores (Park, Burgees, Shae e McKay) da Escola de Chicago. Segundo a autora, a Criminologia Ambiental enfatiza:

[...] no contexto ambiental e não tanto nos indivíduos, onde se procura estudar os elementos detalhados do ambiente que podem contribuir para um maior entendimento da incidência do crime (ibidem). Esta corrente enfatiza os papéis do espaço e do local na determinação do tempo, da localização e caráter dos crimes, advogando que os eventos criminais devem ser entendidos como confluências dos ofensores, vítimas ou alvos criminais, assim como leis em settings específicos de tempos e lugares. A análise do crime tem quatro dimensões: uma dimensão legal, uma dimensão do ofensor, uma dimensão do alvo ou vítima e uma dimensão espaço-temporal. Além disso, estas dimensões devem ser entendidas e interpretadas em relação a um background complexo histórico e situacional de características sociais, económicas, políticas, biológicas e físicas que definem o contexto em que as dimensões do crime estão contidas. (GUEDES, 2012: 24)

Segundo a autora, outros elementos constituem essa abordagem, a exemplo da influência do *design* do local, pela situação, o movimento de rotina das vítimas, dos “ofensores e vigilantes” que parecem refletir padrões de decisões. Além disso, considera-se fatores como a análise de que alguns países têm mais crimes do que outros, em certos bairros manifestam-se mais crimes do que outros, os tipos de locais específicos para tais práticas, avaliando essa distribuição desigual do crime, bem como os padrões “temporais de medo” que sugerem “diferenças entre o dia e a noite, bem como isso também contribui para moldar as “percepções das pessoas acerca do risco e o comportamento mais do que qualquer outra forma potencial de vitimação” (p.25-26).

Diante de tais circunstâncias, podemos afirmar que o **segundo aspecto** relacionado à compreensão do medo e da violência pelos *bodocongoenses* esteve relacionado ao modo pelo qual estes indivíduos enxergam o mundo em que estão inseridos ao seu redor, embora que isso seja de maneira parcial. Nesse sentido, Bodocongó enquanto um espaço marcado por práticas sociais, está em constante transformação, de modo que as mudanças pelas quais esse espaço sofreu ao longo do tempo, transformam também os próprios indivíduos que o constitui. Nessa medida, “nós moldamos os ambientes e eles nos moldam” (INGOLD, 2000). Então, de que

maneira os moradores de Bodocongó percebem o bairro onde moram e conseqüentemente a cidade onde vivem e experimentam diferentes situações em seu cotidiano?

O modo pelo qual os moradores de Bodocongó percebem o espaço no qual estão inseridos parte de um entendimento, uma forma de aprendizado no/do cotidiano sobre a relação que estabelecem entre si e com o lugar onde vivem. Desse modo, ao produzirem determinados significados sobre violência e medo, tal percepção é fruto da forma como esse ambiente do qual fazem parte passou por diferentes alterações e contribuíram para que mudanças ocorressem neles próprios. Existe aí um elemento importante para tal compreensão: o constante esforço de comparação entre o passado pacato do bairro, e um contexto atual marcado por narrativas marcadas por sentimentos de insegurança. Tal comparação reforça uma ruptura dos sentimentos de coletividade, de estreitamento de relações entre os vizinhos, das mudanças de valores e redes de convivência diferenciadas dos dias atuais, “o que provoca uma sensação nostálgica do que passou, de um tempo que não volta mais, onde os vizinhos se comunicam entre si e havia mais cordialidade e menos agressividade” (KOURY, 2011:476). Isso pode ser demonstrado a seguir a partir da recordação de uma moradora:

Antigamente era muito em paz, assim, o bairro, não tinha essa violência, esses problemas que têm hoje em dia. Era um lugar calmo de se viver. Todo mundo amigo, próximo, um ajudava o outro, não era como hoje em dia que a gente nem conhece os vizinhos muitas vezes. [...] Antigamente, pronto, quando a gente precisava de alguma coisa a minha vó dizia: Vá buscar, pedir tal coisa na casa do vizinho! A gente ia. Era uma coisa até normal naquela época. Vá buscar uma coisa fiado na bodega! Era uma coisa bem comum. Hoje em dia isso não existe mais né. Hoje em dia se acabou, a gente nem conhece os vizinhos muitas vezes.

Percebemos através do relato essa comparação de um passado tranquilo, em paz, em que todos eram amigos próximos e os vizinhos compartilhavam entre si relacionamentos solidários em que trocavam entre si algo que faltava no preparo da alimentação da família vizinha, ou que compravam fiado na “bodega” próxima de casa. Em contrapartida, a visão que tem na atualidade do bairro é de que alguns problemas estão mais presentes, a exemplo de uma violência mais latente, ou que pouco se conhece os vizinhos, quando os conhece, ao expressar que “hoje em dia se acabou, a gente nem conhece os vizinhos muitas vezes”. Em suma, na medida em que percebem uma diferença entre um passado pacato e um presente marcado pela violência e pelo medo, isso resulta em diferentes perspectivas sobre o lugar e sobre as pessoas que lá residem. Sendo assim, usar as categorias medo e violência nos ajudam a analisar o modo pelo qual essas transformações contribuíram para que esses moradores reorganizem suas vidas e deem sentido ao lugar onde vivem e a forma como percebem o espaço em que estão inseridos

na atualidade.

### **3.9 Medo e violência: Os possíveis riscos para o/a pesquisador/a em campo**

Diante dessa exposição, gostaria de acrescentar também sobre os riscos de se debruçar sobre uma temática tão próxima do cotidiano até mesmo daqueles que decidem pesquisar na sociedade onde vivem, pois todos nós (pesquisadores e pesquisados) somos de um modo ou de outro atingidos pelo medo ou pela violência. Assim, de que maneira, então, os pesquisadores que também são afetados quanto ao medo e sobretudo à violência podem escapar das visões simplistas e generalizadas de nossas próprias noções?

Em primeiro lugar acreditamos que todos nós compartilhamos de situações de insegurança, com os medos corriqueiros de se viver nas cidades, bem como sofremos por alguma forma de constrangimento diante da vulnerabilidade de ser atingido psicologicamente ou fisicamente por situações de assalto, roubo dentre outros. Assim, ao vivenciarmos determinadas situações no nosso cotidiano, isso de algum modo influencia na forma como praticamos determinados espaços em detrimento de outros, e na forma como relacionamos com as pessoas. Sobre os riscos de fazer pesquisas em espaços em que a violência se configuram como pano de fundo Silva (2014: 5) demonstra que:

[...] pela delicadeza do tema que “queima a língua de quem fala e os ouvidos de quem escuta”, (VARELA, 1999) era preciso enfrentar desafios singulares na prática etnográfica. Entre esses estava o desafio de ver sem olhar diretamente e entender sem perguntar, ficar atento, embora por vezes parecesse distraído ou ainda, como assevera (FOOT-WHITE, 2005:304) “sentado e ouvindo, soube as respostas às perguntas que nem mesmo teria tido a ideia de fazer se colhesse minhas informações apenas por entrevistas”.

Mediante tais circunstâncias, ao fazer um exercício etnográfico sobre tais questões devemos levar em consideração a própria biografia do/ pesquisador/a e sua experiência no mundo social, pois tal experiência é também um esforço reflexivo sobre sua compreensão de mundo em um contexto relacional com seus interlocutores. Além disso, ao levamos em conta a biografia do/a pesquisador/a enquanto um elemento importante, ao mesmo este/a deve atentar ao mesmo tempo “às experiências sociais de seus interlocutores, ao modo como eles próprios organizam suas biografias[...]” (PEREIRA, 2015: 108).

Em segundo lugar, compreendemos que uma das formas de driblar alguns obstáculos, é que , primeiramente, o pesquisador tem de se esforçar em construir o cenário social do qual pesquisa, permitindo ao leitor compartilhar, assim como a tela de um pintor, as diferentes tonalidades, as sombras e planos de fundo que “orientam os procedimentos sociais nos atos

interativos, bem como ter o mínimo de dados sobre as disposições sociais que estavam em jogo nas interações cotidianas” (ROCHA e ECKERT, 2000: 7). Para isso, é necessário:

[...] realizar o movimento duplo que marca o fazer antropológico, qual seja: de um lado, mergulhar no cotidiano da vida para visualizá-la em seus detalhes, nuances e configurações. De outro, emerge do campo de pesquisa para estabelecer conexões, entender práticas, compreender sentidos e propor análises. Enfim, produzir o texto etnográfico. (SILVA, 2015: 86)

Portanto, esse “mergulhar no cotidiano da vida” dos pesquisados, distinguir aquilo que é “corriqueiro” do “extraordinário” fez parte desse processo de compreensão do modo como moradores de um bairro popular se preocupam com a violência e reagem frente ao medo associado à ela. E isso só foi possível através do processo de reflexividade durante toda a pesquisa mediada por uma relação dialógica entre pesquisadora e pesquisados que compartilham entre si tais vivências e interesses. Assim, essa busca se deu inicialmente por tímidos contatos, mas que com o passar do tempo a interação fluiu de modo mais “relaxado” a partir de uma conexão mais próxima que foi estabelecida aos poucos durante a pesquisa.

Nesse sentido, foi fundamental a atenção as diferentes nuances contidas nas narrativas dos moradores, desde àquelas mais “generalizadas” e àquelas mais elaboradas a partir de sua visão de mundo, de seu lugar de fala e das experiências vividas ou fruto de suas percepções.

Sobre essa discussão, vivenciei uma experiência que serve de exemplo para pensarmos a relação entre pesquisadora, pesquisados e o objeto de pesquisa.

Era uma tarde de terça-feira do mês de agosto de 2016, quando me dirigia à casa de um casal que iria entrevistar. Desci do ônibus por volta das 14h:45 próximo ao lugar marcado e fui em direção à rua onde idosos moravam. Chegando lá, percebi que o número da casa estava um pouco apagado, e decidi telefonar para não correr o risco de chamar por eles na casa errada. Feito isso, a moradora disse que iria abrir o portão, e o que me restava naquele momento era esperar. Acontece que já ia se passando quase cinco minutos e a senhora não abria o portão. Pensei comigo mesma “aqui está silencioso demais, não tem ninguém no meio da rua!”, e resolvi ligar novamente. A senhora um pouco sem saber o que estava acontecendo, disse que estava me esperando há algum tempo em frente à sua residência. Foi quando percebi que estava mesmo na casa errada! Ela me disse, um pouco preocupada, que eu atravessasse a rua principal, pois a casa dela ficava na parte onde a rua não era calçada. Um pouco ofegante devido a pressa para não chegar atrasada, vi o casal de idosos sorrindo e acenando em minha direção. Os cumprimentei e pedi desculpas pelo engano. Eles sorriram e me convidaram para entrar na casa deles e me levaram em direção à cozinha. Foi quando em meio a uma conversa a senhora me contou, um pouco receosa, que havia ficado preocupada comigo e em seguida me disse:

A bandidagem tá tomando conta do mundo, e a gente não sabe mais nem o quê que faz. Podia muito bem você chegar aqui e ficar procurando a casa da gente né, mas você preferiu telefonar né? Aí eu fico pensando: será que a menina vem só? Porque é perigoso! Aí a gente nem sabe o quê que faz mais. (DONA RITA)

Diante da possibilidade de que eu fosse assaltada devido à exposição do aparelho celular na rua onde a moradora morava, ela demonstrava um certo receio de que eu fosse assaltada, por estar em um possível lugar propício a assaltos. Ao mesmo tempo, ela aciona no seu inconsciente um fato costumeiramente vivenciado, falado e compartilhado por ela e outros moradores de que eu seria um alvo “fácil” por estar sozinha e algum suposto “bandido” me assaltar, pois na sua visão lá é “perigoso”. Percebemos aqui alguns elementos importantes que nos ajudam a compreender a sua fala: a “bandidagem”, eu (suposta “vítima” e sem companhia), um telefone celular em um lugar “perigoso” (a rua onde a moradora reside). Nesse cenário narrado e construído pela moradora, de um lado reforça o “assalto” enquanto um crime em circulação nas mídias (televisivas, internet, rádio, etc.), em discussões teóricas e muitas vezes experimentado por muitas pessoas diariamente, ou seja, um fato concreto. Por outro lado, temos o medo do crime enquanto um elemento emotivo diante da possibilidade de ocorrer um assalto, bem como a avaliação que ela faz diante do risco de que eu fosse vítima, tendo em vista o reconhecimento de que aquele lugar (a rua), a pessoa (“a menina”) e a situação (“usando o celular”) eram fatores potenciais de perigo e vitimação possivelmente praticado pela “bandidagem”. Assim, diante dessa situação concordamos que escutar o “Outro”

Exige um aprendizado a ser conquistado a cada saída de campo, a cada visita para a entrevista, a cada experiência de observação. Os constrangimentos enfrentados pelo desconhecimento vão sendo superados pela definição cada vez mais concreta da linha temática a ser colocada como objetivo da comunicação. (ROCHA e ECKERT, 2000:7)

E mais que isso:

Quem se lança nessa aventura nem percebe quantos códigos de comportamento-- e quantos códigos visuais-- foram aprendidos e reaprendidos para que a experiência pudesse um dia ser vivida com prazer e entendimento razoável sobre o que se passa. [...] o decisivo, no olhar, é a relação. (ATHAYDE [et al] 2005: 171)

Acrescentamos que a narrativa construída pela moradora, diante de uma situação específica, nos mostra que uma das chaves explicativas para sua compreensão se debruça também sobre:

“o fascínio que a violência exerce sobre todo mundo, por atração ou repulsa.

Ela faz, em nós uma ligação direta com nossas emoções mais profundas e primitivas: terror, amor, ódio, prazer, dor, as seduções do poder, o desamparo da impotência, a proteção paterna [...]” (SOARES, 2011: 12)

Sobretudo, as práticas de violência na vida social, as sensações e percepções à elas produzidas também impõe aos indivíduos uma profunda “insegurança simbólica” (DIÓGENES, 1998: 135). E ainda, “a marca dessa insegurança é a sensação de desamparo experimentada pelos indivíduos diante de assuntos que parecem minar certezas e racionalidades já alcançadas, nesse final de século, no mundo da ciência” (Idem, 1998: 135).

Nesse sentido, atrelado à situação que compartilhei com a moradora à reflexão que fiz em um estudo anterior sobre a produção social do medo, pude perceber que o medo pode ser manifestado a partir da nossa incerteza diante de situações concretas ou virtuais de sermos atingidos por algo ou alguém. O medo também é produzido através de um sentimento relativo ao perigo, vulnerabilidade e a sensação de insegurança. Assim, especialmente no nosso caso estudado, se levarmos em consideração à violência em seu caráter negativo, o medo gira em torno da criminalidade e de quem o pratica (DE MARIA, 2014: 33-34). Mas ao mesmo tempo, ele funciona enquanto elemento estratégico de proteção, pois ao utilizarmos o medo, podemos driblar situações adversas por um conhecimento anterior de experiências compartilhadas pelos indivíduos de que em determinados horários ou certos espaços devem ser evitados pois são ermos, pouco iluminados, ou se constitui enquanto lugares onde pouco se circula pessoas.

Além disso, a dramatização de noticiais presentes em veículos de informação a exemplo de jornais impressos, informações na internet, e dos jornais televisivos, a exemplo dos policiaescos, contribuem para difundir o medo e os sentimentos de insegurança. Assim, acreditamos que:

A seleção das matérias a serem exploradas pela mídia, geralmente são aquelas que dão maior repercussão e que vendem mais, como os casos de violência, e, além disso, ela apela por uma “linguagem coloquial, escandalosa com a meta de impactar o leitor” (SOUZA, A.C.B., 2002) ou o espectador. Além disso, ela usa de estratégias, a exemplo do foco exclusivo de situações atuais, fazendo-nos “esquecer” dos acontecimentos passados, pelos interesses de mercado envolvidos (SPOSITO e GÓES, 2013). Assim, a mídia, segundo Souza (2008: 30) procura amplificar e retroalimentar o medo, tendo em vista que o crime rende boas manchetes, e o medo do crime vende jornais impressos e encontra uma audiência que é bastante ampla. Tal indústria se alimenta do medo que conseqüentemente o alimenta, e constitui como um poder simbólico (DE MARIA, 2014: 39).

O medo da violência condiciona diferentes formas de se relacionar com os espaços e com as pessoas, se trata de uma interação que dinamiza as sociabilidades e a forma como se lida com o cotidiano. Além disso, a sua difusão causa diferentes impactos nos indivíduos

enquanto um poder simbólico que se impõe pelos comentários sobre casos de violência no cotidiano, a exemplo das falas do crime explorado por Tereza Caldeira (2003), pela mídia, pela indústria do medo, dentre outros fatores.

### 3.9.1 Caminhando para as percepções de insegurança

De acordo com Zanetic (2006:2) o crescimento da criminalidade e da sua especialização; a percepção da violência e o aumento da insegurança; e as mudanças na utilização do espaço urbano e circulação da população nas grandes cidades são fatores que possibilitaram a ampliação do mercado da segurança privada no Brasil no século XX. Ainda de acordo com o autor, a segurança privada no Brasil, cresceu consideravelmente a partir dos anos 90, com a presença de empresas de vigilância, de vigias circulando nas ruas e a disseminação de equipamentos tecnológicos da indústria de segurança eletrônica.

Um exemplo que ilustra as estratégias oferecidas pela indústria da segurança privada pode ser observado nas propagandas de seus produtos e serviços. Uma das empresas que tem filiais em várias cidades do país, inclusive em Campina Grande, utiliza determinados mecanismos de convencimento aos seus futuros consumidores: é a Prosegur. No site<sup>51</sup> da empresa percebemos o apelo aos sistemas de segurança cuja vantagem está em “proteger de forma eficaz” e detectar “qualquer incidência” e informando o cliente com “o menor tempo possível”. O monitoramento oferecido “garante” uma assistência 24 horas especializada em casos emergenciais, trazendo maior “tranquilidade” onde quer que o morador esteja: sete dias por semana. As câmeras são colocadas em pontos estratégicos, e uma vez ativadas é possível monitorar e captar imagens de todos os movimentos mesmo se a pessoa não estiver em casa, acessando tudo isso através do computador, *tablet* ou *smartphone*. A empresa ainda reforça que garante “sua tranquilidade a todo o momento, em qualquer lugar”.

Um vídeo<sup>52</sup> da empresa disposto na internet, nos ajuda a refletir sobre algumas dicas de segurança do empreendimento. O vídeo em questão é intitulado “Dicas de segurança para as suas férias”. Nele estão contidas frases do tipo “Acione seu alarme antes de sair de casa! Não deixe as luzes acesas para não chamar atenção! Não divulgue qual será o seu destino nas férias! Atenção redobrada aos seus objetos pessoais!” Todas essas “dicas” se expressam em tom imperativo através de palavras de ordem: acione, não deixe, não divulgue, atenção! Assim, a

<sup>51</sup> Site da Prosegur <http://www.prosegur.com.br/bra/index.htm>

<sup>52</sup> O vídeo da Prosegur está disponível no YouTube e pode ser acessado no link: <https://www.youtube.com/watch?v=1-4KKNb9fDQ&list=PLQnG6OgBlmZZbdorfGtieou9ynY0iDi7p&index=5>

busca pela segurança é bastante enfatizada tanto dentro quanto fora da moradia das pessoas.

Nesse sentido, as empresas de segurança privada<sup>53</sup> e especificamente a empresa em questão se beneficiam com a venda de serviços e equipamentos de “proteção” destinados a bancos, indústrias, escolas, *shopping-centers* e moradias, principalmente em condomínios fechados para impedir que “intrusos” adentrem em seus espaços agora fortificados.

Dessa forma (MAIA, 2012: 8-9) reforça que através de diferentes instrumentos de segurança, “o olhar dominador- ou esse olho do poder, sobre o qual discorreu Foucault, pautando-se em Benthan-, torna-se muito mais eficaz para identificar os indesejáveis, os suspeitos e, mais que isto, para constrangê-los a permanecerem dóceis, imobilizados ou, de preferência, afastados do local.” Para a autora, os modelos e projetos arquitetônicos das casas, lojas, shopping centers e condomínios expressam também uma linguagem de ordem, onde cada detalhe é pensado racionalmente.

Reforçando o que a própria Tereza Caldeira (2000) ressaltou, a presença de guaritas, de guardas armados e o uso de equipamentos eletrônicos nas cidades brasileiras tem como características diferentes níveis de sofisticação e por consumidores de segmentos diferenciados. Maia (2012) também esclarece que “o mercado da segurança também é marcado pela concorrência entre atividades formais, informais e ilegais”. Ela coloca ainda que em diversos espaços da cidade encontramos mecanismos de controle ultrassofisticados, mas também cercas elétricas mais acessíveis ao bolso do consumidor, mas todos eles cumprem a função de nos submeter ao controle “exercido tanto por profissionais treinados por uma das milhares empresas que atuam de forma regular no mercado, quanto por pessoas totalmente despreparadas que são “contratadas” por moradores ou comerciantes para ‘manter a ordem’”. Assim, a busca pela ordem social e pelo controle dos corpos é enfatizada por essa “indústria do medo” que funciona dentro de uma lógica capitalista e que reforça que o uso e o consumo de seus equipamentos e serviços são fundamentais para que os indivíduos possam se sentir “protegidos” do caos que assola as esquinas da cidade.

Mas, e quem não tem como garantir todo esse “arsenal protetor”? Como fazem os moradores de Bodocongó?

Quando acompanhava mais de perto as rotinas dos moradores, verifiquei que as pessoas

---

<sup>53</sup> O texto “A Indústria do medo e o consumo da segurança - impactos sobre a vida urbana” de Rosemere Santos Maia é fundamental para discutir sobre os investimentos da segurança privada a partir da lógica do consumo de sofisticados mecanismos que ao mesmo tempo prometem proteger, mas que também refletem como elemento de distinção social em segmentos privilegiados de “enclaves fortificados”.

utilizam determinadas estratégias para se proteger do “perigo” que supostamente ronda o bairro. Diversos pontos comerciais, a exemplo de mercadinhos, padarias, oficinas mecânicas, mercearias, casas de materiais de construção fecham seus estabelecimentos por volta das 19 horas da noite. Por outro lado, outros locais como lanchonetes, farmácias, bares fecham suas portas um pouco mais tarde. Outro aspecto interessante é no que diz respeito àqueles moradores que voltam de suas atividades um pouco tarde da noite: lazer, trabalho, escolas, faculdades e outros locais. Por volta das 21-22 horas, alguns de seus familiares os esperam próximos às paradas de ônibus ou de um lugar próximo para dar “apoio” na ida para casa; outros andam de modo apressado, telefonam para alguém de casa para avisar que estão chegando. Por último, uma característica importante materializada nas casas<sup>54</sup> dos moradores é o investimento de meios de proteção acessíveis, a exemplo de portões com poucas aberturas, o aumento da altura dos muros das casas, o uso de cacos de vidro ou grampos de ferro e em alguns casos o uso de câmeras eletrônicas e cercas eletrificadas. A seguir encontramos duas imagens que representam esse investimento de proteção de uma mesma casa em momentos distintos, a primeira em 2011 e a segunda em 2015. Nelas podemos perceber que a casa sofreu ao longo de quatro anos algumas mudanças significativas:

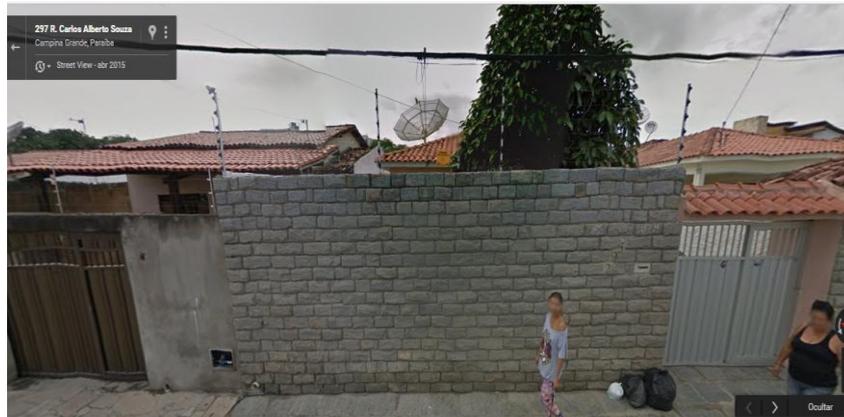
Figura 23- Residência em 2011



Fonte: *Print Screen do Google Maps, 2016*

<sup>54</sup> Discutiremos com um pouco mais de atenção sobre as estratégias de proteção presentes nas casas dos moradores de Bodocongó nos próximos capítulos.

Figura 24- Residência em 2015



Fonte: *Print Screen do Google Maps, 2016*

Na primeira imagem em 2011 o muro da casa era um pouco menor e coberto por uma vegetação que “impedia” a visualização do seu interior. Do lado direito do portão da residência podemos observar a presença de um adesivo que indica que ali passava o vigia noturno em frente à casa. Por outro lado, na segunda imagem não encontramos mais aquela vegetação que adornava o muro, apenas a árvore permaneceu no mesmo lugar. O muro foi elevado alguns centímetros, e a vegetação que o cobria foi substituído por uma cerca eletrificada. Nesse sentido, podemos perceber que em poucos anos a mesma casa sofreu algumas mudanças significativas que representam algumas estratégias que os moradores utilizam para se proteger. E isso coloca em ênfase sobre a ação dos moradores como ação para se proteger da violência urbana.

Desse modo, através dessas estratégias, os moradores do bairro procuram organizar e modificar suas rotinas mesmo que o medo “ronde” suas vidas. Diante disso, um dos significados do medo se apresenta a partir de uma relação direta ou da possibilidade de ser vítima de assalto, como podemos ver nesses relatos:

Antigamente Bodocongó era um bairro muito pacato. Todo mundo podia até dormir com as portas abertas. Hoje nós estamos vivendo e convivendo com muito índice de criminalidade aqui, principalmente assaltos né. (Enfermeira) [O bandido estava] armado e ameaçando. Ele disse que ia me matar por que eu “tava” com pouco dinheiro. (Dono de uma loja de material de construção).

O medo de ser assaltado mediado pela concretude ou a possibilidade de se tornar um alvo é reforçado pelo sentimento nostálgico de um tempo em que as pessoas dormiam “até com as portas abertas” em um bairro que era pacato, mas que ao atualizar essa reflexão, salienta que nos dias de hoje as pessoas vivem e convivem com a presença de muitos assaltos. Além disso, o medo presente em uma circunstância particular protagoniza um desequilíbrio de poder entre

aquele que detém uma arma de fogo, e o outro que se sente vulnerável diante das ameaças de morte que o seu algoz fez por deter pouco dinheiro.

No último exemplo encontramos duas coisas. A primeira é a violência (a partir do crime do assalto à mão armada) e a outra é o poder (presente na relação entre o algoz e a vítima). Sobre essas duas questões lembramos daquilo que Hannah Arendt (1970) no ensinou:

Uma vez que a violência – distinta do poder, força ou vigor – necessita sempre de instrumentos (conforme afirmou Engels há muito tempo atrás), a revolução da tecnologia, uma revolução nos processos de fabricação, manifestou-se de forma especial no conflito armado. A própria substância da violência é regida pela categoria meio/objetivo cuja mais importante característica, se aplicada às atividades humanas, foi sempre a de que os fins correm o perigo de serem dominados pelos meios, que justificam e que são necessários para alcançá-los.

Ainda de acordo com a autora:

Se a essência do poder é a efetividade do domínio, não existe então nenhum poder maior do que aquele que provém do cano de uma arma, e seria difícil dizer “de que maneira a ordem dada por um policial é diferente daquela dada por um bandido armado” (p.23).

Nesse sentido, ao estar sob o poder do seu algoz, o comerciante-vítima se sente acuado e amedrontado diante da possibilidade de ser morto. A violência presente nessa relação se aproxima do vigor que o instrumento da violência é utilizado com o objetivo de atingir um propósito: o bem material do outro.

Assim, o contato com o desconhecido, o estranho e o esquisito são particularidades do medo presentes em muitas relações encontradas pelos moradores de Campina Grande. Desde aqueles residentes em condomínios de classes média e alta, até os moradores de bairros populares entre os quais situamos Bodocongó. Então, se por um lado

os condomínios parecem oferecer uma sensação de segurança ao mesmo tempo em que alimentam e reproduzem a sensação de medo da violência urbana e dos seus virtuais praticantes, os membros das “classes perigosas” que habitam para além dos muros dos enclaves (DE MARIA, 2014: 63)

Por outro lado, os habitantes de Bodocongó reconstróem o seu cotidiano a partir de como concebem o medo desse “estranho”, “esquisito” e “desconhecido” poder que a violência exerce de um modo ou de outro as suas vidas. Nesse sentido, para tentar compreender os meandros que envolvem essas dinâmicas que nos apoiamos no exercício etnográfico, cuja possibilidade nos leva a crer que podemos captar a perspectiva dos moradores em relação “a como transitam, como usufruem, como utilizam, como estabelecem relações” (GUBER, 2005 apud URIARTE: 181).

Diante das reflexões que fizemos até agora, passemos para o Capítulo 3 onde

discutiremos de modo mais específico sobre os significados que os *bodocongoenses* atribuem para o fenômeno violência atrelado ao medo e em que medida esses significados orientam a forma como enxergam o bairro e as pessoas ao seu redor. Passemos adiante.

#### 4 CAPÍTULO 3- VIOLÊNCIA E MEDO: MAPEANDO OS SIGNIFICADOS PRODUZIDOS PELOS *BODOCONGOENSES*



Fonte: Elaborada pela autora, 2017

Vimos no capítulo anterior que os significados de violência e medo têm uma relação estreita com o impacto causado pelos crimes violentos, pela difusão do medo e pela sensação de insegurança. Além disso, a compreensão de tais fenômenos para os *bodocongenses* também está relacionada ao modo pelo qual essas pessoas enxergam o mundo em que estão inseridas, num constante esforço de comparação entre um passado pacato e um presente marcado por esses fenômenos em seu cotidiano.

Nesse sentido, os *bodocongenses* traçam suas trajetórias a partir de narrativas de recuperação do passado, apontando os locais onde moram ou moravam, os espaços de convivência, o comércio, o trabalho e as sociabilidades. Além disso, cada história de vida dessas

peessoas também está atravessada por situações do cotidiano atual, na medida em que esses moradores percebem as transformações do bairro e como tais transformações influenciaram na forma como se relacionam atualmente com a localidade, com os outros moradores, com “os estranhos”, com a rua onde moram, os espaços praticados (ou rejeitados) e etc.

Além disso, a forma pela qual os *bodocongoenses* significam violência e medo tem uma estreita relação com os fatores já citados. Diante de tal constatação, podemos voltar o nosso olhar para a compreensão do que se entende e o que se fala sobre esses fenômenos e de que modo essas interpretações orientam a vida e as ações dos moradores de Bodocongó. Para que isso seja possível, acreditamos que seja necessário percorrer, inicialmente, pelo resgate das trajetórias de vida dos moradores no bairro de Bodocongó, por meio das motivações que os fizeram “pousar suas asas” na localidade; em seguida sobre as memórias que narram suas histórias de vida e que ajudam a pensar a própria história do bairro, para que possamos compreender a forma como enxergam o bairro atualmente em meio às mudanças que este sofreu; e as significações que fazem acerca dos fenômenos que temos discutido ao longo do texto.

#### **4.1 Memórias de Bodocongó, memórias dos *bodocongoenses*: reconstruindo histórias de vida e narrativas de violência e medo**

Pensar os elementos que temos discutido ao longo da dissertação nos coloca no esforço de apresentar de forma mais detida aos/as leitores/as as trajetórias dos moradores de Bodocongó. Mas de que forma essas trajetórias de vida nos ajudam a pensar sobre violência e medo? Em primeiro lugar, reconstruir as narrativas dos moradores a partir de sua vivência ao longo do tempo em que moram no bairro, é fundamental para que possamos entender o modo pelo qual essas pessoas experimentaram as transformações do lugar onde vivem a partir de suas visões de mundo, na medida em que também foram afetadas em seu cotidiano atual em suas sociabilidades e nas diferentes formas de interação. Nesse sentido, ao nos debruçarmos sobre as histórias de vida dos sujeitos à luz do que Cornelia Eckert (2002: 1) mencionou:

Tomamos as narrativas como sendo a maneira singular de problematizar o caráter temporal de suas experiências de vida, exteriorizando valores interiorizados cotidianamente pelo sujeito-narrador, evidenciando a complexidade das tramas cotidianas de inserção nos contextos sociais, da negociação dos papéis e performances demandados e do desempenho no ato comunicativo/vivido.

Em segundo lugar, acredito que essas histórias de vida dos *bodocongoenses* que se

debruçam por diferentes narrativas a partir dos seus lugares de fala, nos faz pensar e problematizar a construção das memórias individuais e coletivas que se articulam para organizar e dar sentido às diferentes histórias acerca do bairro, bem como nos auxilia na compreensão dos impactos causados pelas transformações sofridas pelo local e por seus moradores a partir das percepções de violência e medo. Dessa forma, acreditamos que “ao pensar no espaço por meio das histórias dos sujeitos que se relacionam com ele, estas podem ser interpretadas como elementos que possuem o poder de organizar um todo a partir de um fragmento vivido” (FAZZIONI, 2014: 287).

Logo, ao pensarmos no bairro de Bodocongó enquanto um espaço de memória, juntamente com a construção de memórias individuais e coletivas em relação a este lugar, apreendemos que a memória é constituída por acontecimentos individuais e coletivos, “é formada por pessoas, personagens e lugares (da memória)” (POLLAK, 1992: 201), bem como podemos compreender o modo pelo qual os *bodocongoenses* vivenciam, compartilham, percebem as modificações do bairro ao longo do tempo e a maneira pela qual o impacto da violência e do medo têm direcionado novas formas de “ser e estar” na localidade, bem como as suas ações se orientam de determinadas maneiras para se “proteger” de situações adversas, de pessoas consideradas “estranhas”, de significar o que é violento e do que se tem medo, ou de criar novos modos criativos para estabelecer suas sociabilidades.

Outrossim, ao pensar em histórias de vida Teresa Haguette (1992: 81-82) ao apresentar um balanço sobre a origem e desenvolvimento de seu uso enquanto instrumento de pesquisa de caráter social, ela afirma que “1. ela serve como ponto de referência para avaliar teorias; 2. ela ajuda em âmbito de pesquisas que tratam dela apenas tangencialmente; 3. ela pode nos fornecer alguns “insights” (palpites); 4. Pode sugerir novas variáveis aos estudos realizados; 5. Ela pode, mais do que qualquer técnica, exceto talvez a observação participante, dar sentido à noção de 'processo’”.

Nesse sentido, ao fazer uso de entrevistas-narrativas e semi-estruturadas, procurei nesse processo, me pautar nas histórias de vida dos *bodocongoenses*, tendo em vista que o uso dessa técnica possibilitou encontrar alguns elementos importantes levantados sob o ponto de vista dos moradores, e que nos permitiu conhecer suas estratégias, “suas táticas, suas suposições, seu mundo e os constrangimentos e as pressões aos quais estão sujeitos” (HAGUETTE, 1992: 82-83) em virtude de questões que envolvem os relacionamentos com o bairro onde moram, bem como as dificuldades enfrentadas no cotidiano, especialmente as percepções que têm sobre violência e medo.

A partir disso, nas entrevistas-narrativas que realizei com os *bodocongoenses*, procurei,

em nossos encontros, instigá-los a narrarem, a partir de sua vivência no bairro, sobre qual era a sua relação com o local, para que depois eu pudesse questioná-los sobre outros assuntos que fossem surgindo durante as nossas conversas.

Dessa maneira, o tópico principal que norteava os nossos encontros se baseava nas seguintes indagações:

Eu queria que você me contasse a sua história de vida aqui em Bodocongó desde o dia em que você começou a morar aqui até os dias de hoje. Em segundo lugar, eu queria saber: quais são as suas principais lembranças? Depois, gostaria que me explicasse também quais são as principais mudanças, que você considera mais importantes, que o bairro passou durante esse tempo que você mora aqui. Por último, queria dizer que você pode me falar sobre isso da maneira que achar melhor e do jeito que você quiser. Quando você concluir, basta me avisar que depois eu vou lhe pedir alguns esclarecimentos de algo que eu possa não ter compreendido direito.

Assim, tendo por base esse tópico inicial, verifiquei que os moradores com os quais fazia as entrevistas-narrativas se sentiam mais à vontade para resgatar as memórias do passado, bem como relacioná-las às suas vivências no cotidiano atual. Por outro lado, alguns desses moradores se sentiam um pouco desconfortáveis ou tentavam responder o que “eu queria ouvir” quando eu lançava questões baseadas em um roteiro com algumas perguntas com caráter semi-estruturado. Diante dessas experiências fui viabilizando essas técnicas de pesquisa a fim de encontrar informações consideráveis para problematizar narrativas com afirmativas “clichês”, mas também transformar tais informações em dados importantes para questionar o porquê de tais discursos. Destarte, acredito que a junção desses dois tipos de entrevistas foi de fundamental importância para averiguar os meandros, as táticas, as estratégias, e até mesmo as omissões dessas narrativas. Ao mesmo tempo, é interessante mencionar que, se durante os nossos diálogos alguma coisa passava em “branco”, quando retornava para casa, ouvia as gravações, as transcrevia e lia as descrições que fazia no diário de campo, como que em um estalo surgiam verdadeiros *insights*, seguidos de um “como que eu não enxerguei isso antes?”

Desse modo, tendo esclarecido essas questões, passemos efetivamente para as narrativas construídas pelos moradores.

A primeira história de vida que trazemos aqui é descrita pelos rabiscos que desenharam a infância de Cecília, uma jovem balconista de aproximadamente 30 anos, estudante de Serviço Social, que residiu no bairro em uma casa próxima ao açude com os avós e a irmã mais nova até 2008, tendo em vista que a mesma casou e foi morar em outra casa que faz fronteira entre os bairros de Bodocongó e o Pedregal. Ela descreve a localização da sua atual casa como pertencente a área de Bodocongó, mas outras pessoas afirmam que o mesmo local faz parte do

Pedregal. Sobre isso, os dados oficiais do município de Campina Grande não indicam de forma exata o bairro onde a moradora reside, tendo em vista que em algumas ruas da cidade consideradas fronteiras entre um bairro e outro, muitos moradores tomam por base o local de moradia a partir da identificação com o lugar, o endereço presente na escritura de suas casas e até mesmo a localização indicada nos papéis das companhias de água (Cagepa) e energia (Energisa) que chegam em suas casas mensalmente. Assim, o mapeamento produzido a partir dessa questão nos revela diferentes leituras que os moradores fazem do seu bairro, estratificando a partir da percepção que têm da violência.

Outro elemento importante diz respeito aos estigmas colocados ao bairro do Pedregal, visto enquanto um lugar “perigoso”, habitado por pessoas de “caráter duvidoso”, apresentado pela mídia local enquanto um lugar de “práticas de violência”, “favela”, entre outras adjetivações negativas, que por vezes faz com que muitas pessoas se digam ser pertencentes à outro lugar, como forma de se distanciar dos estigmas apontados pelo restante da cidade campinense.

Para acrescentar à discussão, devo esclarecer que como mencionei em páginas anteriores, entrevistei 3 pessoas por *Facebook* em virtude da indisponibilidade de tempo destas, tendo em vista que trabalhavam o dia todo, e Cecília foi uma delas. Cecília é uma pessoa que eu conheci nos tempos de escola, quando estudávamos no Ademar Veloso da Silveira. Nós não éramos colegas de classe, mas tínhamos amigos em comum. Desde essa época, o contato que tínhamos era apenas pelo *Facebook*, mas sabia que ela residiu muitos anos no bairro. Assim, como um dos aspectos que levei em consideração foi o tempo de moradia, procurei em meus contatos virtuais àquelas pessoas que se “encaixavam nesse perfil”.

Desse modo, na condição de conhecida, entrei em contato com ela e expliquei sobre o trabalho que estava desenvolvendo sobre Bodocongó e seus moradores. Dessa forma, nós fomos conversando por bate-papo no *Facebook* e marcamos a entrevista às 18h30 de uma sexta-feira do dia 1 de julho de 2016. Após alguns minutos para nos conectarmos, pudemos olhar nos olhos e dialogarmos por alguns instantes. Apesar dos ruídos e interferências, pude observar seus gestos, sua atenção a cada pergunta que fazia e alguns eventuais silêncios. Assim, sobre a sua vida no bairro, Cecília pinta com pinceis da memória as recordações de sua vivência a partir do seguinte relato:

Eu morei em Bodocongó assim que eu nasci né. Assim que eu nasci... Minha mãe morava em Bodocongó, minha vó morava em Bodocongó, minha mãe trabalhou na Ipelsa, minhas tias; meus avós trabalharam na Têxtil. Então todo mundo participou assim do início do bairro. E eu nasci na FAP, né, Bodocongó (risos). E eu fiquei até uns três anos morando aqui em Bodocongó; quando eu fui pro Rio com minha mãe eu voltei com seis anos, seis pra sete anos pra

morar com meus avós. Foi quando perdi minha mãe e fui morar com meus avós na Rua Portugal, de frente ao açude de Bodocongó, né, conhecido açude de Bodocongó! E fui estudar no Padre Antonino... Eu estudei no Padre Antonino da primeira a quarta série. Depois eu fui estudar no Estadual de Bodocongó, no AVS... Eu estudei da quinta até o terceiro ano lá no Estadual. O tempo que eu morei (pensando...) foi dos seis até os vinte e um anos. Faz... Não saí totalmente por que eu moro ainda em Bodocongó. Dos meus seis até uns vinte e um anos, uns 15 anos né? [...] Minha vó conta que se criou em Bodocongó, né. Os pais dela eram de lá, ela tomava banho de açude, o açude era limpo, todo mundo ia tomar banho de açude. As festas eram lá na beira do açude e ela têm muitas histórias assim, de lá. Mas ela morou em outros lugares. Ela morou ali na “Rua da Barreira”, morou em Boqueirão, morou em João Pessoa. Morou em vários lugares, mas sempre, assim, a raiz foi mesmo ali em Bodocongó, ali perto do açude mesmo, tudo foi por ali por perto.

Percebemos em sua fala uma estreita relação de sua vivência no bairro de Bodocongó a partir de fios de memórias que expressam as interações estabelecidas na antiga Ipelsa (hoje Coopapel) por sua mãe e tias que trabalharam na fabricação de papel higiênico; bem como os seus avós que eram operários da Têxtil onde teciam fios como fiandeiros, especificamente no momento auge da indústria no bairro, como pudemos ver no Capítulo 1. Além disso, ela é enfática ao mencionar que nasceu na FAP que também é em Bodocongó, nas proximidades da outra extremidade do açude próximo à UEPB e a Escola Técnica Redentorista<sup>55</sup>, bem como cita que foi ainda pequena para o Rio de Janeiro, mas teve que voltar em virtude da morte da mãe. Assim, sua vida inteira até antes de casar foi cercada por memórias que confundem sua trajetória com a história do bairro, seja quando morava com os avós e a irmã mais nova em uma vilinha de casas na beirada do açude na Rua Portugal, em que a mesma descreveu em outra conversa sobre as dificuldades que os moradores enfrentavam quando chovia, ao ter suas casas “engolidas” pelas águas açude; seja quando frequentou na infância a Escola Municipal Padre Antonino, depois, na adolescência, o “AVS”<sup>56</sup>, os banhos no açude contadas infinitas vezes pelos avós em reuniões de família, e as festas realizadas às margens do açude.

Raul, por sua vez, compartilha com Cecília a relação de ter residido durante quase toda a vida em Bodocongó. O conheci quando participava de um grupo de jovens do Santuário de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, e tive um contato mais próximo com ele quando éramos animadores do Crisma. Ainda nessa época do Crisma eu tinha iniciado o curso de Ciências Sociais, e devido à vida turbulenta na universidade decidi deixar de ser animadora, pois não

<sup>55</sup> De acordo com dados da SEPLAN a área que compreende a UEPB e a Escola Técnica Redentorista faz parte do bairro Universitário.

<sup>56</sup> A sigla AVS é como costumeiramente os estudantes da Escola Estadual Ademar Veloso da Silveira se referem à instituição. Além disso, quando estudei na referida escola e até os dias de hoje os estudantes utilizam o termo Estadual de Bodocongó.

estava conseguindo conciliar as reuniões e as aulas. Assim, o contato que tinha com Raul ficou apenas no mundo virtual. Logo, foi através do *Facebook* que pude entrar em contato com ele. Além disso, ao conversarmos ele me disse que não morava mais em Bodocongó, mas se dispôs a contribuir com a pesquisa. Do mesmo modo que fiz ao conversar com a Cecília, estive atenta ao relato de Raul.

Dessa forma, por seu envolvimento ativo no bairro em virtude de sua vivência católica, e mesmo que tenha se mudado para um bairro próximo (o Centenário, que fica entre Bodocongó, Pedregal e Dinamérica), ele ainda participa com frequência na localidade, e por essas razões achei interessante resgatar sua história de vida enquanto *bodocongoense*. Devido a sua vida “corrida” nós marcamos também de fazer a entrevista por conferência pelo *Facebook* em uma noite de segunda-feira, antevéspera de São Pedro, do dia 27 de junho de 2016.

Raul narra sua história como um cenário de um teatro: ao abrir as cortinas ele encarna o seu personagem (ele mesmo!), anda pelo palco de Bodocongó em meio às suas memórias. Assim, ele nos conta:

Morei em Bodocongó durante 34 anos. Nasci no hospital da FAP e aos 10 anos morei nas Malvinas [durante 2 anos]. Retornei para Bodocongó e sai de lá em 2014. [Desde] 2015 estou no (bairro) Centenário. Minha mãe tem casa própria lá (em Bodocongó). Lembro do barreiro de Dão que fica onde foi construído o canal de Bodocongó; da roupa do SESI; brincar de pião, de carro e bolas de gude na rua; jogar bola no Estadual de Bodocongó; parque de diversão na festa da padroeira de Bodocongó; encontro de jovens na igreja matriz, na igreja de São Pedro e no Redentorista.

Sobre seu relato lembro da maneira pela qual Raul ia montando peça por peça os 34 anos em que viveu com a família no bairro de Bodocongó. Semelhante à Cecília, Raul “estreou” sua vida ao nascer na FAP e foi morar na casa própria que a mãe tinha a poucos metros da igreja matriz. Aos 10 anos teve de se deslocar para o bairro das Malvinas ficando lá por dois anos, e logo após retornou aos “braços” das terras *bodocongoenses*. Lembra-se com certo saudosismo as brincadeiras de infância, do “barreiro de Dão”, das partidas de futebol e baleada no AVS, bem como as festas de Perpétuo Socorro: enfeitadas de bandeirolas, com os sorrisos das crianças sobre o carrossel, entre hinos religiosos e canções populares os fies seguiam atentos na missa acompanhando cada passo e cada palavra que o padre proferia em sua homilia.

Caminhando um pouco mais, já bem perto da Escola Sesi, encontramos Vitória, uma jovem recém formada, também em filosofia, com 29 anos, casada e filha de um aposentado e de uma mulher considerada multitarefas: fabrica pão, bolos, organiza e gerencia uma panificadora próxima à Feirinha de Bodocongó. Foi com a profissão do pai enquanto motorista e com a luta da mãe na padaria que Vitória revela de onde saiu o sustento da família de quatro

filhos, três dos quais (incluindo a interlocutora) trabalham com a mãe. Vitória estudou comigo durante alguns anos no Estadual de Bodocongó, especialmente da oitava ao terceiro ano do ensino médio. Nós fazíamos parte de um mesmo grupo de amigos da escola e ela também fazia parte da catequese na igreja matriz. Após o ensino médio, cada uma de nós seguimos os nossos caminhos e eventualmente nos encontrávamos em alguma rua, ou quando eu passava em frente à padaria da sua família. O contato mais próximo que tínhamos era o grupo do *WhatsApp* em que esse grupo de amigos jogavam “conversa fora”. A partir desse contato a convidei a participar da pesquisa e combinamos um dia para eu ir em sua casa. Sobre sua trajetória, a moça dos olhos azul celeste nos narra sua história de vida:

[Antigamente o bairro] era mais divertido. Quando tinha carnaval, uma coisa que me pega na memória, quando tinha carnaval, passava muito aquelas, aqueles bois-bumbás né, tinha também escola de samba que ensaiavam na rua de noite. Ficava até mais tarde, conversando com todo mundo, brincando... Onze horas da noite, os vizinhos todo mundo junto. Hoje em dia não, desde que virei adolescente ficou mais, a violência ficou mais visível, ninguém mais podia sair na rua, acabou as escolas de samba já por conta disso... E enfim, é isso que me recorda, era a animação da rua. No São João arrumava a rua, hoje em dia é cada um no seu canto.”

A partir de sua fala podemos perceber elementos importantes de resgate de memória que ela faz sobre o bairro. Ela indicou durante a entrevista que nos anos 1990 o bairro possuía uma escola de samba que desfilava nas ruas durante o carnaval, animando crianças, adultos e idosos ao som de marchinhas. Sobre os ensaios da escola de samba, eu lembro que até mais ou menos por volta do início dos anos 2000 o pessoal ensaiava bem próximo de onde eu morava com meus pais, e os encontros eram feitos especialmente durante a noite, seja nas ruas, na Escola Municipal Presidente Kennedy ou na SAB de Bodocongó. Recordo-me que da minha casa era possível ouvir o “tremor” dos instrumentos musicais.

Assim, de acordo com a moradora, a presença dos bois-bumbás, bem como a reunião dos vizinhos e amigos para enfeitar as ruas nas festas de São João, era algo comum e onde os moradores se divertiam, ficando até certas horas da noite. Mas com o passar dos anos, quando se tornou adolescente, ela percebeu que essas festividades ficaram apenas nos antigos retratos guardados nos álbuns da família ou apenas na memória. Assim, a idade dos moradores e sua maior ou menor inserção nos espaços públicos contribuiu para a mudança de percepção sobre a violência. E, sobre esse contraste entre os anos 1990 e 2005 quando era adolescente, ela revela que tudo isso foi acabando aos poucos em virtude da violência, que para ela, “ficou mais visível”. Porém, ela não isenta que nos anos 90 não havia violência, mas com o passar do tempo ela foi se elaborando e se tornando cada vez mais explícita através dos relatos de pequenos

furtos e assaltos aos foliões que se divertiam na festa, e segundo ela e pelos relatos de outros moradores com quem conversei informalmente, esse foi um dos motivos para acabar com os desfiles de carnaval. Bem como o entretenimento em frente às fogueiras de São João, São Pedro e Santo Antônio, fossem diminuindo em virtude desses mesmos problemas, e tal diversão foi sendo transferida para dentro de casa, e as que resistem até hoje é por que muitos moradores procuram manter a tradição.

Percorrendo ainda sobre a tradição das festas juninas em Campina Grande, bem como associando a percepção de violência e medo, a *bodocongoense* Tereza, casada, uma filha, e que atualmente é dona de casa, revela que:

A gente fazia muita quadrilha. A gente enfeitava a rua na época do São João. Os vizinhos, a gente fazia uma “cotinha” para comprar bandeirinha, cordão e a gente enfeitava. Em véspera de São João a gente fazia quadrilha, era muito bom. Homem vestido de mulher, mulher vestido de homem. Hoje em dia não tem não, infelizmente. Eu acho que é por conta da violência também, a gente tem receio de ficar até tarde. De primeira a gente ficava até tarde, cheio de fogueira, todo mundo fazia uma fogueira de São João. Hoje em dia a gente conta nos dedos as que faz. Meu pai [faz] por que é tradição, se ele não fizer... Mas como antigamente não é não.

Ultimamente [a violência] tá enorme, enorme, enorme. Você tira pelo Parque do Povo. Uma festa tão bonita, que atrai muito turista, mas você fica com vontade de ir, mas tem assalto aí a pessoa fica com receio de ir.

Tereza apresenta também essa relação de comparação entre o passado e o presente das festas juninas que são tradição na cidade de Campina Grande, época do ano onde a cidade cria uma atmosfera diferente do resto do ano: o comércio local se enfeita, os bairros populares organizam cada um à sua maneira, as ruas, os enfeites; em terras *bodocongoenses*, as comidas típicas são vendidas em padarias, nos mercados, na feirinha de Bodocongó, e a “confusão” de gente, de cores e sabores dessa época festiva, onde na véspera de São João em cada esquina da cidade e nas ruas de Bodocongó os feirantes vestem o chão e gritam “a mão de milho é tantos reais”, ou o outro vendedor que fica próximo aos pontos de ônibus, ou nas praças de moto táxi proferindo em palavras “olha a madeira para a fogueira!”.

Todavia, o esforço da memória trazido pela *bodocongoense* e outras pessoas, revela também sobre situação atual das festas promovidas no Parque do Povo para quem vai “curtir” os 31 dias de festa de São João. A moradora, bem como outras pessoas também estimuladas pelos noticiários locais, relatam que apesar do aparato de seguranças particulares, câmeras eletrônicas, a revista feita pelos policiais militares na entrada do parque, os detectores de metais, são muitos os episódios de assalto à mão armada, furtos, brigas dentre outras coisas que são destaque na mídia.

Destarte, podemos também perceber um sentimento nostálgico com relação ao passado, expresso através da costura que organiza a colcha de retalhos sobre os tempos de antigamente, em que Tereza relata com alegria a “vaquinha” que os vizinhos faziam para enfeitar a rua, e também os ensaios que antecediam o São João, em que o combinado era que mulher se vestisse de homem, e homem se vestisse de mulher. E no tão chegado dia, todos erguiam as fogueiras, cozinavam ou assavam milho, vestiam suas roupas quadriculadas, desenhava-se a barba ou bigodes nas mulheres e meninas, e pintavam os lábios dos rapazes e “guris” e o “puxador” da quadrilha dizia: “Anarriê, alavantu!”, “Olha a cobra, é mentira!”. Tereza me revela ainda que, apesar das mudanças e dos eventuais “problemas” enfrentados pela violência nos dias de hoje, a época de São João é uma das que mais gosta, e tal traço é de um modo ou outro compartilhado por outros campinenses.

Logicamente, para não correremos no risco de esquecer de traçar algumas notas sobre sua trajetória pessoal de vida, ela é natural de Campina Grande e nasceu na Casa de Saúde, unidade hospitalar que atualmente está fechada, e que fica localizada próximo ao SENAI Stênio Lopes no bairro da Prata. Conheci Tereza quando eu era animadora de Crisma e ela crismanda. Às vezes nós conversávamos durante os intervalos do crisma ou nos momentos de retiro. Ela residia próximo à igreja Matriz e seus pais moravam em frente à sua casa. Ao conversar com ela no *Facebook* ela disse que havia se mudado para o outro lado do açude de Bodocongó, próximo ao Residencial Dona Lindu. Em virtude de ela na época ter uma filha pequena, achei melhor fazer a entrevista online para não ocupar tanto o seu tempo. Dessa forma, ela sugeriu conversar comigo em um domingo pela manhã, horário que ela estava disponível.

A moradora revela que seus pais vieram do sertão paraibano, a mãe de Coremas e o pai de Piancó, para morar em Bodocongó. Ela acrescenta que os mesmos chegaram na localidade há aproximadamente 47 anos, idade atual da sua irmã mais velha que veio ainda na barriga da mãe. Assim, quando questionei sobre os motivos que os fizeram vir para Campina Grande e fazerem morada em Bodocongó, a mesma explica que foi em virtude das “coisas difíceis do sertão”, e viram em terras campinenses, e sobretudo em Bodocongó a oportunidade de “uma vida melhor”. Segundo a moradora:

Meu pai veio primeiro e a gente tinha um terreno lá naquela rua (próxima a igreja matriz e do açude de Bodocongó), aí meu pai mesmo que construiu [a casa]. Aí ela (a mãe), com um tempo depois, grávida, aí ajudou ele a construir. A barriga do tamanho do mundo, segundo o que ela contou. Eu não era nascida ainda (risos). GLÁUCIA: Além da casa deles, assim, do terreno, tinha outras pessoas que já moravam naquela ruazinha? TEREZA: Não. Eles foram os primeiros moradores daquela rua. GLÁUCIA: E eles trabalhavam ali em Bodocongó mesmo ou em outro lugar? TEREZA: Meu pai trabalhou na Ipelsa muitos anos e se aposentou por lá. A minha mãe não, sempre (foi dona de

casa).

Parecido com outros relatos, muitas famílias fizeram pousada em Bodocongó em busca de oportunidades de emprego e renda, e a partir daí passaram a construir laços de pertencimento com a localidade. A moradora narra sobre as dificuldades que seus pais enfrentavam no Sertão Paraibano, e os desafios que ainda precisavam ser combatidos depois de chegar em Campina Grande. Com a posse de um terreno comprado com o suor da agricultura, os pais de Tereza construíram tijolo por tijolo a casa onde moram até os dias de hoje com uma irmã sua e uma sobrinha. A mesma conta que mesmo grávida sua mãe ajudou ao pai dela a construir a primeira casa da rua onde moram. Com o tempo, foram chegando outras pessoas para morar no local, e assim formou-se, na “ruinha” que liga o Canal de Bodocongó e a Igreja Matriz, uma forte rede de solidariedade entre os vizinhos<sup>57</sup>, relação essa descrita por Tereza da seguinte maneira:

Mulher quando eu morava lá eu me dava bem com todo mundo, até por que eu conhecia o pessoal desde a época em que eu nasci praticamente, entendeu? Brincando todo mundo junto, as amizades. Hoje em dia tão tudo casado, tem filho e nenhuma solteira. Aí quando eu vim pra aqui eu tenho poucas amizades, mas não tenho do que reclamar. Não tenho vizinho ruim, não tem... porque eu to conhecendo agora, tem pouco tempo.

Antes de residir<sup>58</sup> próximo ao Condomínio Dona Lindu, ela morou com o esposo, antes da filha nascer, em um apartamento da família que ficava em frente à casa dos pais. Assim, a convivência entre parentes e vizinhos era comum, mesmo que mediante alguns conflitos eventuais, mas nada que tirasse a “paz” dos moradores. Mas, quando conseguiu comprar uma casa própria do outro lado do açude, ela diz que não tem do que se queixar, mas relata sobre os poucos amigos que têm, tendo em vista que mora a pouco tempo no lugar.

Chegamos agora à história de vida de Laura. Eu a conheci através de outro morador, o Santo da Terra, quando ela nos convidou a participar dos festejos do 52º aniversário da SAB de Bodocongó. Em um dos nossos encontros eu a perguntei se queria me conceder uma entrevista, e tendo aceito ela me sugeriu que poderíamos conversar na SAB. Assim, sobre sua história de vida, ela relata da seguinte forma:

---

<sup>57</sup> Tereza e Raul residiram na mesma rua e ambos eram vizinhos e conhecidos da referido “ruinha”. Atualmente, ela ainda visita a rua, pois seus pais ainda moram lá, já o outro interlocutor passa eventualmente por lá devido às atividades ligadas à igreja matriz.

<sup>58</sup> A residência atual da moradora consta nos dados da SEPLAN como situada no bairro Novo Bodocongó, que faz fronteira com uma comunidade denominada Vila dos Teimosos, lugar este marcado por uma população de baixa renda que carece de condições de infra-estrutura, saneamento básico, dentre outros obstáculos. Antes de se criar o Novo Bodocongó, a partir da construção do Residencial Dona Lindu I, III, III e IV e as casas padronizadas da Caixa Econômica Federal, a vila já existia, o que os separa é uma rua principal onde circulam os ônibus que passam às margens do açude de Bodocongó e que ligam também às universidades que os circundam. Sobre o lugar recai o estigma de “invasores” pela condição pela qual se estabeleceram no local, por isso o nome “Vila dos Teimosos”.

Gláucia, minha história de vida é assim, eu não sou daqui, sou do cariri. Mas aí me casei muito nova, vim morar aqui em Campina, meu marido sempre trabalhou aqui em Campina. E morei os meus primeiros anos de casada, eu casei em 78, casei em 78 no auge dos meus 15 anos de idade. E aí, assim, morei muito tempo em Monte Castelo.... Minha vida, assim, meus meninos, meus dois filhos nasceram em São Paulo. Porque assim, primeiro eu casei e fui morar em São Paulo, passei um tempo lá e depois vim morar em Monte Castelo e depois de Monte Castelo fui morar em Esperança, que é a terra do meu marido né. A gente trabalhava por conta própria, a gente era dono de bar. E depois, aí não deu mais, as coisas apertaram, nós tivemos que vender... Fomos primeiro morar de aluguel e viemos aqui para Bodocongó mesmo, [...] foi no ano de 1990. Porque eu lembro... Foi antes, me desculpa, eu cheguei mais ou menos aqui em Bodocongó por volta de 85. Exatamente, eu cheguei aqui por volta de 1985. E aí meu marido chegou aqui, nós não tínhamos condições de comprar uma casa, fomos morar de aluguel nesta mesma casa que hoje que eu moro, na Floripes Coutinho. A Floripes Coutinho na época não existia asfalto, era paralelepípedo mesmo, era só calçamento como diz né. E era na época que existia a feira do Matadouro, existia aquela feira do gado ali né, era muito movimentado as ruas. Eu morria de medo por que muitas das vezes passava aquelas boiadas nessa rua... E aí, por sinal, meu marido quando veio, passou um bom tempo trabalhando no Matadouro Público como boiadeiro, carregando aqueles, dirigindo aqueles caminhões de bois, ia buscar muita das vezes em Goiás, muito longe. Passou um bom tempo trabalhando, depois ele foi trabalhar em empresa de ônibus né, e aí eu sempre como dona de casa. Mas ele era uma pessoa que me incentivava muito. Quando ele entrou em empresa de ônibus ele começou a fazer parte de movimento sindical. Aí como eu vivia em casa cuidando dos filhos, eu não vou mentir, eu adorava cuidar dos meus filhos, eu não achava ruim ser dona de casa, porque eu cuidava dos meus filhos, levava eles pra escola...

Após percorrer por diferentes estradas, atualmente Laura é enfermeira e presidente da SAB de Bodocongó. Ao contar sua história de vida, podemos perceber que para estar onde está hoje, teve de percorrer por inúmeros caminhos até criar seus laços em terras *bodocongoenses*. Segundo ela, casou-se muito cedo, aos 15 anos de idade. Com o marido, teve dois casais de filhos, e dois deles nasceram em São Paulo. Um desses meninos, mora com ela até hoje, pois o mesmo, segundo ela é “especial” e foi um “presente que Deus colocou” em sua vida; uma das filhas é casada e mora em João Pessoa; o outro filho é casado e mora em Campina; a outra filha mora em Bodocongó e assim como os pais seguiu os caminhos da liderança: atualmente coordena o Clube de Mães que fica ao lado da SAB de Bodocongó. Nossa interlocutora afirma que ela e o esposo foram donos de bar em Esperança, mas saíram da cidade devidos as condições financeiras. Em virtude das oportunidades oferecidas em Bodocongó, o casal e os quatro filhos foram morar de aluguel na Floripes Coutinho, casa esta que vieram comprar anos depois. O marido se tornou boiadeiro e se deslocava para muito longe, em Goiás. Ela ficava cuidando dos filhos em Campina. Quando conseguiu um emprego em uma empresa de ônibus, o marido se envolveu em movimentos sindicais, e segundo ela, o esposo a incentivava a voltar

aos estudos. Foi quando ela fez o supletivo, estudou no Estadual da Prata, onde se submeteu a um exame para conseguir uma vaga, depois fez curso técnico em enfermagem. Com o passar dos anos, eles se associaram à Sociedade Pró-Melhoramento do Bairro de Bodocongó, a SAB, em que participavam das reuniões. Ela atribui a influência do esposo à sua participação em movimentos sociais. Segundo ela, devido ao envolvimento com a liderança sindical, o seu marido foi assassinado em 1993, ele era na época o tesoureiro do sindicato dos motoristas de ônibus e caminhões de Campina Grande. Ela revela que esse foi um dos momentos mais difíceis que viveu, pois:

Ele foi assassinado e aí eu me vi só, eu me sentia uma pessoa muito só. Mas como eu já tinha um entendimento, uma experiência de vida que eu tinha com meu marido, pelo o que ele tinha me ensinado, já terminando o ensino médio, participando de presidente de classe, do grêmio que sempre existiu, eu já sabia de alguma coisa que tinha que ser feito. Eu digo a você, nos dois primeiros anos de curso técnico não foi fácil, eu não consegui por que eu tinha uma insegurança muito grande devido a fragilidade, devido ao sofrimento, ter ficado só, ter perdido o meu marido, de ter filhos pequenos, o que é que eu ia fazer, ia deixar com quem? Perdi tudo! No meu ponto de vista eu tinha perdido tudo, não tinha aquele porto seguro mais do meu lado, para me dar força né. A minha família não morava aqui, alguns assim, como a minha mãe não morava aqui. Quem me ajudava mais era o pessoal do sindicato, que fazia parte, o pessoal me ajudou muito. Aí foi aí que veio o concurso para agente de saúde, o primeiro concurso, a primeira seleção que me submeti, e aí eu passei, mas não é como nos dias de hoje, cadê chamar? Fui procurar emprego, demorou, mas eu consegui! Fui trabalhar. E nesse meio tempo fui trabalhar nas duas coisas: como agente de saúde e técnica em enfermagem, e eu vivo até hoje, não como agente de saúde.

Como pudemos ver, sua história de vida, assim como a de muitos moradores da localidade, é marcada por diferentes histórias: de momentos felizes experimentados através do seu acesso à educação, bem como de vivências de dor, quando o seu esposo foi assassinado e ela teve de seguir em frente com os quatro filhos, mas contou com a ajuda de pessoas que faziam parte do sindicato do qual o falecido esposo foi membro.

Ela narra posteriormente que em 2008 foi convidada para ser vice-presidente da SAB, mas o presidente desistiu depois de alguns meses. Ela assumiu o cargo e atualmente está no seu terceiro mandato. De acordo com ela, uma das coisas que mais chamam a sua atenção desde quando se mudou para Bodocongó, foi a mudança pela qual o bairro passou e que ela considera como das mais importantes foi a construção de condomínios no bairro, especialmente o Residencial Vila Nova da Rainha que fica a poucos metros de sua casa. A presença do residencial ressignificou aquele espaço, pois antes o que funcionava era o Matadouro Público, onde seu falecido esposo trabalhou como boiadeiro, assim como outras pessoas que também exerceram alguma atividade lá. Além disso ela fala sobre fechamento das fábricas, dos

curtumes. Resgata em sua memória sobre a construção de escolas municipais e estaduais bem como os postos de saúde existentes no bairro, mesmo considerando certa precariedade nos atendimentos, que “não supera todas as necessidades, mas pelo menos nós temos um posto na nossa rua, não só aqui em Bodocongó, mas eu tô falando no geral, tem no Severino Cabral” (conjunto residencial que faz parte de Bodocongó).

Depois da trajetória de vida de Laura, voltemos nosso olhar e atenção para o relato de Seu Pedro, retratado nas seguintes palavras:

Como diz a história sou nascido e criado aqui em Bodocongó! Morava ali vizinho ao Curtume São Pedro. Fui para o exército, passei 5 anos no exército; saí do exército fui para a Chesf... Não, primeiro eu fui para o Matadouro e fiquei 17 meses; um ano trabalhei como segurança lá. Voltei para oficina de manutenção, passei seis anos na manutenção, 4 anos da vigilância e aí me aposentei e tô aqui graças a Deus. Morava lá em cima, na Rua José do Precipício perto do Kennedy em frente ao Kennedy. Aí me casei, pronto. Me casei, vim morar aqui, tenho 4 filhos, duas mulheres e dois homens. Me aposentei, permaneço aqui. Aqui moro com minha esposa e minhas duas filhas; os dois filhos: um mora no Recife e o outro mora no Pará.

Seu Pedro é um homem robusto e forte fisicamente. Eu não o conhecia. O meu acesso a ele foi através de meu pai que participava com ele no terço dos homens na igreja Santo Afonso. Depois de estabelecermos contato através do telefone, ele aceitou contribuir com a pesquisa e me convidou a ir em sua residência.

Seu Pedro é Casado, pai de quatro filhos e avô de alguns netos. Ele relata que é “filho de Bodocongó”: nascido e criado! Ele conta que morou durante muitos anos com os familiares em uma rua próxima a Escola Municipal Presidente Kennedy, rua paralela à Floripes Coutinho. Depois que casou, se mudou para uma residência localizada nas proximidades da Feirinha de Bodocongó. Ele acrescenta que durante o tempo em que a feirinha era onde hoje é a SAB de Bodocongó, ele vendia animais a exemplo de carneiro, porco dentre outros. Depois que deslocaram a feirinha para o Severino Cabral, ele deixou de negociar, e foi tempo em que exerceu diferentes profissões, onde inclusive foi trabalhar na Chesf. Sobre esse emprego na Companhia Hidrelétrica do São Francisco, Seu Pedro me contou com dor e lágrimas sobre a morte de um amigo de trabalho do qual considerava muito, quando este foi vitimado por uma descarga elétrica quando consertava uma torre de energia. Nesse momento, vi aquele homem “robusto e forte” se “desmontar” aos poucos, em meio à emoção que tomava seu peito em virtude da saudade que sentia do amigo que morreu tão precocemente.

Partimos agora para as trajetórias de um casal de idosos que andam na maioria das vezes sempre juntos: seja para resolver às questões relativas as contas de casa, bem como podemos

encontrá-los fazendo uma “comprinha” na bodega, e mais fácil ainda é encontrá-los nas missas na igreja Santo Afonso aos sábados a noite. Assim, como seu Pedro, seu Miguel também faz parte do terço dos homens e sua esposa, Dona Rita também participa da referida igreja. O casal eu só conhecia de vista, mas meus pais tinham um contato mais próximo com eles. Ao estabelecer contato com eles, os dois foram muito gentis e me convidaram para ir a sua casa. Dessa maneira, Dona Rita e Seu Miguel contam suas histórias de vida a partir dos recortes da memória em Bodocongó. A esposa revela que nasceu em Bodocongó por volta da década de 40 e narra a seguinte história:

Eu nasci em 42. Quer dizer que eu fui conhecendo (o bairro) a partir de 45, 50. Mas o que eu lembro, [é] do Açude de Bodocongó [e] sobre as firmas que tinham por aqui, tinha muita firma. E hoje quais são as que têm? Foi acabando as águas do açude... Pronto tem a Ipelsa né, as outras foram falindo...Eu morava nessa outra rua aí. Eu sei é que tem o açude Bodocongó que fornecia água para todas as indústrias e quando foi secando as indústrias foram falindo, o pessoal foi saindo das firmas. Aí começou a faltar emprego e a gente continua desse jeito, todo mundo continua sem emprego.

Dona Rita resgata essa narrativa a partir de lembranças que a marcaram ao longo do tempo: as fábricas que trabalhavam a todo vapor em tempos de outrora, mas que hoje em dia são poucas as que resistem, como a Ipelsa, bem como estabelece a relação da falência delas ao açude de Bodocongó que abastecia todas elas, sem contar as consequências dessas transformações: a falta de empregos para a população residente. Hoje, aposentada e mãe de quatro filhos, relaciona sua vivência no bairro também a partir do seu casamento com Seu Miguel. Este por sua vez não nasceu em Campina Grande, mas veio morar na cidade a partir da década de 1960, e sobre sua chegada em Bodocongó ele relata da seguinte maneira:

Eu sou de Taperoá. Vim parar aqui em 60, aí comecei a trabalhar no Curtume alí, esse que fechou, que hoje [o terreno é da] Ipelsa né, o Vilarim. Quando foi em 70 em 75 eu saí dele para vim para esse outro sabe, o Santa Adélia ele ficava aqui de frente. Aí eu me aposentei e fiquei somente trabalhando em casa e na roça somente. Eu vim [para Bodocongó] com 18, 20 anos, e aí comecei trabalhando. Os meus pais ficaram e eu vim para trabalhar. Deixa que meu pai já tava aqui morando em Lagoa de Dentro, aí eu vim, comecei trabalhando ali na roça e meu cunhado arrumou um trabalho e eu fiquei trabalhando ali no Curtume até 75. Aí em 75 eu saí para o outro aí no outro trabalhei mais 19 anos aí me aposentei e não quis mais trabalhar não. Sim, aí o negócio do açude... Quando foi em 76 a 77 ele secou de uma vez e muita gente não sabe. Eu não sei como foi aquele negócio não. Secou que até um homem rico que viajei com ele perguntou: “seu Miguel o senhor que é mais velho do que eu, me diga uma coisa, se é certo o que é esse Açude de Bodocongó secou?” Secou! Secou de 76 até 77 ele ficou aí...

Seu Miguel nos apresenta uma realidade compartilhada por outros moradores como pudemos ver em linhas anteriores. Saiu com um pouco mais de 18 anos em busca de emprego

e oportunidade em Campina Grande. Saindo de Taperoá, aventurou-se no curtume de couros Antonio Villarim, anos depois no Santa Adélia no qual se aposentou. Antes disso casou-se com Dona Rita com o qual compartilha histórias dia a dia. A exemplo da esposa, ele relata com espanto o fato do açude ter secado na década de setenta. Dona Rita acrescenta que nesta época o exército construiu uma ponte que chegava a sua outra extremidade, que hoje é o terreno da UEPB, mas “aí depois que ele encheu não secou mais não! (Dona Rita) Aí agora parece que ele vai secar”! (Seu Miguel).

Agora, ao nos debruçarmos sobre as últimas histórias de vida, temos outro casal: Aurora e Antônio do bar. Conheci ambos quando estudei com a filha deles na Escola Técnica Redentorista em 2007. Aurora e Antônio do bar são um casal muito conhecido por muitos moradores de Bodocongó, especialmente àqueles residentes próximo ao açude de Bodocongó. Assim, entrei em contato com os dois e expliquei os objetivos da pesquisa e eles, assim como os outros moradores, aceitaram e combinaram que eu fosse em sua casa.

Ele, é filho de comerciantes e carrega nas “veias” o dom para o comércio, e em terras *bodocongoenses* construiu uma clientela no seu bar desde o tempo em que o Matadouro Público e algumas fábricas ainda davam o tom do trabalho no bairro. Assim, em 1977 saiu de Barra de Santana para morar em Bodocongó com o seu primo. Na localidade ele foi construindo amizades e sob a influência do pai foi ingressando na carreira de comerciante. Poucos metros de sua casa, morava sua atual esposa, Aurora, uma pernambucana de Vitória de Santo Antão, que veio bem nova para morar também na localidade. Ela trabalhou em diferentes funções, especialmente em vendas. Anos após ela começou a namorar com Seu Antônio e com o tempo se casaram e tiveram uma filha e um filho. Atualmente ela trabalha em uma escola próximo a sua casa e o esposo montou um restaurante do outro lado da rua Portugal e fechou o bar. Seu filho mais novo montou um mercadinho aproveitando a chegada de novos moradores que passaram a residir no Residencial Vila Nova da Rainha. A filha mais velha por sua vez, foi em busca de melhores oportunidades no Rio de Janeiro, lá casou com um paraibano e pretendem montar um “negócio” onde foi o bar da família em Bodocongó.

Como pudemos ver, esses moradores compartilham entre si vivências e experiências de vida de suas relações com o bairro de Bodocongó. Alguns/as moradores/as, a partir de motivos específicos, pousaram em Bodocongó em busca de melhores condições de vida e renda por volta das décadas de 60, 70 e 80; outros por sua vez, dizem ter nascido em Bodocongó, como é o caso de Dona Rita, Seu Pedro e Cecília. Sendo assim, o resgate dessas memórias foi um dado importante que apareceram durante as entrevistas, especialmente nas narrativas. Percebi que a rememoração das histórias do passado funcionou enquanto uma estratégia discursiva para

estabelecer uma relação das percepções sobre o modo pelo qual enxergam as transformações que o bairro sofreu ao longo do tempo, entre elas a relação existente entre medo e violência. Abaixo, poderemos acompanhar melhor as rotas de significação que esses moradores atribuem para esses fenômenos.

#### **4.2 Rotas de significação sobre medo e violência pelos *bodocongoenses***

Já esclarecemos em outras páginas que recorreremos a compreensão dos fenômenos aqui estudados como parte de inquietações e curiosidades em torno daquilo que vivenciava quando era moradora de Bodocongó. Por ter um certo elo com o lugar, por frequentá-lo muitas vezes para visitar parentes, muitas vezes ficava informada quanto ao que se passava por lá. Diante disso, quando me via tentando compreender sobre violência e suas especificidades, percebia que dada a sua multiplicidade de significados, ficava difícil encontrar uma definição única para tal fenômeno.

No Capítulo 2 pudemos observar que as diferentes teorias podem nos ajudar a entender e fornecer pistas que nos leve a compreender a violência em suas múltiplas formas de expressão. Além disso, as concepções teóricas aliadas aos significados produzidos por pessoas ditas “comuns”, nos fornecem elementos importantes, tendo em vista que no cotidiano vivido, nas experiências compartilhadas por essas pessoas nos dão indicativos do modo pelo qual enxergam a si mesmos, aos outros e ao universo em que estão inseridos. Assim, as reflexões feitas neste trabalho levam em consideração a maneira pela qual os *bodocongoenses* a conceituam a partir de suas experiências de vida.

Nesse sentido, ao entrar em contato com os moradores que aqui compõem suas histórias, bem como quando entrei em contato com outras pessoas residentes em visitas cotidianas ao bairro, quando eu questionava sobre o que seria violência, cada pessoa me indicava, a partir de sua história de vida e da sua relação com o bairro, algumas pistas que indicavam sobre a compreensão do fenômeno como algo compartilhado por outros moradores da localidade.

Em primeiro lugar, eles indicavam algum tipo de violência, como pudemos ver no quadro explicativo do Capítulo 2. Mas quando perguntava qual o significado de violência para eles, muitos atribuíam a ela enquanto um ato de “prejudicar”, de “maltratar”, de “humilhação”, um “poder coercitivo”, de “castrar o direito do outro”, dentre outros.

Nesse sentido, uma das moradoras ao significar a violência como um ato de prejudicar, ela considera:

[...] violência como tudo aquilo que vem prejudicar o ser humano de uma forma geral: seja violência física, seja violência mental, seja violência

doméstica, seja violência verbal, qualquer tipo de coisa que agride ou ‘degride’ a imagem de uma pessoa, que faz você sofrer de alguma forma. Eu acredito que seja mais ou menos nesse sentido. (LAURA, enfermeira e presidente da SAB de Bodocongó)

A interpretação que ela faz sobre violência se debruça na ideia que esta é algo que traz algum tipo de prejuízo à vida humana, especialmente quando se atinge alguém fisicamente, mentalmente, de maneira verbal e até mesmo a imagem de alguém, como por exemplo uma calúnia ou difamação. Além disso, ela cita a violência doméstica, tão presente nos noticiários, nas rodas de conversa e pauta de diferentes discussões teóricas. Em suma, o uso da violência, para a moradora, tem como objetivo prejudicar outrem, fazer o outro sofrer de alguma forma. Tal significado atribuído pela moradora, resulta da percepção de que a violência é algo negativo, que fere, que lesiona, que deixa marcas: físicas ou psicológicas. Essa relação se dá através de um desequilíbrio de poder entre o suposto “algoz” e a vítima, em que a violência surge enquanto um instrumento para “ferir” outrem.

Parecido com isso, outra moradora afirma que “violência é tudo! Assalto é violência, estupro é violência. Tudo eu considero violência. Se uma pessoa lhe tratar mal, tá errado né, é violência para você. Violência é muita coisa errada”. Ou seja, assaltar ou estuprar consistem em atos violentos, mas também você tratar outra pessoa mal se trata de um tipo de violência, pois para ela tal fenômeno é tudo aquilo que envolve “coisa errada”.

Diferente dessas concepções encontramos outra percepção de violência narrada da seguinte maneira por outra moradora:

Violência seria pra mim, tudo aquilo que lhe “empata” de você fazer alguma coisa. Porque a violência não é só o bater não é só a palavra, não é só as ações. Eu acho que violência é algo coercitivo, aquilo que lhe prende, a violência maior é essa que prende a gente dentro da nossa própria casa que a gente não pode sair com medo dela, pra mim a violência é isso. A violência é esse **poder coercitivo** que prende a gente, torna a gente refém do nosso próprio medo, isso aí é a maior violência. (CECÍLIA, balconista e estudante de Serviço Social)

De acordo com a moradora, violência seria algo que impede as pessoas de fazerem algo, na medida em que ela prende e não deixa sair do lugar. Para ela, a violência vai muito além de bater, de falar, ou agir. Ela é um poder maior, tal seja, um poder coercitivo que torna as pessoas reféns do medo em seus lares, que impede as pessoas de saírem de casa com medo. Diante disso, podemos acrescentar que o poder do qual a moradora fala se parece com aquilo que Bourdieu (1989: 14) demonstrou sobre o poder simbólico que consiste:

como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo, e deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o

equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário.

Percebemos através da sua significação que a violência é para a moradora como um poder maior que regula as atividades humanas, que limita a circulação dos indivíduos nos diferentes espaços dos quais fazem parte. Podemos acrescentar, à luz durkheimiana, que a violência aqui se constituiria enquanto um fato social, presente em todas as sociedades, elemento esse presente nas relações estabelecidas socialmente. A violência se alia com o medo, a partir de um conflito interno com o exterior: do medo de sair de casa em virtude da relação com espaço público percebido enquanto “caótico”.

A violência é também interpretada a partir de uma relação íntima entre um ato concreto ou imaginado. A ela é atribuída um misto de sentimentos que envolvem o modo como essas pessoas se relacionam entre si e com o fenômeno. Nesse sentido, uma jovem revela que:

Violência seria qualquer ato que maltrate ou que deixe o ser humano, é, humilhado. [Quem é que pratica a violência?] As pessoas que não têm consciência do que é a própria vida. Que perde essa essência do que é a sua vida e que acabam maltratando, achando sentido em tirar a vida do outro ou aquilo que o outro conseguiu conquistar. (Vitória, formada em Filosofia)

Ao significar a violência enquanto um ato que maltrata ou que deixa o ser humano humilhado, temos dois elementos explicativos que reforçam a visão de mundo da moradora. Tal percepção foi acrescentada por ela quando a entrevistava a partir exemplos de situações vivenciadas pessoalmente e por outras pessoas em situações de assaltos, especialmente à mão armada, como os que ocorreram na padaria da família, em que clientes e funcionários se sentiram acuados diante do poder do assaltante sobre eles. Além disso, atribui-se a quem pratica atos violentos uma suposta “incapacidade” de ter consciência do que é a própria vida. Assim, tal afirmação aliada à sua vivência filosófica na universidade, sugere que os praticantes da violência simplesmente vivem, mas sabem ou não têm consciência da vida, e acrescenta aí um elemento religioso e espiritual de sua vivência católica, a de que ao amarmos uns aos outros como a nós mesmos, valorizamos a dádiva concedida por Deus: a vida! Por outro lado, ela acrescenta que tais pessoas perderam a essência do que é “a sua vida e que acabam maltratando, achando sentido em tirar a vida do outro ou aquilo que o outro conseguiu “conquistar”. Dentro desse contexto, certamente aquele/a que pratica “violência”, movido por boas faculdades mentais, em algum momento tem consciência do seu ato, na medida em que pode ser agredido, ou ser passível de sofrer uma punição posterior. Assim, por exemplo, para que um indivíduo cometa um crime ele deve estar motivado para tal ato, bem como ter um “alvo” apropriado para

tal praticá-lo, e um lugar específico. Em outros casos, ele pode calcular quando fazê-lo ou ter uma situação oportuna para isso. Mediante isso, podemos refletir também que em outras situações em que alguém venha maltratar outrem, tal indivíduo ao perder a essência da vida de si e do outro, este banaliza a humanidade em troca de um bem material ou da finitude da existência de alguém.

Arelado à essa percepção, a violência também foi significada por outro morador enquanto um “ato de castrar o direito do outro”. Recapitulando o que foi dito sobre o impacto causado pela saída de Raul e sua mãe do bairro de Bodocongó podemos dizer que, ele entende que o direito que tinham de permanecer no local foi violado pela emergência de que “algo pior” acontecesse com seu sobrinho. Como consequência disso, a sua mãe foi afetada por um processo de depressão, que a fez decidir por se mudar de bairro. Logo, o direito de permanecerem em Bodocongó foi violado e “castrado”. Nesses termos, a violência foi retroalimentada pelo medo e também pela ausência, e funcionou enquanto um instrumento capaz de cortar, de ferir, de decepar, e de castrar metaforicamente um “membro” de alguém, tal seja: o direito da outra pessoa.

Outro significado importante foi a violência praticada pelo Estado e seus governantes e isso pode ser exemplificado pela fala de Cecília:

O que falta é isso, investimento na verdade, investimento. Sem iluminação pública em tudo tá faltando. A gente só vê hoje em dia a corrupção, o dinheiro vem, é perdido no caminho, e não tem investimento no que realmente deveria ter, e a segurança é algo primordial pra gente viver e tá em falta né. Tá em falta.

Para a moradora a violência produzida pelos aparelhos estatais se apresenta na falta de investimento em segurança pública, especialmente quando a mesma afirma sobre a pouca iluminação em muitas ruas onde circula no bairro. Além disso, tal “omissão” do Estado é resultado da corrupção, tendo em vista que a mesma explica que os recursos para tais investimentos existem, são repassados, mas são desviados, ou seja “é perdido no caminho”. Para ela, com a iluminação nos espaços públicos, dá para sentir uma leve sensação de segurança, tendo em vista que esta é “fundamental pra gente viver”, mas que está em falta. A falta de iluminação em determinados espaços, ruas, becos no bairro de Bodocongó se constitui por vezes um motivo para rejeitar tais lugares, tendo em vista que à noite é onde se escondem os perigos reais e imaginários dos seus moradores.

Outra questão que também merece ser mencionada é quanto à exposição das pessoas à violência, e isso pode ser observado por muitos moradores e comerciantes de Bodocongó. De

acordo com Antônio do bar:

De certa forma nós estamos expostos à violência, nós estamos expostos aí. A sorte é que nunca aconteceu com a minha família, comigo. Mas principalmente a gente que lida com comércio está exposto mesmo. Mas não posso dizer nada, porque não aconteceu comigo até agora, não teve nada comigo. Tá tranquilo, tá beleza. Agradecer a Deus por isso né. Ela corre até mais **risco** do que eu que vem nessa caminhada à noite. Mas é tudo conhecido. Ela é conhecida demais aqui, nascida e criada aqui, ninguém nunca mexeu com ela não. Mas é o fator sorte também.

De acordo com o morador, todos nós estamos de alguma forma expostos à violência. E no que concerne às atividades dos comerciantes, essa exposição é ainda maior por lidarem diretamente com o público, desde fregueses até pessoas “desconhecidas”. Ao mesmo tempo ele se sente aliviado por nunca ter sido vítima de assalto em seu comércio ou por onde ele circula no bairro, e agradece a Deus por isso. Ele ainda afirma que a sua esposa é quem mais corre risco por vir às 20 horas da noite da escola onde trabalha, tendo em vista que onde ela passa é um lugar ermo e com incidência de assaltos. Mas ele reforça que por ser conhecida da localidade nunca ninguém a interceptou, pois ela é “nascida e criada” em Bodocongó, e atribui também a sorte que têm de nunca ter acontecido algo. Assim, o fato da esposa fazer um trajeto em um lugar considerado “esquisito”, ela corre o risco de ser assaltada, ou acontecer alguma outra coisa que caracterize enquanto uma violência, tendo em vista que outras pessoas que fazem o mesmo percurso já foram vítimas de assalto. Destarte, o fato de ela ser “conhecida” diminui a probabilidade de ser interpelada por um suposto assaltante, especialmente se ele for da “área”.

Sobre ser assaltado por alguém da “área”, temos um exemplo representativo que ilustra a “quebra” de condutas que são esperadas pelos moradores em relação aos “praticantes da violência” também residentes no bairro de Bodocongó. Segundo o relato de Seu Pedro, ele diz:

Eu já fui assaltado um tempo aqui, fui assaltado, o cara me assaltou, nós discutimos, brigamos ainda. Eu digo: eu conheço todos dois! Moram lá embaixo, lá embaixo, eu não vou dizer não! Eu conheço todos dois, me assaltaram! E mesmo assim eu digo, eu tava errado! Era meia-noite e eu andava bem à vontade aí. Eu conheço todos dois. E aí tome o meu dinheiro e me dê os documentos!

Seu Pedro, mora perto da feirinha de Bodocongó/Severino Cabral e diz que foi assaltado bem próximo de casa. O caso contado por ele demonstra uma insatisfação por ter sido acometido por uma situação de constrangimento: ser assaltado por pessoas que residem no mesmo bairro em que ele, e por serem indivíduos “conhecidos”. Logicamente que ninguém deseja ser assaltado em qualquer circunstância por algum desconhecido, mas o fato de ser alvo de alguém que lhe é próximo, e que a priori deveria seguir as regras de conduta compartilhadas por todos na localidade, rompe com a lógica de convivência entre os moradores, perpassados

por laços de reciprocidade, solidariedade construídas especialmente por aqueles que residem a um longo tempo, mesmo que tais laços residam em códigos de silêncio, ou dos jogos de que todos sabem, mas que “fingem” que todos não sabem. Ele diz que estava “errado” por estar à vontade no meio da rua à meia noite. Ao mesmo tempo, para Seu Pedro é inaceitável que alguém o interpele e leve o que é seu, mais inaceitável ainda é que isso seja praticado por um morador do bairro, ou seja, tal atitude reforça a ideia de traição aos valores e aos códigos de conduta esperados por todos aqueles que vivem naquele lugar. Ele enfatiza três vezes que “conhecia todos dois”, como uma forma de não acreditar que aquilo pudesse ter acontecido. Nesse sentido, “os critérios de confiança e de semelhança emitidos definem o outro relacional dentro de laços comunitários estreitos, e a curva de vida de um sujeito encontra-se relacionada a um todo já traçado, a um destino posto à prova cotidianamente” (KOURY, 2009:405).

Dessa forma as condutas esperadas são perpassadas por critérios, maneiras e formas de se relacionar com o outro. Assim, Seu Pedro ainda relata que o evento não parou por aí, mas foi seguido por ameaças, táticas e um desfecho:

A partir daí vieram me deixar em casa, quando chegaram disse “você me conhece?” Me deixou em casa e disse “fique na sua porque se alguém vir falar alguma coisa eu venho na sua casa”. E os dois eu conhecia. Um dia eu disse “ei, quer tomar uma? Vamos tomar?” Eu sou desse jeito. Vamos tomar! Paguei um tiragosto pra eles... Aí, tá vendo, eu conhecia vocês, e não vá lá em casa não! Aí eles disseram “mais rapaz, tu é um coroa tão legal”. Eu conhecia eles o tempo todinho, aí ficamos, amigos também não né, tudo bem, tudo bem... E onde estão hoje? Estão debaixo da terra!

A intimidação dos assaltantes/moradores/conhecidos de Seu Pedro estabeleceu um momento de conflito e tensão, mas mesmo assim, dias após Seu Pedro os chamou para “tomar uma” e comprou para eles um tira-gosto. O mesmo utilizou da oportunidade e disse que não fossem na casa dele. A atitude dos seus “conhecidos” foi de reconhecer que ele era um “coroa legal”, e percebemos aí uma reorganização dos laços e condutas esperados por todos: a cordialidade. Para Seu Pedro, mediado por seus preceitos religiosos, foi melhor agir daquela forma, já que hoje em dia os dois obtiveram um destino diferente: se encontram mortos, “debaixo da terra”!

Ao lado desta situação descrita por Seu Pedro, temos a percepção de Cecília, que nunca foi assaltada, mas relata casos de “ouvi falar” sobre alguém que foi vítima desse tipo de prática. Segundo ela:

Eu escuto direto relatos, até de familiares meus, são assaltados em pontos de ônibus, ou quando vai pra escola. Tem um curso a noite que minha prima faz no SENAI, a gente fica morrendo de medo quando ela vai, por que é esquisito... Sim, outra coisa boa foi também aquela parte de sapatos né, que fizeram lá o complexo de calçados, foi também algo muito bom. Minha prima

mesmo faz um curso lá no SENAI e a gente morre de medo. Meu primo já foi assaltado esperando o ônibus, na parada de ônibus. Ali na avenida Portugal, assim, tem uma parada de ônibus embaixo, perto de onde inicia o canal, é mais pra cima, como se fosse indo pro SENAI.

A moradora narra as incidências de assaltos em áreas próximas à Rua Portugal, especialmente em pontos de ônibus. Sua narrativa é orientada pelo “ouvi falar” de pessoas próximas e até mesmo de familiares que foram assaltadas, ou seja, o “ouvir falar produz medo”. Assim, o fato da sobrinha fazer curso à noite no SENAI causa preocupação nos familiares por estar em uma rua considerada “esquisita”, e mesmo que o complexo calçadista tenha trazido algum benefício a população que o circunda, ao mesmo tempo o que se tem são grandes galpões onde “praticantes da violência” podem se esconder e assaltar alguém. O trecho considerado esquisito fica em frente ao SENAI, a poucos metros da escola onde Aurora trabalha e que o seu esposo diz que ela corre risco. Para retomarmos a situação dos pontos de ônibus enquanto lugar onde ocorrem assaltos, Antônio do bar me contou que:

Hoje teve um assalto lá na Rua Portugal. Foi o primeiro que eu vi lá, mas não foi comigo não, foi com a moradora lá do condomínio, aquele pessoal que fica com celular grande, olhando lá. O camarada chegou e tomou o celular da menina, o bicho que ia passando em uma moto. Mas ficam provocando com um celular na mão né, é o que eles querem, e nos dias de hoje não pode fazer isso não. Ela não queria entregar e ainda deram um tiro pra cima, foi hoje de manhãzinha.

Seu Antônio mesmo sendo morador diz que nunca tinha visto ocorrer assalto na Rua Portugal, mas naquele dia da entrevista, uma moça moradora do Residencial Vila Nova da Rainha tinha sido assaltada por um rapaz que passava na rua enquanto ela estava usando o aparelho na parada de ônibus. Ele observou o fato de dentro do seu estabelecimento que fica poucos metros de onde a moça estava. Seu Antônio atribui a moça a consequência de seu ato de estar “provocando” com o celular na mão, pois, para o morador, atualmente esse tipo de atitude não é aceitável. Outrossim, esse tipo de visão é recorrente por parte de algumas pessoas que em certa medida culpabilizam as vítimas por utilizarem, por exemplo, os seus celulares em espaços públicos “livremente”, por acreditarem que a qualquer momento podem ser surpreendidos por alguém “mal intencionado”. Ademais, a esposa de seu Antônio foi categórica e acrescentou à sua narrativa seguida de um conselho:

Olha naquele setor ali tem quase todo dia, no ponto de ônibus. É uma turminha daqui de cima que ninguém sabe de onde, vem na moto, dois, um tá guiando a moto e o outro tá lá só observando. Se acontecer de você for pegar ônibus, não fica sozinha lá, procura alguém pra ficar perto de você!

Para a moradora é recorrente o número de assaltos na localidade, e ela atribui a culpa a uma “turminha daqui de cima”, mas que não tem nome e ninguém sabe de onde são, o que se sabe é que geralmente vêm em dupla em uma moto, um assalta enquanto o outro observa o movimento. Assim, mediada por essas circunstâncias ela também me orienta que caso eu vá “pegar” ônibus lá, eu leve alguém para ficar perto de mim. Talvez para ela, a presença de outra pessoa ao meu lado “iniba” a atitude de virtuais “praticantes da violência”, e tal presença seria uma forma de proteção quanto ao medo de ser vítima de assalto.

Dona Rita compactua com a ideia de que estar em companhia de outra pessoa é “melhor”, ou seja, ela se sente mais protegida, tendo em vista que “se eu sair com Miguel, eu posso ir para a Feirinha, eu já vou mais tranquila né. Agora se eu fosse sozinha eu já vou com um pé atrás né. Imaginando que vem uma pessoa de moto e parar junto de mim, eu já fico assustada”. Ao mesmo tempo ela recobra na memória uma situação vivida quando ela ia com o seu esposo ao açougue na feirinha, e mesmo estando acompanhada do esposo, ela vivenciou uma tentativa de assalto por um rapaz que vinha a pé. Segundo ela:

Outro dia a gente ia pra feira, Feirinha ali do Severino Cabral, era 6h da manhã. Quando a gente chegou ali na esquina de onde você tava pra baixo, chegou, tava chovendo, nós tava debaixo do guarda-chuva, chegou um rapaz, aí socou-se debaixo do guarda-chuva com a gente, aí ele disse, botou um negócio aqui nele que eu não sei o que foi, que ele não deixou a gente ver e falou: -É um assalto! To armado! Aí eu disse, meu filho eu só tenho a arma de Jesus! Aí ele tirou esse negócio daqui, aí foi conversando com a gente, aí ele me disse: -Me dê R\$10! Eu disse: eu não tenho não! Eu to indo pra feirinha trabalhar. Eu ajudo lá na Feirinha. Mas eu não ajudava. Falei assim só pra ver se ele saía de perto. Aí eu disse: vamos lá no açougue! Onde eu comprava carne. Quando eu chegar lá no açougue eu peço R\$10 e lhe dou. Aí ele disse: -Eu não vou não, que a senhora me denuncia! Eu disse eu denuncio não. Aí isso a gente, chegou no final da rua, aí fomos lá como quem vai para a Feirinha, e ele desceu assim, ele já pegou outro rapaz lá na frente né, que é nosso compadre. Chegou na Feirinha e eu muito nervosa, aí o rapaz, o açougueiro, perguntou: - O quê que houve? Aí eu disse:- A gente foi quase assaltado! Aí cada um pegaram uma faca aí eu disse: -Epa, espera aí! Ladrão não tem o que perder não, mas vocês têm família, podem entrar tudinho! Não aconteceu nada comigo, eu não vou botar vocês em perigo não! Aí pronto, graças à Deus fora disso. [O esposo acrescenta: Ele tinha uns 18 anos. Ele foi assaltar um cara que era da polícia, o cara lá meteu-lhe bala que torou a perna, na mesma semana] Ele disse que queria os R\$10 para ir pra São José da Mata. Mas eu tava com dinheiro no bolso para comprar carne. Graças a Deus eu me defendi com a palavra de Deus em primeiro lugar, e segundo é que eu disse que ia trabalhar. E se eu tivesse só? O medo era maior né?

Destarte, podemos perceber nessa narrativa a surpresa do casal pela sagacidade do rapaz que tentou os assaltar ao se colocar com eles debaixo do guarda-chuva. Ao fazer isso, o rapaz impôs o medo como forma de coagi-los e mantê-los sob o seu domínio. Esse medo foi instrumentalizado pela ameaça de estar armado e como forma de convencê-los disso, encostou

“a arma” no corpo de Seu Miguel. A reação de Dona Rita foi persuadi-lo também que ela também tinha uma arma: a arma de Jesus! Assim, tal afirmação sugere que “quem possui fé tem uma solidez e uma confiança que desfaz qualquer terror” (KOURY, 2009: 402), e diante das ameaças do rapaz, usar a “arma de Jesus” era a sua única forma de defesa naquele momento. Ao fazer isso, o rapaz resolveu recolher a sua arma e traçou alguns passos com o casal. Tentou dessa vez pedir R\$ 10, mas seu pedido não foi atendido, pois Rita disse que ia trabalhar na feirinha, mas podia arrumar lá e entregar ao rapaz. Ele recusou a proposta por acreditar que ela ia o denunciar. Não tendo feito o acordo, ele abandonou o idoso e conseguiu assaltar um conhecido do casal a poucos metros de onde estavam. O sentimento após a tentativa de assalto foi a de nervosismo, sentimento esse percebido pelos açougueiros, que sabendo do que se tratava decidiram “vingar” o constrangimento vivido pelo casal, mas foram impedidos por Dona Rita sob a alegação de que o rapaz não tinha nada a perder, mas eles sim. Dona Rita termina dizendo que sua defesa, em um primeiro momento foi a “palavra de Deus”, pois com ela “não há o que temer, tem que se estar preparado para as provas e tentações que Deus coloca na vida como teste de fé” (KOURY, 2009: 403). Ou seja, a “palavra de Deus” funcionou, neste caso, como um elemento de proteção que visou resguardar a sua integridade física e também espiritual. E em segundo lugar, porquê inventou que ia trabalhar, e diz não ter sentido mais medo pois estava na companhia do esposo.

Outra situação descrita também por Cecília sobre uma tentativa de assalto à casa de sua avó e o arrombamento da casa da vizinha da mesma:

A vizinha da minha avó também foi assaltada, a casa dela, arrombaram a casa dela. Lá na minha avó também já foram assaltar a noite e é uma insegurança total. Na casa da minha avó foi de madrugada, estavam dormindo e eles guardavam uma escada, uma escada de alumínio no beco de casa. Aí a noite minha vó acordou com alguém puxando essa escada. Aí acordaram bem agoniados, aí tavam puxando a escada, a escada de alumínio da cara sabe? Aí “tavam” puxando pra levar, aí quando acenderam as luzes, aí o ladrão foi embora, correu e deixou lá. Não levaram né, graças a Deus. Mas teve diversas coisas. Tem gente que pede água e já fica querendo entrar pra dentro de casa, a gente tem o maior cuidado por causa disso. E lá na vizinha foi pior, da minha avó. Porque eles foram, roubaram umas galinhas, uns negócios “tudim”. E depois eles vieram e entraram na casa mesmo. Levaram perfume, celular, roupas, um monte de coisas. Quando ela chegou em casa tava tudo virado na casa dela, então é uma coisa que não tem segurança, não tem jeito não.

As histórias se misturam de modo a comparar a gravidade de cada situação. Na casa da avó o “assaltante” foi durante a madrugada quando todos estavam dormindo e o mesmo estava querendo levar uma escada de alumínio “cara” em que os mesmos guardava no beco da casa. A agonia provocada pelo barulho fez com que acendessem as luzes e o homem saísse correndo.

Segundo a moradora é frequente pessoas pedirem água e quererem entrar na casa e adotam uma postura de “cuidado”. Ao mesmo tempo, ela explica sobre o caso do roubo das galinhas que a vizinha criava e do arrombamento que realizaram levando tudo o que tinha na casa, ou tudo o que puderam levar. A atitude dos assaltantes de deixarem “tudo virado” na casa da vizinha da sua avó se remete à “desordem” que efetiva a perspectiva descrita por Douglas (2014) como algo que está fora do lugar.

Outra situação descrita por Tereza ilustra o sentimento de medo e terror diante de uma situação em que ela e o esposo foram assaltados quando iam para o trabalho:

Em janeiro, 06h30 da manhã, meu esposo tava levando a gente para o trabalho, aí a gente passou na moto, aí eles passaram na frente da gente de moto, aí ficaram esperando a gente um pouco mais na frente. Aí o da garupa já desceu e foi em direção da moto e pegou todos os nossos pertences. Mas a moto a gente recuperou com dez dias depois, já os outros pertences não. Aí foi uma situação muito difícil que eu não espero passar de novo, é uma sensação horrível, horrível, horrível. Eu fiquei até com medo de olhar, eu só lembro que eu fiquei de cabeça baixa. Eram dois “cabas” numa moto. Eles desceram e passaram na frente da gente, sentido UEPB.

Segundo Tereza a ação estratégica dos rapazes que os assaltaram foi a de acelerar a moto e ficar lhes esperando mais na frente. O seu esposo não tinha muito o que fazer e seguiu o caminho, mas foram assaltados. Segundo ela, eles conseguiram recuperar a moto, e com a voz trêmula e assustada lembra quanto foi difícil aqueles minutos que estiveram “encurralados” e sua atitude foi a manter-se de cabeça abaixada sem olhar nos olhos dos assaltantes com medo de retaliação. Ela e o esposo saíram ilesos, mas com uma “sensação horrível”.

Outrossim, o sentimento provocado por essas circunstâncias diante de eventos concretos de assaltos e pelo “ouvi falar” são perpassados também pelo medo, pois ele “está ligado à preservação da vida, da integridade, servindo de alerta em situações de perigo. O perigo pode ser de ordem real ou imaginário, tendo em vista que cada indivíduo reage de uma determinada forma frente a certas situações”. Uma das consequências é que as pessoas alterem de modo significativo “seus ritmos e a dinâmica da vida cotidiana” (BAIERL, 2004:197). O medo por vezes contagia as pessoas mediante situações diversas. Sobre isso, descreverei uma situação que vivenciei quando voltava do centro da cidade.

Era por volta das 17h00, quando o ônibus 263B havia atravessado o conjunto Santa Bárbara e alcançava às ruas de Bodocongó. Quando passamos na rua onde fica o Centro de Zoonoses, em Bodocongó, o ônibus em que eu me encontrava estava dando sinais de que ia quebrar. E foi o que aconteceu. Quando chegamos na rua da Feirinha ele parou. Ficamos ali por alguns minutos, chovia um pouco e já estava escurecendo. Algumas pessoas que residiam ali

por perto começaram a descer, e outras permaneceram, pois moravam em outros bairros, a exemplo da Ramadinha e Malvinas. Com o passar dos minutos algumas pessoas começaram a se inquietar e houve uma agitação quando algumas mulheres começaram a falar que onde estávamos era “perigoso”, que “ocorria muitos assaltos”, que “ali não tinha outra opção de ônibus”, que “ia demorar” ... Não deu 10 minutos e muitas delas começaram a sair do ônibus diante da possibilidade de ocorrer algum assalto. A minha opção era a de ficar aguardando o próximo ônibus que chegou um pouco mais de 7 minutos depois que as mulheres foram embora.

Diante de tais situações que vivenciei, pude perceber que o medo se expressou através dessas pessoas de um modo um pouco parecido. Não havia, concretamente, alguém que se tornaria um “algoz” de nós que esperávamos o próximo ônibus chegar, mas havia sim um “virtual praticante” que colocaria à vida das pessoas em “risco”. Por mais que ele não tivesse uma face real, concreta, ele estava presente no imaginário dessas pessoas na figura de um assaltante. O medo ali presente foi **contagioso**, provocando em outras pessoas a necessidade de sair daquele local. Assim, o medo do crime:

consiste na sensação da antecipação, angústia e ansiedade de se tornar vítima de infração penal (anticipation victimization), sem haver necessariamente uma relação lógica com a realidade. Isso acarreta prejuízo significativo da qualidade de vida individual e, eventualmente, coletiva (DANTAS, SILVA JÚNIOR, PERSJIN, 2006, apud CASTRO et al, 2011: 92).

Nesse sentido, as pessoas criam para si certas disposições que contornam sua forma de vivenciar e experimentar certas situações das quais se colocam diante de seus olhos. Ao mesmo tempo em que reforçam o medo marcado por uma experiência desagradável, também contribuem para difundir e alimentar um medo que contagia outras pessoas. Assim, a violência que “apavora” as pessoas se retroalimenta pelo medo que se efetiva através de ações que expressam insegurança, temor e até mesmo preconceito. O medo também:

Se apresenta como agente influenciador capaz de modificar o comportamento humano, individual e social, mormente dos grupos em situação de maior vulnerabilidade, e especialmente quando relativo à probabilidade de ser vitimado por um delito. (CASTRO et. al, 2011:92)

Segundo Adorno (1996:136, apud ROCHÉ, 1993 e 1994) o medo e a insegurança diante do crime têm bases materiais e concretas, além disso “elas traduzem inquietações que, para além de sintomas, dizem respeito ao cotidiano dos cidadãos, ao modo como organizam suas experiências concretas em relação aos outros, às coisas, ao tempo e ao espaço, às paixões e aos governos, de si e dos outros”. Para o autor:

Na sociedade brasileira contemporânea, em particular nas grandes cidades brasileiras, o sentimento de medo e insegurança diante do crime é alimentado

pelo sentimento de que os cidadãos se encontram desprotegidos, vale dizer a organização material e institucional criada para proteger suas vidas e seus bens, materiais e simbólicos, não vem se mostrando eficaz no cumprimento de suas tarefas públicas. Uma sequência infundável de fatos têm contribuído, pelo menos nas últimas duas décadas, para que os mesmos cidadãos que trabalham, pagam impostos variados e cumprem suas funções cívicas, participando das eleições e elegendo livremente seus representantes políticos na esfera pública da sociedade manifestem, aqui e acolá, descrença nos governantes, nas autoridades constituídas e mesmo no poder de Estado, pelo menos em matéria de segurança pública (ADORNO, 1996:137).

Além disso, “o imaginário guia o caminhante pelas ruas, como placas de sinalização. Táticas surgem como formas de driblar o medo que ronda o imaginário do perigo da violência” (CORRÊA, 2008:30). “É importante destacar que as percepções negativas sobre a cidade e, em alguns casos, sobre o bairro em que se vive, trazem consequências concretas para a vida dos moradores, traduzidas em mudanças de comportamento e em medidas específicas destinadas à sua autoproteção” (MORAIS, 2009:18).

Assim, os cálculos mentais que os *bodocongoenses* fazem para exercerem suas atividades são mediadas através de mapas simbólicos que norteiam suas ações. E sendo Bodocongó um espaço que consiste em um fragmento da cidade de Campina Grande, os seus moradores constroem diferentes narrativas referentes ao medo e a violência em seu cotidiano. Uma delas é orientada por aquilo que Tereza Caldeira (2000:27) afirma sobre o medo e a fala do crime:

O medo e a fala do crime não apenas produzem certos tipos de interpretações e explicações, habitualmente simplistas e estereotipadas, como também organizam a paisagem urbana e o espaço público moldando o cenário para as interações sociais que adquirem novo sentido numa cidade que progressivamente vai se cercado de muros. A fala e o medo organizam as estratégias cotidianas de proteção e reação que tolgem os movimentos das pessoas e restringem seu universo de interações.

Como podemos perceber, o medo e a fala do crime norteiam, ao mesmo tempo, as diferentes interpretações acerca de tais fenômenos vividos ou reproduzidos cotidianamente através de comentários, bem como ajudam a organizar a forma como enxergamos a paisagem urbana e o espaço público, que moldam as interações, as sociabilidades, e as fortalezas que vêm surgindo e que têm cercado nossas cidades. Além disso, esses dois elementos orientam as condutas que visam “proteger” os indivíduos, mas que “podam” as interações em sociedade.

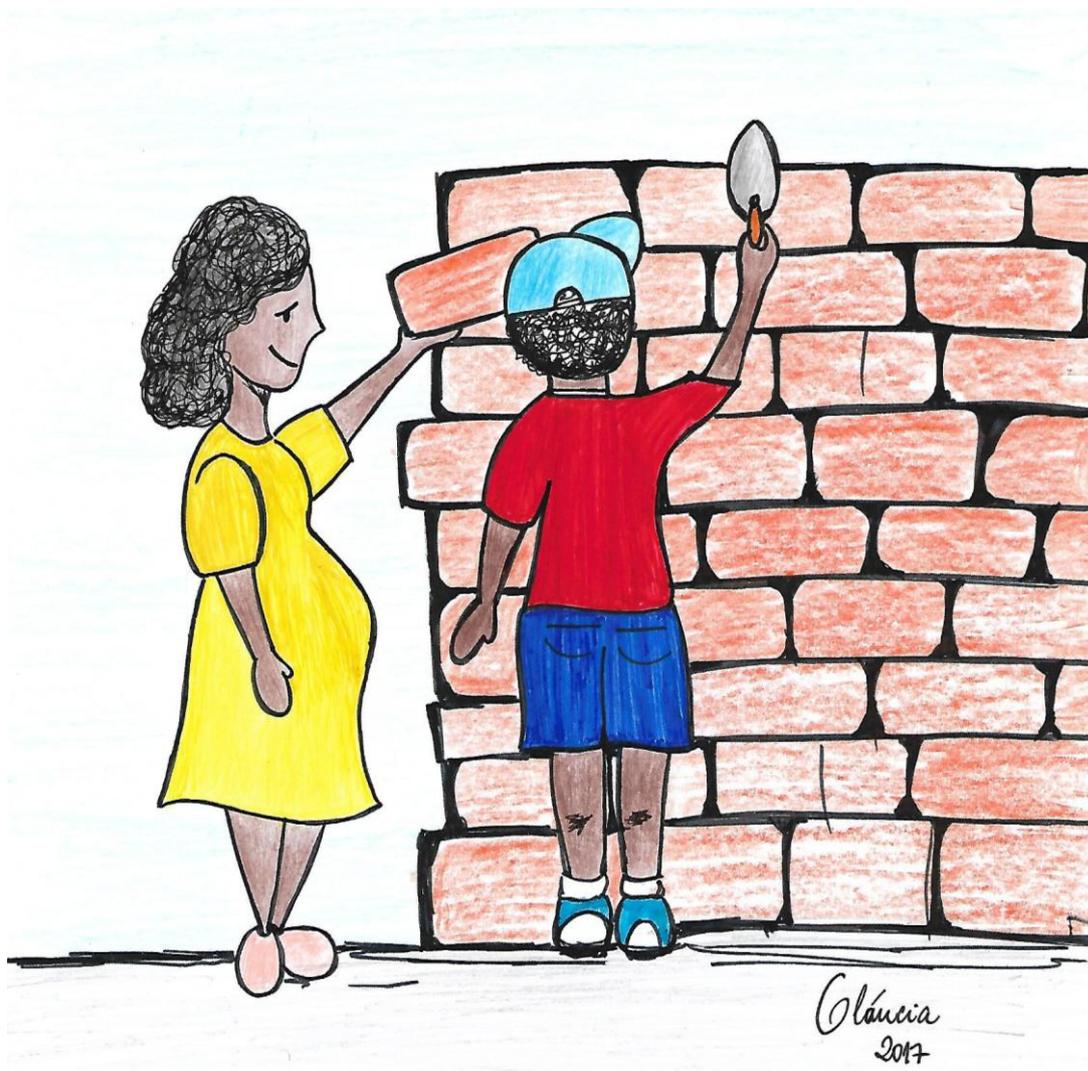
A autora é enfática ao considerar as narrativas que são construídas através dos comentários, brincadeiras e conversas e que tem o crime enquanto temática principal “contrapõem-se ao medo e à experiência de ser vítima do crime e, ao mesmo tempo, fazem o medo proliferar” (CALDEIRA, 2000:9). Para Caldeira, a fala do crime é repetitiva e seu poder

reside no modo pelo qual é difundida. Segundo a autora, essa fala reforça cotidianamente que a insegurança e a sensação do perigo é algo constante.

Nesse sentido os moradores significam violência a partir dos seus lugares de fala e da forma como enxergam o mundo a seu redor. Assim, a partir de suas visões de mundo, os moradores de Bodocongó frente às situações concretas e imaginárias de violência eles constroem esquemas de ação para lidarem com suas inseguranças no cotidiano, mas também reforçam e difundem o medo por “ouvir falar”.

A partir dessas significações, no Capítulo 4 poderemos entender melhor de que maneira essas diferentes narrativas sobre medo e violência contribuem também para a compreensão do modo pelo qual esses moradores se deslocam pelo bairro no seu cotidiano. E isso será possível a partir da visualização dos mapas cognitivos construídos a partir das informações coletadas em campo, e durante as entrevistas. Além disso, outro ponto que será destacado se debruçará sobre outras estratégias que os moradores utilizam no seu dia a dia para se proteger da violência, estratégias essas presentes em seus comportamentos e até mesmo na arquitetura de suas casas e estabelecimentos comerciais. Passemos adiante.

## 5 CAPÍTULO 4- MAPAS COGNITIVOS E ESTRATÉGIAS DE PROTEÇÃO: ANALISANDO OS DESLOCAMENTOS NO BAIRRO E A ARQUITETURA PRESENTE NAS CASAS E COMÉRCIOS DOS *BODOCONGOENSES*



Fonte: Elaborada pela autora, 2017

### 5.1 Os mapas cognitivos dos *bodocongoenses*

Ao conversar com os moradores procurei identificar e depois compreender os lugares que eles preferiam frequentar no bairro, seja para as práticas de sociabilidades, ou para usufruírem dos serviços disponíveis na localidade. Além disso, atentei também para os locais que eles rejeitavam para tais práticas, ou evitavam passar, buscando apreender suas motivações. Dessa forma, com a ajuda dessas informações que foram registradas no diário de campo, logo

após as entrevistas, desenhei alguns mapas<sup>59</sup> que facilitam na forma pela qual os moradores praticam os diferentes pontos do bairro e, além disso, contribuem na nossa compreensão da forma como essas pessoas percebem o bairro ao seu redor e os bairros que fazem fronteira com o lugar onde residem.

A produção dos mapas foi feita posteriormente ao processo de interação com os moradores mediante as nossas conversas informais e nas entrevistas. Assim, esse processo de construção foi fortalecido pela descoberta dessas histórias de vida juntamente com a apreensão do seu cotidiano a partir de uma linguagem própria que tais indivíduos compunham a partir de suas interpretações e representações do contexto do qual fazem parte. Em suma, o acesso a essa linguagem produzida pelos *bodocongoenses* só foi possível a partir da troca e do diálogo que tivemos ao longo da pesquisa. Sendo assim, o produto final ilustrado nos mapas é resultado desse processo colaborativo entre os dados produzidos através do contato com os moradores e do processo de reflexão obtido após a pesquisa de campo.

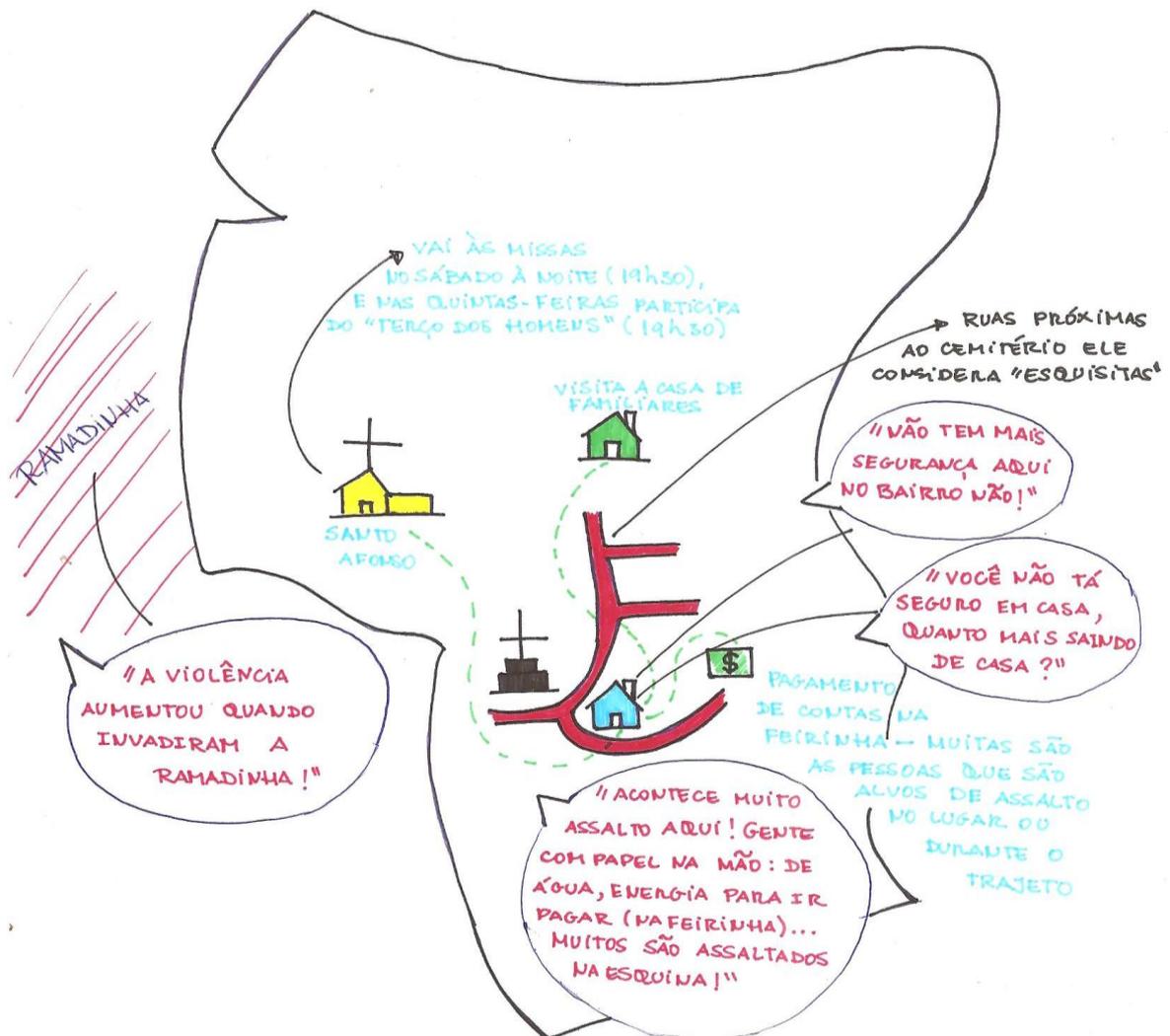
### **Mapa cognitivo de Seu Pedro**

Para entender os deslocamentos dos *bodocongoenses* no bairro onde moram, os instiguei a traçar através de suas memórias detalhes de como se deslocam em Bodocongó em seu cotidiano. O mapa que desenhei com base nas informações de Seu Pedro resultaram na seguinte representação:

---

<sup>59</sup> Os mapas que criei são apenas uma representação dos trajetos, espaços e lugares que os moradores citaram nas entrevistas. Portanto, as dimensões e localizações podem variar de tamanho, pois o objetivo aqui é ilustrar o cotidiano vivido pelos moradores com os quais entrevistei. Ao mesmo tempo, a planta baixa do mapa foi feita a partir de um mapa do bairro Bodocongó confeccionado pela Secretaria de Planejamento (SEPLAN) pela Prefeitura Municipal de Campina Grande no ano de 2010. Nesse sentido, os mapas aqui expostos não possuem escala, e as localizações dos espaços, bem como os limites entre bairros, visam apenas para fins ilustrativos para ajudar os/ as leitores/as a visualizarem melhor em conjunto com o texto etnográfico.

Figura 25- Mapa cognitivo de Seu Pedro

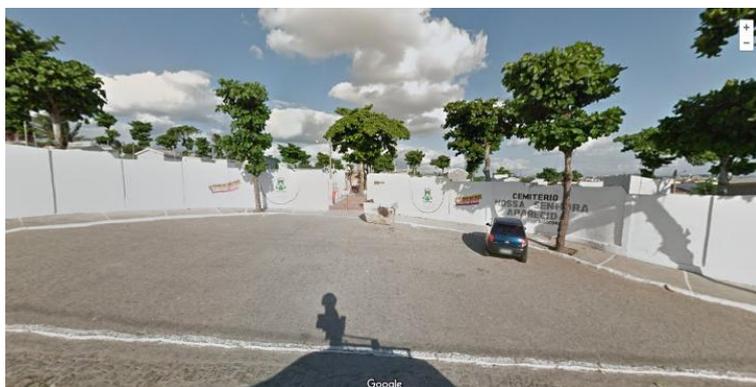


Fonte: Elaborada pela autora

Seu Pedro confessa que para ele não existe hora para andar pelo bairro, desde que esteja disposto para isso. Entretanto, diz que tem evitado andar, especialmente, no período da noite, exceto quando vai às missas na igreja Santo Afonso às 19h:30 e nas quintas-feiras quando participa do Terço dos Homens na referida igreja que fica alguns metros de onde mora. Ele diz também que às vezes frequenta às missas nos domingos às 7 horas no Santuário, bem como na igreja São Pedro no Severino Cabral.

Segundo o morador, as ruas que ficam localizadas próximas ao Cemitério Nossa Senhora Aparecida, e as que são paralelas à rua onde mora, ele afirma que elas são esquisitas.

Figura 26- Ruas próximas à feirinha acima; rua lateral do cemitério e visão frontal do cemitério



Fonte: Print Screenshot do Google Maps, 2016

Assim, a categoria “esquisito” reside no fato de que as pessoas que residem naquela área não costumam ficar conversando nas calçadas e há pouca circulação de gente, especialmente no horário do almoço (entre 12h e 14h) e a noite. Ou seja, a categoria “esquisita” equivale ao não dominado, que pode ser inclusive perigoso. Nesse sentido, seu Pedro afirma que essas ruas são próximas à feirinha, e muitas vezes ele presenciou ou “ouviu falar” que algumas pessoas já foram assaltadas por ali, ou ainda: “Acontece muito assalto aqui! Gente com papel na mão: de água, energia para ir pagar. Muitos são assaltados na esquina!” Assim, mesmo “correndo riscos” as pessoas fazem esse trajeto por ser o caminho mais curto para chegar à feirinha e ao correspondente bancário localizado lá. O medo de ser assaltado e a evidência de que na referida área ocorre esse tipo de crime, reforça a ideia do medo contagiante que vimos em linhas anteriores. A área onde está pintada em vermelho e que representa as ruas das quais Seu Pedro fala, é uma área residencial, e ao atravessar esse limite, temos a feirinha que consiste em um setor, em sua maioria, comercial. As fronteiras entre essas áreas é muito tênue, e a maior circulação de pessoas é na feirinha nos períodos da manhã a partir das 7h até 18h. Após esse horário, a localidade vai tomando novos contornos e formas. Acende-se as luzes dos postes, os feirantes recolhem seus produtos, os mercados fecham e outros estabelecimentos também, ficando apenas a soparia e a farmácia abertas.

Como já dito, Seu Pedro costuma somente sair à noite para as atividades religiosas na Igreja Santo Afonso; especialmente nos finais de semana ele vai visitar seus parentes próximo de onde morou por muito tempo; às vezes faz o percurso entre sua casa e a feirinha para resolver alguma coisa.

Outra coisa importante que ele recorda é que os banhos no açude e os passeios que fazia no seu entorno ficaram só na lembrança, pois com o passar do tempo e do abandono do açude, o espaço de lazer foi resignificado e hoje somente alguns pescadores, catadores de capim e caminhões pipa circulam por lá. Para Seu Pedro, “Não tem mais segurança aqui no bairro não!”, “você não tá seguro em casa, quanto mais saindo de casa?”. A questão da falta de segurança no bairro e os riscos em alguns pontos localizados, como já foi descrito pelo morador, tem limitado os seus trajetos na localidade. Para ele, o aumento da violência foi ocasionado “quando invadiram<sup>60</sup> a Ramadinha”, ou seja, a violência e seu consequente aumento é percebido como

---

<sup>60</sup> Não encontramos dados que confirmem que a Ramadinha foi invadida. Os poucos dados que descrevem a localidade se referem à morfologia e questões sócio econômicos. De acordo com o SIG CG, a Ramadinha está localizada na zona oeste de Campina Grande, na bacia do Riacho de Bodocongó. Segundo o site, a região “possui carência de infra-estrutura”, bem como “apresenta condições de moradia e qualidade ambiental baixas” e sua via de acesso principal é a Rua Manuel Mota. Disponível em: <http://201.59.143.214/sigcg/pdf/perfil/RAMADINHA.pdf>. Acesso em 23 março de 2017. Mas um dado interessante e que merece destaque é o trabalho desenvolvido pela “ONG: Nossa Ramadinha Melhor” que têm

algo que vem de fora, de um bairro próximo supostamente invadido e que trouxe consigo a violência.

Acerca disso, esse tipo de afirmação se aproxima da reflexão feita por Marques (2014) em sua pesquisa no Severino Cabral (localizado em Bodocongó) sobre a visão de um lugar marcado no imaginário social em que algumas fronteiras territoriais e sociais constituem uma relação antagônica que:

pode ser apresentada no tocante as oposições e conflitos entre o Severino Cabral e seus vizinhos Ramadinha e Pedregal. [...] a Ramadinha e o Pedregal são dois bairros vistos, tradicionalmente, como pobres e violentos. A maioria dos crimes cometidos no Severino Cabral é associada por seus moradores, a estes bairros. Estes antagonismos são observados em diversos detalhes e narrativas cotidianas.

Nesse sentido, o tecido social de Bodocongó é costurado através de laços que constroem narrativas acerca dos fatos que ocorrem no bairro, bem como as tramas sociais são marcadas por fronteiras físicas e simbólicas envoltas em uma costura conflituosa que envolve a relação entre os bairros vizinhos, os espaços menos frequentados por serem “perigosos”, e sob o estigma colocado pelas pessoas que habitam lá e pela diferenciação interna diferenciadora entre os moradores “honestos” e “criminosos”.

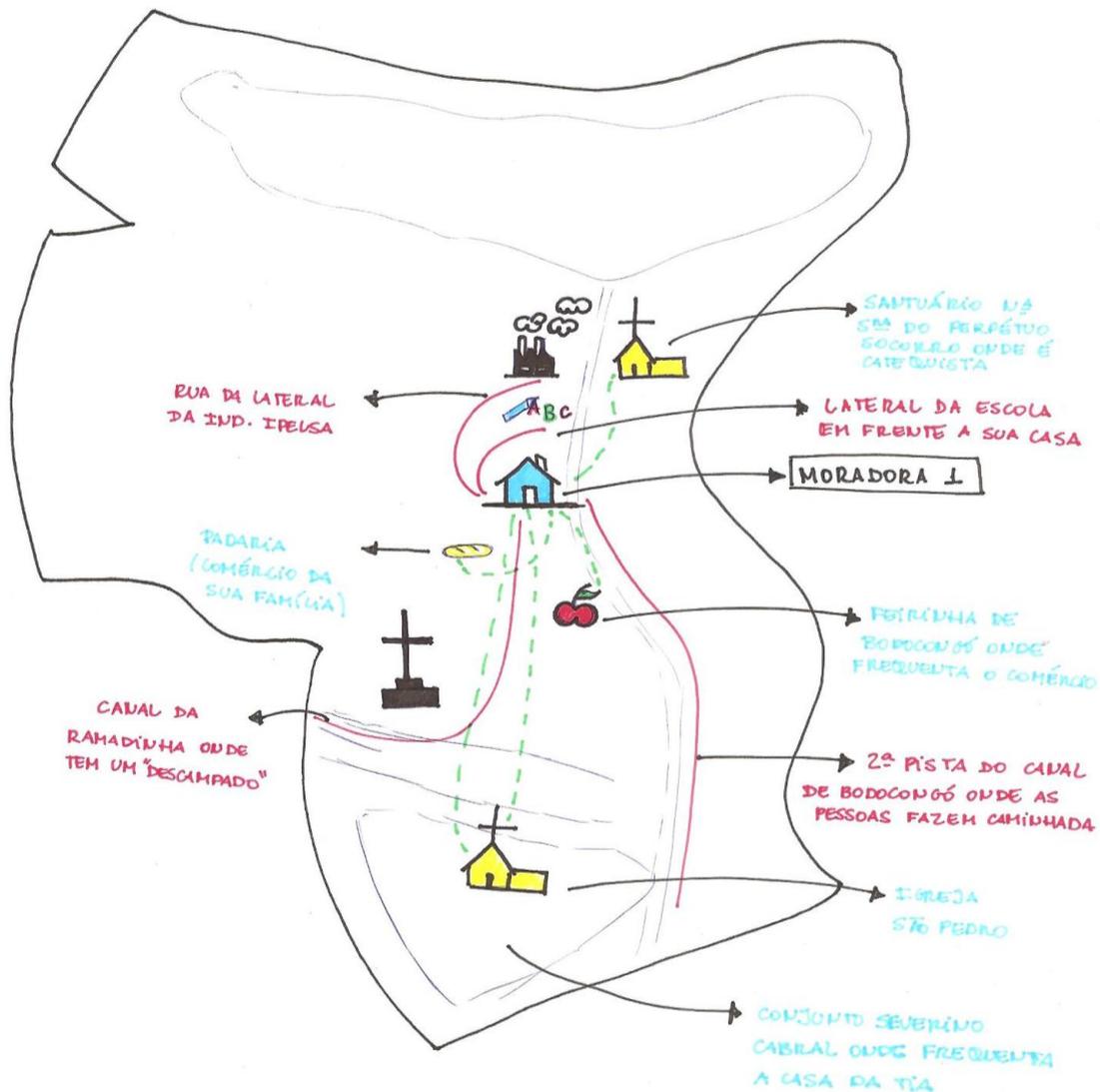
### **Mapa cognitivo de Vitória**

Por sua vez, os trajetos que Vitória faz em Bodocongó se convergem com os de Seu Pedro. A seguir podemos visualizar a representação de como circula no bairro:

---

direcionado esforços para uma melhor qualidade de vida dos moradores e atividades voltadas para as crianças como escolinha de futebol (Educando Sonhos). Eles divulgam e disponibilizam suas ações no *Facebook*, a exemplo também do Projeto Educar para Vencer que consiste na alfabetização de adultos, com o fardamento e material gratuito, dentre outras ações.

Figura 27- Mapa cognitivo de Vitória



Fonte: Elaborada pela autora, 2016

Vitória ao mencionar os principais locais que frequenta no bairro, ela indica os lugares que para ela são circuláveis e os que ela evita passar. Durante a semana ela vai à padaria da família que fica poucos metros da sua casa. Aos domingos ela faz o percurso de sua casa até o Santuário de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro onde é catequista, e a noite, ela vai às missas. Para chegar até lá ela tem que passar pelo canal de Bodocongó. Nesse trajeto, ela aponta que têm três lugares que são esquisitos, tais sejam: a lateral da escola que fica em frente a sua casa; mais abaixo a rua lateral da antiga Indústria Têxtil (hoje Coopapel), onde o movimento de circulação de pessoas é reduzido, apenas é possível ver carros, caminhões ou alguns

profissionais que trabalham na outra extremidade (empresa Everest); e a segunda pista do canal de Bodocongó onde as pessoas fazem caminhada. Esses locais são descritos, por ela, enquanto áreas das quais o risco é maior, risco esse motivado pelo medo de acontecer algo ou alguém estar escondido. Categoricamente, ela evita passar ao lado das indústrias, mas o canal de Bodocongó é um caminho obrigatório para ir ao Santuário.

Figura 28- Visão do canal de Bodocongó



Fonte: *Print Scren* do *Google Maps*, 2016

Figura 29- Rua lateral da Coopapel (antiga Ipelsa)



Fonte: *Print Scren* do *Google Maps*, 2016

Figura 30- Rua lateral da escola



Fonte: *Print Screen do Google Maps, 2016*

Assim, o medo limita que alguns trajetos sejam feitos, e outros percursos são realizados para seguir o caminho escolhido. Na outra extremidade do bairro, ela acrescenta que exerce outras práticas religiosas em outra igreja católica situada no Conjunto Severino Cabral, além disso, próximo a essa instituição ela visita a casa de sua tia. Ela cita também que no Canal da Ramadinha, existe um “descampado” que ela considera perigoso e esquisito.

Figura 31- “Descampado”



Fonte: *Print Screen do Google Maps, 2016*

Tais espaços, exceto alguns, convergem com a explicação de Marques (2014) em sua pesquisa no Severino Cabral, quando questionou aos seus interlocutores quais locais eles

consideravam esquisitos e a partir daí confeccionou o que ele chama de “mapas dos esquisitos” com base na cartografia social. Segundo o autor, o campo de futebol por trás da feirinha, o canal de Bodocongó, a rua do cemitério, bem como a ponte do canal da Ramadinha, dentre outros, eram locais de passagem, mas eram constantemente evitados pelos moradores. Assim,

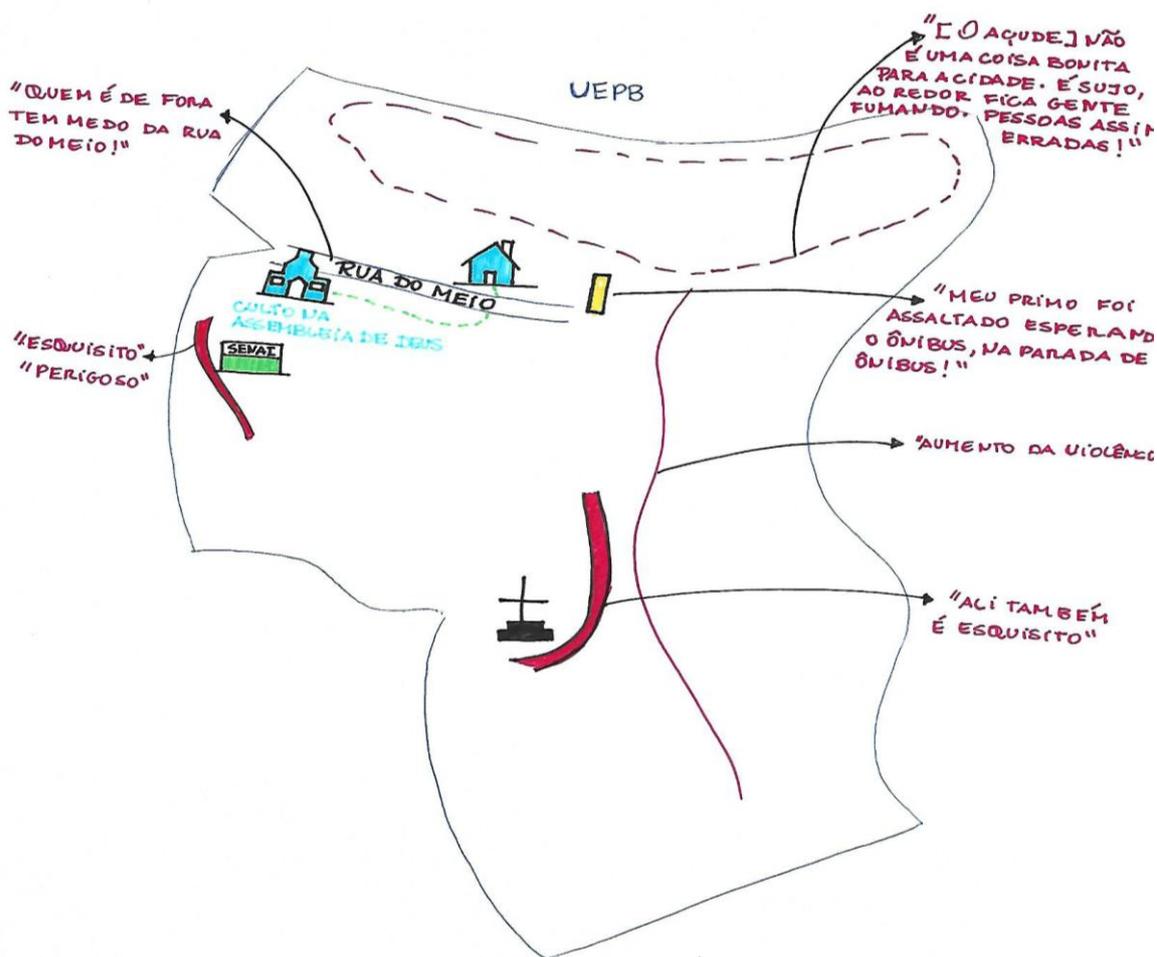
“Os esquisitos”, categoria êmica, são espaços com pouco fluxo de pessoas, mal iluminados, e marcados por narrativas de violência. A ocorrência de algum homicídio, estupros ou de roubos demarcam simbolicamente alguns espaços de uma forma mágica transformando-o em um “espaço tabu”. Ele passa a ser temido, evitado e caso seja violado, o transgressor deve ser merecidamente punido. Sofrer algum tipo de violência em um esquisito é declarar, para quem participa da comunidade, descuido ou burrice. (p.70)

Além disso, as narrativas de violência nesses espaços, mais uma vez, são marcados por casos concretos e pelo “ouvi falar”, e a ocorrência das práticas violentas transformam esses espaços e conseqüentemente as pessoas e a visão que elas têm das que insistem em ultrapassar os seus limites. Assim, Vitória obrigatoriamente para ir a igreja São Pedro e a casa da tia, atravessa uma parte da feirinha (lugar esse que ela afirma ser esquisito a partir das 20h), depois pelo campo de futebol, uma parte do canal da Ramadinha para chegar aos destinos. Dessa forma, quando as pessoas evitam circular por determinadas ruas ou lugares isso demonstra que “quando temem as ruas, as pessoas as usam menos, o que torna as ruas ainda mais inseguras. (JACOBS, 2011: 31).

### **Mapa cognitivo de Cecília**

Por sua vez, os percursos de Cecília no bairro se limitam às visitas que faz a casa da avó na Rua Portugal e aos cultos evangélicos na Assembleia de Deus que fica localizado na Rua do Meio. O fato de trabalhar o dia todo reduziu sua circulação no bairro, e mesmo que more nos limites que separam Bodocongó do bairro do Pedregal, os trajetos que faz ultimamente ficam em torno dos espaços entre a rua do meio, e a rua Portugal em frente ao açude de Bodocongó. Sua narrativa sobre os trajetos que faz e evita fazer no bairro, podem ser visualizados através do mapa a seguir.

Figura 32- Mapa cognitivo de Cecília



Fonte: Elaborada pela autora, 2016

De acordo com o mapa percebemos mais a presença de espaços considerados perigosos e esquisitos. Segundo Cecília, a rua do meio, onde vai aos cultos com alguns familiares à noite, para “quem é de fora” é um lugar perigoso e que causa medo, e ainda acrescenta que “a rua do Meio é conhecida também, mas como a gente já mora ali não tem tanto medo, mas quem é de fora tem né, tem medo da Rua do Meio”. A rua do meio, é assim, marcada por diferentes histórias compartilhadas por muitos moradores de Bodocongó, de modo que essas narrativas ajudam a criar o medo. Acerca disso, quando estudava no Estadual de Bodocongó eu tinha algumas colegas que moravam lá, e duas vezes por semana fazia o percurso da minha casa, passando pela Floripes Coutinho onde encontrava outras colegas e descíamos em direção à rua do meio para irmos à escola para as aulas de Educação Física. Inúmeras eram as histórias contadas por minhas colegas sobre a existência de um grupo familiar que eram envolvidos com

práticas delituosas e que “botavam medo em quem era de fora”. Esse pensamento converge com a percepção de “quem é de fora” considera a Rua do Meio enquanto um lugar “carregado”, de “gente errada”. Diferente daqueles que “são de dentro” que circulam com mais facilidade nesse território. Outros espaços apontados enquanto esquisitos e perigosos são a rua que compreende o SENAI e como já dissemos, os pontos de ônibus, onde a mesma disse que o primo foi assaltado, bem como a rua por trás do cemitério também é simbolicamente marcada por sentimentos de insegurança.

Figura 33- Rua do meio



Fonte: *Print Screen do Google Maps, 2016*

Figura 34- Rua Portugal e os pontos de ônibus



Fonte: *Print Screen do Google Maps, 2016*

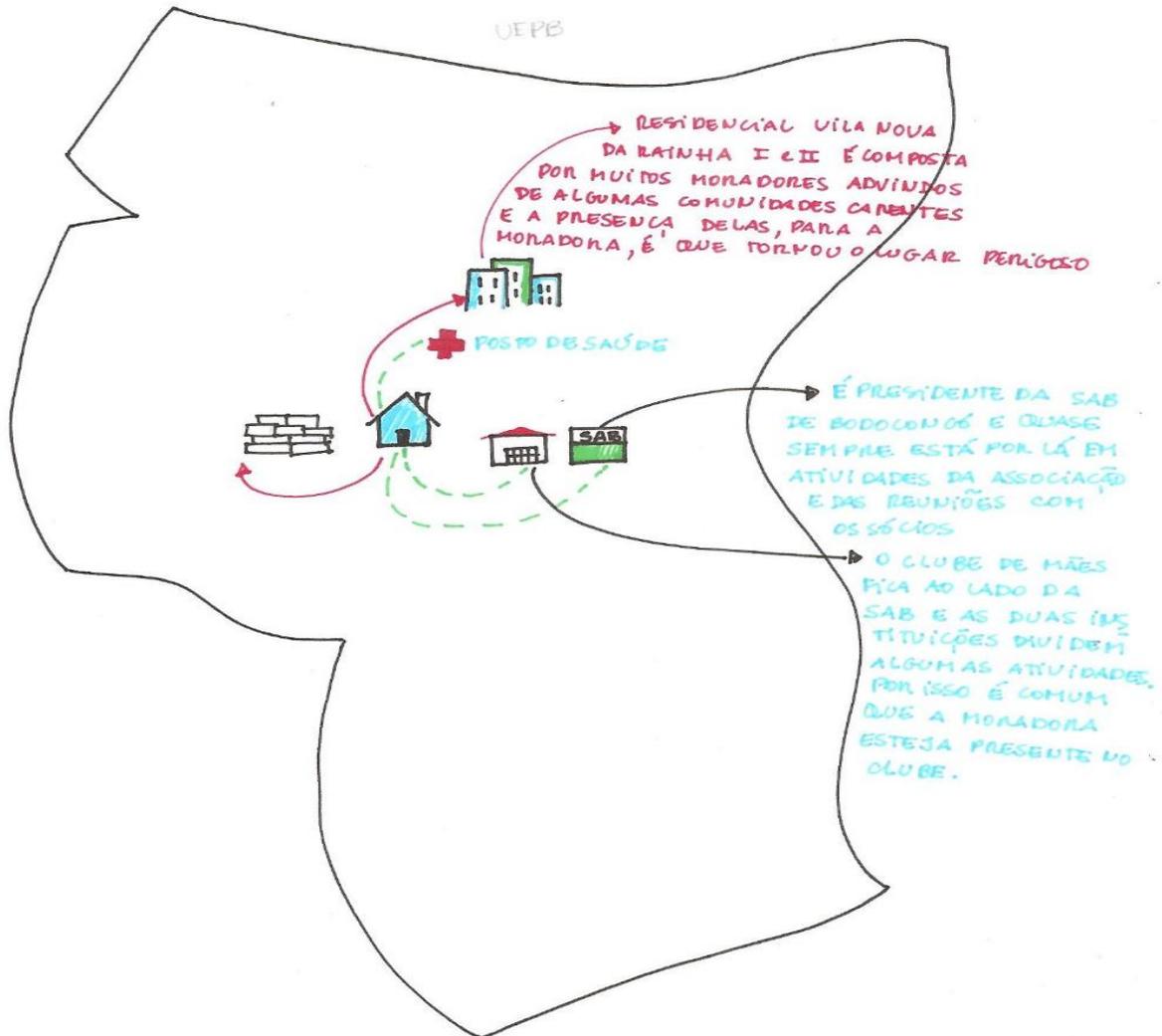
Mais outro espaço que merece atenção é o açude de Bodocongó, onde a mesma se recorda dos passeios que fazia no local, mas que hoje “não é uma coisa bonita para a cidade. É sujo, ao redor fica gente fumando, pessoas assim, erradas!” O contraste de percepção acerca do açude de Bodocongó é marcado por uma narrativa do tempo. Segundo ela, quando era mais nova, às vezes ia para o açude com sua irmã para ficar observando seu espelho d'água, pois “achava muito bonito”. Hoje em dia ela tem uma visão diferente acerca do lugar, tendo em vista que, o açude “é um cartão postal da cidade”, mas que se encontra poluído, e “poderia tá revitalizado, poderia ser um lugar de passeio, uma coisa bonita pra cidade”. O açude antes limpo, hoje se encontra poluído, e conseqüentemente visto enquanto “feio” e sujo para ela. Assim, a sujeira pode ser comparada ao que Douglas (2014) se refere enquanto uma desordem. A moradora narra a “sujeira” do açude em um esforço “para organizar o ambiente” que antes era “limpo”. Ao mesmo tempo, ela reforça que ao redor do espaço ficam pessoas fumando, pessoas essas que considera “erradas”, consideradas enquanto “perigosas”. Desse modo, ela narra a sujeira do açude juntamente com a presença dessas pessoas consideradas “indesejadas” que causam estranheza, perigo e desordem. E por isso, o motivo de não mais frequentar o açude tendo em vista que “a insegurança impera”, pois lá “vai todo tipo de gente” e onde, eventualmente, ocorre “violência, roubos e assaltos”.

Ela cita outros espaços que evita passar, a exemplo de “uma rua ali próximo a feirinha que é, uma rua ali por trás do cemitério é Rita Pereira”, rua esta que é paralela onde Seu Pedro também relatou. Além disso, ela considera que perto do Canal de Bodocongó é esquisito e “faz medo”, e a noite é “super esquisito”.

### **Mapa cognitivo de Laura**

Agora, de acordo com Laura, a sua circulação no bairro se concentra, principalmente, na área onde ela reside com a família entre a rua Floripes Coutinho e a SAB de Bodocongó. Como podemos ver no mapa abaixo, os principais locais que ela frequenta no bairro são a SAB de Bodocongó, o Clube de Mães que ficam poucos metros de onde ela mora, bem como o posto de saúde.

Figura 35- Mapa cognitivo de Laura



Fonte: Elaborada pela autora, 2016

Como já foi mencionado, ela é presidente da SAB e alguns dias durante a semana ela está por lá em diferentes atividades desenvolvidas na entidade e nas reuniões com os sócios. No que diz respeito às dificuldades enfrentadas no cotidiano em virtude da violência, ela considera que a falta de segurança no bairro é uma de suas preocupações e de outros moradores, situação essa que ela considera que outras comunidades também vivenciam. Nesse sentido, a mesma acredita que por ser representante do bairro, muitas vezes é preciso denunciar, por exemplo, casos de assaltos que ocorrem na localidade. E, ao agir assim, às vezes quem denuncia é ameaçado, pois “não é bom”, mas ao mesmo tempo revela não ter sido ameaçada por ninguém diretamente, mas sim de forma indireta.

Sobre essa questão, ela relata que certa vez soube que disseram que ela estava fazendo denúncias à polícia. Segundo ela, o que aconteceu é que os membros da SAB convidaram

alguns representantes das polícias civil e militar da cidade para realizar uma palestra para explicar como estava a situação da segurança em Campina Grande, e o que precisava ser feito para solucionar o problema dos constantes assaltos que vinham ocorrendo no bairro. Dias antes à palestra, ela disse que se juntou com o restante da diretoria da entidade e contrataram um carro de som para divulgar aos moradores do bairro sobre a palestra que ia acontecer na SAB. Ao fazer isso, ela foi indagada por um rapaz que disse: “Laura você vai dizer que o major vai tá na comunidade, isso não é ruim não?”, e ela respondeu:

De jeito nenhum! Nós somos uma comunidade organizada e nós não estamos aqui para denunciar não. Nós estamos aqui para junto com eles solucionar o problema, trazer uma solução para os problemas que estão acontecendo, ora. Se tá havendo muito assalto, se não é daqui ou venha de fora, vamos ver se a gente acha colocando uma viatura, não é, se não tem um posto policial, coloca uma viatura que isso já ajuda, dá umas rondas aqui no bairro, por que aconteceu muito isso aqui no bairro, mas agora até que pararam mais um pouquinho.

Diante de tal situação podemos considerar que o rapaz possivelmente estivesse com medo de que a divulgação através do carro de som sobre a presença dos representantes da polícia, especialmente da figura do major da polícia militar, pudesse trazer algum tipo de retaliação para os dirigentes da SAB de Bodocongó. Isso pode ser compreendido pela própria fala de Laura ao enfatizar que o intuito não era denunciar, mas solucionar os problemas dos assaltos que vinham ocorrendo no bairro. Acontece que, muitas vezes, as pessoas preferem se silenciar diante de tais casos, pois quem denuncia é visto com maus olhos. Outra coisa importante que ela indica em sua fala é sobre descobrir se quem estava praticando os assaltos eram pessoas do bairro ou de fora, e para que isso fosse possível, ela considera que se não pudesse ter um posto policial no bairro, a presença de uma viatura da polícia fazendo rondas no local já inibiria esse tipo de prática.

Apesar disso, ela afirma que Bodocongó não é um bairro seguro, pois “não existe assim, não tem mais aquela segurança de você dormir, de deixar a porta aberta”, como fazia em tempos de outrora, e acrescenta: “Ele não é um bairro mais seguro. Não é, de jeito nenhum. Eu sou segura em afirmar isso para você, nós de Bodocongó não moramos mais em um bairro seguro”. Diante disso, uma de suas justificativas para essa situação é que com a presença de muitas famílias novas que vieram morar no Residencial Vila Nova da Rainha, oriundos de diferentes bairros carentes de Campina Grande, se ouve falar sobre algumas práticas delituosas nos quais atribuem a culpa a algumas dessas pessoas que residem por lá. Segundo ela:

Olha eu considero o bairro assim, agora nós estamos com problema, isso não é eu, eu nunca fui lá pra visitar, assim eu escuto muitos relatos que vieram

muitas pessoas morar nesse condomínio. E aí muitas pessoas moram nesse condomínio, as pessoas reclamam muito, aí depois que o pessoal foi morar lá que começou a acontecer essas coisas.

Assim, ela acredita que o bairro enfrenta problemas relativos à prática de violência, mas procura em sua narrativa se isentar dizendo que não é ela que está afirmando isso, mas que escuta “muitos relatos” de pessoas que estão insatisfeitas com a presença dessas novas pessoas que foram morar no condomínio e que elas reclamam que logo após essas pessoas foram morar lá “começou a acontecer essas coisas” e que tornou o bairro inseguro. Essas “coisas” das quais ela se refere estão relacionadas aos relatos de moradores de dentro e fora do residencial sobre consumo de drogas no local, além de eventuais brigas, e até mesmo sobre a prática de um homicídio que ocorreu em janeiro de 2017 em seu interior. Nesse sentido, para essas pessoas a violência que tem crescido no bairro ela vem de fora<sup>61</sup>, especialmente depois que esses novos moradores se instalaram no residencial. De acordo com Seu Antônio, muitas dessas pessoas vieram “de comunidades<sup>62</sup> e tal. Zé Pinheiro, do Glória, de todo canto. Tem gente aí que é de todo canto, mas é tudo filho de Deus. E têm umas “almas sebosas”, dizem que tem, e tem mesmo, mas a gente tem que conviver com todo mundo né isso?” Assim, atribui-se a culpa da violência ter crescido em Bodocongó, em virtude de algumas “almas sebosas” que se instalaram no residencial, ou seja, a culpa é atribuída ao “outro”, ao “estranho”, “às almas sebosas”. Ou seja, a violência aparece em suas falas como atos praticados por outros.

Outro espaço citado por Laura, e que considera emblemático, é a pedreira que está localizada próximo a sua residência. A pedreira é um terreno extenso e aberto, com algumas árvores, em que são guardadas pedras destinadas a construção de calçadas e onde são comercializadas no local. O espaço é marcado por muitas histórias de assassinatos que são contadas pelos moradores, pois a noite o lugar é pouco iluminado. Durante o dia é possível ver a presença, especialmente, de rapazes jovens em bancos construídos com cimento e pedras. De acordo com Laura, o pessoal que reside próximo à pedreira, muitas vezes reclamavam muito sobre a incidência dos assassinatos que ocorrem por lá. Segundo ela, alguns meninos ficam por lá, e que muitos deles ela viu crescer, mas muitos ficam usando drogas e considera que “o melhor caminho” para esses jovens é estudar, “entrar em um curso de cultura”.

---

<sup>61</sup> De acordo com Koury (2010: 298) esse tipo de afirmação foi frequente entre os seus interlocutores do bairro do Varadouro localizado na cidade João Pessoa. Muitos moradores eram categóricos e dizem: “se existe violência no bairro, não é dos seus moradores mas de gente de fora. São os de fora do bairro que denigrem a imagem local, não seus moradores”.

<sup>62</sup> As comunidades das quais o morador fala, são bairros que se constituem no imaginário campinense enquanto “violentos e perigosos”.

Figura 36- Pedreira e rua Floripes Coutinho



Fonte: *Print Screen do Google Maps, 2016*

Além disso, ela confessa que não tem nenhum tipo de problema com esses meninos, mas aconteceu um episódio que fez até mesmo ela pensar em se mudar do bairro. Segundo suas palavras:

O que fez muito eu pensar em sair de Bodocongó foi exatamente isso, por que alguém chegou pra esse pessoal, inclusive, até um rapaz que vendia droga, e uma pessoa chegou e disse que, devido a polícia ficar circulando, depois que o major veio pra aí, e o pessoal foi dizer que eu tava denunciando eles. E aí eu fiquei muito triste, muito abalada, por que eu sou só, eu ando só, eu tenho meus filhos, e assim, a gente não sabe o que se passa no coração das pessoas.

O suposto boato que surgiu devido o fato de terem dito que ela estava denunciando os rapazes que faziam uso de drogas na pedreira para a polícia, fez com que a moradora se sentisse “triste” e “muito abalada”. Sua preocupação é que em virtude de sua condição, ou seja, pelo fato de ser viúva e mesmo tendo os filhos, ela mora com apenas um deles dos quais ela chama de “especial”, ela estaria vulnerável diante da exposição pela qual foi colocada pelo boato que estava circulando, especialmente por que acredita que nenhum de nós sabemos “o que se passa no coração das pessoas”. Diante de tal circunstância, ela resolveu conversar com esses rapazes para explicar a situação e revela que:

Tive que me expor, tive que me expor para esse pessoal, dizer que eu não tinha falado, nenhum momento, eu jamais ia me passar para entregar ninguém até por que eu tenho o que fazer. Porque a vida particular de cada um é de cada um. Se eu não tivesse aqui pra ajudar, mas nunca pra prejudicar e denunciando ninguém não ia ajudar ninguém. E quem sou pra dizer isso, eu tive que me expor para esses meninos, e eles mesmos disseram “não, Laura, isso não tá acontecendo não”, muitos deles nem sabiam. Isso não tá acontecendo! E foi lá e foi cá, a pessoa que tinha me falado isso, era ela quem tava insinuando: Ah, a polícia tá baixando demais aqui, foi depois que Laura chamou, ela quem

tá entregando. E aí isso é muito perigoso né. Aí foi um dos momentos que eu mais pensei em sair de Bodocongó.

Diante da situação que havia se desenvolvido em virtude do boato, ela diz que conversou com os rapazes e explicou o que estava acontecendo. Segundo ela, nem mesmo eles estavam sabendo do fato. A questão é que o boato havia circulado em circunstância da solicitação de um posto policial que ficou na pedreira por alguns dias, em virtude dos assaltos que estavam ocorrendo no bairro. Era um pequeno trailer com alguns policiais que reversavam entre si o trabalho no local. Assim, tendo a SAB feito a solicitação ao major para que realizassem esse trabalho por alguns dias, “uma pessoa” espalhou o boato que ela estava “entregando” “pessoas suspeitas”, dentre elas os rapazes que “fumavam” na pedreira. Em virtude disso, ela pensou em sair do bairro, por medo de algum tipo de retaliação.

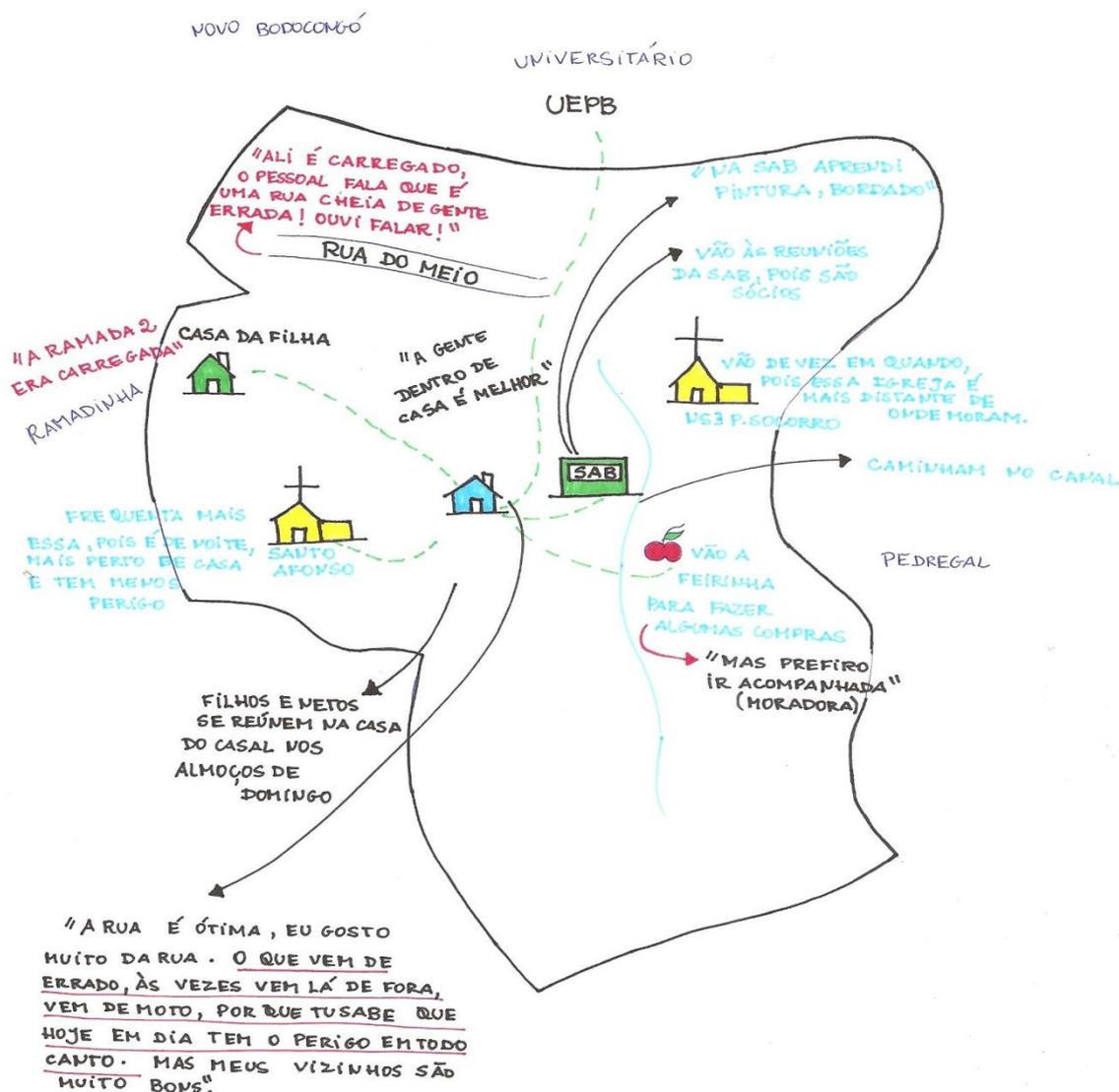
Ao mesmo tempo, ela considera que o que a fez continuar no bairro foi sua crença em Deus. Assim, mesmo revelando não ser uma pessoa religiosa, ela acredita ser “uma pessoa que tenta a todo momento ser cristã”, e pela fé que tem “entrego a minha vida e a da minha família todo dia e dos meus amigos nos pés do Senhor”. E acredita que onde estiver, “os anjos de Deus me acompanham”.

Assim, segundo ela, a fé é um componente essencial para que permaneça no bairro e continue dando seguimento à sua vida e às atividades que ela desempenha na comunidade, mesmo que muitas vezes ela sinta medo. Medo este presente nas memórias nada agradáveis das situações das quais foi descrita sobre o boato, bem como os episódios em que foi vítima de assalto em uma rua do bairro, uma segunda vez em uma parada de ônibus, e quando arrombaram a SAB e levaram alguns violões. Por isso, quando nos dirigíamos à SAB para a entrevista que iria fazer com ela, quando a mesma abria o portão de entrada da entidade, ela disse que: “Quando eu to só eu prefiro ficar trancada, morro de medo!”

### **Mapa cognitivo de Dona Rita e Seu Miguel**

Agora, de acordo com as informações acerca de como circulam no bairro de Bodocongó, temos o mapa de Dona Rita e Seu Miguel:

Figura 37- Mapa cognitivo de Rita e Miguel



Fonte: Elaborada pela autora, 2016

De acordo com o casal, os percursos que mais fazem se concentram nas idas à SAB de Bodocongó para as reuniões de sócios, bem como as atividades artesanais das quais Dona Rita diz frequentar. Além disso, os dois afirmam que de vez em quando eles participam das missas no Santuário de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro em dias de comemoração de alguma festividade em que muitos fiéis se reúnem no local. Mas afirmam que todos os sábados eles vão às missas na Igreja Santo Afonso às 19 horas, pois essa igreja fica mais próxima a casa deles e consideram que tem menos perigo, tendo em vista que o Santuário (o mesmo que Vitória frequenta) é mais longe e tem que atravessar o Canal de Bodocongó do qual consideram

esquisito.

O casal costuma também ir à feirinha fazer pequenas compras do dia a dia, pois a “feira grande” fazem nos supermercados localizados no centro da cidade, mas para Dona Rita, ela se sente mais segura, para fazer as compras na feirinha, indo acompanhada. Duas vezes por semana eles vão para a UEPB para as aulas de educação física destinadas aos idosos. Eles também visitam a sua filha que mora próximo à Ramadinha; e aos domingos os seus filhos e netos se reúnem na casa deles para os almoços de domingo. Além disso, Dona Rita afirma que a rua onde moram é “ótima”, e o que “vem de errado, às vezes vem lá de fora”, mas considera que o perigo hoje em dia está em todo lugar.

Agora no que concerne os lugares dos quais preferem evitar, eles elencam alguns: a Rua do Meio e a Ramadinha. Para o casal, a Rua do Meio:

[Seu Miguel] É uma ruinha que tem lá em baixo, chama a Rua do Meio, lá é carregado! [Dona Rita] O pessoal fala, o pessoal fala né? Eu não testemunho certo não por que eu nunca vou lá, só fala que a rua é muito cheia de gente errada. Eu ouvi falar, eu não digo com certeza não, pra gente dizer a gente tem que ter prova né? Graças a Deus nunca aconteceu nada com a gente.

Levando em consideração àquilo que Cecília revelou sobre a percepção de “quem é de fora” muitas vezes tem medo da Rua do Meio, Seu Miguel acrescenta que lá é “carregado”. Assim, a Rua do Meio é considerada um espaço “carregado”, no sentido de ser percebido enquanto um lugar “perigoso”, especialmente se lembrarmos do que foi descrito em outras linhas deste trabalho sobre a visão estigmatizante que o local tem em virtude das inúmeras histórias sobre o local e as pessoas que moram lá. Ao mesmo tempo, Dona Rita acrescenta à narrativa de seu esposo que “o pessoal fala” que lá é “carregado”, pois não costuma frequentar o local, mas ela “ouviu falar” que nesta rua só tem “gente errada”, envolvida com a criminalidade. E termina dizendo que mesmo assim, nunca aconteceu nada com a sua família, em outras palavras isso reforça que as falas do medo orientam, mesmo não tendo ocorrido nada com quem fala. Por outro lado, para o casal, o bairro da Ramadinha também é considerada um lugar “perigoso”. Segundo Seu Miguel a “Ramada 2” era “carregada”, mas nos últimos tempos “tem diminuído mais”, mas mesmo assim evitam passar no bairro. Isso demonstra que existe na percepção desses espaços “pontos cegos, quer por censura moral, [...] quer por desconhecimento, isto é, pelo fato de não se utilizar” (MAYOL, 1996: 154) e praticar esses espaços. Nesse sentido, podemos dizer que os locais que são conhecidos são percebidos enquanto seguros, ao contrário dos locais não praticados, vistos enquanto inseguros.

### Mapa cognitivo de Dona Aurora e Seu Antônio

Agora, voltemos nosso olhar para o mapa de outro casal: Aurora e Seu Antônio do bar, vejamos abaixo:

Figura 38- Mapa cognitivo de Aurora e Antônio



Fonte: Elaborada pela autora, 2016

De acordo com Aurora, os lugares que ela mais frequenta é a Escola Itan Pereira, que é onde ela trabalha nos turnos da tarde e da noite, de 13 horas até às 20 horas. Segundo Aurora, a rua onde fica a escola onde ela trabalha é “esquisita” e “perigosa”, pois por ali “tem muito assalto: assalto de dia, assalto de noite”. E seu esposo acrescenta: “ela trabalha ali no Itan

Pereira, e de noite, parece que é Deus que coloca a mão em cima dela, pois é muito complicado aquelas ruas, pois elas são muito desertas”. De acordo com eles, e especialmente por Dona Aurora, muitos estudantes ao irem ou voltarem da escola, revelam terem sido acometidos por algum assalto, ou alguém ter “corrido” atrás deles durante o trajeto para assustar.

Figura 39- Rua lateral à Escola Itan Pereira



Fonte: *Print Screenshot do Google Maps, 2016*

Esse tipo de fato também é muito comentado por outros moradores do bairro com os quais eu tive contato. Quanto aos outros espaços que frequenta também, ela cita que de vez em quando vai ao Santuário e à igreja Santo Afonso, e às vezes vai ao posto de saúde localizado na Floripes Coutinho (o mesmo posto citado por Laura) e a feirinha de Bodocongó para pequenas compras.

Seu Antônio por sua vez, diz que circula principalmente pela Floripes Coutinho, pois é através dessa rua principal que vai para o seu comércio que fica na rua Portugal. Antigamente quando morava nesta última rua, a sua circulação era ainda mais reduzida, pois o seu bar ficava abaixo de sua residência. Como atualmente ele resolveu morar em uma outra casa sua que estava alugada e que é próxima a igreja Santo Afonso, ele anda um pouco mais. O trajeto que faz todos os dias é sair de casa pela manhã, descer a rua Floripes Coutinho, passar pelo Residencial Vila Nova da Rainha e chegar no seu comércio, onde abre às 6h. Ele diz que fica lá o dia inteiro, chegando apenas à noite para descansar, por volta das 19h.

Ambos afirmam que a Rua Portugal, onde têm um comércio (uma espécie de restaurante) muitas vezes, em diferentes horas do dia, fica um pouco esquisito, com pouca circulação de pessoas. Assim, lembrando o caso já citado por eles sobre o assalto que Seu Antônio presenciou próximo ao seu estabelecimento, o outro ponto de ônibus que fica do lado

do seu comércio é “bastante visado”. Segundo eles:

[Antônio] Hoje eles (os moradores) descem muito pra Rua Portugal por que consideram que lá é que tem muita linha de ônibus, mas é muito perigoso. Porque àquelas residências lá ficaram todas com os muros muitos altos, aí a rua fica completamente esquisita. É complicado esperar ônibus ali. [Aurora] Aí Antônio hoje tá indo para ali na parada de ônibus, abrindo o comércio lá! [Antônio] É um comercinho, um passatempo, mas eu vou ficar lá. Agora me arriscando no caso, porque ninguém tá livre disso não. Não pode botar muita mercadoria, nem dá bobeira não por que é complicado. [Aurora] Mas no momento que têm pessoas esperando no ponto do ônibus já dá uma segurança para você, e você passa uma segurança para eles. Só é bom quando tem um fluxo de pessoas ali, movimento.

A Rua Portugal, em Bodocongó, é um lugar em que muitas linhas de ônibus passam por lá, desde as que vêm dos bairros das Malvinas, Ramadinha, e inclusive aquelas que vêm do distrito de São José da Mata e de cidades vizinhas, a exemplo de Pocinhos e Puxinanã. Todas essas linhas ou vêm do centro da cidade de Campina Grande, ou vão para ela. Por esse motivo, Seu Antônio justifica o fato de muitos moradores da localidade que compreende a uma parte da rua Floripes Coutinho, o Residencial Vila Nova da Rainha, Rua do Meio ficam aguardando os ônibus nas duas paradas: a do açude de Bodocongó e a parada de ônibus que fica em frente ao comércio de Seu Antônio.

Figura 40- Rua Portugal à esquerda



Fonte: *Print Screenshot* do Google Maps, 2016

Figura 41- Rua Portugal à direita



Fonte: *Print Screen do Google Maps, 2016*

Assim, mesmo com essa vantagem de ter uma opção de ônibus maior para ir ao centro, por exemplo, Seu Antônio considera esses pontos de ônibus enquanto lugares “inseguros” e “muito perigoso”, em virtude dos constantes assaltos que ocorrem vez por outra por lá, tendo em vista também que os muros das residências que circunda um dos pontos de ônibus possuem muros altos e que dificilmente as pessoas vitimadas poderiam pedir algum tipo de ajuda, tendo em vista que os muros altos limitam as sociabilidades e impedem a vigilância de outros. Dessa forma, no caso do outro ponto, o que fica na calçada ao lado do açude, a pessoa fica ainda mais vulnerável, de acordo com os moradores, tendo em vista que o ponto não tem nenhum tipo de abrigo ou proteção. Como pudemos ver na citação, Seu Antônio considera que se arrisca ao ficar em seu comércio devido a vulnerabilidade do local, pois “ninguém está livre”, e por isso ele usa de estratégias de proteção, como o de não expor muitas mercadorias e estar sempre atento. Ao mesmo tempo, Dona Aurora acredita que mesmo diante da insegurança, o fato de sempre haver pessoas esperando no ponto de ônibus já “dá uma segurança” para o seu esposo, pois para ela, com a presença dessas pessoas, possivelmente possíveis assaltantes sem sintam inibidos, em outras palavras, a sua fala mostra que muita gente circulando no espaço público (rua) pode inibir as ações de criminosos. E ainda, ela afirma que até mesmo o comércio estando aberto e as pessoas que estiverem esperando ônibus podem se sentir um pouco mais seguras com a presença de Seu Antônio ali por perto, e acrescenta que quanto maior o fluxo de pessoas por ali é melhor.

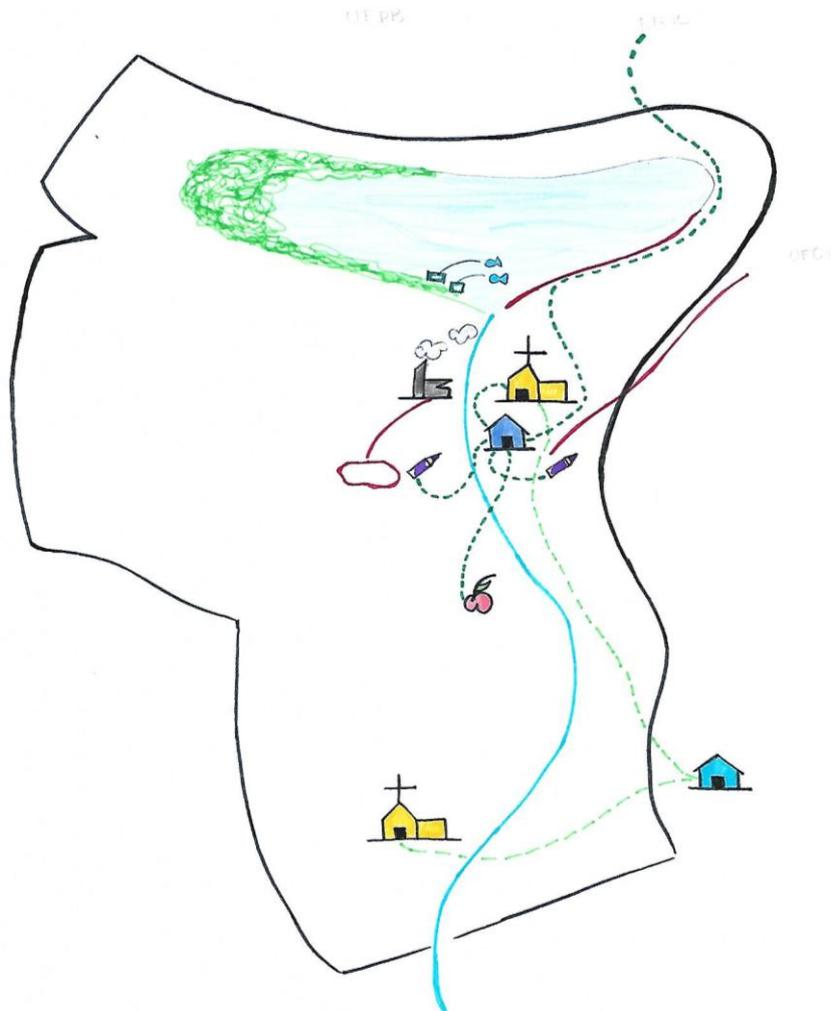
Agora nos casos de Tereza e Raul, ambos atualmente frequentam o bairro para visitar

familiares e para os eventos do Santuário de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

### Mapa cognitivo de Raul

De acordo com Raul, os principais locais que ele frequentava em Bodocongó era a Escola Manoel da Motta, o Estadual de Bodocongó, a feirinha, visitava os seus avós na comunidade Santa Teresinha (conhecida como “rua da barreira”), o Severino Cabral para as missas na igreja São Pedro; e aos eventos de jovens na Escola Técnica Redentorista. Quanto aos locais que ele afirma que evitava passar quando era morador, elenca alguns deles: passar à noite no campo que havia ao lado da Ipelsa (localizado próximo à rua que Vitória evitava passar), ir para o Redentorista à pé; e algumas ruas em direção à UFCG; além disso nas imediações do açude “alguns momentos era muito perigoso, o pessoal saía do açude para ir pescar e nadar”.

Figura 42- Mapa cognitivo de Raul



Fonte: Elaborada pela autora, 2016

### Mapa cognitivo de Tereza

Por sua vez, Tereza afirma que, geralmente, costuma ficar em casa, e quando sai é durante o dia. Segundo ela, “a noite é muito difícil eu sair, é mais quando eu vou na casa da minha mãe, que é pertinho”.

Figura 43- Mapa cognitivo de Tereza



Fonte: Elaborada pela autora, 2016

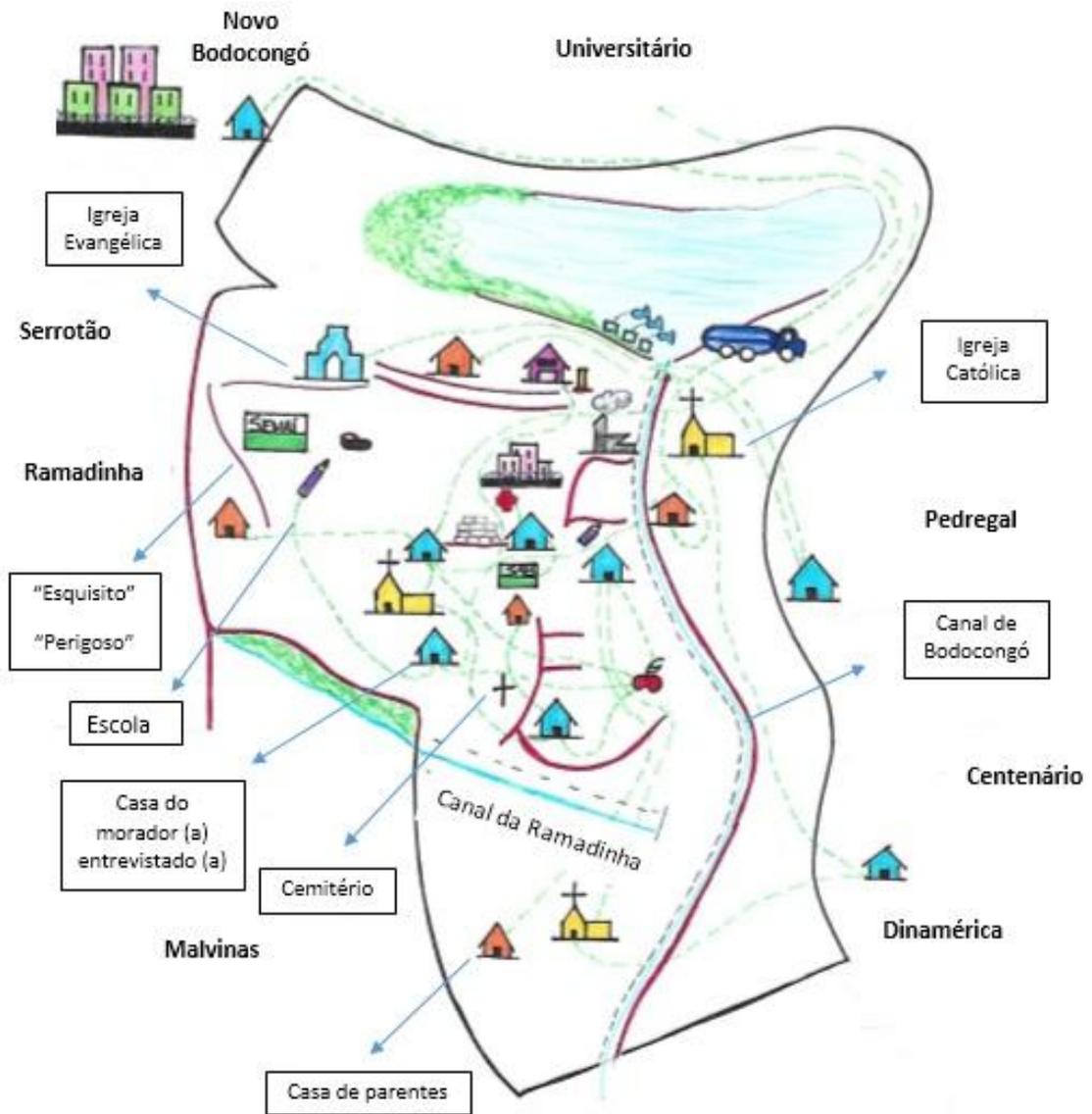
A sua casa fica em uma extremidade do açude de Bodocongó e a dos pais dela fica na outra, próximo ao Santuário. Ela afirma que evita levar celular, e quando leva coloca no silencioso, bem como procura não atender na presença de muita gente. Ela diz que quando sai da casa da mãe, e às vezes quando é de noite, ela vai de moto para casa e acrescenta que vai se “arriscando por que é perigoso e a gente (ela e o esposo) vem com a menina. Eu me arrisco por

conta dela”. Sua preocupação é em virtude do caso descrito em linhas anteriores, quando a mesma afirmou ter sido assaltada quando saía de casa para trabalhar e por isso ficou com medo que outra situação como esta ocorresse de novo. Essa situação, afirma ela, a deixou muito insegura, e teme passar por isso de novo.

Como pudemos ver, os deslocamentos que os moradores fazem em seu cotidiano são mediados pela percepção dos espaços que consideram circuláveis e aqueles que são evitados em virtude do medo e da violência. Em muitos casos, pudemos perceber que os moradores elencaram de forma similar alguns dos espaços que eles consideram arriscados para circular ou passar, especialmente quando referem-se a tais espaços enquanto “esquisitos”, “perigosos”, “carregados” dentre outros adjetivos. Cada pessoa, a seu modo, estabelece também uma relação com esses espaços, tidos enquanto “inseguros”, a partir do lugar onde moram e dos diferentes relatos que se “ouve falar” sobre casos de violência, especialmente sobre a ocorrência de assaltos, ou pela vitimização desse tipo de crime.

Nesse sentido, a partir da visualização e reflexão dos deslocamentos dos *bodocongoenses* a partir dos mapas individuais (e os dois mapas dos casais), construí um outro mapa que engloba uma visão geral da maneira pela qual esses moradores acessam determinados espaços e rejeitam outros em seu cotidiano. Vejamos a seguir esses deslocamentos a partir de uma visão coletiva dos moradores acerca do bairro:

Figura 44- Mapa cognitivo dos deslocamentos e espaços evitados pelos *bodocongoenses*



Fonte: Elaborada pela autora, 2016

Seguindo a mesma lógica dos outros mapas cognitivos, os deslocamentos entre os espaços que circulam com mais frequência são desenhados com uma linha pontilhada verde, que indicam os lugares pelos quais os moradores exercem diferentes atividades: seja ir às missas (no Santuário, nas Igrejas São Pedro e Santo Afonso); aos cultos (na Assembleia de Deus); visitar a casa de parentes; ir à SAB de Bodocongó; ao trabalho (na Escola Itan Pereira, no comércio na Rua Portugal); para fazer pequenas compras na feirinha etc. Por outro lado, as linhas traçadas em vermelho indicam àqueles espaços considerados “perigosos”, “inseguros”, “esquisitos”, que ora os moradores evitam passar, mas às vezes transitam por eles por ser lugar de passagem, mesmo se arriscando. Como podemos ver no mapa, entre esses espaços tidos pelo

imaginário local enquanto inseguros, ou são perto de onde esses moradores residem, como é o caso das ruas próximas à casa de Seu Pedro que são paralelas ao Cemitério; a Rua do Meio; a Pedreira; às margens do açude; próximo à antiga Ipelsa; perto do Senai; em certas horas na feirinha, etc. Ou são lugares que fazem fronteira com o bairro Bodocongó, a exemplo da linha traçada nos limites entre este e a Ramadinha (próximo ao canal da Ramadinha/Severino Cabral); partes do Canal de Bodocongó que faz fronteira, especialmente com o bairro do Pedregal.

Além disso, dependendo de onde o/a morador/a reside, ele/a irá elencar certos espaços em detrimento de outros, pois, como o território que compreende o bairro é extensa, dificilmente um morador circula da mesma maneira que outros moradores. Ao mesmo tempo, é possível afirmar que através da prática cotidiana do bairro, os seus moradores aprendem dia após dia as regras que organizam e moralizam as pessoas e os diferentes espaços que o constitui. Assim, o bairro enquanto um espaço dinâmico, exige dos seus moradores um esforço progressivo para aprenderem suas regras a partir do seu engajamento no cotidiano (MAYOL, 1996:42).

Dessa maneira, o fato de decidir ou escolher certas áreas para desenvolver suas atividades, se sociabilizar, em detrimento de outras faz parte daquilo que já mencionamos enquanto estratégias de proteção. Durante o texto já foi descrita algumas dessas estratégias, mas abaixo especificarei de forma mais detida quais são aquelas utilizadas por Seu Pedro, Vitória, Cecília, Raul, Tereza, Seu Miguel, Dona Rita, Aurora e Seu Antônio, bem como por outros moradores de Bodocongó. Vejamos.

## **5.2 Os moradores e suas estratégias: “o que você faz para fugir da violência no seu cotidiano”?**

Quando os *bodocongoenses* foram questionados o que faziam para fugir da violência no seu cotidiano no bairro, muitos moradores afirmavam que evitavam, especialmente, sair no período da noite, pois em muitas ruas há pouca iluminação e circulação de pessoas, o que causa insegurança em quem transita por certos horários. Dessa forma, o medo da violência limita a circulação pelo bairro: por certos lugares e horários. Assim, especialmente as mulheres, me disseram que preferem andar acompanhadas por alguma pessoa, seja pelos esposos, companheiros, amigos ou em grupos com um número considerável de pessoas pois sentem-se um pouco mais protegidas. Isso é possível perceber quando as pessoas se reúnem para ir, e principalmente quando estão voltando das missas e dos cultos. Geralmente as pessoas andam

em grupo, e quando a igreja é longe de casa, muitas delas pegam carona com conhecidos para encurtar o caminho até às suas casas.

Em outras situações, como por exemplo, quando eventualmente vão à casa de parentes ou para outro lugar e têm de voltar no período noturno muitos deles “apressam o passo”, se mantêm mais cautelosos, escondem o celular, etc. Cecília por exemplo nos traz um exemplo que ilustra de forma significativa esse tipo de situação:

Por exemplo, quando eu vou na casa da minha vó, eu vou quando eu saio do trabalho. Aí quando o meu esposo chega de moto, eu tenho que correr logo, por que a gente tem medo. Eu só, eu não vou muito na casa da minha avó a noite, só vou quando venho do trabalho, e mesmo assim quando dá 19 horas eu já vou embora, volto rápido.

Como pudemos ver, quando ela sai do trabalho, por volta das 17 horas, algumas vezes ela vai visitar a sua avó durante a semana e quando vai chegando a hora de ir embora, ela também explica que se comunica com o esposo através do celular, e quando ele chega a sua estratégia é a de “correr logo”, sair depressa para ir para casa. Além disso, quando vai assistir aula na UEPB que fica do outro lado do açude, ela diz que às vezes pega carona com colegas de curso ou o esposo vai buscá-la, mas em alguns momentos ficam receosos “por que tem vez que vem do mato umas motos, pessoas esquisitas e faz medo levar a moto da gente”. Além disso, ela revela que quando a sua irmã está próxima de chegar do trabalho, o seu avó já fica aguardando ela no portão, pois quando ela está se aproximando ele abre e fecha o portão rapidamente. Assim, “correr logo”, sair depressa, aguardar “no portão”, pegar carona e o medo são mecanismos e estratégias de proteção utilizadas por ela e os que estão a seu redor para resguardarem suas vidas e os seus bens, a exemplo da moto que ela e o esposo possuem.

Em alguns casos, a exemplo de Tereza, geralmente ela fica mais em casa, e quando sai é durante o dia. Ao mesmo tempo, mesmo considerando que determinados espaços devem ser evitados até mesmo de dia, à noite o seu medo é maior, principalmente por que sua filha ainda é pequena e prefere andar com seu esposo de moto, mesmo achando arriscado andar três pessoas em uma moto só. Aqui, mais uma vez, temos o elemento medo mediando os trajetos dos moradores, pois, diante da possibilidade de acontecer algum assalto, as pessoas usam do medo como forma de proteção.

Além disso, como já descrito em alguns momentos do texto, as pessoas recorrem a um passado “tranquilo” em comparação com um presente “caótico”, pois:

Antigamente você podia juntar umas amigas sua, ficar aí fora conversando até umas 20h da noite, 21h. As crianças podiam brincar, não tinha medo de nada. Mas hoje em dia minha filha, tá difícil. Porque se você ficar lá fora é arriscado alguém chegar e lhe assaltar.

Nesse sentido, Dona Rita expressa em sua narrativa sentimento de perda, perda de uma suposta tranquilidade que tinha de ficar até algumas horas da noite na calçada com suas amigas, ou quando as crianças brincavam sem medo de nada na rua onde ela mora em tempos atrás. Hoje, argumenta ela, que se ficar do lado de fora como antes, as pessoas correm o risco de serem assaltadas. Ou seja, o passado aparece como tempo não violento. Mas vale mencionar também que alguns moradores, em ruas em que há maior circulação de gente, como em alguns trechos da rua Floripes Coutinho, Rua do Meio, por exemplo, as pessoas ainda puxam suas cadeiras para conversar com colegas e vizinhos.

Raul por sua vez, afirma que para se proteger da violência ele evita multidões ou andar sozinho, bem como diz sempre andar com “cuidado olhando sempre os lugares; se vejo algo estranho procuro um lugar seguro; fico atento quanto a pessoas muito estranhas, com algum “pantim”, ações que me deixem cauteloso”. Assim, ao dizer que evita multidões é em virtude de que em grandes aglomerações eventuais assaltantes podem levar seus pertences ou ferir sua integridade física, por isso prefere andar com outras pessoas e observando os lugares em que está ou onde passa. Além disso, diz ter atenção a pessoas “muitos estranhas” ou com algum “pantim”. As pessoas ditas estranhas são especialmente as desconhecidas; no que concerne a fazer algum “pantim”, é no sentido de que alguém faça algum tipo de movimento que dê a entender que vai lhe assaltar. De outro modo, em situações em que uma pessoa se sinta ameaçada por outra, ela não deve fazer “pantim”, ou seja, fazer algum gesto que demonstre que está com medo, pois se um estranho “não tiver de lhe assaltar, ele vai só por agir assim”.

Laura afirma, por sua vez, que “todos nós temos que nos prevenir”, e uma dessas precauções seria a de evitar se expor em lugares que têm violência, ou seja, transitar em ruas “esquisitas”, “carregadas”. E Vitória acrescenta que “a falta de segurança é por que não tem policial na rua”, pois “a presença de policiais na rua seria importante. Assim, evitar ruas “esquisitas” e “carregadas” é uma maneira de tentar não ser alvo de algum tipo de violência; ao mesmo tempo, uma solução apontada para diminuir a insegurança seria a presença de policiais nas ruas para inibir a ocorrência de assaltos.

Um ponto importante que merece destaque é que essas estratégias são utilizadas para reduzir a possibilidade de ser alvo de assaltos, por exemplo, tendo em vista que para essas pessoas não há como “fugir da violência”, pois toda e qualquer pessoa está suscetível a passar por algum tipo de situação deste tipo. Ao mesmo tempo, diante da possibilidade de alguma coisa acontecer, o medo media essa relação dessas pessoas com os espaços que frequentam e com as pessoas que consideram enquanto uma suposta ameaça para suas vidas. Além disso,

para exemplificar essa questão, Seu Pedro confessa em um tom de voz carregado de tensão:

Como é que a gente pode fugir da violência? A todo tempo você não tá tranquilo, a todo momento e a todo minuto. Aí você saiu de casa, você não tá seguro em casa, quanto mais você saindo de casa? A gente saindo na rua a gente tá sujeito a encontrar tudo. Se você tiver paciência para aguentar, tudo bem, e se você for reagir você pode morrer. O jeito é pedir a Deus que nunca aconteça nada, mas se acontecer, pronto. E se a pessoa correr daqui pra lá é do mesmo jeito.

Destarte, a sua afirmação reflete outras opiniões compartilhadas por outras pessoas das quais tive contato. Logicamente devemos problematizar que tais afirmações são recorrentes na fala das pessoas, em virtude da circulação desse mesmo tipo de opinião que encontramos em noticiários de TV por exemplo. O fato é que as pessoas têm se sentido inseguras no espaço público e até mesmo dentro de suas casas. E não tem jeito: mudar de bairro para muitos desses moradores não é a solução, pois para eles a violência está em toda parte, e o medo da violência acompanha as pessoas onde quer que elas estejam.

### **5.3 O medo da violência e a arquitetura *bodocongoense***

Um ponto que merece ser destacado aqui é que o medo da violência também é expresso na arquitetura das casas e comércios do bairro, parecido com que outros autores já confirmaram em suas pesquisas em outras cidades brasileiras. No final do Capítulo 2, por exemplo, já tinha indicado que os moradores de Bodocongó utilizam algumas estratégias para proteger a si mesmos e às suas casas (comércios, etc). Assim, a arquitetura funciona enquanto uma forma de linguagem não verbal que expressa essa relação entre as pessoas e as coisas (ZARANKIN,2012). Nesse sentido, muros ou paredes de concreto ou tijolos, com ou sem decorações, retos ou inclinados, altos ou baixos, cobertos por vegetação, pintados, muros enormes, cercas elétricas são um tipo de comunicação (Idem). Esses elementos consistem em “símbolos da insegurança coletiva” (PEREIRA, 2011:2). Em outras palavras, a arquitetura se ajusta ao medo e ajuda a cristalizá-lo.

Sobre isso, muitos moradores com os quais conversei sempre mencionavam a questão do aumento dos muros, especialmente das casas. A narrativa a seguir exemplifica essa questão: “Os muros, que antigamente era baixinho, todo mundo conversava pelo muro. Hoje em dia todo mundo é trancado atrás de um muro e de portões fechados”. Dona Rita por exemplo, diz que sua casa passou por muitas reformas desde o tempo em que se casou com Seu Miguel. Segundo ela:

A gente modificou a casa todinha. A gente mudou a madeira, tirou o reboco das paredes, fizemos o piso, e a gente já gastou muito aqui. Lá na frente era um jardim, e o muro era bem baixinho e todo mundo entrava. Hoje em dia o povo não tá usando mais. Aí a gente cobriu lá na frente, pra ficar mais seguro né. A casa fica mais segura.

A residência de Dona Rita e Seu Miguel passou por mudanças significativas ao longo do tempo, desde os reparos com a madeira que sustentava o telhado, até rebocar as paredes e fazer o piso. Isso tudo foi conseguido, segundo eles, pela melhora da condição financeira. Ao mesmo tempo em que a casa foi se modificando, eles também se transformaram: o muro baixinho se elevou e o jardim foi com o tempo substituído. Até mesmo o acesso de “todo mundo” que entrava com facilidade foi limitado pelas barreiras colocadas na frente da casa, pois foi fechada para o casal se sentir mais seguro. Assim, visitantes, desconhecidos e até mesmo a irmã de Dona Rita que é sua vizinha, precisa chamá-la no portão, diferente de antes: só bastava entrar. Ou seja, ao mesmo tempo em que a casa mudou, os seus moradores também mudaram a relação com as pessoas e o acesso delas ao interior da casa.

Nesse sentido, o que tais mudanças revelam? Que tipo de mensagem a relação entre moradores e a arquitetura das casas quer nos dizer? De acordo com Zarankin (2012) os muros, por exemplo, são um dos mecanismos que são utilizados para produzir “sensações de separação” que funcionam enquanto “limites entre o espaço privado e o público” (Idem: 2012:23). Nesses termos, o autor afirma que:

Estes muros geram uma desconexão (física e simbólica) entre o interior e o exterior, dividem dois espaços (dentro e fora) e diferenciam o lugar dos habitantes do dos estranhos. A interação entre estas duas dimensões passa a estar mediada por uma estrutura material que condiciona e normaliza esta relação. Já as portas se transformam em ferramentas para filtrar pessoas. (ZARANKIN, 2012:23).

Assim, se pensarmos na relação entre aqueles que habitam do lado de dentro e os estranhos, os muros expressam essa relação de separação e exclusão do “outro”. Quando os muros eram “baixinhos” eles ainda produziam uma mínima interação entre as pessoas, especialmente àquelas “conversas entre muros”. Com a elevação desses, esse tipo de interação foi com o passar do tempo sendo reduzida, e até mesmo se tornaram barreiras que impedem todo e qualquer tipo de interação entre as pessoas, seja com os vizinhos e os transeuntes (ZARANKIN, 2012:27).

Outrossim, a “linguagem” emitida pelos muros e outros aparatos protetores diz aos de “fora” que não se está autorizado entrar sem permissão. O latido do cachorro para um “estranho” àquela ou outra casa indica, muitas vezes, que você talvez seja uma “ameaça” para

aqueles moradores. Pois, se antes os muros “baixinhos”, as cercas de madeira ou arame farpado delimitavam um certo lote, a elevação dos muros, as cercas eletrificadas, os cadeados expressam, em muitos casos, medo que estranhos invadam suas casas, roubem seus bens, pratiquem algum tipo de violência física. Medo de um “estranho” real ou imaginário que ronda todos os lugares, com olhos atentos e à espera da próxima vítima.

Outra coisa importante que merece ser destacada é que se por um lado, em muitas residências em Bodocongó é possível ver que elevaram os seus muros, do outro lado, alguns residentes inserem outros elementos que visam proteger as suas moradias: desde os cacos de vidros, grampos de ferro, arame farpado e em alguns casos cercas eletrificadas. Tais elementos expressam os limites entre os “de dentro” e os “de fora”: a quem é permitido “estar” e também de ser “excluído”. Destarte, vejamos outra narrativa que expressa essas questões:

Muitos moradores daqui aumentaram o muro, colocaram portão fechado. A única coisa que eu fiz de diferente foi colocar as grades, que não vem com as grades. Botei grades no terraço, na janela, que tem porta de vidro, a janela e não tem muita segurança não. Em outras casas tem cerca, portão fechado, um levantou o muro. Eu ainda não tive condições de fazer isso não.

Tereza também refere-se que quando foi morar do outro lado do açude, em uma casa concedida pelo “Minha Casa Minha Vida”, as residências eram todas padronizadas: com portões de alumínio que permitem a visualização do terraço e porta principal, porta de vidro e janelas. Com o passar do tempo ela diz que os seus vizinhos aumentaram os muros, e trocaram os portões por aqueles que não dá para ver o interior da casa, e outro investiu em uma cerca eletrificada. Ela por sua vez, decidiu junto com o esposo colocar grades no terraço e nas janelas, que segundo ela não tem proteção. Proteção essa contra possíveis “invasores” e “estranhos”. Mas outro elemento que chama a atenção em sua fala é que ela não teve condição financeira para inserir outro portão e até mesmo uma cerca eletrificada. Ou seja, a inserção de aparatos de proteção depende das “condições” financeiras, mas também denota um marcador de diferença social, econômica, classe, etc.

Nesse sentido, o uso de cadeados, grades, grampos e até mesmo cachorros, são estratégias acessíveis para os moradores com os quais conversei. E sob a justificativa do medo, usam desses artefatos enquanto medida de proteção. Assim, em um tom mais alarmante condicionado pelo medo, Cecília explica:

Então a gente fica à mercê do medo mesmo. É tudo trancado, cheio de cadeado na casa da minha avó. É sempre com medo, toda vez que passa, passa logo o cadeado. Porque faz medo mesmo. Já entraram na casa dos vizinhos, dos dois vizinhos dos dois lados, aí a pessoa fica já com medo né, idoso também. Na casa da minha avó é só o muro sem nada, ela vai colocar, ela disse que vai

colocar uns grampos esse mês. E na frente é só a grade, aí coloca um monte de cadeado, um monte de cadeado grande, tem cachorro no quintal também. [E o portão dela é aberto assim, é fechado?] É grade, o da frente é grade, é aberto, não é fechado não, dá pra ver lá dentro tudo.

A frase “viver a mercê” é uma frase muito utilizada por outras pessoas quando se referem a assaltos, “bandidos”, etc. Outrossim, ao ficar “à mercê do medo”, Cecília e sua família vivem “trancados” em casa, e quando saem ou chegam em casa procuram colocar o cadeado. Tal preocupação reside no fato de que seus avós são idosos e principalmente pelo fato de que os vizinhos deles (o da direita e o da esquerda) tiveram suas casas invadidas por assaltantes. Além disso, a sensação de medo também é efetivada pela ausência de grampos, que segundo ela já estava nos planos de inseri-los. O que utilizam para se proteger são os cadeados e o cachorro que vive no quintal.

Das casas dos moradores que visitei, apenas duas delas tinham o portão que permitia aos passantes a visualização do interior da residência. Uma dessas casas foi a de Seu Pedro. Lembro que quando cheguei à casa dele, o chamei umas três vezes, e não obtendo respostas resolvi ligar, quem me viu primeiro foi o cachorro que estava preso em um beco que leva ao quintal separado por um portão de ferro. Enquanto o aguardava lá fora, pude visualizar por alguns minutos a fachada da sua casa. O portão é daqueles pesados e que exigem um pouco de esforço para quem não está acostumado, isso porque a filha dele havia atendido ao celular e pediu que eu entrasse e abrisse o portão. Além disso, como o portão possui uma estrutura, digamos, “aberta” (com barras de ferro na vertical), era possível ver a garagem, cadeiras de madeira de uma sala após a porta principal, e o cachorro no quintal. Achei estranho o portão estar aberto, tendo em vista que a exemplo de outras pessoas eu costumo sempre deixar portão fechado com cadeado. Mas pensei comigo mesma que talvez tivessem deixado o portão sem cadeado por que o portão era pesado; ou porque estavam me aguardando chegar. No final das contas, quando eu fui embora, Seu Pedro me acompanhou, pois iria ao cemitério dar um último adeus a uma conhecida sua que havia falecido. Ao abrir o portão, ele me deixou sair primeiro, pegou o cadeado e fechou o portão. Acerca desse fato, e ao conversarmos durante quase uma hora, descobri que nem sempre o portão ficava sem cadeado, foi só porque ele estava me aguardando.

Portanto, a linguagem do medo e da violência expressa nos comportamentos e na arquitetura das casas desses moradores estabelecem uma relação da maneira pela qual pensam a si mesmos e enxergam aos outros. Nesse sentido, concordamos com Koury (2010: 299) quando o mesmo diz que estas são “redes de sentido onde o medo aparece como um elemento

do tecido que vai sendo composto nas tramas cotidianas dos moradores em relação a si mesmos e em relação ao bairro como um todo e com à cidade no conjunto”. Destarte, o que é de “fora”, “estranho” gera um mal estar, bem como ajuda a “realçar e provocar insegurança” naqueles que são de “dentro”. Pois o medo de estar só, ou da casa ser invadida ou roubada provoca um sentimento de vulnerabilidade, e muitas vezes “os relatos concordam em que o sofrimento não vem da 'perda' dos bens roubados, mas do transtorno que esta intrusão gera na casa de alguém” (MAYOL, 1996 :205). Assim, justificam seu medo e procuram formas de criar barreiras que delimitam aqueles que são bem-vindos (alguns vizinhos, conhecidos, parentes, amigos, etc.) e aqueles que são indesejados (“ladrões”, “pedintes”, “gente errada”, “suspeitos”, etc.).

Esse tipo de conduta de muitos moradores de Bodocongó é parecida com os discursos de pessoas que adotaram um estilo de vida em condomínios fechados em Campina Grande. Assim, entre os que decidiram viver em condomínios:

A regra da não permissão de pessoas “estranhas” ao convívio social desses condomínios representa uma forma estratégica dos moradores se “protegerem” daqueles que não fazem parte desses mundos. Seus parentes, amigos podem até adentrar nos condomínios, desde que sejam autorizados. O porteiro interpela o visitante, interfona para o morador e sendo devidamente autorizado, o visitante pode entrar (DE MARIA, 2014:58).

Já os moradores que não residem nesses “enclaves”, dependendo de quem esteja a bater a sua porta ou tocar sua campainha muitos autorizam ou não a sua entrada, pois o lugar “sagrado” da casa, da família, da “proteção”, muitas vezes só é permitido àquelas pessoas que fazem parte do “seu mundo”. Isso é semelhante ao que Pierre Mayol (1996: 203) falou sobre os espaços privados, especialmente do ambiente doméstico:

“Entra-se em casa”, no lugar próprio que, por definição, não poderia ser o lugar de outrem. Aqui todo visitante é intruso, a menos que tenha explícita e livremente convidado a entrar. Mesmo neste caso, o convidado deve saber “ficar no seu lugar”, sem atrever-se a circular por todas as dependências da casa [...].

Por isso que, nos casos aqui citados dos relatos de vizinhos de parentes que tiveram suas casas invadidas ou arrombadas, as pessoas após o ocorrido se sentem “invadidas”, vulneráveis e até mesmo revoltadas por não ter o controle da situação diante de tais episódios, pois o “assaltante” não é bem-vindo, mas visto enquanto um intruso.

De modo parecido, quando estas pessoas estão nas ruas, no espaço público, elas fazem determinados trajetos (em detrimento de outros), evitam certos horários (principalmente à noite) para se proteger. Nesses momentos, motivados pelo medo e pela percepção da violência seus comportamentos são condicionados a terem esse tipo de atitude. Assim, “esses estratégias podem ser identificados tanto nas zonas mais ricas quanto nas mais pobres das

idades, ocorrem tanto em âmbito nacional quanto no internacional”. (PEREIRA, 2011:2).

Dentro de casa se tem uma leve sensação de segurança, mesmo que ela esteja vulnerável a algum tipo de “invasor”. Fora de casa, no espaço público das ruas, as pessoas circulam dia e noite, alguns espaços são categoricamente denominados “esquitos”, “perigosos”, “carregados” e devem ser evitados.

Outra coisa que merece ser destacada é que, se por um lado, o aumento gradual dos muros de muitas casas em Bodocongó sinalizam uma estratégia de defesa e que limita a interação entre os de dentro e os de fora, por outro lado, Zarankin (2012) observou em sua pesquisa em Belo Horizonte, que uma estratégia utilizada por moradores de classes trabalhadoras, e que visam superar o isolamento social é o que ele chama de “pequenos apêndices de sociabilidade”:

Trata-se de espaços nas portas das casas (ou agregados na parte externa das paredes) destinados à interação com os “não-habitantes da moradia”. Esses espaços podem compreender desde troncos até bancos de cimento, nos quais durante determinados momentos do dia (especialmente, nos fins de semana) as famílias se reúnem para estabelecer relações com os demais, dentro de um espaço que é público e privado ao mesmo tempo. Isto demonstra a importância para estas classes de manter uma relação direta e frequente com os demais. (ZARANKIN, 2012:30)

Em Bodocongó encontrei exemplos parecidos disso, a exemplo das figuras a seguir:

Figura 45- Banco de cimento na frente da casa



Fonte: *Print Screen* do *Google Maps*, 2016

Figura 46- Comparação entre duas casas



Fonte: *Print Screen do Google Maps, 2016*

Na primeira figura encontramos uma residência com um portão de ferro totalmente fechado, cujo telhado foi colocado no limite final da parede frontal da casa que isola os seus moradores. Por outro lado, é possível observar um “apêndice de sociabilidade” a exemplo do banco de cimento. Na outra figura, visualizamos duas casas. À da direita vemos o muro da fachada da casa feito de pedras, um portão de alumínio fechado e ao lado dele tem um interfone, e acima do muro uma cerca eletrificada. Já a casa à esquerda o muro é alguns centímetros maior do que a residência vizinha, mas diferente da anterior no lugar da cerca eletrificada ela possui cacos de vidro, o portão principal possui aberturas, assim como o portão da garagem e na parede do muro foi colocado pedras de vidro enquanto decoração, mas que ao mesmo tempo permitem uma espécie de interação com “os outros”.

Além disso, essas “barreiras”, físicas e simbólicas, observei também quando fazia algumas caminhadas pelo bairro, e ao atentar para os detalhes da arquitetura de alguns estabelecimentos comerciais, a exemplo de mercadinhos, lanchonetes, bodegas, bares, etc.

A figura a seguir é um exemplo de um comércio com alguns elementos que visam proteger, a exemplo da grade no balcão.

Figura 47- Parte frontal de um mini box



Fonte: *Print Screen do Google Maps, 2016*

Já a figura posterior possui um espaço mais aberto, inclusive no balcão, e por outro lado, ao redor ela possui uma cerca eletrificada, pois o teto é de telha.

Figura 48- Visualização de uma lanchonete com cerca eletrificada



Fonte: *Print Screen do Google Maps, 2016*

Ademais, em conversa com um casal de comerciantes que têm uma pequena lanchonete de salgados, eles me disseram que trabalhavam a aproximadamente vinte anos na Floripes Coutinho, lugar esse próximo à fronteira entre Bodocongó e Ramadinha. Há dois anos eles se mudaram para um casa própria em frente a uma igreja evangélica, a alguns metros da igreja

Santo Afonso, onde muitas pessoas transitam por aquela área. O comércio atual fica em um anexo na frente da casa deles, com um pequeno balcão em que eles atendiam e forneciam os lanches aos clientes, e no fundo era possível ver um fogão e uma chapa onde faziam hambúrguer ou outro lanche. Do lado de fora, na rua, eles improvisavam alguns bancos de plásticos para as pessoas que preferiam lanchar por ali mesmo pudessem sentar. Na época em que conversamos, me surpreendi porquê na lanchonete deles não tinha nenhum tipo de grade no balcão em que faziam atendimento, tendo em vista que ao observar outros pelo bairro, havia essa preocupação por parte de outros comerciantes. Segundo o casal, eles nunca tinham sido assaltados neste novo comércio, mas relataram que uma vez tentaram assaltar o seu antigo comércio por um rapaz conhecido na comunidade. Na atual lanchonete eles falam que outras pessoas que frequentam o local já lhes disseram que eles deveriam se proteger colocando grades. Mas o esposo me confessou que não temia, pois “com ou sem grades o comércio está propenso à assaltos”. Mas passado alguns meses, quando eu fui visitar a casa dos meus pais eu vi que o comércio estava com uma grade de ferro na área onde fica o balcão. Os comerciantes disseram que foram motivados a tomar essa atitude pelos constantes relatos de assaltos contados por seus clientes. Assim, o medo de ser vítima de assalto foi a mola propulsora para a mudança de conduta. Em outras palavras, a mudança com a colocação de grades, mesmo sem o dono ter sido assalto é prova da regulação do medo da violência.

Assim, são inúmeros os exemplos de comércios que modificaram a sua arquitetura em virtude da violência e do medo. Parecido com o comércio anterior, eu pude observar que uma bodega conhecida de muitos moradores que se deslocam entre às ruas próximas à feirinha e ao canal de Bodocongó, também utiliza de estratégias de proteção. Lá é um comércio onde se vende “de tudo”. Mas o que chama a atenção é que o comércio é gradeado e os donos atendem os clientes através dele. Antigamente era possível entrar no estabelecimento, mas com o tempo esse tipo de postura começou a mudar em virtude do local ter sido alvo de assalto incontáveis vezes. Além disso, em muitas casas e comércios dos quais eu observei durante a pesquisa de campo, possuem adesivos em suas portas de “segurança particular”. Em sua maioria se trata de vigilantes que circulam de moto pelas ruas a partir das 22h até de madrugada. Onde eles passam emitem uma “sirene” que indica que estão ali por perto “vigiando” a rua e a casa dos moradores que pagam por seu serviço. Diante desses aspectos, o que podemos tirar disso tudo?

Pelo que vimos, o medo e a violência são elementos importantes pois nortearam as narrativas dos moradores, e contribuem para entendermos a maneira pela qual os *bodocongoenses* reagem frente aos discursos produzidos pela mídia, pelo “ouvir falar”, pela ocorrência de crimes praticados no bairro e na cidade, etc. Além disso, pudemos ver que para

cada morador há uma maneira particular de significar violência e o medo atrelado à ela, e tudo isso é mediado por comparações entre o passado e o presente da localidade. Assim, mais uma vez, o medo e a violência orientam a forma como se deslocam no bairro, como interagem com outras pessoas, como evitam outras, como enxergam a si mesmos e de que maneira utilizam de mecanismos estratégicos de proteção contra o que é “estranho”, “esquisito”, “carregado”.

Em alguns casos, podemos perceber que o medo é algo “tão grande” que parece saltar dos olhos um temor do qual é difícil descrever em palavras, em contraste com um tom de voz mais sereno e suave ao recorrer na memória o jeito de viver em tempos de outrora. Segundo Adorno (1999:7) “talvez não seja possível afirmar que a época atual é mais ou menos violenta do que em épocas anteriores, mas na medida em que temos mais informações a respeito da expressão desse fenômeno, aumentamos a sensação de medo e insegurança”. Nesse sentido, para a construção do presente, também se reelabora a visão do passado. Vamos adiante.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: É POSSÍVEL AINDA SER “FELIZ LÁ NO BODOCONGÓ”?

Ao longo das linhas escritas neste trabalho tentei compreender e demonstrar a partir do cotidiano dos moradores de Bodocongó o modo pelo qual eles significam o fenômeno violência e medo. Desta forma, procurei a partir de diferentes relatos, entender como a percepção desses fenômenos têm orientado as ações dos *bodocongoenses* no dia a dia vivenciado no bairro. E nesse processo de tentar “desvendar” esses significados, pude perceber que:

Quem se lança nessa aventura nem percebe quantos códigos de comportamentos- e quantos códigos visuais- foram aprendidos e reaprendidos para que a experiência pudesse um dia ser vivida com prazer e entendimento razoável sobre o que se passa. (ATHAYDE, et al 2005: 171)

Assim, ao longo do texto vimos que um dos elementos importantes para apreender os significados de violência e medo e as consequências desse impacto está relacionado a forma como estes moradores comparam o seu cotidiano atual com o passado vivido no bairro, em um sentimento nostálgico de uma suposta “tranquilidade” que ficou apenas no baú de suas memórias. Pudemos acompanhar também que o motor das preocupações desses moradores está relacionado ao medo que têm de assaltos que ocorrem no bairro, bem como da presença de pessoas “estranhas”, “perigosas” e “carregadas”.

Desta forma, esses moradores ao falar em violência, alimenta seus discursos sobre o medo de se tornar a próxima vítima em situações de assalto, pelo “ouvir falar”, pelas falas do crime que eventualmente circulam entre outras pessoas no cotidiano. Pois,

cada vítima é uma fonte de divulgação dos horrores da violência. Quem sofre um assalto relata a experiência a parentes, vizinhos e amigos, que a transmite a terceiros, que difundem em escala exponencial. Portanto, mesmo quando a percepção popular não compreende à dinâmica dos fatos, ela tem a sua razão de ser e não merece ver-se desprezada como se fosse mera ilusão. (ATHAYDE, et al 2005: 180)

Ao mesmo tempo, os *bodocongoenses* significam violência e medo a partir de seus lugares de fala, envolvendo situações concretas e imaginadas a partir de suas visões de mundo. Por vezes, significam violência enquanto um ato que visa prejudicar outra pessoa; castrar o direito do outro, como coisa errada, enquanto um poder coercitivo, dentre outras significações.

Pudemos ver também que a maioria das sociabilidades dos moradores vêm sendo cada dia mais praticadas com maior frequência em espaços semi-públicos, a exemplo das igrejas (em missas e cultos) que frequentam; às idas a SAB de Bodocongó; na feirinha para fazer pequenas compras; nas atividades comerciais ou onde trabalham; na casa de amigos e familiares que

residem no bairro, etc. Por outro lado, ainda há quem converse nas calçadas, mesmo que com certa cautela. Por isso que o modo como esses moradores lidam com aqueles considerados “estranhos”, tem como base diferentes representações baseadas:

numa espécie de 'comunidade moral das ruas', formada por quem 'tem tempo no bairro', o que produz tanto a já citada vigilância de olhares, quanto certas 'personalidades públicas vocacionais', capazes de representar os interesses locais em instâncias mais amplas e, também, administrar informalmente eventuais conflitos ocorridos nas ruas, sobretudo, aqueles que adquirem uma dimensão dramática e exigem uma mediação marcada pela habilidade política (FRÚGOLI JUNIOR, 2007:28).

Assim, a forma como a violência é representada pelos moradores, tem como base a ideia de que ela se constitui enquanto um problema, tendo em vista que ela rompe o fluxo regular das rotinas através do medo de sofrer danos às suas integridades físicas e a segurança de seus patrimônios (GRILLO, 2013). Desta forma, o ordenamento social da localidade é caracterizado por uma sociabilidade violenta que coordena as relações sociais estabelecidas entre aqueles que se consideram “honestos e trabalhadores” em contraponto aos “perigosos, esquisitos e carregados” (GRILLO, 2013).

Entre os moradores de Bodocongó, pude perceber que ao narrarem sobre sua história e trajetória de vida no bairro e ao relacionarem isso ao medo da violência no bairro, eles estrategicamente usam da distinção entre “trabalhadores” dos “praticantes da violência”, procurando “limpar moralmente” a relação a esses “outros” com quem compartilham o mesmo território. Assim, como base na percepção da violência, utilizam do medo enquanto uma estratégia de defesa contra esses “eventuais praticantes”, ao mesmo tempo em que estes últimos fazem uso do instrumento do medo para manter o status quo. Assim, os moradores conduzem suas rotinas nos diferentes espaços do bairro, orientando seus deslocamentos naqueles espaços que são circuláveis, e por vezes evitam certos ambientes ou o contato com aqueles que identificam como “fonte de perigo”, ou eventualmente negociam quando necessitam.

Assim, os significados de violência e medo organizam as práticas sociais, influenciando a adoção de comportamentos de evitação, e afetando a forma como praticam o espaço público. Por isso que, ao utilizarem de mecanismos de defesa e proteção, esses moradores procuram “mitigar” a sensação de insegurança em seu cotidiano, dada a percepção de que as instituições públicas não garantem a segurança necessária para poderem circular com maior tranquilidade; mas ao mesmo tempo, desconfia-se de tudo e de todos, e as representações que fazem acerca dos fenômenos ampliam os símbolos de insegurança coletiva, impedindo o contato com “os outros”, seja aqueles considerados “estranhos”, “suspeitos” e até mesmo vizinhos que muitas

vezes nem se conhecem. Desta forma, Gilberto Velho (2005) já dizia que nos grandes centros urbanos:

evidencia-se uma extrema cautela chegando à desconfiança e mesmo à rejeição diante da possibilidade de contatos e interações sociais diferenciados. Embora haja um esforço, em alguns casos, de estabelecer pontes entre diferentes categorias sociais, predomina crescentemente uma tendência endogâmica de retração e isolamento social. Esses processos, certamente, não são lineares e apresentam descontinuidades e contradições.

Acrescento que não só nos grandes centros urbanos isso acontece, mas percebe-se essa mudança de conduta cada vez mais em cidades de porte médio, a exemplo de Campina Grande.

Em termos gerais, podemos dizer que o medo quase que constante da violência mudou a sociedade, bem como modificou as formas de viver nela, ou ainda, o medo da violência é uma linguagem que tem regulado as ações dos indivíduos. Por isso que, se pensarmos analogicamente, podemos dizer que se as pessoas utilizam mecanismos de defesa e evitação em seu cotidiano contra àqueles que consideram enquanto uma ameaça, isso também é reflexo de uma ordem maior. Historicamente, o Estado construiu e tem construído cinturões sanitários “em torno de grupos sociais temidos como fontes de perigo pelas camadas superiores das cidades” (ATHAYDE, et al: 2005: 93). Por isso que, ao culpabilizar a Ramadinha, a Rua do Meio, e outros bairros fronteiriços pela violência e seu conseqüente aumento, as pessoas procuram, mais uma vez, “limpar moralmente” a sua relação com esses “outros”. E, ao fazer isso, condenam essas pessoas e o lugar onde moram à “invisibilidade”, ou contribuem para efetivar os diferentes estigmas colocados sobre eles. Pois, o estigma nada mais é do que “uma das formas mais eficientes de tornar alguém invisível”, pois ele “dissolve a identidade do outro e a substitui pelo retrato estereotipado e a classificação que lhe impomos” (ATHAYDE, et al 2005: 175). Assim, esse processo impõe as separações, as barreiras e os muros.

Ao mesmo tempo, esse processo de mudança nas relações mediados pela violência e o medo, o acesso à informação através das mídias locais e nacionais, e mais ainda, quando essas informações são divulgadas de forma equivocada, em certa medida também “colaboram para a manutenção e ampliação do problema” (ATHAYDE, et al 2005:55). Assim, é possível perceber a forma como classificamos, julgamos e tentamos “matar simbolicamente” o mal personificado em certas pessoas, em determinados grupos, em determinados bairros, de sua origem nacional, por sua cor de pele, ou por sua identidade étnica, etc.

Dessa forma, o mal que vemos e atribuímos ao outro é alimentado pelo imaginário do medo que pousa em nossas vidas, se instala, e “se projeta na vida cotidiana das cidades” (ATHAYDE, et al 2005:122), e se torna um “combustível prosaico de nosso estresse diário”

(Idem, 2005: 122). O medo da violência representado na figura do “outro” faz parte desse processo relacional, a partir de comportamentos que envolvem pertencimento, julgamento e evitação. Além disso, percebemos um processo de “fragilização dos laços sociais nos últimos quarenta anos, para um aumento significativo da cultura do medo no imaginário social” (KOURY, 2011) que tem caracterizado pelo “difícil caminhar para o individualismo experimentado no Brasil dos anos de 1970 até hoje”. (Idem, 409).

Assim, as barreiras e o medo da violência materializadas nas arquiteturas das casas e comércios presentes no bairro denotam essa nova configuração presente nas cidades brasileiras e que refletem formas de estabelecer fronteiras entre o público e o privado. Com o passar do tempo, as pessoas sentiram a necessidade de proteger cada vez mais a si e a seus patrimônios, fazendo adaptações em suas residências e comércios, tendo em vista que “Se pintar uma pessoa estranha a gente já sabe. Pois a gente que trabalha no comércio conhece todo mundo, tem contato com todo mundo. O pessoal do Vila Nova era estranho, mas com o tempo a gente já começou a conhecer todo mundo”. De estranhos à conhecidos, as pessoas vão adaptando as suas interações com os “outros” e vão negociando entre si formas de viver e experimentar o cotidiano.

Vimos também que o impacto causado pela violência e o medo se reflete de modo particular na vida de cada morador. Em um caso, houve a necessidade de sair do bairro em virtude de um conflito envolvendo um parente e um conseqüente processo de depressão com a ausência deste. Apesar disso, o elo que liga o morador em virtude de suas atividades religiosas e o componente afetivo ao lugar o faz ainda frequentar o bairro. Assim, podemos dizer que:

Mudar de casa permite às pessoas reconstruir sua biografia pessoal tal como representada em memórias de objetos associados, e, por meio disso, a percepção que a família tem de si mesma. [...] Ao mudar de casa elas tiveram a oportunidade de “reescrever a própria biografia” em outro lugar (MILLER, 2013:144).

Além disso, em outro caso, uma moradora se viu na necessidade de sair do bairro por ser acusada de estar “denunciando” à polícia sobre casos de assaltos e uso de drogas na localidade. Apesar disso, viu na fé a possibilidade de encontrar outros caminhos para continuar escrevendo sua história na localidade.

Ao longo do tempo eles se (re) inventaram e sentem o reflexo das mudanças que o bairro passou. Consideram que a construção dos dois canais foi algo positivo para o próprio deslocamento e locomoção, pois em tempos de chuva as pessoas que moravam próximas ao Canal de Bodocongó passavam por muitas dificuldades em virtude do esgoto que passava próximo às suas casas. Com a construção deles, esses espaços foram ressignificados e se

tornaram espaços para práticas esportivas, onde podemos ver pessoas de diferentes idades se exercitando. Por outro lado, durante a noite, esses espaços ganham novas práticas e passa a ser lugares de passagem, especialmente de carros, e evitam andar a pé nesses horário.

Em outros casos, pude perceber que se por um lado a percepção de violência e medo provocou transformações no lugar e nas próprias pessoas ao longo do tempo, ao mesmo tempo, pude perceber que timidamente entre os moradores ainda exala resquícios de sentimentos comunitários a partir do reforço das “origens” que contam as histórias da localidade, bem como a relação afetiva com o local e de suas relações com os vizinhos. Foi comum ouvir:

“Eu gosto demais, eu não me vejo morando em outro bairro. Às vezes eu fico conversando aqui em frente de casa até tarde da noite, mesmo com receio, mas eu não me vejo morando em outro bairro, eu gosto demais de morar aqui”.  
(Tereza)

“Apesar de tudo eu adoro morar em Bodocongó, eu me criei aqui minha filha e não pretendo sair.” (Rita)

“Eu acho Bodocongó muito rico, além... Hoje em dia trabalho não tem muito, mas em termos de cursos, escolas, Bodocongó é muito rico”. (Cecília)

“Eu não quero sair daqui não. Não me vejo morando em outro bairro não, eu gosto de Bodocongó. Eu acho que a maior zoeira do mundo é você morar num lugar e não dar valor onde mora. Aí você chegar pra morar num bairro e dizer que não gosta? O que é isso, não existe isso? Eu só me vejo morando em Bodocongó. Com essas falhas e tal que a gente tá apontando e que tem que apontar como morador né. Pois pode alguém um dia ouvir ou ver, e saber. Eles sabem né, mas a gente falando assim é melhor ainda, a gente é que vive os problemas do bairro”. (Seu Antônio)

Assim, ao entrar em contato com essas histórias de vida, pude reviver as experiências que tive no bairro, e a oportunidade de conhecer mais de perto essas pessoas. E ao interpretar suas vivências a partir da nossa interação em campo, pude tentar esboçar a partir da escrita um pouco sobre as minhas inquietações. Decerto, o que trago nessa escrita é que a experiência vivida nos últimos meses com os moradores é que o bairro, mesmo que por vezes seja visto como estritamente distinto dos laços e regras do espaço privado das suas moradias, é pensado como “uma grande casa” tendo em vista a ligação afetiva que têm com o lugar. Assim, os *bodocongoenses* com os quais tive contato, interagem de diferentes modos e efetivam laços solidários, de compadrinho, amizade, conflitos e eventos marcados por fatos violentos e situações de medo. Quando estes últimos acontecem, as pessoas se sentem de um modo ou de outro impactados: alguns comentam o que aconteceu, outros apontam os envolvidos, em algumas circunstâncias omitem suas opiniões à respeito, julgam, ou direcionam possíveis soluções. Assim, modificam suas rotinas diárias, ou mantêm certos comportamentos.

Destarte, mediados por acontecimentos corriqueiros no cotidiano, ou através de situações trágicas, as pessoas organizam suas vidas e dão um novo sentido às suas existências.

A partir de um linguagem produzida em seu cotidiano, esses eventos que por vezes “balançam” as estruturas desse “grande lar” chamado Bodocongó, “sacodem” os seus moradores em momentos de efervescência e com isso redefinem as maneiras de enxergar onde moram. Por fim, ao adotar posturas de autoproteção eles elaboram táticas em momentos decisivos e transformam o lugar onde vivem, e a partir de arranjos criativos conseguem ainda ser felizes em Bodocongó.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Sérgio. **A gestão urbana do medo e da insegurança: Violência, crime e justiça penal na sociedade brasileira contemporânea.** (Tese de Doutorado em Sociologia) USP: São Paulo, 1996.

\_\_\_\_\_. Conflitualidade e violência. Reflexões sobre a anomia na contemporaneidade. **Tempo Social; Rev. Sociol.** USP, São Paulo, 10 (1): 19-47, 1998.

AGIER, Michel. **Encontros etnográficos: interação, contexto, comparação.** Tradução Bruno César Cavalcanti, Maria Stela Torres B. Lameiras, Yann Hamonic. 1.ed. São Paulo: Editora Unesp; Alagoas: Udufal, 2015.

ALMEIDA, Alexandre Paz. Uma análise sobre sociabilidade, cotidiano e vizinhança em um bairro popular de João Pessoa/PB. In: **Ponto Urbe 12.** Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP. Ano 7 ago. 2013. Disponível em: < <http://www.pontourbe.net/edicao9-artigos/204-uma-analise-sobre-sociabilidade-cotidiano-e-vizinhanca-em-um-bairro-popular-de-joao-pessoaph> > Acesso em: 09 set. 2014.

ALMEIDA, Juliana Nóbrega de. **Da escola negada ao trabalho necessário: um olhar sobre a educação de jovens e adultos no bairro de Bodocongó em Campina Grande-PB.** Dissertação- (Mestrado em Geografia) João Pessoa, 2010.

AMARAL, Rita. Antropologia e Internet - Pesquisa e Campo no meio virtual. **Revista Digital de Antropologia Urbana** ISSN: 1806-0528 Ano 1, vol. 1, nº. 0, outubro de 2003. Disponível em: <http://www.osurbanitas.org/antropologia/osurbanitas/revista/pesqnet1.htm>. Acesso em: 15 jun. 2017.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante.** (Coleção Pesquisa Qualitativa). Porto Alegre: Artmed, 2009.

ARENDT, Hannah. **Da Violência.** Tradução: Maria Claudia Drummond. 1969/1970

ATHAYDE, Celso; BILL, MV; SOARES, Luiz Eduardo. **Cabeça de porco.** 1 edição. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

BAIERL, Luzia Fátima. **Medo Social: Da violência visível ao invisível da violência.** São Paulo: Cortez, 2004.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. Memória e Família. In: **Estudos Históricos,** Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3. 1989.p. 29-42.

BEAUD, Stephanie; WEBER, Florence. 2014. **Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos**. Petrópolis: Vozes, 2014.

BERREMAN, G.D. Etnografia e controle de impressões em uma aldeia do Himalaia. In: GUIMARÃES, A. Z. (Org.) **Desenvolvendo Máscaras Sociais**. Rio de Janeiro, Francisco Alves Editora, 1980. P. 125-144.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembrança de velhos**. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

CABRAL FILHO, Severino. **A Cidade revelada: Campina Grande em imagens e história**. Campina Grande, UFCG, 2009.

CALDEIRA, Tereza Pires do Rio. **Cidade de Muros: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo**. São Paulo: Edusp, 2003.

CAMPOS, Ricardo Bruno Cunha. **Medo e violência na cidade: imagens, discursos e sociabilidade nas praças de João Pessoa-PB**. (Tese de Doutorado em Ciências Sociais- Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais) Natal, RN, 2014.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo**. 3. E. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp, 2006.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano 1**. Artes de fazer. 16. Ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

COELHO, Maria Cláudia. Narrativas da Violência: a dimensão micropolítica das emoções. **MANA** 16(2): 265-285, 2010.

CORRÊA, Felipe Botelho. **Imaginários do medo: Imprensa e violência urbana**, 2008.

DA SILVA, D. G. **Violência e estigma: Bullying na escola**. Dissertação de mestrado. Universidade do Vale dos Sinos, São Leopoldo, 2006.

DE MARIA, Gláucia Santos. **Moradas de medo e esperança: violência urbana, medo, mídia e estratégias de proteção de moradores de condomínios residenciais de Campina Grande-PB**. Monografia em Ciências Sociais. Universidade Federal de Campina Grande,

Campina Grande, 2014.

DIÓGENES, Glória Maria dos Santos. **Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento hip hop** (Tese de Doutorado em Sociologia). Universidade Federal do Ceará: Fortaleza, 1998.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014, 228 p. v. 1.

DUTRA, Rogéria Campos de Almeida; RIBEIRO, Nádia Oliveira Vizotto. A Antropologia Urbana no Brasil. **Teoria e Cultura**. Juiz de Fora, v. 8, n. 1, p. 127 a 138, jan./jun. 2013

ECKERT, Cornelia. A cultura do medo e as tensões do viver a cidade : narrativa e trajetória de velhos moradores de Porto Alegre. In: **Iluminuras**: série de publicações eletrônicas do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, LAS, PPGAS, IFCH e ILEA, UFRGS. Porto Alegre,. N. 6 (2002), 32 p. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/30093>> Acesso em 06 set. 2016.

FAZZIONI, Natália Helou. **A vista da rua: Etnografia da construção dos espaços e temporalidades na Lapa (RJ)**. (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social), USP, São Paulo, 2012.

FRÚGOLI JR, Heitor. O urbano em questão na antropologia. In: **Revista de Antropologia de São Paulo**, USP, 2005, v.48, n 1.

\_\_\_\_\_. **Sociabilidade urbana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.) **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GOFFMAN, Erving. **Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada** Tradução: Mathias Lambert. Data da Digitalização: 2004 Data Publicação Original: 1891

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 8 ed, Rio de Janeiro:Record,2004.

GRILLO, Carolina Christoph. **Coisas da vida do crime. Tráfico e roubo em favelas cariocas**. Tese (Doutorado em Ciências Humanas- Antropologia Cultural) UFRJ, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Programa de Pós Graduação em Sociologia e Antropologia, Rio de Janeiro, 2008.

GUEDES, Inês Maria Ermida de Sousa. **Sentimento de insegurança, personalidade e emoções**. Faculdade de Direito. Universidade do Porto, 2012.

HANNERZ, Ulf. **Exploración de la ciudad. Hacia una antropología urbana**. Tradução de Izabel Vericat y Paloma Villegas. México: Fondo de Cultura Económica, 1986.

HARVEY, David. A liberdade da cidade. In: **Cidades rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. /Ermínia Maricato ... [et al.]. - 1. ed. - São Paulo : 1. ed. - São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013. Disponível em: <<http://ujceara.files.wordpress.com/2014/01/cidadesrebeldespasselivreeasmanifestac3a7c3b5esquetomaramasruasdobrasil.pdf>> Acesso em: 25 fev. 2016. p. 47-71.

INGOLD, Tim. 2000. Culture, Nature, Environment: Steps to an Ecology of Life. In \_\_\_\_\_: **The Perception of the Environment: Essays on Livelihood, Dwelling and Skill**. London, New York: Routledge, 2000.

KOURY, M. G. P. O que é medo? Um adentrar no imaginário dos habitantes da cidade de João Pessoa, Paraíba. **Psicologia & Sociedade**; 21 (3): 402-410, 2009.

\_\_\_\_\_. Medos urbanos e mídia: O imaginário sobre juventude e violência no Brasil atual. In: **Revista Sociedade e Estado**, vol. 26, número 3. 2011.

\_\_\_\_\_. Pertencimento, medos corriqueiros e redes de solidariedade. In: **Sociologias**, Porto Alegre, ano 12, nº25, set/dez. 2010, p.286-311.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução: Bernardo Leitão [et al.]. 7 ed. Revista, Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

LIMA, Renato Sérgio de; RATTON, José Luiz. **As ciências sociais e os pioneiros nos estudos sobre crime, violência e direitos humanos no Brasil** / organização: Renato Sérgio de Lima, José Luiz Ratton. – São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública; Urbania; ANPOCS, 2011.

MACÉ, Eric. As formas da violência urbana: Uma comparação entre França e Brasil. **Tempo**

**Social**, USP, São Paulo, 11 (1): 177-188, 1999.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana**. Revista Brasileira de Ciências Sociais - vol. 17 no 49, vol. 17 no 49 junho, 2002.

\_\_\_\_\_. **Quando o campo é a cidade: Fazendo Antropologia** na Metrópole. In: Magnani, José Guilherme C.& Torres, Lilian de Lucca (orgs.) Na Metrópole- Textos de Antropologia Urbana. EDUSP, São Paulo, 1996.

MAIA, Doralice Sátyro. Cidades médias e pequenas do nordeste: conferência de abertura. In: **Cidades médias e pequenas: teorias, conceitos e estudos de caso**. Diva Maria Ferlin Lopes, Wendel Henrique (org.) Salvador: SEI, 2010.

MALIGHETTI, R. **Etnografia E Trabalho De Campo: Autor, autoridade e autorização de discursos**. Caderno Pós Ciências Sociais - São Luís, v. 1, n. 1, jan./jul. 2004.

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. **Argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARQUES, Luiz Henrique Gamboa. **Violência e cidade: sociabilidades, territórios e relações étnico-raciais no conjunto habitacional Severino Cabral – CG**. Campina Grande, 2014.

MAYOL, Pierre. Morar. In: **A invenção do cotidiano 2. Morar e Cozinhar**. Michel de Certeau, Luce Giard, Pierre Mayol; Tradução de Ephraim, F. Alves e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

MEDEIROS, Eveline da Silva. **Bodocongó: águas que queimam. Campina Grande (1917-1957)**. 2010. Monografia - Curso de História da UEPB, Campina Grande, 2010.

MEDEIROS, Monalisa Cristina Silva; SILVA, Adailton Lima; FREITAS, Janierk Pereira; Damasceno, João. O uso de técnicas de geoprocessamento e geoestatística como ferramenta para gestão municipal. **Geo Ambiente Online. Revista Eletrônica do Curso de Geografia**, Jataí-GO, 2012.

MENDOZA, Edgar Salvador Gutiérrez. **Sociologia da antropologia urbana no Brasil: a década de 70**. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campina. Campinas, São Paulo, 2000.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas: Estudos antropológicos sobre cultura material**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. 244 p.v. 1.

MINAYO, MCS. **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. Hucitec-Abrasco. São Paulo-Rio de Janeiro, 1992.

MORAIS, David. Padrões de criminalidade e espaço público: o centro do Rio de Janeiro. **Vigilância, Segurança e Controle Social na América Latina** (Rodrigo Firmino, Fernanda Bruno e Marta Kanashiro, orgs.) Curitiba, 2009.

NASCIMENTO, Uelba Alexandre do. **O doce veneno da noite: Prostituição e cotidiano em Campina Grande (1930-1950)**. 1. ed. Campina Grande: EDUFCEG, 2008. 254 p. v. 1.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M., ROMÃO-DIAS, D. & Di Luccio, F. Uso de Entrevistas On-Line no Método de Explicitação do Discurso. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 22(1), 2009, 36-43.

NÓBREGA JR, José Maria. **Homicídios no Nordeste: Dinâmica, relações sociais e desmistificação da violência homicida**. Campina Grande: EDUFCEG, 2012.

PARK, Robert E. A cidade: sugestões para investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, O. (Org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. Práticas culturais juvenis na metrópole: a etnografia como acesso às múltiplas experiências do urbano. In: **Antropologia em novos campos de atuação: Debates e tensões**. Mônica Franch, Maristela Andrade, Lara Amorim (organizadoras). João Pessoa: Mídia Gráfica e Editora, 2015, 97-119.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **O Brasil do sertão e a mídia televisiva. Linguagens da violência**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

PEREIRA, Hiáscara. Prisioneiros do medo: A violência e seus indícios na arte e arquitetura contemporâneas. **Contemporâneos. Revista de Artes e Humanidades**, n.8, 2011.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro. vol. 5, n.10, 1992, p. 200-212.

\_\_\_\_\_. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

QUEIROZ, Marcus Vinícius Dantas de. **Quem te vê não te conhece mais: arquitetura e cidade de Campina Grande em transformação (1930-1950)**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e do Urbanismo). Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, 2008.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução: Alain François [et. al]. Campinas, SP: Editora da Unicampi, 2007.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Etnografia de rua: Estudo de Antropologia Urbana. In: **ILHA**- Florianópolis, n.1, dezembro de 2000, p. 71-84.

SANTOS, Carlos Eduardo Batista dos. **“Okaida” e “Estados Unidos”, organizações criminosas: a nova face da criminalidade na cidade de João Pessoa, Paraíba**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais. Natal, RN, 2015.

SILVA FILHO, Lino Gomes da. **Síntese Histórica de Campina Grande 1670-1963: Pesquisa e Retratos Históricos**. 1. ed. João Pessoa: Editora Grafset, 2005.

SILVA, Vanderlan F. Centros, recantos e fronteiras. Reflexões sobre etnografia urbana. In: **Antropologia em novos campos de atuação: Debates e tensões**. Mônica Franch, Maristela Andrade, Lara Amorim (organizadoras). João Pessoa: Mídia Gráfica e Editora, 2015, p. 75-95.

\_\_\_\_\_. Exclusão e violência letal: Interiorização da violência homicida no Brasil. **POLÍTICA & TRABALHO**. Revista de Ciências Sociais, no 42, Janeiro/Junho de 2015, p. 255-26

\_\_\_\_\_. **Brincando com “armas” de gente grande**. Estudo do bullying na Rede Pública de Ensino. Projeto de Pesquisa. Centro de Humanidades. Unidade Acadêmica de Ciências Sociais. Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2012.

\_\_\_\_\_. Fazendo etnografia em campo minado. Reflexões sobre os desafios da pesquisa antropológica em situações de risco. In: **29ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA)**, 2014, Natal. Caderno de Resumos da 29ª RBA. Brasília: Kiron, 2014. v. único. p. 1641-1642.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio G. (Org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Guanabara, 4a. ed., 1987

IPEA, **SIPS percepções da população sobre políticas públicas** / Organizadores: Marcelo Côrtes Neri, Fabio Schiavinatto. Rio de Janeiro, 2014. 488 p.

SOARES, Luiz Eduardo. **Justiça: pensando alto sobre violência, crime e castigo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

\_\_\_\_\_. Segurança Pública: Presente e Futuro. In: **Estudos Avançados** 20 (56), 2006.

SODRÉ, Muniz. **Sociedade, mídia e violência**. Imprensa: Porto Alegre, EDIPUCRS, 2006.

SOUSA, Fabio Gutemberg Ramos Bezerra. **Campina Grande: Cartografias de uma reforma urbana no Nordeste do Brasil (1930-1945)**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 23, nº 46, pp. 61-92 – 2003.

\_\_\_\_\_. **Territórios de confronto: Campina Grande 1920-1945**. Campina Grande: EDUFCEG, 2006.

SOUZA JÚNIOR, Xisto S.S; PEREIRA, M.P.B. A desconcentração dos eventos de violência urbana no Brasil e seus efeitos na ambiência urbana: O caso de Campina Grande. In: **Ariús**, Campina Grande, v. 20, n.2, pp.140-162, jul./dez. 2014. Disponível em: [http://www.ch.ufcg.edu.br/arius/01\\_revistas/v20n2/06\\_arius\\_v20\\_n2\\_2014\\_a\\_desconcentracao\\_dos\\_eventos\\_de\\_violencia\\_urbana\\_no\\_brasil.pdf](http://www.ch.ufcg.edu.br/arius/01_revistas/v20n2/06_arius_v20_n2_2014_a_desconcentracao_dos_eventos_de_violencia_urbana_no_brasil.pdf). Acesso em: 12 de nov. 2016.

URIARTE, Urpi Montoya. **Podemos todos ser etnógrafos? Etnografia e narrativas etnográficas urbanas**. Tumulto. Redobra.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, E. de O. (Org.). **A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 36-47.

\_\_\_\_\_. **A Utopia Urbana**. Um estudo de Antropologia Social. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

\_\_\_\_\_. Antropologia Urbana: Interdisciplinaridade e fronteiras do conhecimento. **Mana** 17 (1): 161-185, 2011.

\_\_\_\_\_. **O desafio da cidade: Novas perspectivas da antropologia brasileira**. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

\_\_\_\_\_. **Violência: Uma perspectiva antropológica**. 2005. Disponível em: [http://www.sbpcnet.org.br/livro/57ra/programas/CONF\\_SIMP/textos/gilbertovelho.htm#\\_edn1](http://www.sbpcnet.org.br/livro/57ra/programas/CONF_SIMP/textos/gilbertovelho.htm#_edn1)> Acesso em 27 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. O observador participante. In: **Sociedade de esquina [Street Corner Society]: a estrutura social de uma área urbana degradada**. Rio de Janeiro: Zahar, ed., 2005.

VENSON, Anamaria Marcon; PEDRO, Joana Maria. **Memórias como fonte de pesquisa em história e antropologia**. História Oral, v. 15, n.2, p.125-139, jul.-dez. 2012.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2015**. Mortes matadas por arma de fogo. Brasília, 2015.

WEINRICH, Harald. Auschwitz e o esquecimento impossível. In: **Lete: Arte e crítica do esquecimento**. Tradução: Lya Luft. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina [Street Corner Society]: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada**. Rio de Janeiro: Zahar, ed., 2005.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: Velho, Otávio (org.), **O Fenômeno Urbano**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 1979.

ZALUAR, A. “Condomínio do diabo: as classes populares urbanas e a lógica do ferro e do fumo”, Simpósio, IFCH, UNICAMP, mimeo, (1982). In: PINHEI-

\_\_\_\_\_. **Da revolta ao crime S/A**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 1996. 128 p.v. 1.

ZARANKIN, Andrés . Corpos congelados: uma leitura metafórica de paredes e muros em Belo Horizonte, MG.. In: Jackeline de Macedo, Rubens de Andrade, Carlos Terra. (Org.). **Arqueologia na paisagem. Novos valores, dilemas e instrumentais**. 1ed. Rio de Janeiro: Rio Books, 2012, v. 1, p. 18-33.

## APÊNDICE A- ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA

1. Idade, profissão
2. Há quanto tempo você mora em Bodocongó?
3. Com quem você mora?
4. Cite os locais que você mais frequenta em Bodocongó.
5. O que você mais gosta e menos gosta no Bairro? Por quê?
6. Como era o bairro quando você chegou para morar?
7. Como o bairro é hoje para você?
8. Quais as principais mudanças sofridas pelo bairro ao longo do tempo que você mora aqui?
9. Já aconteceu alguma coisa que te fez pensar em mudar de bairro? Por quê?
10. Quais locais você prefere evitar?
11. Em que horário, geralmente, você circula no bairro? (Manhã, tarde ou noite) Por quê?
12. Como você se relaciona com os outros moradores do bairro? Qual a sua relação com seus vizinhos?
13. Em sua opinião, quais os principais problemas e dificuldades do bairro?
14. Você considera o bairro de Bodocongó seguro? Por quê?
15. Você já passou por alguma situação de risco, em que teve medo ou chegou a ser vítima de alguma violência?
16. O que você faz para fugir da violência em seu cotidiano?
17. De acordo com a sua vivência, o que você define como violência?

## APÊNDICE B- ROTEIRO DA ENTREVISTA NARRATIVA

### **Tópico Principal**

Eu queria que você me contasse a sua história de vida aqui em Bodocongó desde o dia em que você começou a morar até os dias de hoje me explicando também as principais mudanças que o bairro passou durante esse tempo que você mora aqui. Você pode contar sem pressa e do jeito que quiser. Quando terminar é só me avisar que depois eu irei lhe perguntar alguma coisa que eu possa não ter entendido para que você possa me esclarecer.